

Eduardo Rocha
Taís Beltrame dos Santos
(orgs.)

verbolário da

caminhografia

urbana



Eduardo Rocha
Taís Beltrame dos Santos
(orgs.)

verbolário da

caminhografia

urbana

1ª edição



2024

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
(<https://portal.ufpel.edu.br/>)
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU)
(<https://wp.ufpel.edu.br/prograuaurb/prograu/>)
Laboratório de Urbanismo
(<https://wp.ufpel.edu.br/laburb/>)
Grupo de Pesquisa (CNPq): Cidade+Contemporaneidade
(<https://wp.ufpel.edu.br/cmaisc/>)

Projeto gráfico: Taís Beltrame Santos, Eduardo Rocha e Carolina Mesquita Clasen.
Arte e fotografia das capas: Valquiria Navarro. Transeuntes (2019).
Editoração eletrônica: Taís Beltrame Santos.
Revisão Geral: Taís Beltrame dos Santos e Eduardo Rocha.
Revisão Textual: Bárbara de Bárbara Hypolito e Taís Beltrame dos Santos.
Coordenação editorial: Gustavo Reginato (Editora Caseira).

Conselho Editorial: Profa. Dra. Adriana Portella (Heriot-Watt University), Profa. Dra. Elaine Schmidlin (UDESC), Profa. Dra. Fernanda G. Goulart (UFMG), Prof. Dr. Fernando Fuão (UFRGS), Profa. Dra. Flora Assumpção (UFPB), Profa. Dra. Helena Kanaan (UFRGS), Profa. Dra. Juliana Cristina Pereira (UDESC), Profa. Dra. Laura Novo de Azevedo (Oxford Brookes University), Profa. Dra. Márcia Regina P. de Sousa (UFMS), Profa. Dra. Raquel Stolf (UDESC), Profa. Dra. Sandra Maria C. Favero (UDESC) e Profa. Dra. Silvana B. Macêdo (UDESC).

Esta obra tem distribuição gratuita e não pode ser comercializada.

Ficha Catalográfica

V479

Verbolário da caminhografia urbana/ Eduardo Rocha;
Taís B. Santos (orgs.) - Pelotas, RS: Editora Caseira, 2024.
396 p.;il.; publicação digital.

ISBN: 978-65-88489-92-5

1. Cartografia. 2. Urbano. 3. Caminhadas.
4. Caminhografia. 5. Invenção. 6. Dicionário.

CDD:526

Catálogo na Fonte Bibliotecária Gabriella Joana Zorzetto CRB 14/1638

Dedicamos esse livro a todas as caminhógrafas¹ que compartilharam seu tempo, caminho e pensamento para caminhar a cidade e a todas as autoras que se dedicaram à escrita dos verbetes que compõem esse verbolário.

¹ A caminhografia urbana é devir-mulher. Percebe-se nos grupos de caminhografia urbana uma predominância feminina, LGBTQIAPN+ e minorias. Optamos por manter o texto no feminino, acolhendo, ainda assim, todas as dissidências de gênero que não se encaixam nos binarismos da língua.

agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pelo financiamento do projeto. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelas bolsas de mestrado, doutorado e produtividade de diversos autores.

Ao Laboratório de Urbanismo (LabUrb) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) por sediar o projeto. À bolsista de extensão (UFPel), Gabriela D. Trentin pelo auxílio na organização dos conteúdos e comunicação com autoras.

Ao grupo de Pesquisa Cidade+Contemporaneidade pela vivência da caminhografia em ensino, pesquisa e extensão.

À Valquiria Navarro pela permissão de utilizarmos seu trabalho ‘Traseuntes’ como arte de capa e de corpo do livro.

À professora Solange Mittmann pelo incentivo em continuar com a ideia do verbolário quando nos respondeu que: “Uma colega da terminologia disse que tu criaste um neologismo ótimo, que vai funcionar muito bem” (2022).

perambulo por aí
para caminhografar

o pensar transborda
o registro escorre
quero o viver leve

passo atrás de passo

faço mapa

resisto na urgência das desimportâncias
escorro nas entrelinhas da rapidez
escrevo para deparar-me com a diferença

caminhografo porque preciso da terra,
do sol, das nuvens, da chuva e do vento
deixo que batam na minha pele
respiro o movimento

atento ao tudo
quero ser nós
habito para também ser habitada

não me confunda com pássaro
eu mergulho fundo
e ousa sonhar longe,
mas aqui e agora

caminho para estar no tempo
e conjugar o espaço
em trânsito

Taís Beltrame dos Santos

sumário

verbolário	19
Eduardo Rocha e Taís Beltrame dos Santos	
10 pistas provisórias	23
Eduardo Rocha e Taís Beltrame dos Santos	
modos de des-usar	28
Eduardo Rocha e Taís Beltrame dos Santos	
abandonar	37
Eduardo Rocha e Vanessa Forneck	
acelerar	39
Taís Beltrame dos Santos	
acolher	41
Dirce Eleonora Nigro Solis	
afectar	43
Bárbara de Bárbara Hypolito	
agenciar	45
Carla Gonçalves Rodrigues	
analisar	49
Luana Pavan Detoni	
ancestralizar	51
Ana Paula Langone	
andança	53
Daniela Mendes Cidade	
andar	55
Celma Paese	
anotar	56
Fernanda Fedrizzi	
aprender-e-ensinar	58
Paulo Afonso Rheingantz	

artefrafar 60

Gabriele Vargas

atentar 63

Vanessa Forneck

atravessar 65

Lorena Maia Resende

biocartografar 67

Juan Manuel Diez Tetamanti

bordar 69

Adriene Coelho

brincar 72

Carolina Clasen

caminhar 74

Francesco Careri

caminhecer 76

Igor Guatelli

caminhografar 78

Eduardo Rocha e Taís Beltrame dos Santos

capitalizar 80

Taís Beltrame dos Santos

cartografar 81

Carla Gonçalves Rodrigues

cartogravistar 84

Duda Gonçalves

coleccionar 86

Helene Gomes Sacco

coletar 87

Ricardo Luis Silva

collar 89

Anelis Rolão Flôres

compor 91

Renata Braga Zschornack

comunicar	92
Lorena Maia Resende	
conceituar	94
Igor Guatelli	
construir	96
Josimara Wikboldt Schwantz	
conversar	98
Paula Pedreira Del Fiol	
coreografar	100
Débora Souto Allemand	
corpografar	102
Tais Beltrame Santos	
corporificar	104
Eduardo Rocha	
criar	107
Eduardo Rocha	
criticar	110
Gustavo de Oliveira Nunes	
dançar	113
Débora Souto Allemand, Carmen Anita Hoffman, Karen Domingues Rodrigues e Miriam Brockmann Guimarães	
deambular	114
Celma Paese	
de(s)colonizar	115
Andréia Moassab e Amanda Reis	
democratizar	117
Dirce Eleonora Nigro Solis	
derivar	119
Marcela Montalvão Teti	
descontrolar	121
Carolina Frasson Sebalhos	

descrever 123

Shirley Terra Lara dos Santos

desenhar 125

Carolina Corrêa Rochefort, Rafaela

Barbosa Ribeiro, Amanda Martins de Abreu,

Maíra Câmara Neiva e Luana Reis Silvino

desloccar 127

Duda Gonçalves, Tatiana Duarte,

Adriane Corrêa, Barbara Larruscahim,

Fernando Rocha, Bárbara Calixto,

Bianca De-Zotti, Olívia Godoy Collares,

Pedro Elias Parente, Mariana Silveira

desobedecer 129

Bárbara de Bárbara Hypolito

desorientar 131

Eduardo Rocha, Alissa Xavier Alves,

Aline Nascimento dos Santos, Eduardo

Silva da Silva e Gabriela Droppa Trentin

desterritorializar 133

Eduardo Rocha

desumanizar 135

Édio Raniere da Silva

devir 138

Isabella Khauam Maricatto

dialogar 140

Taís Beltrame dos Santos

diferenciar 142

Lorena Maia Resende

domesticar 144

Taís Beltrame dos Santos

dramatizar 146

Édio Raniere da Silva

emocionar 148

Taís Beltrame dos Santos e Eduardo Rocha

encontrar	150
Vanessa Forneck	
enegrecer	152
Carla Silva de Avila	
entrevistar	154
Vanessa Forneck	
errar	155
Emanuela Di felice	
escrever	157
Ana Cabral Rodrigues e Clara Lobo	
escutar	159
Eduardo Rocha	
esgotar	161
Paula Pedreira Del Fiol	
espacializar	163
Gustavo Nunes	
esperar	165
Isabella Khauam Maricatto	
esperrancar	167
Taís Beltrame Santos	
estar	169
Shirley Terra Lara dos Santos	
etnografar	171
Simone Fernandes Mathias	
experiençar	174
Helene Gomes Sacco	
explorar	175
Laís Becker Ferreira	
extensificar	177
Adriene Coelho	
feirar	179
Rafaela Barros de Pinho	

filmar	181
Otávio Gigante Viana	
filosofar	183
Dirce Eleonora Nigro Solis	
fotografar	185
Silvia Helena Cardoso	
fronteirar	188
Lorena Maia Resende	
galerificar	190
Paula Pedreira Del Fiol	
grafitar	192
Gabriele Vargas	
habitar	193
Taís Beltrame dos Santos	
heterotopisar	195
Carolina Frasson Sebalhos	
hostipitalizar	197
Taís Beltrame dos Santos e Celma Paese	
imaginar	199
Cláudia Mariza Mattos Brandão	
imunizar	201
Camila Ferreira Guimarães e Manoel	
Rodrigues Alves	
inscrever	203
Eduardo Rocha	
interseccionalizar	205
Carla Silva de Ávila	
intervir	207
Flavio Marzadro	
intuir	209
Marcela Montalvão Teti	

inventar	211
Carolina Corrêa Rochefort, Rafaela Barbosa Ribeiro, Amanda Martins de Abreu, Maíra Câmara Neiva e Luana Reis Silvino	
investigar	212
Laís Dellinghausen Portela	
jogar	213
Eduardo Rocha e Taís Beltrame dos Santos	
liberar	216
Vera Regina Tângari e Lorena Maia Resende	
limitar	218
Laís Becker Ferreira	
lugarizar	220
Fernanda Fedrizzi	
mapear	222
Juan Manuel Diez Tetamanti	
margear	224
Daniele Caron	
memorizar	226
Manoel Rodrigues Alves e Camila Ferreira Guimarães	
minorar	228
Luana Pavan Detoni	
morar	230
Carolina Magalhães Falcão	
ocupar	232
Otávio Leonídio	
oficinar	235
Ana Cabral Rodrigues e Clara Lobo	
olhar	237
Fernanda Tomiello	
paraformalizar	240
Taís Beltrame dos Santos e Eduardo Rocha	

parar	242
Evandro Fiorin	
pensar	243
Eduardo Rocha	
perambular	246
Monique Grechi, Eduardo Rocha e Taís Beltrame dos Santos	
percorrer	248
Daniel Mittmann	
perfurar	250
Daniela Mendes Cidade	
pertencer	252
Ana Paula Langone	
pixar	254
Humberto Levy de Souza	
planejar	256
Luana Pavan Detoni	
potencializar	258
Lorena Maia Resende	
pracear	260
Cíntia Gruppelli da Silva	
processar	262
Josimara Wikboldt Schwantz	
projetar	264
Paulo Afonso Rheingantz	
pulsar	267
Gabriele Vargas, Shirley Terra Lara dos Santos e Taís Beltrame Santos	
registrar	269
Eduardo Rocha e Taís Beltrame dos Santos	
renaturalizar	273
Valentina Machado	

representar	275
David Moreno Sperling	
resistir	277
Simone Fernandes Mathias	
revolucionar	282
Eduardo Rocha	
sentar	284
Vanessa Forneck	
sentir	285
Fabricio Sanz Encarnação	
serelentar	287
Tais Beltrame dos Santos	
sociocartografar	289
Juan Manuel Diez Tetamanti	
sonhar	291
Renata Azevedo Peres e Édio	
Raniere da Silva	
subjeter	293
Carolina Magalhães Falcão e	
Eduardo Rocha	
subverter	295
Jordana da Silva Berchon	
sulear	297
Duda Gonçalves, Helene Gomes	
Sacco, Raquel Ferreira, Ana Zeferina	
Ferreira Maio e Tais Beltrame dos Santos	
territorializar	298
Gustavo Nunes	
transcriar	300
Josimara Wikboldt Schwantz	
transformar	302
Rodrigo da Silva Vital	
transgredir	304
Emanuela Di Felice	

transitar 305

Taís Beltrame dos Santos e Eduardo Rocha

trocar 307

Rafaela Barros de Pinho

tropeçar 308

Carolina Corrêa Rochefort, Rafaela

Barbosa Ribeiro, Amanda Martins de Abreu,

Maíra Câmara Neiva e Luana Reis Silvino

urbanicizar 309

Manoel Rodrigues Alves e Camila

Ferreira Guimarães

vagabundear 310

Ricardo Luis Silva

vagalumear 311

Édio Raniere da Silva e Débora Curti

viajar 313

Taís Beltrame dos Santos

viver 315

Isabella Khauam Maricatto

somos do sul 319

Eduardo Rocha e Taís Beltrame dos Santos

verbolário do sul 322

Eduardo Rocha

referências 340

sobre as autoras 372



O Verbolário da Caminhografia Urbana contém uma lista de verbos-ações para a prática de caminhografia urbana¹. Refere-se ao conjunto de verbos colecionados e inventados pela caminhografia em seu fazer, ser ou experimentar. Um vocabulário usado em nossas conversas, andanças, mapas e pesquisas, escritos por autoras que caminhografam no Sul do Sul Global. Os verbos ajudam a comunicar a essência de cartografar e caminhar concomitantemente e prestam-se a designar ações corriqueiras nessa prática.

Caminhografar é, por si só, uma invenção e, como verbo, constrói a ação, o movimento, a temporalidade e a transformação. Enquanto os substantivos representam uma tentativa de fixar o sentido em uma palavra ou conceito, o verbo aponta para a fluidez e a instabilidade da linguagem, que está sempre em processo de construção e desconstrução. Os verbos desempenham um papel fundamental na construção do sentido e na estruturação das sentenças em uma língua, permitindo a expressão de ações, eventos, estados e relações por meio da linguagem.

Os verbos são flexionados de acordo com o tempo, modo, pessoa, número e voz, permitindo que a falante ou escritora se expresse de maneira precisa e direta. Além disso, são utilizados para formar tempos verbais, o que indica o momento em que a ação ocorreu, está ocorrendo ou

¹ ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. Arqui-textos. São Paulo: N. 281, ano 24, 2023.

² A filosofia da diferença originada nos escritos de Nietzsche, que, considerados coletivamente, "ajudaram a moldar o discurso pós-moderno diretamente, como no caso de Heidegger, Derrida, Foucault, Lyotard, Paul de Man, Deleuze e Félix Guattari" In: PETERS, Michael. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 51.

ocorrerá no futuro. Nesse sentido, o verbo no infinitivo pode ser visto como uma forma verbal que estimula a multiplicidade de vozes e perspectivas, convidando à reflexão e ao diálogo crítico, porque expressa a ação de maneira geral, sem especificar o sujeito ou o tempo, deixando em aberto a possibilidade de múltiplas interpretações e sentidos. É essa forma que adotaremos aqui.

Muitos dos verbos do nosso verbolário são atravessados pela filosofia da diferença², principalmente deleuze-guattariana, que emerge como uma abordagem fundamental para compreendermos a complexidade do mundo na contemporaneidade. Em contraposição à tendência de uniformização e categorização, ela destaca a riqueza da diversidade e da singularidade de cada ser e fenômeno. Ao desafiar noções binárias e hierarquias fixas, essa filosofia nos convida a explorar as interconexões e dinâmicas fluidas que moldam a realidade. Reconhecendo as diferenças individuais, culturais e sociais, potências criativas e transformadoras, ela nos inspira a promover a inclusão, a aceitação e o diálogo entre as múltiplas expressões da existência. Assim, ao celebrar a diversidade como um aspecto essencial da experiência humana, a filosofia da diferença nos instiga a repensar nossas percepções e práticas, abrindo caminho para um mundo mais plural e enriquecedor.

Na América Latina, no Brasil e no Sul do Sul Global, a filosofia da diferença entrelaça-se de forma intrincada com as realidades sociais, políticas e culturais da região. Reinterpretada e aplicada por uma gama diversificada de pensadoras, inspira

movimentos sociais e culturais que buscam formas alternativas de organização e resistência, baseadas no reconhecimento e na celebração das diversas vozes e experiências que compõem o nosso território e querem decolonizá-lo, abrindo novas vertentes e tramas de um estar, pensar, fazer e comunicar de nós pra nós.

Há muito viemos caminhando e cartografando: caminhografando fronteiras, linhas, percursos, brechas, galerias, heterotopias, abandonos, ruas, centros, bairros, espaços públicos, bordas, lentidões. Acreditamos que a caminhografia apresenta-se como uma possibilidade de acompanhamento da vida, uma política ou filosofia, mas antes de tudo, uma prática de investigação da cidade com o corpo todo e para a diferença. Por isso, desde 2019, nós do grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade³, decidimos investigar a caminhografia como método, e para isso criamos a pesquisa “Caminhografia Urbana”⁴, que oportunizou uma série de experiências com o objetivo de investigar o próprio procedimento de pesquisa, ensino e extensão, dando consistência teórica à prática da “caminhografia urbana” e fomentando pistas às pesquisadoras e profissionais para uso da mesma em suas pesquisas e modos de vida.

Percebemos que nesse caminhografar são bem-vindos todos os sentidos, corpos e corpografias. Gostamos de viver a cidade em diferentes formatos e intensidades, e encontrar seus limites, problemas e potências, acionando-a. Durante as pesquisas caminhográficas do Grupo Cidade+Contemporaneidade, compartilhar

³ Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/cmaisc/>

⁴ Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>

e resignificar alguns verbos-ações nos ajudou a comunicar nossas práticas, mas também desestruturá-las e reestruturá-las, atualizando a linguagem e a ação em um movimento imbricado. A reunião desses verbos em forma de verbolário, escrito a tantas mãos e experiências, visa ampliar a narrativa de ações e eventos que podem ocorrer durante as caminhografias e seus desdobramentos - registrar, jogar e criar⁵- mas também ampliar o sentido comum que possam ter fora do campo da pesquisa, ainda que, obviamente, constituam junto a ele o sentido que tomam. Transcriar⁶ novos verbos é também encontrar outras formas de compartilhar nossas experiências.

O verbolário da caminhografia urbana não pretende gerar concordâncias teóricas, críticas ou metodológicas, mas ser um dispositivo discordante. Por isso, convidamos urbanistas-arquitetas, artistas, geógrafas, filósofas, pedagogas, psicólogas, antropólogas, educadoras, amigas, amigues e amigos, para compor esse verbolário a partir do seu campo de pesquisa e pensamento e buscando um cruzamento com a caminhografia. Convidamos você a acionar esse verbolário das mais diversas maneiras dissidentes e imagináveis.

⁵ ROCHA, Eduardo; DEL FIOL, Paula Pedreira; SANTOS, Tais Beltrame dos. Registrar, Jogar e Criar: a caminhografia nos processos de transcrição da cidade. Revista GEARTE. Porto Alegre: V. 11, 2024. [no prelo 2024].

⁶ ROCHA, Eduardo. TRANScidade: a caminhografia urbana no centro de Pelotas/RS. urbe - Revista Brasileira de Gestão Urbana, v.16, e20230084, 2024. [no prelo 2024].

10 pistas provisórias¹

Eduardo Rocha e
Taís Beltrame
dos Santos

1 caminhar

Caminhografar é caminhar, andar a pé – caminhar, tocar o solo passo por passo, com ou sem sapatos, e cartografar. Em casos especiais, pode-se caminhografar em máquinas (próteses): skates, bicicletas, patins, cadeiras de rodas, etc. Caminhografa-se trajetos, objetos, caminhos, errâncias, deambulações, conceitos e/ou coreografias na cidade, no bairro, na rua, nos campos, em lugares públicos-privados, no interior-exterior e no dentro-fora, sem limites e livres. Esse corpo que atravessa a cidade é também atravessado por ela. O caminho é feito enquanto se caminha. Perder-se na cidade é criar linhas, trajetórias, comunicações entre o ordinário e o extraordinário. É compor um mapa processual, tangível e praticado.

2 atentar

Caminhografar é atentar, na busca de alguma coisa: de respostas e perguntas, de sair de um mundo, de provocar a diferença, de furar a bolha, etc. É preciso estar à espreita da vida. Deliberadamente estar no momento presente, consciente para com os detalhes e as nuances que podem passar despercebidos em meio à correria do cotidiano. Atentar é abrir o corpo, os sentidos e as emoções para absorver, aprender e regurgitar com tudo o

¹ As “10 pistas provisórias da caminhografia urbana” são dispositivos temporários para a prática da caminhografia urbana, um método de exploração das cidades que enfatiza a experiência sensível e a produção de subjetividades. Essas diretrizes são chamadas de “provisórias” para enfatizar sua natureza flexível e adaptativa, que pode variar de acordo com o contexto específico de cada caminhografia e as necessidades da caminhógrafa.

que a experiência urbana e a vida podem oferecer.

3 experimentar

Caminhografar é experimentar una ou múltipla. Caminhografa-se solitariamente, em duplas, grupos e multidões; cada qual com sua atenção. A atenção da caminhógrafa deve estar sempre acesa e disponível para qualquer novo movimento e/ou permanência. O número de pessoas caminhografando modifica a experiência. Sozinhos estamos mais atentos e introspectivos, em grupos somos um bando corajoso e revolucionário. Cartografar é experimentar horários, climas, transformações, agrupamentos...

4 encontrar

Caminhografar é encontrar com o minorizado, o indizível, o resistente, o silenciado e os possíveis novos propulsores de vida; a caminhografia é sempre sobre/com/de alguma coisa (singular).

5 registrar

Caminhografar é registrar. Os registros caminhográficos podem ser mapas, fotografias, vídeos, sons, desenhos, sensações, narrativas, anotações, gráficos, intervenções, jogos, coreografias, etc.

Como registros do caminhografar, devem despertar o pensamento, provocando à criação. Podem assumir qualquer expressão artística e/ou qualquer forma que manifeste os atravessamentos durante o processo de caminhografar. Podem servir somente a sua autora ou serem compartilhados com o grupo. Possibilitam aberturas, movimentos e novas compreensões sobre o objeto de análise ou a própria experiência da caminhografia.

6 corporificar

Caminhografar é corporificar. Corpo é organismo. Toda a experiência sentida está diretamente relacionada à geografia (entrelugares), ao tempo (entre-espacos) e ao corpo caminhógrafo (entrecorpo); todos os meios interferem nos resultados, sejam etológicos, políticos ou geográficos (relacionado ao clima, à localização, ao relevo, à natureza das espécies, à condição física da caminhógrafa); caminhográfica-se na direção da experiência brasileira e latino-americana da prática, com o corpo aberto à dança, à ginga, ao *xamado* e à gambiarra.

7 serelentar

Caminhografar é serelentar. É experimentar velocidades e as diversas posturas dos corpos mais ou menos acelerados. Pode-se caminhografar lentamente ou com mais rapidez. Demorar-se, achar bons motivos para pensar, olhar de

novo, passar outra vez. Caminhografar é um movimento contra a hegemonia da alta informação, da alta tecnologia e da virtualização total do espaço. É derivar, perder o rumo, andar em círculos, parar, dar-se conta das dimensões das coisas. Demorar, reparar o banalizado, o ordinário, o menor, e apropriar-se da paisagem. É tomar a velocidade do deslocamento como política e a serelência como prática.

8 cartografar

Caminhografar é cartografar, em processo. A ideia de cartografar não se limita a traçar mapas geográficos convencionais, mas consiste na geração e no registro de mapas dinâmicos durante uma caminhada, abrangendo os momentos antes, durante e depois da jornada. Essa prática ocorre simultaneamente, capturando a multiplicidade e a intensidade das experiências vividas, onde cada passo e cada cenário perpassado contribuem para a descoberta de novos territórios.

9 jogar

Caminhografar é jogar. Joga-se durante a caminhografia: com a cidade e com as pessoas, com os encontros e com as coisas; um jogo solitário do caminhógrafo com a urbe ou um jogo interventivo com as arquiteturas, os lugares e o ecossistema. Joga-se para questionar-se.

10 transcriar

Caminhografar é transcriar. Agenciamos enquanto caminhografamos, pensamos sobre o caminho e as coisas, sobre o mapa e/ou sobre outras coisas, divagamos, produzimos subjetividades, agenciamos diferenças e esquizoanálises; também podemos agir durante a caminhografia: planejando, projetando e construindo coisas. Transcriando.

Eduardo Rocha e
Taís Beltrame
dos Santos

modos de des-usar

O “Verbolário da Caminhografia Urbana” é uma ferramenta poderosa para aqueles que desejam experienciar, entender e interagir com as cidades de forma mais sensível e dinâmica.

Este guia oferece uma série de modos de des-uso para aproveitar ao máximo os verbos contidos neste livro, antes, durante e depois da caminhografia, com durações e intensidades diversas: tudo ao mesmo tempo e agora, em movimento.

Comunicamos que: caminhografar, caminhar, cartografar, são verbos estruturais em nossa prática, ativados pelo registrar, jogar e (trans)criar, ações intrínsecas à ideia de caminhografar, desenroladas com atentar, experimentar, encontrar, corporificar e serelentar. Indicamos que eles sejam interpretados em paradas mais lentas, buscando a articulação com outros verbos, compreendendo que cada ação tem um papel vital no pensamento e na expressão das caminhografias.

antes de caminhografar

des-preparação mental

Antes de começar a caminhografar, reserve um momento para revisar os verbos relevantes para sua pesquisa no “Verbolário”. Isso irá preparar sua mente para observar, interagir e refletir sobre as ações que deseja realizar durante sua exploração urbana. Simultaneamente, abra-se à liberdade que vem com o des-preparo, permitindo que sua curiosidade e sua intuição guiem sua jornada pelas ruas da cidade.

des-planejamento da rota

Consulte os verbos relacionados às atividades que pretende realizar durante sua caminhografia. Isso pode te ajudar a criar um plano de rota intencional, focado em experimentar as ações específicas que deseja explorar na cidade. Ao mesmo tempo, abra-se para os caminhos inesperados, permitindo que surpresas e descobertas, que surgem quando nos permitimos fluir com o ritmo da cidade e seguir os impulsos do momento, cheguem até você.

durante o caminhografar

des-observação passiva-ativa

Ao percorrer as ruas da cidade, esteja atenta aos detalhes ao seu redor. Utilize os verbos do “Verbolário” como um guia para direcionar suas observações e interações com o ambiente urbano.

Paralelamente, permita-se perder-se nas paisagens urbanas e encontrar beleza no inesperado e no ordinário, sem a necessidade de rotular ou analisar cada detalhe. Registre tudo o que pedir lhe passagem.

des-experimentação in-consciente

Conforme você avança, experimente os verbos de forma consciente e deliberada. Explore as ações propostas no livro, adaptando-as ao contexto urbano que você está. Ao mesmo passo que, experimentando o in-consciente, permita-se fluir com o ambiente e deixe que suas experiências sejam guiadas não pela mente racional, mas pela intuição e pelo instinto, descobrindo novas perspectivas e possibilidades nas ruas da cidade.

depois de caminharografar

des-reflexão e não-análise

Após concluir sua jornada, reserve um tempo para refletir sobre as experiências vividas durante a caminhada. Utilize os verbos do “Verbolário” para pensar sobre as suas interações com a cidade e potência de cada movimento ou ato caminhográfico. No entanto, por meio da des-reflexão e da não-análise, permita-se também, simplesmente vivenciar as experiências sem a necessidade imediata de interpretar ou de extrair significados, deixando que as sensações e emoções falem por si mesmas.

des-registro banal-criativo

Registre suas experiências de caminhografia de forma criativa, seja por meio de escrita, desenhos, fotografias ou outras formas de expressão. Isso não apenas ajuda a solidificar suas memórias, mas também contribui para um entendimento mais profundo da cidade e de si mesma como parte de um emaranhado de informações e acontecimentos. Contudo, faça des-registros, permitindo-se experienciar o momento presente sem a preocupação de capturar ou documentar completamente o que pede passagem. Não queremos a representação e tampouco queremos dar conta da complexidade. Permita-se criar memórias efêmeras e sujeitas à interpretação

apenas momentânea. Nem tudo precisar servir, ser útil ou produtivo. Se permita deambular na escrita.

O “Verbolário da Caminhografia Urbana” é mais do que um livro de verbos; é um convite para uma exploração passiva-ativa e trans-consciente das cidades que habitamos. Ao seguir os modos de des-uso sugeridos, você poderá transformar suas caminhografias urbanas em experiências mais potentes, descobrindo novas maneiras de se conectar com o ambiente urbano e com aqueles que o compartilham conosco: inventar modos e coexistir. Você também pode não utilizá-lo, inventar um novo manual ou caminhar só por caminhar. Somos livres!





abandonar

Eduardo Rocha e
Vanessa Forneck

Abandonar possui vários sentidos – uma polissemia¹ – está sempre acompanhado de outras palavras, abandonamos alguma coisa ou somos abandonados por outrem. É um verbo de origem francesa. Abandonou a casa, abandonou a cidade, abandonou a criança. O que foi abandonado afinal?

Abandonar, na língua portuguesa, é verbo transitivo direto², permeado por uma gama de significados: deixar de todo, largar de vez, partir ou ir embora; desamparar, deixar sozinho ou sem condições (de sobreviver, de prosseguir com alguma tarefa, trabalho ou propósito); renunciar ou desistir; perder o interesse por, não dar mais atenção a ou descuidar-se de; deixar de lado, renunciar, renegar (crenças, princípios, etc.); fazer ficar ou deixar que fique relaxado, descansado. Ex.: cansado entrou na banheira e abandonou o corpo; entregar-se, render-se, ceder, entrar em (estado psicológico ou situação), deixar-se vencer por (situação, vício, preguiça, sono, ideia, etc.); ou tratar alguém ou algo com desdém, desprezo ou indiferença.

O ato de abandonar também promove um bloco de sensações em quem abandona ou naquele que se sente abandonado. Há uma variação de potência e de intensidade no abandono, que pode ir de um simples mal-estar até uma angústia propriamente dita³. Para abandonar algo é vital tomar uma decisão, pois é preciso

¹ A polissemia, ou polissemia lexical (do grego poli="muitos" e sema="significados"), é o fato de uma determinada palavra ou expressão adquirir um novo sentido além de seu sentido original.

² HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 8.

³ GUÉX, Germaine. O síndrome de abandono. Trad. Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1973. [Edição Revista de "la nevrose d'abandon". 2ª ed. Presses Universitaires de France].

escolher o que será deixado para trás. Há uma renúncia, é preciso largar de mão, deixar a ermo. Abandonar é perder-se, desorientar-se, e também transviar-se, mudar o caminho. Impensar no pensar, confundir-se. É zona indiscernível, o abandonado o é, até que seja resgatado do abandono, acolhido por outrem.

Áreas abandonadas podem causar sensação de insegurança e estranhamento por serem consideradas zonas que fogem da estrutura urbana ordenada. São espaços não dominados na cidade e que fogem de uma eficiência produtiva que envolve nosso cotidiano. Por outro lado, nessas áreas também predomina a memória do passado no tempo presente, onde restam apenas valores residuais, mesmo que se encontrem desconectados das atividades diárias⁴. São espaços incertos e indeterminados, podendo ocasionar acontecimentos imprevisíveis, já que não se sabe quem será encontrado e nem o que será encontrado. Para o abandono existe a abertura para um mundo de possibilidades.

No caminhografar podemos abandonar, além do simples ato de deixar algo fisicamente, mas também desistindo, perdendo o interesse e se entregando ao acaso.

⁴ SOLÀ-MORALES. Ignasi. Terrain Vague. In. MARIANI, Manuela; BARRON, Patrick (ed). Terrain vague: interstices at the edge of the pale. Routledge, 2013.

acelerar

Taís Beltrame
dos Santos

Do latim *ad-celer*: tornar célere, sendo célere: veloz, ligeiro, rápido. Apressar. Aumentar a velocidade ou a rapidez de algo. Transcorrer um objeto pela maior distância (espaço) no menor tempo, sendo o próprio tempo a dimensão de distância. Perder a possibilidade de pensar. Automatizar. Vetorizar. Com-correr.

No sentido de Milton Santos¹: ceder ao sistema superior, correr com os tempos rápidos; industrializar massivamente; homogeneizar. No sentido de Paul Virilio², poupar o tempo de trajetividade de um movimento; automatizar a consciência; deixar de compreender - no tempo da compreensão; ceder ao tempo obscuro da política do enriquecimento e da acumulação, que extingue a vida, a pluralidade, o ecossistema. Deixar-se levar pelo capital mundial e pelo mercado imobiliário global. Perder o pertencimento, a pequenez, a gambiarra, o território. Virtualizar-se. Perder o espaço. Virar rastro, luz, ponto, com pequena duração. Perder dimensão. Perder até mesmo a noção de tempo. Mirar a instantaneidade e perda total do rastro e da compreensão do deslocamento do corpo.

Na caminhografia aceleramos quando andamos mais depressa do que a perna, com o horário apertado, olhando para o relógio, deixando de parar para aquilo que nos pede passagem. Quando caminhamos com o celular na mão, sem nos dar

¹ SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo. São Paulo: EDUSP, 1997.

² VIRILIO, Paul. O Espaço Crítico. São Paulo: Editora 34, 2005.

conta do mundo que nos cerca. Quando escolhemos não parar, não escutar, não olhar. Aceleramos para cumprir um objetivo que não é a própria caminhada; quando perdemos o contato com a terra e com os sentidos. Quando nos deslocamos tão depressa que as pernas não coordenam o movimento. Quando os trechos se tornam repetitivos, cotidianos e por isso parecem menos importantes. Quando a trajetividade é acelerada, automatizada. Quando temos medo. Quando estamos atrasados. Quando queríamos estar em outro lugar que não o aqui e o agora. Quando a pressa de chegar lá impede que o percurso seja uma experiência.

acolher

Dirce Eleonora
Nigro Solis

Partindo dos dicionários, acolher quer dizer oferecer ou obter proteção, abrigo, conforto físico ou espiritual; oferecer ou receber hospitalidade, hospedar ou ser hospedado, alojar. Pode significar ainda atender, escutar, aceitar. Com relação ao habitar, à moradia, tradicionalmente eles se ligam à ideia do acolher associado ao bem-estar. Assim, o interior é o abrigo, a proteção, o exterior o lugar senão do inóspito, pelo menos do desconhecido ou estranho.

Acolher como hospitalidade traz elementos ditos afirmativos do que deve ser, mas também induz ao contrário: se por um lado une e aproxima, por outro, repele ou reprime. E nesse sentido afasta a abertura para o outro (a alteridade), para a familiaridade ou para a amizade e evidenciará que nem sempre nos oferece espaços ou locais seguros.

Tomemos o exemplo platônico de khôra, triton genos (terceiro gênero) que representa primeiro a indeterminação, deslocamento inseguro e inóspito, e que ao determinar-se pode ser o lugar como espaço habitável ou cidade. Ao invés de ser modelo seguro de morada, de abrigo ou aconchego, pode representar exatamente o contrário. Esta é a base para se falar do acolher em arquitetura. Khôra depende da polis histórica para ser abrigo, aconchego, inclusão ou, então, repulsa, inospitalidade, exclusão. Se acolher é

hospitalidade, podemos pensar na hospitalidade sem condições, mas ao considerarmos que o termo vindo de hospes/ hostis carrega o hospitaleiro e o hostil, o amigo e o inimigo, o familiar e o estranho, o acolher possui uma ambiguidade difícil de transcender. Esse movimento ambíguo foi chamado de hostipitalidade por Jacques Derrida. Tal é o caso dos espaços onde imigrantes, clandestinos, refugiados, sem-tetos não são aceitos, são desprezados, quando não acossados e excluídos. Acolher deveria ser aceitar incondicionalmente, mas se é sob certas condições, costuma induzir ao seu contrário, ou seja, o rejeitar ou excluir definitivamente.

Acolher sob restrições pode ser surrupiar do estranho, estrangeiro, do não familiar sua condição primordial de ser humano. Para o acolher ser inclusivo não se deve perguntar pela procedência, pela identidade, ou raça, há que simplesmente aceitar o outro enquanto integralmente diferente. Daí dizermos que acolhimento e diferença devem andar juntos*.

* SOLIS, Dirce Eleonora Nigro Solís; FUÃO, Fernando Freitas (orgs.). Derrida e Arquitetura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

Ação de produzir *afectos*; promover variação da potência interna (*conatus*) de agir/existir do corpo no encontro entre corpos (materiais e/ou imateriais). Partindo dos pressupostos da teoria dos *afectos* em Espinosa, um corpo se constitui por seu poder de *afectar* e ser *afectado*; entendendo *afectos* (*affectus*) como as “afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada”¹.

Pensar o corpo a partir da perspectiva dos *afectos* implica compreender a relação de causalidade corpo-mente e a noção de que o poder de pensar da mente tem a mesma dimensão do poder de agir do corpo. Os *afectos* indicam, pois, uma correspondência entre os estados da mente e do corpo, podendo se expressar em ações (definidas por causas internas) ou paixões (definidas por causas externas). Alegria e tristeza são as paixões fundamentais. A tristeza indica toda paixão que promove a diminuição da potência de ação e a alegria toda paixão envolvendo um aumento da potência.

A ação ou efeito do *afecto* no corpo é uma *afecção*² que trata da natureza do corpo modificado ou *afectado*. Compreender como e o que afecta o corpo pode levá-lo à razão corpórea desejante, acionando o desejo a agir em favor de seu caráter maquínico e criador³. *Afectar* indica, portanto, produzir *afectos*, ou seja, variações

¹ SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007, p. 267.

² DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. Trad. do GT Deleuze. Coord. de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2017.

³ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica – Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

de potência do corpo em seus modos de agir/existir/pensar que ocorrem por meio dos encontros com outros corpos; uma forma de apreensão das relações com o mundo; uma dobra dos efeitos do mundo no corpo. Os encontros incluem pensamentos, ideias, práticas, corpos, emoções, experiências, etc.

Cada encontro pode gerar diferentes graus de potência. Num mau encontro ocorre a diminuição da potência de ação do corpo, enfraquecendo as forças; nos bons encontros ocorre a elevação da potência, impulsionando-o à ação. No contexto da experiência urbana e da caminhografia, a teoria dos *afectos* aproxima-se do conceito de corpografia urbana⁴ no sentido de que por meio dos encontros estabelecidos na relação corpo-cidade o corpo é tanto *afectante* quanto *afectado*, sendo marcado e deixando marcas. Sendo assim, as *afecções* produzidas na relação corpo-cidade podem ser capazes de variar suas potências ação/existência forjando subjetividades mais libertárias e novos modos de ler/produzir a cidade contemporânea.

⁴ JACQUES, Paola Ben-
renstein. Corpografias
urbanas. Arqutextos,
São Paulo: ano 08, n.
093.07, Vitruvius, fev.
2008.

Caminha colhendo achados e perdidos, intensivos e extensivos, poesia e nota fiscal. É uma experiência de reunir apetrechos, diversos objetos tanto técnicos como estéticos, de fluxos materiais e energéticos, assim como de entidades incorporais. Um exercício de deixar de lado aquilo que não apetece, selecionar o que lhe convém e o que lhe desconvém, o que faz com que aumente ou diminua a potência de afetar e ser afetado.

Mesmo assim, recolhe-os, pois, de tempo em tempo, agrada-lhe retornar a pensá-los de um modo cuidadoso, operando por micropercepções e podendo, desse modo, criar naquilo que lhe chega. Regozija-se com o tanto que se oferece, alegra-se mesmo sem saber de sua utilidade.

Aproxima de tudo um pouco. Elementos vão se imantando, acabam agregando e se metamorfoseando segundo uma travessia molecular. Engendram-se um no outro, selecionam-se, eliminam-se, fazendo aparecer novas linhas de potencialidades. Mundos diversos se encontram. Tensão e atração. Estranha atração que tudo gruda consistente no traçado de um plano.

Íntimos, também desconhecidos. Povações inéditas. Cabe aí tanto do mais brejeiro como do mais sofisticado elemento. Conjunto capaz para produzir um

continuum. Um frenesi no entre daqueles que se atraem. Alguns outros se repulsam, se expulsam da mistura. Tudo isso. Ao mesmo tempo, outra coisa. E depois, algo de novo. Ou ainda não.

Não ainda quando a aglomeração de conteúdos (visíveis) e expressões (dizíveis) na sua forma não sustenta consistentemente as misturas que juntam coisas de diferentes naturezas em um movimento de transformação incorporal atribuído aos corpos. Assim sendo, a mistura retorna às partes territoriais, pondo o pensamento a pensar o já pensado; o corpo a sentir o já sentido, por isso, se diz que retorna ao território. O caminhar afasta-se do movimento de diferenciação quando o arranjo não aglutina.

Junta daqui e dali: o que aí passou? Pouco. Quase nada. O agenciamento é fraco, frágil, débil. Sem consistência, esmorece. Nada passa nesse cruzamento. Linhas e parágrafos amortecidos. Se bem que, quando atingem um estado profundo de esmorecimento, podem vir a acontecer imprevisíveis transformações.

Ainda... O agenciamento sai do seu curso territorial, mas apenas provoca fissuras, rachaduras que marcam um início de diminuição de exigência ou aumento de resistência frente ao que já se faz insuportável numa dada caminhada em meio à vida. Oscila constantemente entre a conjugação de fluxos de desterritorialização e o empilhamento de reterritorializações, de modo relativamente flexível.

Há o risco desse arranjo encontrar-se

constituído apenas por referências excessivas, dando a ver uma espécie de falsa desterritorialização, produzida por justaposição de padrões consolidados de significação ao modo de uma radícula. A própria abundância de elementos conjugados, essa maneira de juntar excessiva, extensivamente referencial ou significante, pode levar o conjunto ao desmoronamento, à queda, ao colapso, fazendo com que ele recaia em um estado contido e estratificado.

Em outras vezes, parece funcionar. Um alvoroço desejante que relaciona tudo que enlaça, tudo que captura. Agitação. Encontro com o que força pensar. Palavras e coisas de naturezas diversas aglomeram-se através da experimentação, relacionam-se no mesmo plano tecendo imanência. E, caminha com intensa saúde.

Sua vitalidade explode a linearidade, a homogeneidade, a unidade, a previsibilidade da caminhada habitual. Tudo ligado um ao outro, vibrando, ganhando intensidade e fazendo vibrar no novo plano que forma. É uma ressonância bem forte. Até dá medo de tropeçar ou cair, mas segue caminhando.

Agora creio que é só isso!

Os parágrafos acima foram escritos na relação estabelecida com dois textos: O Abecedário de Gilles Deleuze¹ e Foucault². Busquei desenvolver a ideia de agenciamento a partir de uma tetralôcia, isto é, quatro elementos a citar:

¹ DELEUZE, Gilles. L'Abécédaire de Gilles Deleuze. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.

² DELEUZE, Gilles. Foucault. Trad. de José Carlos Rodrigues. Lisboa: Vega, 1998.

territorialização, desterritorialização,
forma de expressão e forma de conteúdo.

Luana Pavan
Detoni

Em meio aos diversos caminhos possíveis de uma pesquisa é comum identificarmos o processo de coleta e análise de dados. Nesse sentido, o modo que coletamos e analisamos os dados diz respeito à metodologia adotada ou criada. A caminhografia enquanto pista, procedimento e/ou método segue uma influência filosófica pós-estruturalista¹, ou seja, sua essência não é analítica²; no entanto, ainda assim se ocupa do ato de analisar. Enquanto a “cartografia das controvérsias” tem como premissa apenas observar e descrever; a caminhografia fruto da cartografia deleuze-guattariana propõe em meio a experiência um processo de análise constante³, com referência à esquizoanálise⁴.

A reflexão sobre a ação de analisar é correlata ao pensamento sobre quais dados queremos encontrar ou quais são possíveis de coletar. Na prática da caminhografia, assim como no anti-Édipo, as questões do desejo e do inconsciente são indissociáveis da produção social. Em outras palavras, analisar pode ser visto como um exercício constante de agenciamentos de uma trama de heterogêneos, ante isto ou aquilo, coletamos isto e aquilo e aquele outro e ..., é sempre uma soma. No caminho, os processos de coleta e análise se confundem, tampouco há interesse em distingui-los. Na verdade, trabalhamos para aproximá-los, inspirados no estreito limiar entre sujeito e objeto que reconhecemos na cartografia.

¹ PETERS, Michael. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

² CUPANI, Alberto Oscar. Filosofia da ciência. Florianópolis: FILOSOFIA/EAD/UFSC, 2009.

³ DETONI, Luana Pavan; RESENDE, Lorena Maia. Encontros e desencontros cartográficos: caminhos entre pistas e controvérsias. Livro Experiencias Cartográficas. [no prelo 2024].

⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2019.

A caminhógrafa estuda, examina, explora, averigua, indaga e procura tudo minuciosamente. Em meio a essas ações que compreendem o fazer análise, no seu processo de investigação, de uma pesquisa-intervenção, esquadrinha, disseca, separa as partes de um todo, no entanto, também cria outras, novas e diferentes conexões.

Analisar na caminhografia se aproxima do sentido de conectar, inventar e construir, uma ação voltada para a desordem, para a diferença, fazendo jus à multiplicidade e ao caos da contemporaneidade. Analisar aqui não é uma ação pragmática e solucionadora como os ideais positivistas, muito menos pretensa a neutralidade científica. A análise implica na atitude do pesquisador-caminhante-cartógrafo, que objetiva evidenciar as experiências vividas em determinada realidade, a fim de criar um grande mapa para dar visibilidade às relações e fazer emergir dados de substâncias distintas.

ancestralizar

Ana Paula
Langone

O verbo ancestralizar gira entre pertencer, experienciar, compartilhar, performar de maneira coletiva (enquanto pessoas diversas), como queremos e devemos viver. Uma dança que envolve aspectos “éticos, políticos, ontológicos e cosmológicos”¹.

Podemos conceber “ser ou não ser”, como uma espiral ancestral, que existe através da “universalidade inscrita na força primária de toda ação e inação”². Esse pertencimento, simbólico e material, não impõem padrões universais, mas estão assentadas “sobre o viés particular e não sobre a pretensão de se enunciar verdades absolutas”³. Os princípios de viver em comunidade⁴; a valorização da senoridade⁵; a conexão com a terra, com meio ambiente e com a estética opositora⁶, são alguns elementos que regem as dinâmicas ancestrais negras.

Para ancestralizar, precisamos comunicar e nada melhor que chamar EXU para nossa gira. Ele que é, “o princípio da existência diferenciada, que leva a propulsionar, a desenvolver, a mobilizar, a crescer, a transformar e a comunicar”⁷. Ao caminh(ar) entre as encruzilhadas de EXU, nas margens do Canal São Gonçalo, na cidade de Pelotas (RS), podemos encontrar uma região conhecida como Passo dos Negros. O lugar foi cenário das conflituosas, violentas e insurgentes relações do trabalho escravo (nas charqueadas) e do trabalho operário (no engenho de arroz).

¹ SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017, p. 20.

² *Ibid.*

³ *Ibid.*

⁴ SOBUNFU, Somé. *O espírito da intimidade*. 1. ed. São Paulo: Editora Odysseus, 2023.

⁵ OYEWÜMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Trad. Wanderston Flor do Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

⁶ hooks, bell. *Pertencimento, uma cultura do lugar*. Trad. Renata Albino. 1. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

⁷ SODRÉ. *Op. cit.* p.175.

Ao edificar a primeira ponte da região; ao formar um dos primeiros times de futebol do Brasil; ao preservar e interagir com as figueiras para garantir suas cosmologias, as comunidades do Passo vem a confirmar que suas ações, há mais de um século, são transmitidas de geração para geração como uma herança ancestral. As paisagens e construções que surgem dessa história, hoje emolduram um cenário de conflitos entre o pertencer, das populações que no Passo escolheram para viver, em oposição com verbo especular, dos grandes empreendimentos imobiliários que visam lucrar.

Ancestralizar é dar e receber ar, é lutar, “falar”, “escrever” sobre a “sabedoria herdada” e não só lembrar os costumes. É buscar “integrar essa sabedoria do passado com o nosso presente, já que ela continua sendo alicerce da vida, mesmo depois da partida dos anciões que transmitiram esses ensinamentos”⁸. Como provoca Joice Berth: é “no exaltar a insurgência que transforma senzalas da comunidade em Quilombo, fazendo uma fusão importante entre ancestralidade e continuidade da luta por condições dignas e por direitos negados”⁹. Assim, nesta gira de EXU, ancestralizar vira potência para seguir a lutar contra a especulação imobiliária, e para caminh(ar) em prol do Passo dos Negros.

⁸ BERTH, Joice. Se a cidade fosse nossa. São Paulo: Paz e Terra, 2023, p.252.

⁹ Ibid. p.258.

andançar

Daniela Mendes
Cidade

Verbo inventado correspondente à ação da andança fotográfica: movimento dos corpos durante o ato fotográfico em deslocamento pelas ruas da cidade. Andançar pode envolver andarilhar, peripateticar (a partir de Aristóteles, pensar, ensinar e aprender andando), flunar, peregrinar, derivar, performar. Porém, à essas outras ações se sobrepõe a ação do fotografar como forma de apropriação espacial marcada pelo movimento íntimo entre corpo e rua. Andançar prolonga o tempo, provoca um olhar alongado e lento, faz o corpo performar com a câmera na mão. Andançar propõe a experiência como conhecimento e busca de outras formas de viver e conviver com o outro em movimento: movimento do corpo, movimento criativo, movimento da paisagem.

A andança fotográfica ou andançar é uma prática que surgiu do encontro de universitários com estudantes da EPA – Escola Municipal de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos que acolhe pessoas em situação de vulnerabilidade extrema. Andançar como prática junto a pessoas em situação de rua vem sendo desenvolvida desde 2015 em parceria com a EPA. Em 2022 outras andanças foram realizadas em parceria com a Associação Ksa Rosa – Centro de Educação Popular e Resistência Cultural. Andançar é a ação comum desse encontro que envolve o processo fotográfico, desde a ação para obtenção de uma imagem até os

desdobramentos do uso da imagem. A rua não é apenas um lugar de passagem, moradia e trabalho, mas sobretudo, espaço de escuta, trocas de experiências e criação coletiva.

Sobre as experiências realizadas em andanças fotográficas ver * **.



* CIDADE, Daniela M. Entre a ética e a poética, o ato fotográfico. In: Píxo - revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, v. 2, n. 5, 2018.

** COSTA, Luis A.; CIDADE, Daniela M.; PAULON, Simone M.; ROMANINI, Moises; SILVA JÚNIOR, Diogo V. da; RUSCHEL, Guido N. B. A intimidade das ruas: fotografia e fronteiras do trauma urbano. Porto Arte: Revista de Artes Visuais. v.26 n.45, 2021.

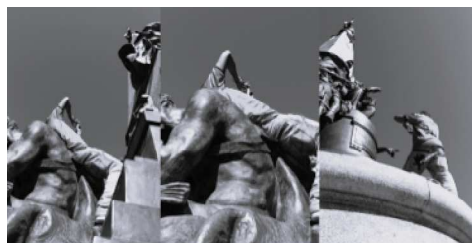


Imagem 1: andança. Levante de Rafael. Montagem com seis fotografias, de Fabiano Ávila. Praça da Matriz, Porto Alegre, 2018. Fonte: Daniela Cidade, 2024.

andar

Celma Paese

Movimento: quando o coração humano entrega o corpo às andanças adiante, atrás de sonhos desafiantes, plausíveis, (im)possíveis, talvez distantes...

Anda, anda,
andando...buscando paz...



Imagem 2: andar. Fonte:
Celma Paese, 2024.

anotar

Fernanda Fedrizzi

¹ Uma anotação ocorre quando se toma nota de algo. Quando se insere uma nota em um texto. Um texto como este. Ou em uma folha de papel que se torna a lista de compras ou a indicação de uma reunião marcada. Ou em um rabisco na mão. Ou ainda um lembrete no celular.

² Como no caminhografar.

³ Como a quantidade de ingredientes de uma receita e não apenas os ingredientes de modo individual.

⁴ Quando se toma notas sobre um texto acadêmico é preciso se lembrar por que aquela frase foi grifada.

⁵ uma caneta marca-texto que funcione bem e não passe a cor de um lado para o outro da folha, ou ainda, manche a página ao lado quando se fecha um livro. Um aplicativo que facilite a localização dessas notas e não deixe que elas se percam no éter.

⁶ Se tudo é importante é porque nada importa. A não ser quando o que é anotado não é o sufi-

Anotar¹ é um espaço onde a subjetividade encontra lugar².

Envolve o registro de informações seja para nosso próprio benefício ou para compartilhar com os outros. Anotar é uma prática que nos ajuda a organizar nossos pensamentos, lembrar de compromissos e explicar conceitos complexos. Amplia nossa compreensão das coisas, transformando uma simples superfície ou dispositivo em um alargamento da nossa memória.

Anotar nos permite observar e explicar o cotidiano de maneira mais acessível.

Para tornar o processo de anotação mais agradável, é útil identificar ideias e informações centrais daquilo que está sendo anotado², desenvolver essas ideias de forma clara³, escolher as ferramentas adequadas para registrar as notas de maneira eficiente⁴, e lembrar que, muitas vezes, menos é mais⁵. É importante, também, encontrar o estilo de anotação que melhor se adapte a cada pessoa⁶.

Anotar nos mantém atentos ao que é relevante em uma conversa ou texto⁷.

Fazer anotações é uma habilidade que vai além de riscar informações sobre um pedaço de papel ou digitar em algum lugar. É uma maneira de reforçar aquilo que não pode ser esquecido⁸. Ao capturar

detalhes, lampejos e ideias, nossas notas se tornam ferramentas de aprendizado sobre nós mesmos e extensões físicas de nossos processos mentais. Cultivar o hábito de anotar nos capacita a lidar com a complexidade do mundo ao nosso redor⁹, nos tornando mais conscientes¹⁰, e bem-informados em todas as áreas das nossas vidas¹¹.

Anotar é notar algo e tornar isso visível.

ciente para uma visão, uma lembrança do que foi pensado no momento da anotação...

⁷ Pode ser com lápis, caneta, em uma folha solta dentro de um livro, em um folheto de propaganda de alguma loja, no verso de alguma coisa, no celular, no computador...

⁸ Como quando estamos no telefone e escrevemos ou desenhamos coisas em um papel que estava jogado por perto do local onde estamos.

⁹ algumas situações políticas, o aniversário da melhor amiga, fazer exames médicos.

¹⁰ como as dores e alegrias anotadas em um diário.

¹¹ do passado, do presente, do futuro.

¹² anotando, uma pessoa pode lembrar o que fez neste mesmo dia um ano atrás, por exemplo.

Paulo Afonso
Rheingantz

¹ FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

² MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. A árvore do conhecimento. Campinas: Editorial Psy, 1995.

³ HARAWAY, Donna. Ficar com o Problema: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

⁴ SERRES, Michel. Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour. São Paulo: Unimarco Editora, 1999.

⁵ LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João arriscado; ROQUE, Ricardo (orgs.) *Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência*. Porto: Edições Afrontamento, p. 39-61, 2008.

O autor agradece o apoio do CNPq [Bolsa de Produtividade 1D – processo 309482/2021-6]

Verbo co-constitutivo que, segundo os dicionários, tem a ver com transmitir ou repassar conhecimentos, mostrar, treinar, dar aulas. Ao afirmar que “não há docência sem discência”, Paulo Freire¹ considera aprender e ensinar indissociáveis; em complemento, o aforismo “viver é conhecer” de Humberto Maturana e Francisco Varela² indica que aprender, ensinar e viver são ações efetivas no nosso existir. Em alinhamento com Donna Haraway³, ensinar (e aprender) pode ser entendido como um produto de relationalidades situadas envolvendo um amontoado extraordinário de parceiros humanos e não-humanos. Considerando a natureza transdisciplinar dos estudos urbanos e da caminhografia urbana, ensinar também nos remete à reflexão de Michel Serres⁴ sobre o uso pouco fidedigno da palavra *interfaces*, uma vez que costuma sugerir uma junção “lisa” na conexão entre os saberes, enquanto as margens dos espaços “entre” os saberes costumam ser cheias de irregularidades. Como seus “encaixes” precisam ser feitos e refeitos a cada encontro de saberes, aprender-e-ensinar requer trabalho e disposição para correr riscos. Assim, a proposição de Bruno Latour⁵, o corpo também pode ser entendida como uma interface que nos ensina a perceber os efeitos dos muitos elementos cuja trajetória dinâmica nos permite observar, registrar e tratar nossos percursos e caminhografias urbanas como proposições articuladas que emergem de

processos de mediação envolvendo entidades ‘técnicas’, ‘políticas’ e ‘econômicas’. Assim, o aprender-e-ensinar pode ser entendido como um conjunto de agentes de transformação que se recriam continuamente e nos quais nada se propaga sem transformação ou reapropriação local.

Gabriele Vargas

Grafia do sentir.

No intrínseco ato humano de criar, dar vazão à arte grafando o sentir.

Arte, do latim *ars*, *artis*: técnica, habilidade natural ou adquirida, maneira de ser ou de agir. Produção de obras, formas ou objetos, voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana.

Grafia, do latim *gráphéin*, radical de origem grega que significa escrita. Substantivo feminino que designa escrita feita à mão. Sufixo que exprime a noção de escrita, registro ou estudo. Técnica do uso da linguagem como comunicação que representa a maneira própria de cada um escrever.

O contato com a rua, com a arte na rua, são potentes narrativas do não visto;

resistências, apropriações que profanam, contestam, mas também movem, trazem cores e vida à alteridade tantas vezes hostil que grita nas cidades. Construindo novos espaços e tempos, rompendo consensos preestabelecidos e deflagrando vozes à urbanidade.

Artegrafar, o ato de grafar artisticamente ou cartografar a arte. Ações-pensamento que inscrevem, mas também apreendem inventividades pelas ruas das cidades,

produzindo subjetividades e subjetivações ao ler e escrever a cidade – definidas por Careri no caminhar como prática, social, ética e estética¹.

No rizoma por Deleuze e Guattari², encontramos processos compostos pela multiplicidade dimensional, onde linhas sinuosas se ligam de modo não cartesiano em pensamentos não lineares – possibilitando novos sentidos em micro conexões que se diluem e também disseminam, com intensidade e potência, outras subjetividades – suscitando perceptos e afectos³ nos corpos em contato com a rua e com a arte.

As inúmeras experiências criativas movimentadas são modos de cultivo e produção de uma nova subjetividade urbana, através da imaginação livre, lúdica e criativa dos artistas. Segundo Anita Rink⁴, esta pluralidade imaginativa representa uma abertura à diversidade de comunicação, um mosaico de possibilidades, além de um modo extraoficial de gerar opiniões, democraticamente.

Ao andar pela cidade em busca das narrativas urbanas produzidas através da arte, buscamos também compreender as sociedades, seus anseios e inquietações. Para Deleuze⁵, a arte conserva um “bloco de sensações”, determinadas através da composição criada por materiais e forças que variam a cada obra. Procedimentos de ligação e consciência que ultrapassam o percebido e o sentido, em novas maneiras de apreender estas subjetividades. Portanto, na concepção deleuziana, a

¹ CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

³ DELEUZE, Gilles. Francis Bacon: Lógica da Sensação. Lisboa: Orfeu Negro, 2011.

⁴ RINK, Anita. Graffiti: Intervenção e Arte Urbana. Curitiba: Appris, 2013.

⁵ DELEUZE. Op. Cit. nota 3.

criação é um aspecto definidor da arte, mas não prerrogativa ao fazer artístico. Pensar é criar, seja na arte, na ciência, na filosofia – no domínio que for.

Desde os antigos a Apollinaire, o jogo entre as palavras, as letras e as figuras, as imagens nascidas a partir deste, são bem mais que desenhos – contém camadas sobrepostas de sutis liames, ao mesmo tempo incertos e instáveis, como também insistentes em seu paradoxo de um [...] não dizer ainda e um não mais representar; cerne filosófico das palavras e as coisas de Foucault⁷, assim como na representação artística como grafia dos pensamentos, sentimentos e sensações transferidos aos suportes urbanos.

⁷ FOUCAULT, Michel. Isto não é um cachimbo. São Paulo. Paz e Terra, 2014.

atentar

Vanessa Forneck

Atentar é manter a concentração em alguma coisa que exige atenção. Atentar diz respeito a: focar, empenhar, dedicar, entregar, absorver, imergir, compenetrar, adentrar, reparar, observar, notar. Atentar-se a algum objeto, ao deslocamento de uma pessoa, à movimentação de nós mesmos. É reparar em detalhes que podem passar despercebidos sem uma atenção especial, como, por exemplo, quando pequenos gestos anunciam algum incômodo em alguém: mexer as mãos constantemente, morder os lábios, roer as unhas, chacoalhar o pé, passar a mão no cabelo seguidamente etc.

Atentar-se exige desativar nossa atenção seletiva, aquela que naturalmente domina nosso funcionamento cognitivo, e ativar uma atenção flutuante, concentrada e aberta¹. Prestar atenção aos estímulos, sejam eles de origem externa ou interna, e que captam nossa atenção de forma mais aguçada para determinados objetos ou acontecimentos, do que para outros. É olhar minuciosamente, como se fosse um investigador que presta atenção em cada passo de seu “suspeito”. Parar, observar, atentar-se a tudo e a todos, perceber o espaço e como ele interage com nosso corpo, em sua complexidade. Atentar requer tempo. Um tempo disponível para desacelerar, estar calmo e ser vigilante.

Acompanhando as dinâmicas enquanto elas ocorrem, a caminhografia requer um

¹ PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lilliana da (orgs.). *Pistas do Método da cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

atentar à espreira. Para que exista uma produção de dados, as informações precisam ser detectadas através de signos e forças que a estruturam, num reconhecimento do que já estava lá, mas não era enunciado. Não se vai à campo para encontrar algo, mas para que algo te encontre. A abertura da atenção não significa que a caminhografa deva prestar atenção em tudo, mas evitar dispersores que não contribuam com seu objetivo. É importante compreender que há quatro variedades de atenção, segundo Virgínia Kastrup: o rastreio, uma espécie de acompanhamento do movimento; o toque, que explora o tato; o pouso, que é um movimento de zoom; e por fim, o reconhecimento, que nos leva ao primeiro dos gestos, nos lembrando que é mais importante acompanhar uma ação do que representá-la².

² KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lilliana. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

atravessar

Lorena Maia
Resende

Ato de atravessar, deslocar-se, seja no campo físico ou abstrato, de um ponto a outro. Etimologicamente, o prefixo a-, neste caso, pode significar tanto aproximação, chegando mais perto do ponto/lugar desejado, como também direcionamento da movimentação, especificando o sentido do deslocamento (esquerda, direita, para cima, para baixo, zigzagando). Enquanto o sufixo -ar é utilizado para definir a ação, assim, “atravessar” garante a prática da travessia.

A palavra *través* origina-se do latim *transversus*, cuja raiz é *transversare*, significa passar, transpor ou cortar transversalmente. Formada pelo radical *trans* (através, além de) e *versare* (virar, girar). A partir da etimologia, entende-se que o ato de atravessar exige um movimento duplo de percorrer de um ponto a outro e de girar. E, é exatamente a ação simultânea dessas dinâmicas que confere a especificidade do ato, uma vez que seguir um fluxo contínuo, longitudinal, não realiza uma travessia, apenas uma passagem. Para atravessar, também é preciso girar, quer dizer, mudar a direção e se deslocar, seja pela perpendicular, pela transversal, pela diagonal; a questão é fugir do retilíneo e estabelecer um ponto de quebra e de mudança.

No processo da caminhografia, é possível atravessar a rua (no sentido perpendicular à via), a ponte (na transversal da

correnteza do rio), o viaduto, a praça, a galeria, o beco, o museu, o pátio, a fronteira, entre outros. E, ainda, é possível um movimento contrário: o de ser atravessado. Neste caso, atravessado por pensamentos, ideias, conceitos, imagens, situações, delírios, advindos da subjetividade da própria “caminhógrafa” ou de outros humanos e não-humanos. Em ambos os casos, acontece uma transformação, seja na orientação material do caminho ou na acolhida/recepção de um pensamento heterogêneo.

Atravessar e ser atravessado exigem coragem, força e resistência, pois são ações que se desprendem do senso comum, do mesmo, da familiaridade, para se abrir ao inesperado e à diferença. Assim, atravessar é uma atitude transformadora que pode ser reversível ou não, confortável ou não, mas que provoca desvios e desperta inquietações. Atravessar é permanecer momentaneamente no entre, e para que se concretize, depende sempre de um coletivo, de algo, de algum lugar ou de alguém que acesse ou que se deixe atravessar.

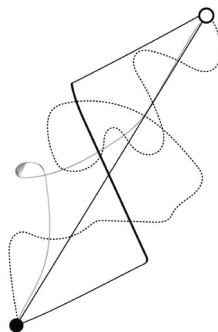


Imagem 3: atravessar.
Fonte: Lorena Maia,
2024.

biocartografar

Juan Manuel
Diez Tetamanti

Biocartografar é um processo criativo, reflexivo, individual e coletivo no qual se desenham mapas que vão além da representação geográfica convencional. Ao considerar as biocartografias, se exploram as experiências vividas, as marcas, os desejos e os devires, com o propósito de criar um mapa de intensidade que se configure com um texto complementar e tangível ao argumento da experiência de vida. Este processo conserva uma profunda relação com a subjetividade individual, que facilita a exploração íntima e significativa da própria trajetória de vida de cada um.

Os mapas que emergem do biocartografar não tem como propósito representar o descrever de maneira convencional, mas sim criar uma cartografia das experiências vividas, dos caminhos transitados e das derivas, com as formas que esses geram.

Para biocartografar, primeiramente teremos um momento individual de mapeamento, onde se desenham com diferentes cores e tempos, acompanhado de música e em diferentes etapas: marcas, tensões e devires. Depois, em um segundo momento, as biocartografias são compartilhadas com outros biocartógrafos para produção de novos mapas ou textos, criados a partir dos encontros entre as marcas, tensões e devires desenhados. Biocartografar é compartilhar a partir da diferença e da heterogeneidade. Poderíamos chamar

* Original em espanhol.
Traduzido por Taís B. Santos.

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

² DELIGNY, Fernand. Carte et lignes d'erre/ Maps and Wander Lines. Traces du réseau de Fernand Deligny 1969-1979. Paris: Éditions l'Arachnéen, 2013.

³ DELIGNY, Fernand. Permitir, trazar, ver. Barcelona: MACBA, 2008.

⁴ KUSCH, Rodolfo. Índios, porteños y dioses. En Obras Completas, t II. Rosario, Argentina: Fundación Ross, 2007. (Original publicado en 1966).

⁵ NUNES, Gustavo Oliveira; RODRIGUES, Carla Gonçalves. (2017) Modos de pensar a formação de um arquiteto e urbanista errante. In: TETAMANTI, Juan Manuel Diez; CANALI, J. C.; VILA, V. Experiencias cartográficas: exploraciones y derivas. Buenos Aires: Ed. Margen, 2017.

⁶ SOSA, B.; TETAMANTI, Juan Manuel Diez. Geografías del compartir. Tres métodos para cartografiar territorios, experiencias y cuerpos. La Plata, 2024. [no prelo 2024]. y cuerpos. En edición. La Plata.

a biocartografia de heterocartografia, mas se trata de uma cartografia das vidas, movimentos e criações. A biocartografia se insinua em ideias como as de Félix Guattari e Gilles Deleuze¹, Fernand Deligny²³, Rodolfo Kusch⁴, Gustavo Nunes e Carla Gonçalves⁵, com alguns pistas de Brenda Sosa e Juan Diez Tetamanti⁶. Biocartografadas é uma experiência de experiências, traçada por cores e emoções. Biocartografar é um mapa da vida.



Imagens 4 e 5: biocartografar. Fonte: Juan M. Diez Tetamanti, 2024.

Bordar, no sentido mais literal da palavra, significa a forma de produzir um desenho decorativo em uma superfície utilizando um fio e uma agulha. No sentido figurado, tem a ver com espalhar cores, formas, detalhes, ou ainda florear uma história, aumentar ou criar situações a fim de chamar a atenção para a narrativa. Relaciona-se também à borda das coisas, como a borda de um copo, que transborda.

Rocha e Santos¹ chamam a atenção para a importância de “registrar os pormenores da cidade, cotidiana e usual, como prática pedagógica”, o que se relaciona com todos os sentidos do verbo bordar descritos acima. O antropólogo Tim Ingold² relaciona várias ações que conectam pontos através de linhas, como observar, tecer, contar histórias, desenhar, escrever e caminhar. Para Ingold, não existe linha sem superfície, o que constitui um mapa. O desenho depende do mapa, tanto para unir pontos como para transitar em volta deles ou evitá-los.

São muitas relações possíveis, ainda mais quando se pensa que as linhas podem ser substituídas, podem ser fortes ou fracas. A partir da junção de linhas transversais e longitudinais, formar tramas. Caminhar só ou em grupo. Caminhar até de olhos fechados ou de olhos bem abertos para mudar de rumo dependendo das circunstâncias que se apresentam, como no caso de um mapa aberto ou do bordado em

¹ ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. Arqui-textos. São Paulo: N. 281, ano 24, 2023.

² INGOLD, Tim. Linhas: uma breve história. Trad. Lucas Bernardes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

estilo livre. O bordado livre é uma técnica têxtil que permite várias possibilidades dependendo do suporte, das ferramentas e dos efeitos desejados. É uma forma de bordar baseada na liberdade de criação a partir de um gesto mais livre, como o andarilho ou *flâneur* que vagueia a esmo e perambula pela cidade absorvendo o espetáculo urbano.

A escritora norte-americana Lauren Elkin³ atualiza esse sujeito errante e observador e fala sobre as flaneuses, mulheres caminantes que sempre exploraram as cidades a pé, embora com menos tempo e liberdade que a figura de privilégio e ócio masculino definido por Walter Benjamin⁴. Sim, bordar por aí e ocupar a cidade é diferente para cada gênero. É preciso construir um caminho, uma textura na cidade, como bordar no tecido de algodão ou na lona de caminhão. Pisando em ovos, no asfalto quente ou sob árvores? Em ruas seguras e limpas ou pulando por cima do lixo espalhado? Aquele caminho ali é seguro ou vamos precisar de uma linha mais longa ou mais grossa?

³ ELKIN, Lauren . Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

⁴ BENJAMIN, Walter. O flâneur. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1994.

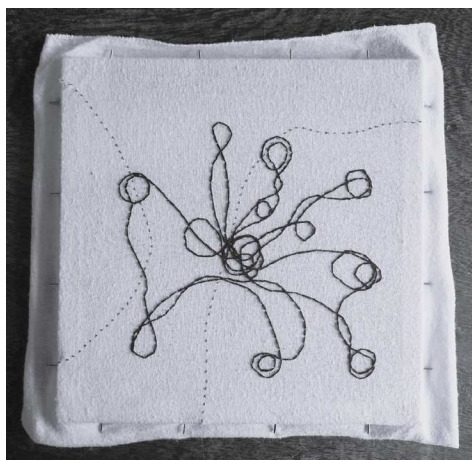


Imagem 6: bordar. Bordado livre com ponto corrido, ponto atrás e ponto pipoca sobre tecido de algodão preso em suporte de tear de pregos, 24 x 25 cm. Fonte: Adriene Coelho, 2024.

Imagem 7: bordar. Extensificar. Bordado livre com ponto corrido, ponto atrás e ponto pipoca sobre tecido de algodão preso em suporte de tear de pregos, 24 x 25 cm. Fonte: Adriene Coelho, 2024.

brincar

Carolina Mesquita
Clasen

Como exercício para definir a palavra que dá ação à brincadeira, parece que o mais acertado seria enunciar um jogo e brincarmos de definir um verbo, verbarbarizar a palavra. Mas partiremos da premissa que por brincar devemos nos aproximar mais de distrair, fruir e vadiar. Essa aproximação é um abrupto afastamento, um pulo para fora do limite correspondente à ação que visa contribuir para o desenvolvimento e inteligência durante a primeira infância. Brincar é talvez um gesto territorial capaz de expressar diferentes contextos culturais, como pode ser visto quando Francis Alys revira paisagens em diferentes lugares do mundo captando brincadeiras e publica a série *Children's Games*, em um compilado de vídeos publicados desde a década de 1990¹.

É a partir do brincar que compreendemos sobre as relações sociais, tornando tangível o contexto de um dado imaginário comunitário. Atrelado fundamentalmente à infância, o ato de brincar é substância para o exercício da vida urbana, coloca em relação um universo de possibilidades como um campo de jogos, permitindo que os saberes, os acordos e as conexões sejam combinados a cada novo começo. Desta maneira, brincar contribui para o reestabelecimento das relações estimuladas por desafios sempre atualizados, impulsionando novos arranjos, novas formas e narrações.

¹ ALYS, Francis. *Children's Games* (1999-ongoing). Eye Filmmuseum, Amsterdam, Netherlands, 2020. Vídeo.

Imagem 8: brincar. Carolina M. Clasen, 2024.

Fica aqui, uma convocação para caminhar e pensar como quem brinca. Nesta brincadeira caminhográfica, estaremos ressignificando, desordenando, fazendo combinados em roda, trocando os papéis convencionais de lugar.

Construir, desmanchar, dar a mão, cantar.

Caminhar como quem brinca é o ser-aí que instiga a desimaginar a cidade da adultidade*.



* Referências implícitas:

ARANTES, Paulo Eduardo. "Entre o nome e a frase". In: Ressentimento da Dialética – Dialética e Experiência Intelectual em Hegel (Antigos Estudos sobre o ABC da Miséria Alemã). São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Parte I. Trad. Marcia Sá C. Schuback. 15ª Ed. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2005

HEGEL, George. Ciência da lógica: 1. A doutrina do Ser. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

NOGUERA, Renato, & Alves, Luciana Pires. Infâncias Diante do Racismo: teses para um bom combate. Educação & Realidade, 44(2), 2019

PIAGET, Jean. La psychologie de l'enfant (2e ed.). Paris: PUF, 1971.

SAWAIA, Camila. Plano urbano do brincar: por uma cidade brincante. São Paulo: FAU/USP, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação).

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Child psychology. In The collected works of L. S. Vygotsky (Vol. 5). New York: Kluwer Academic. 1998

Francesco Careri

* Original em italiano.
Traduzido por Monique Grechi.

Referências implícitas:

BASHÔ. O Estreito Sentimento do Profundo Norte. São Paulo: Editora Hedra, 2014.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Edição Contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 1995.

GANDHI, Mahatma. Autobiografia: Minha Vida e Minhas Experiências com a Verdade. São Paulo: Palas Athena, 2021.

HOMERO. Odisseia. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MANDELA, Nelson. Longa Caminhada até a Liberdade: Volume 1. Rio de Janeiro: Alta Life, 2020.

MOHAMMED. Alcorão. Trad. Samir El Hayek. São Paulo: Editora Globo, 2008.

VIRGÍLIO. Eneida. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Martin Claret, 2015.

Mover-se sobre a superfície terrestre é um ato que os humanos compartilham com todas as espécies animais que não habitam o ar ou a água. É a ação vital que permite habitar o mundo, encontrar o alimento necessário para a própria sobrevivência, identificar os lugares onde instalar-se para proteger a prole e defender-se de outros animais. Neste ritmo entre caminhar e parar, a vida sempre deixa pra trás vestígios materiais, pegadas, lacunas entre as paisagens, caminhos, percursos que se solidificaram em direções, cursos d'água, passagens e infraestruturas animais. É seguindo estes rastros que os primeiros humanos começaram a percorrer o mundo, a transformá-lo com construções imateriais como o reconhecer e nomear os lugares, deixando vestígios materiais para indicar o caminho. Paravam em cavernas não apenas para se defender de outras espécies, mas também para pintar/desenhar a potência dos grandes rebanhos em movimento, aprenderam que deslocar-se em bando pode revirar a terra e provocar grandes transformações, que o caminhar pode mudar o sentido da história e subverter as regras sociais.

Ainda hoje existem humanos que caminham sentindo-se parte daquela história primordial, animais que conscientemente adotam o caminhar como ato imaterial e cultural de transformação estética e política da superfície terrestre. Caminhar

é a forma simbólica que permitiu ao ser humano habitar o mundo, é o ato estético-político originário que carrega em seu ventre a história, a escultura, a arquitetura e a revolução. Caminhar leva os humanos a romperem fronteiras, a declarar guerra, mas também a pedir hospitalidade, a entrar na propriedade dos outros e bater em portas desconhecidas, a transformar o pedido de um copo d'água e comida em troca, amizade e crescimento cultural recíproco. Caminhar é uma forma primordial de habitar, não consome recursos, não danifica o ambiente, não produz desigualdades. Caminhar é um prazer, fazê-lo sozinho faz bem ao corpo e ao espírito, fazê-lo em grupo leva à paz.

Igor Guatelli

Caminhar + amanhecer + perecer.

À l'origine, il y eut la ruine, originalmente, havia a ruína, em uma tradução livre, diz Derrida em sua obra *Mémoires d'aveugles*¹. Caminhar está no amanhecer do espírito, do pensamento e perecer da Modernidade em sua eterna realização. Em sua obra ensaísta e inacabada *Passagens*², Walter Benjamin situa a *flânerie* e o *flâneur* urbanos, pensados, emulados e realizados pelas reformas de Haussmann em Paris, como uma das prerrogativas do nascimento, florescimento e perecimento da metrópole moderna. O próprio Benjamin, inveterado *flâneur*, foi um pensador da e sobre nascimentos e perecimentos da modernidade. Nas passagens cobertas de Paris, Benjamin encontrou o território por onde *insights* ocorreram e seu pensamento crítico se intensificou estimulado por um processo de perecível renovação. Não havia caminho de volta para um mundo que se desenvolveria e pereceria pela mobilidade permanente, incessante, não poupando nem mesmo os *flâneurs* mais distanciados. O progresso seria um caminhar adiante em ritmo de perecimento cada vez mais acelerado, envolvendo tudo em um movimento turbilhonar arruinante. Pequenas fraturas e hiatos no fluxo contínuo, os intervalos urbanos podem ser a pausa necessária para uma desaceleração da inexorável hiper mobilidade, virtual, física, que nos faz perecer continuamente, e a condição para que uma

¹ DERRIDA, Jacques. *Mémoires d'aveugle, L'autoportrait et autres ruines*. Réunion des musées nationaux, collection Parti Pris, 1990, p.69.

² BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2018.

renovada experiência sensível floresça. Porém, morrer também é uma condição para uma nova alvorada. O caminho dos filósofos³, trilha sinuosa de 500 metros de extensão em uma colina, foi inspiração vitalizadora do pensamento de filósofos e escritores como Holderlin, Goethe, Victor Hugo. *Caminhecer*, um caminhar por onde o pensamento renasce pelo perecimento do categorial, do dado, útil, natural e habitual, ou, como diria Heidegger, de tudo aquilo que está disponível-à-mão⁴. É, em uma viagem que faz no século XVI, de Bordeaux à Roma, passando por cidades suíças, alemãs e italianas, que o pensamento de Montaigne floresce em um manuscrito intitulado *Journal de voyage en Italie par la Suisse et l'Allemagne*⁵ sobre o novo humanismo europeu, possivelmente percebido por aquilo que estava deixando de ser.

³ Philosophenweg em Heidelberg.

⁴ Zuhandenheit.

⁵ KOENIG, Gaspard. Notre Vagabonde Liberté: À Cheval sur les Traces de Montaigne. Pocket, 2023.

caminhografar

Eduardo Rocha e
Taís Beltrame
dos Santos

Caminhografar é cartografar e caminhar, conjuntamente. A palavra, ‘caminhografia’ foi criada por Eduardo Rocha e Valentina Machado durante as transurbâncias com Francesco Careri na cidade de Roma em 2019, mas experimentado, transmutado e transcrito nas muitas experiências do Grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade¹ da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Laboratório de Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, em projetos de pesquisa, ensino e extensão na região sul do Brasil.

Etimologicamente, a palavra ‘caminhar’ tem suas raízes no latim *caminare*, que significa ‘andar’ ou ‘mover-se a pé’ e apoia-se na ideia da caminhada como prática estética proposta por Francesco Careri²; e ‘cartografar’ vem do latim *charta* (papel) e *grapho* (escrever), referindo-se à ação de mapear, registrar ou descrever áreas geográficas ou territórios, ampliando-se ao sentido filosófico e à produção de subjetividade propostos por Deleuze e Guattari nos Mil Platôs³. Essa combinação de caminhar e cartografar está impregnada de filosofia da diferença e respaldada por movimentos artísticos, políticos e culturais, o que alarga o próprio sentido de caminhografar, compreendendo a ação como uma composição de três movimentos: o registrar, o jogar e o criar - a si, ao outro, à cidade e seus emaranhados e complexidades, na própria experiência de

¹ Ver sobre os projetos em: <https://wp.ufpel.edu.br/cmasc/>

² CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gilli, 2014.

³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

cidade. Caminhografar é deixar-se atravessar pelos acontecimentos e situações ordinárias que extrapolam o planejamento e o esperado, deformando e descentralizando os debates sobre os muitos imbricamentos que modificam o espaço social, pronunciando uma narrativa próxima da complexidade, onde as diferentes vidas e modos de viver possam ser percebidos, mapeados e comunicados.

Acredita-se que a essência de caminhografar é inscrever-se em territórios como experiência atenta e, porque não pedagógica, no sentido de Jorge Larrosa⁴, colocando o corpo à prova e acolhendo as diferenças, aspectos subjetivos, experiências individuais-coletivas, geográficas, sensações, emoções que possam compor o mapa caminhográfico, sempre aberto e em constante compreensão e redirecionamento. Caminhografar a cidade, para registrar o que pede passagem, escrevendo, fotografando, dançando, desenhando, filmando, compondo, escutando etc; jogando possibilidades para habitá-la, transgredi-la e enfrentá-la em suas diferentes velocidades, formas e leis, percebendo seus acolhimentos, sedentarismos e nomaizações através de situações planejadas ou não; e criar intervenções, poéticas ou políticas públicas, mapas abertos, pensamentos, compreensões.

Atualmente, o caminhografar tem como referências e influências Francesco Careri, Paola B. Jacques, Fernando Fuão e Carla Rodrigues, e as autoras deste “Verbolário”.

⁴ BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

capitalizar

Taís Beltrame
dos Santos

Criar capital. Depositar velocidade. Ir ao centro. A palavra capital, em sua raiz *cap*, quer dizer: chefe, cabeça, cabo no sentido de acidente geográfico, assim como, cabo de exército; também: letras capitulares, *caput*; ou também: em direção de, rumo à¹, ao centro, em órbita. Capital é o local onde tudo se direciona, caracteriza, vetoriza, se estabelece.

Capitalizar é dirigir-se à capital e ao capital. Perder-se na aceleração das grandes vias, dos massivos edifícios em altura e das economias globais e globalizantes das iluminações artificiais. Capitalizar é integrar-se aos sistemas complexos de viver, seguindo os faróis e as orientações que vêm de outras capitais, às vezes distantes, quase sempre idealizadoras. É ir de encontro às respostas e necessidade de estudo, de trabalho, de saúde, todas reunidas e simbolizadas no centro de consciência da capital.

Capitalizar é acelerar, continuamente, construir e destruir, operacionalizar o sistema da velocidade e da acumulação. Capitalizar é domesticar. É ingressar em uma força centrípeta que estimula os conceitos e as feições de todos que orbitam à sua volta. É emergir no todo, para ser ninguém, apenas mais um. É ir de encontro a um centro que comanda, que diz-se desenvolvido e que orchestra - vetorialmente - toda a sua volta, e que, por sua vez, também quer ser capital, capitã. Capitalizar é querer entrar na disputa.

¹ FUÃO, Fernando. @ Capital. Pixo: Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, Pelotas, v.06, n.20, p. 20-51, verão, 2022.

Quais movimentos envolvem tua caminhada? Que conexões, atrações e repulsões são vivenciadas? Quais invenções colocas nisso? Realizas o mesmo percurso quando andas? Como acompanhas tal caminhada: registras, anotas, desenhás, rabiscas o que aí acontece?

Antes de mais nada, saíste de casa para dar um passeio. E começaste a andar. Paravas e olhavas. Encanta-te o desconhecido. Olhavam-te do outro lado. Roça, roça de invisíveis e de inaudíveis. Estranhos se entreolham. Inspira desconfiança aos demais. Abriste o guarda-chuva. Ao sol extraordinariamente forte, racha a árvore. Não podias deixar de ver toda aquela vibração ao redor daquele tronco central. Também te via a multidão. Fechaste o guarda-sol. Expõe-te caminhando pela erva. Deixa-te afectar pelo outro.

Mapa de lugares e de sensações que se traçam em função dos pedaços de mundo que engoles. Pelo menos dois mapas funcionam na relação que estabelecem, isto é, em superposição, não em sobreposição. Parou em um lugar, uma localização, um extensivo. Parou por que, por que parou? Importam os percursos, os trajetos, os encontros, os acontecimentos, os agenciamentos, os sentidos que alteram teus pensamentos e teu corpo. É um tanto disso que trata cartografar.

E o que levou a continuar caminhando? Segues tua caminhada no tempo que vai e sem saber onde vai dar. Uma cartografia cuja tarefa consiste em marcar caminhos, assinalar os muros que impedem o movimento e obstruem a saída, de modo a encontrar suas linhas de fuga. Se antes teu processo se constituía na manutenção de uma confortável familiaridade no mundo, agora, estás mais voltado a constituir abrigos habitáveis temporariamente, guarida que tem tua permanência relacionada com os encontros vivificados e com os devires que tal morada mobiliza, tanto coletiva como singularmente. Desse modo, a tua vida afirma-se em sua potência criadora, desenhando inéditas paisagens existenciais. Mais além de ti.

É no próprio nomadismo do desejo que constróis teu “em casa”. Com teus inesperados acasalamientos, sempre circunstanciais, fabricas variados modos de ser que engendram um caminhar dessencializado e inseparável de tuas múltiplas hibridizações. Outros modos, infinitamente outros. Pois bem, menos imerso em uma arquitetura definida por retas harmônicas como as determinadas por Euclides. Há, isto sim, linhas. Linhas de vários tipos que se chocam, se cruzam, se repelem, se aproximam em uma invenção da vida.

Em viagem sem itinerário prefixado, procuras chegar a algum lugar. Assim, necessitas de um tempo para digerir rupturas, tempo para produzir sentidos da tua trajetória, para reunir tuas energias na construção de um outro tipo de “em casa” na própria desterritorialização, e não por

meio de um ilusório esquivar-se dos abalos causados por ela. Sentir-se “em casa” de acordo com algum modo de ser é imprescindível para viver. Resta ficar atento como são construídos tais princípios constituídos desse “em casa”. Podendo assim registrá-los como saberes permeados de novos saberes.

Que baixe o santo. Que a musa cante. Que derrame o bálsamo. Essa entrega à Terra, essa abertura para o fora enquanto devoção, colocam-te próximo do “receptivo”, no hexagrama número dois do I Ching, formado por linhas abertas. Mas é ilusão acreditar que algo perdure eternamente, que algum estado permaneça perpetuamente e, ...

Mapas são desenhados no entrecruzamento de sensações variáveis e de lugares diferenciais. Linhas de ruptura reúnem forças potentes para vazarem o estabelecido. Que varie pouco ou muito... Não é uma questão de quantidade. É a vida em ato constituindo-se nas relações inventadas, multiplicadas, moduladas. Para que a experiência não seja engolida pelas rotinas e hábitos do mesmo, então, cartografas? É aí que voltas para extrair outras formas do vivido. Repetição produtora da diferença. Cartografar: uma caminhada!

Os parágrafos acima foram escritos na relação estabelecida com dois textos: Políticas, publicado no livro Diálogos¹ e O que as crianças dizem em Crítica e Clínica². As ideias de linhas e mapas têm força para o desenvolvimento dos parágrafos acima.

¹ DELEUZE, Gilles; PAR-NET, Claire. Diálogos. Trad. de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

² DELEUZE, Gilles. Crítica e Clínica. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

Duda Gonçalves

Cartogravistar¹ é mapear as vistas do céu por meio de proposições artísticas, assim como é a criação de outras vistas e de territórios urbanos, campesinos, domésticos, do corporais em deslocamentos a pé, de ônibus, de carro, de trem, de bicicleta, etc, com o uso de dispositivos, como o cartão de vista², cartão de vista mirante³, o estêncil desenho, vídeo, fotografia, pintura, impressos, objetos, esculturas, filmes, publicações científicas, performance, narrativas. É reunir vistas oriundas de uma atitude atenta, crítica e contemplativa sobre os territórios de vivência e convivência, que compõe arte e geografia e arquitetura e, e, e, que localiza e partilha as vistas de territórios imaginários, do sonho, de poesia, de amor, sociais, polítics a partir de quem a vê, onde vê, como vê. Atitude poética aberta, pessoal, coletiva, autoral, propositiva, espiritual, metafórica, reflexiva, etc. Modo, método e movimento cartográfico das artes visuais que é compartilhado e utilizado nas andanças individuais e coletivas dos participantes do Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC (CNPQ/UFPel)⁴.

¹ Ver mais em: GONÇALVES, Eduarda. Cartogravista de céus: proposições para compartilhamentos. Porto Alegre: UFRGS, 2011. (tese de doutorado).

² O cartão de vista é um cartão em formato de cartão de visita, que apresenta palavras, textos e imagens captadas em deslocamentos físicos e mentais, é um múltiplo, que é distribuído em espaços expositivos e em diferentes contextos cotidianos e hodiernos.

³ O cartão de visita mirante é uma variação do cartão de vista, que tem um orifício por onde as pessoas podem olhar, mirar em enquadrar circularmente o mundo e sem lentes.

⁴ DES.LOC.C. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/deslocc/>>.



Imagem 9: cartogra-
vistar. Fonte: Eduarda
Gonçalves, 2024.

Helene Gomes
Sacco

Verbo transitivo direto que significa uma ação crescente, por vezes involuntária e infinita que parte da identificação em meio ao caos e a desordem do mundo, de coisas específicas que despertam um certo interesse profundo. Nessa prática o colecionador seleciona e agrupa aquilo que manifesta atração, ao perceber nelas algo que liga e conecta uma coisa na outra, criando assim formas de pensar e entender as coisas sob uma nova ordem. Cria narrativas que não se reduzem à regra alguma, a não ser as próprias, e que certamente são a manifestação de uma forma muito elaborada de paixão¹.

Essa ação também é um exercício contra a dispersão, uma forma de resistir, reagir às constantes erosões da vida cotidiana. Ao salvar as coisas da dispersão e recontextualizar sob uma nova lógica em relação ao seu tempo de origem e o tempo presente, é gerada nessa ação uma dimensão memorialística, como a função de arquivo, ativando um antídoto contra o esquecimento. Por ser uma ação, reúne outros verbos como: encontrar, listar, selecionar, agrupar, organizar, inventariar, classificar, preservar, apresentar, guardar, salvar...

¹ BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In: Obras Escolhidas vol. 2, Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Quando caminhamos pela cidade, qualquer que seja ela nesse início de século XXI, nos deparamos com um monstro, ora camuflado ora pornograficamente explícito. O monstro é a própria Cidade! A Cidade das racionalidades tecnológicas, da sociedade eficiente, da apologia à utilidade, das conquistas da razão e da eficiência sobre o corpo e a subjetividade dos indivíduos. Cidade do urbanismo estratégico, das Smart Cities, da pacificação dos dissensos, do aplanamento do viver no tempo sempre à frente. Cidade dos espaços luminosos, estriados e determinados. Cidade-monstro criada por nós, desejadas por nossa objetividade, racionalidade, tecnicidade, artificialidade. Mas a Cidade-monstro da hiper modernização tecnológica, em seu movimento/crescimento truculento, deixa para trás rastros... seus restos, seus dejetos, seus trapos.

E como caminhar é um ato revolucionário, nada melhor para revolucionar esse cenário monstruoso que caminhar e COLETAR esses trapos. Incorporar o Trapeiro! Trapeiro (ele/ela/elx) é um colecionador. Coleta e cataloga as coisas encontradas na Cidade. Coisas esquecidas, coisas dos Outros. É um leitor urbano que se propõe entender e refletir sobre a Cidade, sobre o estar na Cidade, sobre o viver na Cidade, sobreviver na Cidade.

“Eis um homem encarregado de apanhar os restos de um dia da capital. Tudo o

que perdeu, tudo o que desdenhou, tudo o que partiu, ele o cataloga e coleciona. Compulsa os arquivos da libertinagem, a cafarnaum dos refugos. Faz uma separação, uma escolha inteligente. Reúne, como um avaro um tesouro, os lixos que, mastigados pela divindade da indústria, se tornarão objetos de utilidade ou de recreio”¹.

O Trapeiro² é alegoria que podemos vestir, incorporar. Caminhar pela cidade como um Trapeiro que habita a Cidade, está na Cidade. Acordado num contraturno da produção do capital contemporâneo. Um coletador que perambula e recolhe os restos abandonados pela constante modernização da cidade e sua sociedade. Um leitor urbano que percebe, no rastro deixado nada/pela Cidade-monstro, uma urgência constitutiva da subjetividade. Um caminhante que resgata o que é desnecessário, inútil, descartado... um colecionador de Trapos. Resto de algo antes importante, objetos – espaços e coisas – que um dia foram de alguém. Rastro deixado para trás como fragmentos de um viver, de uma narrativa já contada que pode ser recolhido, reunido e registrado.

¹ BAUDELAIRE, Charles. Paraísos Artificiais. Lisboa: Editorial Estampa, 1971, p. 150.

² Esta e outras informações sobre o Trapeiro, ver <www.issuu.com/trapeirocontemporaneo>.

O verbo collar aqui apresentado ultrapassa o significado de união, de pegar com cola, inclusive extrapola a definição de “colar” figurinhas, porque não é simplesmente recortar a imagem e aplicá-la em uma superfície. Collar é muito mais, é fazer uma collage, criar uma ideia e ocupar um novo lugar, assim como ressignificar imagens em uma esfera que supera o seu uso nas artes visuais.

Portanto, o Collar faz a collage.

A collage, resultante deste verbo, surge de imagens significadas e não compreende o irreal, ela vem de um procedimento que tem vários níveis do real. É um processo ao mesmo tempo racional e irracional, que alcança o simbólico e o onírico. Nela não ocorre apenas a união, o “colar”, também pode ser resultado do suprimir, do rasgar e do arrancar.

Mas afinal o que é uma collage?

Para ilustrar sua essência proponho a cola de fragmentos de três autores collagistas:

“Registro transitório de estranhas coincidências que se configuram em nosso imaginário. Momento passageiro e em contínua transformação um olhar que se despeja sobre as imagens, objetos e seres, detectando entre eles toda a sorte de analogias poéticas, com a intenção de provocar um encontro. É como acariciar a pele

da fotografia, da imagem, com a visão e, logo, observar que ela se incha, respira, toma vida”¹.

“Collage é a exploração de uma nova sintaxe, a partir de imagens já conhecidas, “usadas” por meio de cortes. Collage é análoga à poesia. Como diz Max Ernst, não é a cola que faz a collage”².

“Recortar e colar não é collage (...) Collage é a subjetividade absoluta, é a expressão máxima possível da força criadora do Sujeito Pensante (Consciência)”³.

Definindo, esta ação não é apenas aproximar e fixar, não é ctrl+c seguido de ctrl+v, não é somente uma expressão aportuguesada do verbo francês Coller. É o caminho que leva as imagens para a composição da collage, as leva para uma interpretação de um novo lugar.

¹ FUÃO, Fernando. A Collage como trajetória amorosa. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011, p.51.

² LIMA, Sérgio. Collage em nova superfície. São Paulo: Editora Parma, 1984, p.29.

³ PAULA, Nelson d. Collage: um testemunho fenomenológico. São Paulo: Edição a cargo do autor, s/ data, p.56.

Collar (a collage) é vida, poesia e consciência.



Imagem 10: Relicário de Santa Maria. Fonte: Anelis Rolão Flôres, 2024.

compor

Renata Braga
Zschornack

Compor é criar, formar, produzir ou fazer algo novo a partir de elementos múltiplos, e por vezes díspares. A palavra compor vem do Latim componere, “colocar junto, combinar”, formado por com-, junto, mais -ponere, “colocar, botar no lugar”.

No livro *Mil Platôs*¹ de Deleuze e Guattari, compor não é apenas uma atividade criativa restrita aos artistas, mas um processo fundamental que permeia toda a nossa existência, envolvendo a conexão e reconfiguração constante de elementos heterogêneos em novas formas e possibilidades a partir do caos. Compor é cartografar, e cartografar é compor.

Em *Walkscapes*², Careri explora o ato de caminhar como uma forma de composição estética do espaço. Ele argumenta que o ato de caminhar não apenas nos permite perceber e experimentar o ambiente ao nosso redor de maneira singular, mas também nos possibilita participar ativamente da criação e da recomposição desse ambiente. Ao caminhar, estamos constantemente envolvidos na criação de trajetórias, na interação com o espaço e com os elementos que o compõem. Na caminhografia, compor é também intervenção, porque pressupõe um corpo atento e sensível. Toda composição em caminhografia é estética e ética.

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

² CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

comunicar

Lorena Maia
Resende

Ato de associar, conectar, participar em comunidade. Segundo a etimologia, comunicar tem correspondência tanto com *communio*, referente a comunidade e comunhão; *communis*, de comum; e, com o verbo *communicare*, que significa fazer, tornar comum. Outros dicionários¹ ainda acrescentam a correlação de *commercium*, ligada ao comércio, transporte, trocas. De fato, essas explicações colaboram para o entendimento mais convencional do termo, significando diálogo, troca de informações ou reverberação de ideias.

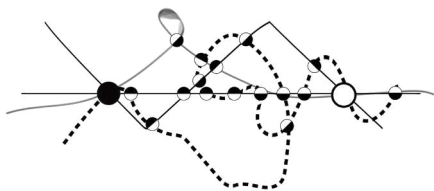
Entretanto, *communicare*, também tem outro significado: o de separar, dividir. Essa relação de divisão faz sentido quando pensamos em partilha, compartilhamento, quer dizer, uma informação/ideia de determinado “comunicador” é dividida entre outros “envolvidos”.

À vista disso, comunicar refere-se à ligação e interação entre coisas, pessoas, ideias, pensamentos (humanos e não-humanos) através de algum meio que favoreça essas trocas. Por exemplo, a ponte é um meio que favorece a comunicação de ambos lados que ela conecta, assim como os artifícios da escrita, do desenho, da fala, dos gestos, das expressões, da tecnologia são meios de compartilhar informações, sensações e histórias.

Para Michel Serres², independentemente da linguagem, existe comunicação, uma

¹ BLUTEAU Rafael. Vocabulário Portuguez e Latino. Vol.5. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1761.

² SERRES, Michel. Os cinco sentidos. Filosofia dos corpos misturados – I. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.



vez que aquilo que a linguagem não consegue capturar, o que escapa, o que é fluido, é inclusive o mais valioso dentro das comunicações: “o verbo voa, a escrita fica”. A linguagem pode inclusive ser uma ferramenta poderosa de manipulação, controle e exclusão da informação. Imersos em um mundo cada vez mais “conectado” pela tecnologia, esquecemos que o mar, o vento, a formiga, a abelha, a árvore, a parede, a cadeira também comunicam. Por isso, Serres entende o mundo da comunicação como o mundo do tocar (da experiência, dos sentidos) e não do ver (do que já está dado, fixo).

Na prática da caminhografia, o ato de comunicar ainda vai além, no sentido de reivindicar o comunicarCOM³, uma ação performativa que se realiza apenas COM o outro e não para ou sobre o outro, seja ele humano ou não. As cartografias (mapas, escritos, danças, pensamentos) são produções coletivas realizadas através do compartilhamento, da inter-relação entre os envolvidos, sem hierarquias. O comunicarCOM se afasta de qualquer regra ou técnica pré-estabelecida e se abre para as imprevisibilidades e surpresas dos encontros no caminho.

³ MORAES, Márcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, Márcia; KASTRUP, Virgínia. Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: NAU, 2010.

Imagem 11: comunicar.
Fonte: Lorena Maia Resende 2024.

Igor Guatelli

Sem conceitos não há possibilidade do pensamento pensar. Criam a condição para esclarecimentos e interrogações semânticas, enquadramentos e perturbações cognitivas acerca das realidades que nos rodeiam. Noção chave de uma tradição filosófica que contempla Platão, Aristóteles, Kant, Hegel, Locke, Descartes ou Tomás de Aquino¹ [aliás, período em que o verbo ganha notoriedade com a escolástica], até chegar em Heidegger, que começa a dilacerá-lo, explorá-lo etimologicamente com o intuito de provocar a metafísica de um pensamento por ele estabilizado, nos obrigando a [re]pensá-lo. Mas, é com filósofos franceses *fin de siècle*, como Foucault, Deleuze, Derrida que a ideia de conceito e de conceituar passará a ser uma aventura onto-fenomenológica, epistemológica, lugar da invenção de neologismos.

O conceito e a ação de conceituar passam a ser um fenômeno passível de junturas, disjunções, jogos e deslizamentos semânticos a partir de seu desmembramento ou tradução em outras línguas. Procedimentos metódicos para trazer “novas luzes” ao pensamento, segundo Derrida. Conceituar, no francês *Concevoir*, verbo que pode ser [re]vertido para o português como conceber. Ao conceituar, concebo, concebo ao ver, ao contemplar, *concevoir*. Conceituar já é, portanto, uma ação de invenção, de criação pela contemplação. Etimologicamente, *être*

¹ Thomas de Aquino entendia o conceito como algo do espírito, inteligível por serem os objetos primeiros da atividade intelectual, aquilo que permite que pensemos.” *C’est ce que l’intellect conçoit en lui-même[...]*”. Ver: CLAUDE PANACCIO. *Le discours intérieur. De Platon à Guillaume d’Ockam*. Seuil, 1999.

imaginé [ser imaginado], *elaboré dans l'esprit* [elaborado no espírito]; não estamos distantes de Tomás de Aquino. Em um desmembramento radical da palavra, *con-ce-voir* poderia ser traduzido, no limite, como “um ver tolo”; tolo pensado, aqui, como um ver não estritamente conduzido pela razão, pela lógica, mas um olhar lúdico, que conceitua ou concebe quando imagina e se afasta da pura inteligibilidade.

Deixemos de lado sua etimologia latina, *concupere*. Conceituar, *conceptuel*, pensado como *concep-tuer*, uma experiência de “matar o conceito” para que ele sobreviva a sua origem e univocidade. Conceituar é perceber o plurívoco.

Josimara Wikboldt
Schwartz

Está intimamente implicado numa dimensão coletiva, de caráter construtivista. O construtivismo, enquanto teoria, surge no campo das artes, na Rússia em 1917, como uma possibilidade de entendimento sobre os elementos que compõe uma obra. Trata-se da ação de olhar para “dentro” do objeto criado, observando os pontos que conectam e constituem a obra. O epistemólogo Jean Piaget¹ se utiliza do termo e apresenta conceitos em torno do desenvolvimento da inteligência humana, afirmando que ela se dá por construção. Nesta perspectiva, a inteligência não nasce com a pessoa, nem tampouco é manifestada somente pelo meio social, mas elaborada na ação e na transformação entre corpos numa dada relação. Dessa forma, não podemos considerar o ato de conhecer como algo inato ou finito, mas ligado aos movimentos de rupturas, desfazimentos e recomposições das estruturas do pensamento.

Analisando o construtivismo dentro do processo de escolarização, Sandra Corazza² o considera como prática discursiva que atua sobre o fazer docente, direcionando normativas que dão continuidade ao modelo pedagógico moderno, pois coloca a/o professor/a num ritual cotidiano de observações, julgamentos, avaliações e esquadrinhamentos das crianças, resultando numa prática disciplinadora. Construir algo ou alguma coisa, seja uma pesquisa, um

¹ PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Trad. Maria Alice D'Amorim e Paulo Sérgio Silva. 25ª. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2016.

² CORAZZA, Sandra Mara. Construtivismo: evolução ou modismo? Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 215-232, jul./dez. 1996.

conhecimento, uma aula ou uma ponte, depende diretamente das condições de possibilidades dos sujeitos e seus espaços (geográficos ou do pensamento), de descobertas e invenções de problemas. No entanto, para construir é necessário criar e isso envolve dinâmica, artesanania e necessidade. Abarca, além de um domínio do saber-fazer, apreender a experiência física, cultural, ética e estética que se agencia ao coletivo, e entender, também, que essa construção está engendrada numa relação de poder, ligada às dinâmicas históricas, sociais e econômicas, causando interferências não somente nos contextos, mas nos modos de subjetivação dos indivíduos³.

³ DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Trad. José Marcos Macedo. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais, p. 4.

Paula Pedreira
Del Fiol

Quando caminho como forma de pesquisa minha mente se põe inquieta, e isso me leva a pensar em diversas hipóteses ao longo do percurso. Para mim, essa é a primeira maneira de conversar, o pensar consigo mesmo, criar hipóteses, uma discussão crítica do eu caminhante dentro do próprio pensamento, se a caminhada for solitária. O caminhar nos dá ferramentas potentes de enxergar o mundo e uma delas é a atenção que trata Bondía¹, mas essa atenção não quer dizer silêncio, quer dizer discussão crítica sobre o caminho.

Ainda, há diversos elementos que, por vezes, ecoam em nossas mentes depois da caminhada. Por isso, eu adicionaria um elemento ao caminhar solo que é parar. Careri² e Passos, Kastrup e Escóssia³ ressaltam sobre a importância do parar no ato de caminhar, é a solidificação dos pensamentos. Por isso, eu destaco aqui, que parar é tão importante quanto caminhar, para pensar sobre o ato de caminhar, e em complemento a isso destaco o caderno de campo, elemento que também faz parte desse compilado conversante.

Além disso, podemos sair para caminhar e procurar pessoas para conversar, em uma conversa informal, como maneira de buscar o novo, o diferente. Buscando ampliar a visão de mundo é comum que entrevistemos pessoas em pesquisa científica, mas normalmente fazemos com um rigor científico, Rocha e Santos⁴ nos dizem

¹ BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPED, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

² CARERI, Francesco. Caminhar e parar. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

³ PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). Pistas do Método da cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

⁴ ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. Arqutextos. São Paulo: N. 281, ano 24, 2023.

que muitas vezes isso pode ser feito sem a prancheta e a caneta, sem o gravador, é claro, que precisamos encontrar uma maneira de registrar esse feito.

Por último, acredito que o outro ainda possa nos encontrar em uma conversa informal. Na minha experiência com pesquisa é mais comum que isso aconteça com grandes grupos de pessoas, entretanto na pesquisa solitária as pessoas também nos abordam. Esse, muitas vezes, acaba sendo um porto forte já que o outro nos provoca o pensamento. Bondía fala do inesperado e que a experiência só tem condições de acontecer em um território onde o ser está sujeito ao inesperado. Segundo Bondía é o inesperado que nos possibilita o pensamento e a experiência. Conversar possibilita o diferenciar, mas também o compor.

Débora Souto
Allemand

coreografar

Compor. Criar. Organizar. Ordenar.
Dizer. Grafar. Formar. Estruturar. Pensar.
Significar. Escrever. Encorpar.

Coreografar não é [somente] reunir diferentes passos de dança previamente definidos em uma sequência que se organiza de oito em oito tempos nas batidas musicais, executados em modo uníssono, onde todos os bailarinos dançam iguais (ou diferentes) no tempo-espço.

Também é quando o tropeço vira dança. É atentar para o buraco no piso e compor com ele, é caminhar pela rua olhando a vitrine de uma loja de roupas e pausar, é seguir caminhando e levantar o pé um pouco mais alto do que precisaria para dar o passo, atravessando o asfalto que se rompe com a raiz da árvore que ultrapassa os limites planejados para ela. Coreografar é planejar uma dança e saber que ela jamais será executada da maneira como foi pensada. Tropeçar no próprio corpo e nos próprios pensamentos.

Não é só reunir signos num papel.

É adentrar o terreno e dançar com suas cicatrizes de historicidade, como escreveu Lepecki¹. Produzir danças com as pessoas que quiserem, a partir das suas subjetividades, potências e limitações, treinadas em alguma técnica ou não. Trabalhar com corpos e espaços vivos e em movimento. Atualização. Fazer pensar. Dizer alguma

¹ LEPECKI, André. Planos de Composição. In: GREINER, Christine; ESPÍRITO SANTO, Cristina; SOBRAL, Sônia (orgs.). Cartografia Rumos Itaú Cultural Dança: criações e conexões. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

coisa por meio de corpos em movimento.

Ou outras concepções, que estão por ser atualizadas assim como corpo, humano, ciborgue, objeto, ou não.

Taís Beltrame
dos Santos

Corpografar é cartografar pelo e no corpo. É um conceito criado por Paola Jacques a partir de seus estudos sobre as errâncias urbanas, principalmente de Debord e os situacionistas, que considera as corpografias como microresistências à massiva espetacularização urbana¹. Corpografar é ler a cidade pelo corpo, através da corporalidade, das corpografias urbanas: “A corpografia é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí corpografia), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente. [...] Cada corpo pode acumular diferentes corpografias, resultados das mais diferentes experiências urbanas vividas por cada um. A questão da temporalidade e da intensidade dessas experiências é determinante na sua forma de inscrição”².

As corpografias carregam em si os territórios³ que pronunciam. Através das cartografias dos gestos e movimentos dos corpos no espaço urbano podemos decifrar as corpografias e a experiência urbana que as constitui. Assim, corpografar pode nos ajudar a refletir sobre o uso não domesticado do espaço, onde os múltiplos movimentos reagem ou conformam-se ao planejamento. “A compreensão de corpografias pode servir para a reflexão sobre o urbanismo, através do desenvolvimento

¹ DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

² JACQUES, Paola Beltrame. Corpografias urbanas. Arqtextos, São Paulo: ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008.

³ O território não é visto aqui como um território somente físico, mas como um território existencial, que representa um modo de ser, ou ainda um modo de expressividade. É definido por Deleuze e Guattari como o que marca a distância entre dois seres da mesma espécie. Sendo a distância não uma medida, mas um ritmo. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

de outras formas, corporais ou incorporadas, de se apreender o espaço urbano para, posteriormente, se propor outras formas de intervenção nas cidades⁴.”

Na caminhografia urbana corpografamos quando estamos atentos aos movimentos, gestualidades e experiências dos nossos próprios corpos nos diferentes territórios, mas também nos corpos dos outros. Corpografamos quando compreendemos através da nossa experiência corpórea as diferentes coreografias (nem sempre coreografadas) que agem e modificam os diferentes espaços. Podemos nos questionar: qual a corpografia dos vendedores para-formais ao centro? qual a corpografia das crianças na escola? qual a corpografia dos cachorros de rua? Para aprender a corpografar, é preciso modificar a postura e experimentar outras possibilidades de ocupar os espaços. Para corpografar as resistências é preciso fugir dos holofotes da cidade espetacularizada.

corporificar

Eduardo Rocha

Corporificar é organizar e deriva da ideia de organismo como corpo, originada na concepção de que nosso corpo é composto por várias células que se organizam em tecidos, formando órgãos. Estes órgãos, por sua vez, estão interligados, constituindo sistemas. A união desses sistemas forma um organismo, como é o caso do corpo humano na espécie humana.

Segundo Deleuze¹, a vida emerge em um movimento não orgânico, pois o organismo não se alinha com a vida; ele é, na verdade, seu aprisionador. Para o filósofo, o corpo é uma composição de forças. É possível identificar quais forças estão impulsionando um corpo, possibilitando, assim, a ativação de seu poder de afecção.

Nesse sentido, Deleuze destaca que, na Ética, Espinosa apresenta o corpo como um grau de potência expresso por meio de seu poder de afetar e ser afetado, e pelas afecções que influenciam a variação desse poder. Essa definição de corpo nos conduz diretamente à reflexão sobre os conceitos de afecções, afetos e potência.

De acordo com Deleuze, o corpo não é apenas uma entidade física e biológica, mas uma compreensão em termos mais amplos, abrangendo elementos conceituais e sociais. Ele introduziu a ideia de “corpo sem órgãos”, não se referindo a um corpo desprovido de órgãos físicos, mas a um conceito que transcende as estruturas

¹ DELEUZE, Gilles. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

organizadas e preestabelecidas.

No contexto deleuziano, o corpo frequentemente está associado a conceitos como multiplicidade, fluxo e devir. Deleuze estava interessado na dinâmica do corpo em constante transformação e resistente às formas fixas e às estruturas rígidas. Ao invés de perceber o corpo como uma entidade estável e limitada, ele enfatizava a fluidez, a imanência e a capacidade de se relacionar com o mundo de maneiras diversas e criativas.

Portanto, para Deleuze, o corpo é um conceito que ultrapassa a simples corporidade física, incorporando dimensões sociais, psicológicas e conceituais em uma compreensão mais ampla e dinâmica. Suas ideias desafiam as concepções tradicionais sobre o corpo, explorando suas potencialidades transformadoras e seu papel nas interações com o ambiente e o pensamento.

No contexto de um exercício da caminhografia, corporificar se refere ao processo de integrar o corpo na prática de mapear ou cartografar um espaço. Isso implica não apenas registrar visualmente a geografia física, mas também considerar as experiências corporais, sensações e interações pessoais com o ambiente durante a caminhada.

Ao corporificar a caminhografia, pode-se enfatizar a importância de incluir as percepções físicas, emocionais e subjetivas na representação do espaço. Isso envolve não apenas registrar as coordenadas

geográficas, mas também incorporar a experiência humana, as sensações do corpo, as relações espaciais pessoais e as emoções vivenciadas durante a caminhada.

Gilles Deleuze abordou a questão da criação em vários de seus escritos, e sua abordagem muitas vezes envolve a ideia de criar para além das normas convencionais. No contexto deleuziano, criar não se limita a um ato de produção simples, mas envolve uma exploração intensiva e singular do pensamento e da existência.

Criar é resistir. Para Deleuze, criar pode ser um ato de resistência contra as formas estabelecidas de pensamento e controle social¹. Envolve desafiar as normas e experimentar novas possibilidades, criando espaços para a multiplicidade e a diferença.

Criar é processo contínuo. A criação, em Deleuze, não é vista como um evento isolado, mas como um processo contínuo e em constante devir². Envolve a experimentação constante, a geração de novas ideias e a abertura para a transformação.

Criar é desejar. Deleuze associa a criação ao desejo, entendendo que o desejo é um motor para a produção de novos conceitos, formas e expressões³. A criação é, portanto, uma manifestação do desejo de explorar o desconhecido e escapar das limitações preexistentes.

Criar é politizar. Em obras como “Mil Platôs” (co-escrita com Félix Guattari)⁴, Deleuze destaca a dimensão política da criação. A criação pode ser uma forma de

¹ DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Trad. José Marcos Macedo. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 jun. 1999.

² DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. Trad. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2019.

⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

engajamento político ao desafiar as estruturas dominantes e ao criar alternativas que resistem às normas estabelecidas.

Criar é singularizar. Deleuze valoriza a singularidade e a multiplicidade na criação⁵. Ao invés de seguir modelos pré-definidos, criar envolve expressar as singularidades que são únicas a cada contexto, subjetividade e momento.

Criar é um ato de liberdade. Para Deleuze, a criação é um ato de liberdade. Envolve escapar das categorias tradicionais e criar conceitos, formas e expressões que são verdadeiramente originais, desafiando as estruturas preexistentes.

Nas práticas de caminhografia urbana, as reflexões de Gilles Deleuze sobre a criação adquirem relevância, pois destacam a importância de ir além das normas convencionais. Ao caminhar, a criação se manifesta como uma exploração intensiva e singular do pensamento e da existência, resistindo às formas estabelecidas de pensamento e de controle social. Cartografar, nesse contexto, torna-se um ato de resistência ao desafiar normas preexistentes e criar espaços para a multiplicidade e a diferença. A concepção deleuziana de criação como um processo contínuo e em constante devir ressoa nas práticas cartográficas, que envolvem a experimentação constante, a geração de novas ideias e a abertura para a transformação. A associação entre criação e desejo destaca-se ao explorar o desconhecido durante as caminhadas e ao mapear os territórios da cidade. A dimensão política da criação, como

⁵ DELEUZE. 2006. Op. Cit.

indicada por Deleuze, encontra eco nas práticas de caminhar e cartografar, onde o ato de “criar” se torna uma forma de engajamento político, desafiando as estruturas dominantes e propondo alternativas. Valorizar a singularidade e a multiplicidade na criação ressoa na cartografia, que busca expressar as singularidades únicas de cada contexto, subjetividade e momento. Por fim, a concepção da criação como um ato de liberdade encontra aplicação direta ao caminhografar, pois essas práticas envolvem escapar das categorias tradicionais, criando novos conceitos e formas que desafiam as estruturas preexistentes, promovendo uma abordagem verdadeiramente original e livre.

Na caminhografia urbana, criar, registrar e jogar interação de forma sinérgica. Ao exercitar nossa criatividade, reinterpretamos e reimaginamos a paisagem urbana, documentando-a em imagens e experiências. Nesse processo, nos envolvemos em interações lúdicas com o ambiente, desafiando e sendo desafiados pela cidade. Essa dinâmica estimula nossa imaginação e nos permite uma participação ativa e integrada na vida urbana.

Gustavo de
Oliveira Nunes

No campo epistemológico, criticar está relacionado à teoria do conhecimento e se refere a como nos aproximamos do objeto de pesquisa. A ideia de crítica foi introduzida no pensamento ocidental por Immanuel Kant, no séc. XVIII, mas sofreu transformações no decorrer do tempo. Em Kant, criticar não é julgar se algo é bom ou mal. Trata-se, antes de tudo, da crítica que a Razão faz a si mesma ao pensar a si mesma. Ao criticar, a Razão define aquilo que pode ser pensado antes da experiência, portanto a priori. Assim, Kant pressupõe a existência de faculdades inerentes à Razão, que já nascem com o sujeito racional e definem aquilo que podemos ou não pensar, estabelecendo os limites e as condições de possibilidade do pensamento. A verdade, portanto, não está na realidade, mas na maneira como a apreendemos. Ao caminharmos, juntos à Kant, nos perguntamos: Quais os limites se colocam ao pensamento quando tentamos apreender a cidade?

Georg Hegel, no início do séc. XIX, trata a crítica diferente de Kant, mas sem abandonar a ideia de Razão que, não estando dada de antemão, está em transformação. Numa existência, a consciência se depara com oposições que negam a si própria, entrando em contradição. A negação é novamente negada mas conservada em parte para, então, afirmar-se uma nova realidade que entrará, contudo, novamente em contradição. Nesse movimento

há uma lógica: a dialética, concebida como uma lei do devir universal¹. Nessa lógica, quando caminhamos pela cidade, buscamos menos entender o que ela é, mas encontrar os seus pontos de conflito e contradição. São nesses eventos que estão contidos os indícios de um futuro porvir.

No fim do séc. XIX, Karl Marx torna a crítica materialista, abandonando o Ser e a Razão e direcionando-a à economia política, preocupando-se em como a realidade dos homens e mulheres é transformada a partir de uma lógica dialética, que coloca opostos em contradição. Desse movimento surgem as lutas de classe, próprias ao capitalismo. A resolução desse conflito levaria, então, à um novo estado de coisas, a outro sistema político, econômico e social. Ao caminarmos pela cidade, tendo Marx como nosso interlocutor, procuramos entendê-la dentro do capitalismo, criticando suas contradições de classe, seus mecanismos de privilégio e exclusão, etc.

No século XX, a perspectiva marxista deu suporte à criação da Escola de Frankfurt, composta por um grupo de intelectuais em que se destacam Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, entre outros. Com o texto *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, de 1937, Horkheimer lança as bases para um grande campo epistemológico. Se a Teoria Tradicional se ocupa em analisar o presente, apresentando seu diagnóstico, a Teoria Crítica, ao mesmo tempo que realiza diagnósticos, tem como o objetivo primeiro a

¹ NOBRE, Marcos. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

emancipação dos seres humanos, oprimidos pelo sistema capitalista. Nesse sentido, buscaremos, ao caminhografar, agenciar práticas que nos apontem uma maior liberdade e justiça social.

No século XXI, vemos despontar uma grande fragmentação da realidade social, o que os autores pós-estruturalistas, que despontaram no cenário francês após os eventos de maio de 1968, já vinham anunciando. Para eles, a crítica está relacionada à experiência, portanto criticar é experimentar. Ao caminhografarmos, o que nos coloca já na experiência, nossas andanças são, por si só, críticas, pois não andamos apenas nos trajetos costumeiros que nos são oferecidos, ao contrário, buscamos o inusitado e os caminhos que nos levam a pensar diferente.

dançar



Débora Souto
Allemand, Carmen
Anita Hoffman,
Karen Domingues
Rodrigues
e Miriam
Brockmann
Guimarães

Imagem 12: dançar.
Fonte: Débora Allemand,
2024.

O verbete é apresentado em um vídeo, link disponível pelo QR Code (ao lado).

deambular

Celma Paese

Levar a **alma** para caminhar

Se entregar ao devaneio

andante

Do cor**ação** sonhante,

que, com os pés levit**ando**,

Conduz o corpo nos

caminhos **enevoados**

do delírio

de(s)colonizar

Andréia Moassab
e Amanda Reis

Adotando a pluralidade defendida pelo próprio pensamento decolonial e entendendo a ação de descolonizar como parte da decolonialidade, definimos, então, o verbo de(s)colonizar. Se descolonizar se refere ao ato de retirar a colonização, o adjetivo e conceito “decolonial” concerne a um arcabouço teórico desenvolvido, sobretudo, por pensadores e pensadoras latino-americanos, a partir do final dos anos de 1990, que problematizam o marco eurocêntrico da modernidade no Iluminismo. Para Ramón Grosfoguel e Walter Mignolo¹, não é possível compreender a decolonialidade apartada da modernidade e da colonialidade, pois ambas surgem num mesmo violento processo histórico. A expulsão dos mouros da península Ibérica no século XV, seguida da invasão da América e dos processos de colonização desse território, consolidou a modernidade, trazendo consigo diferentes formas de colonialidade, relacionadas às violências fruto do colonialismo, com destaque para a escravização de povos ameríndios e negros e as marcas deixadas na formação social dos territórios colonizados, mesmo após a sua descolonização. Esse processo tem continuidade nos séculos XVIII e XIX, se estendendo à Ásia e à África. Ainda hoje, essas violências seguem incrustadas na sociedade, agudizadas no processo de globalização decorrente da expansão capitalista e imperialista, principalmente estadunidense. Entre as colonialidades teorizadas por

¹ GROSFOGUEL, Ramón; MIGNOLO, Walter. Intervenciones descoloniales: una breve introducción. Tabula Rasa, Bogotá – Colômbia, n. 9, p. 29–37, jul./dez., 2008.

² QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires – Argentina, set. 2005. p. 117-142.

³ MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMÉZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (editores). El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-167.

⁴ Ibid.

⁵ BARRIENDOS, Joaquín. A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interepistêmico. Epistemologias do Sul, v. 3, n. 1, p. 38-56, 2019.

alguns grupos, pesquisadoras e pesquisadores, estão a colonialidade do poder²; do ser³, do saber⁴ e do ver⁵. Em síntese, uma abordagem decolonial considera, rigorosamente, a violência moderno-colonial-capitalista e a interseccionalidade de classe, raça, gênero, sexualidade e território ali implicadas. Decolonizar não é, portanto, sinônimo de descolonizar. É um ato crítico e político, entendido como práticas e modos de se colocar no mundo em resposta e resistência a tais violências históricas, que apesar de transmutadas ao longo do tempo, estão ainda hoje presentes.

democratizar

Dirce Eleonora
Nigro Solis

Em princípio democratizar significa colocar ao alcance e a serviço da maioria da população as decisões políticas, sociais, econômicas, culturais, entre outras. Para tanto, é preciso que o democratizar venha acompanhado da liberdade, tal como a experiência dos antigos cidadãos atenienses ensina. Daí se dizer que democratizar é uma invenção grega. O verbo democratizar é originário da palavra grega *demos*, subdivisões rurais em torno de Atenas e seu povo, os habitantes que faziam parte do *demos*. Democratizar, vem de democracia, onde *kratos* significa o governo ou poder dos *demos* e seu povo. O exercício da democracia não é descolado do direito à cidadania. Assim na Grécia antiga, o cidadão (*polites*) é o homem naturalmente livre e democratizar seria dar acesso aos direitos de homem livre aos habitantes do *demos*, excluídos os escravos, os trabalhadores braçais, as mulheres e crianças. Ao cidadão, livre, cabia decidir os destinos da cidade (*polis*) na assembleia, e o espaço privilegiado desse exercício era a *Ágora* (praça pública). Através do voto os cidadãos decidiam pelos interesses coletivos e por sorteio pela indicação aos cargos públicos. Tal processo envolvia dois princípios fundamentais que, séculos mais tarde, serão centrais para o ato de democratizar: a igualdade dos cidadãos perante a lei (isonomia), e o direito de expressão na assembleia (isegoria). Na modernidade, com a decadência do absolutismo, democratizar

atualiza politicamente esses princípios básicos: quem exerce o poder está submetido à lei e ao voto dos cidadãos; voto considerado um direito democrático a ser exercido por todos os indivíduos livres e iguais. Democratizar significa, assim, direitos iguais para quem tem os mesmos deveres. Mas na prática, temos uma série de democratizações diferentes, onde muitas vezes se esquece do povo para legislar em função dos interesses de uma minoria privilegiada. Democratizar seria estender os direitos à saúde, à educação, à socialização, à moradia, à decisão política a todos os habitantes de um determinado local, o que nem sempre acontece. No capitalismo democratizar é modo de acumulação do capital, o que gera uma infinidade de expatriados, de sem-tetos, excluídos e não-cidadãos. Para ser inclusivo, democratizar deveria ser o aperfeiçoar de um por vir, um ainda por se fazer.¹

¹ SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. Cidade e Cidadania. In: HÜHNE, Leda Miranda (org.). Fazer Filosofia. Rio de Janeiro: Ed. UAPÊ, 1994.

derivar

Marcela
Montalvão Teti

De acordo com Debord¹, a deriva é um movimento de deslocar-se na cidade. Tecnicamente, é realizada por dois ou três indivíduos. O momento de iniciar e de terminar é indiferente. As horas podem ser fixadas a priori, deliberadamente, ou serem fortuitas e derivar na madrugada não é apropriado. Seu exercício não é puro. É muito comum haver distrações, cansaço, ocupações banais. O campo em que se deriva é um pouco vago, mas não supera os limites de uma cidade. Seu limite mínimo pode ser uma unidade ambiental, uma estação de metrô. A deriva conta com o auxílio de mapas topográficos, ecológicos, psicogeográficos. No entanto, o que mais interessa é o comportamento desconcertante em um encontro possível.

O encontro é determinado pelo próprio indivíduo ou sugerido por outro, num cenário que pode ser conhecido ou não. Chegando ao lugar que se fixa, observa-se os arredores, conversa-se com os transeuntes ou com quem quer que apareça. De acordo com Debord, para quem o método é também um passatempo com recursos quase sem fim, o intuito é procurar perceber as articulações psicogeográficas de uma cidade. A deriva é um movimento que se contrapõe aos cálculos, às previsões, porque estabelece análises que procedimentos topográficos não alcançam.

A errância é uma postura. Ainda que a intenção do situacionista seja diferente

¹ DEBORD, Guy. (1956/1958). Teoria da deriva. In: JACQUES, Paola Berenstein (org.). Apologia da deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade/Internacional Situacionista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

da do flaneur², é sua figura e estado de ânimo que se estimula em uma deriva urbana. Personagem imortalizado por Baudelaire³, o flaneur se perde na multidão, mas não se esconde permanecendo no limite da alteridade e do anonimato. Ele se realiza ao se sentir parte da população, emergindo do estranhamento, em meio a desconhecidos, promovendo encontros, esquivas e possibilidades distintas. O flaneur faz uma “apreensão aguçada na escala micro”, pratica a escuta do outro, mas não se confunde com o homem blasée⁴. Para Jacques este é passivo, alienado.

A deriva é, portanto “*detenerse en la importancia que las prácticas sociales efímeras, invisibles e insignificantes puedan tener para su comprensión*”⁵. Seu esforço é fazer falar o que é encoberto pela racionalidade urbana, os “saberes sujeitados”⁶ que habitam a multidão quando o corpo errante se coloca para auscultá-los.

² JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

³ BARRETTO, Margarita. Cultura e turismo: Discussões contemporâneas. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

⁴ SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. Mana. 11 (2), 205, p.577-591, 2011.

⁵ PIÑEIRO, Concepción; DÍAZ, María José. Perdiéndonos en la ciudad: El consumo responsable como mensaje, la ciudad de Madrid como ecosistema comunicativo. Athenea Digital, 12(1), 2012, p. 67-88.

⁶ FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: Cursos no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

descontrolar

Carolina Frasson
Sebalhos

Descontrolar na caminhografia significa improvisar no definitivo. Caminhografar na cidade entendendo cada força e cada linha de poder que exerce sobre as caminhógrafas. É entender essas forças como potência para o despoder, para o descontrole. Desavisar, desalinhar, desfazer qualquer concepção feita no imaginário e percorrer, a partir daí, novas linhas desfeitas e refeitas do real. Enxergar os poderes que nos cerceiam requer um olhar atento sobre o que somos e o que representamos para o poder.

Segundo Foucault¹, o governo controla as relações de poder que afetam as crianças, doenças, famílias, enquanto instituições em que o Estado também controla sobre a ordem pedagógica, judiciária, econômica, familiar, sexual. Esse poder estratifica a família, a religião, o mercado, a arte, como mecanismo operatório. Para o poder a estatização é fundamental para exercer o controle.

Dessa forma, as instituições carregam dois elementos: as regras e os aparelhos de controle, organizados na forma de ver – campo de visibilidade – e de discurso – regimes de enunciados². Esses saberes compõem a forma de controle em cada instância da vida, privada e/ou pública. E é na instância pública que está nossa urbe e suas várias maneiras de vivência e subversão, mas também na privada estão as forças que nos controlam, e por isso, é

¹ FOUCAULT, Michel. História Da Sexualidade I: vontade de saber. Coleção Biblioteca de Filosofia. Trad. Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Guerra e Paz, 2018.

² FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Coleção Tópicos. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

necessário um olhar mais que atento para que possamos descontrolar (n)as amarras que nos prendem.

Descontrolar é então, a passagem do escrever para o compor (n)a cidade, redigir as linhas do controle e do poder, assimilar as forças manipuladoras e utilizá-las como propulsora de novas linhas, novas escritas, novas composições da, para e na cidade.

Para descrever em caminhografia urbana o lugar de fala-escuta precisa coexistir com o lugar de escrita. Enquanto um modo de procedimento-ação, que na caminhografia urbana, abre espaço para quem quiser dizer e fazer. Diz sobre um mapeamento escrito em potência, como uma ponte, entre a pesquisa formal e as experiências “do outro”. Assim, para descrever é preciso transcorrer por esses, e outros, lugares do psiquismo, da poesia, da ousadia, do pulsar de vida.

O “como” acontece enquanto caminhográfico com o meu corpo atento, àquilo que por vezes vejo (ou não). Por exemplo, quando outros (ou os meus) olhos encontram ouvidos, falas, movimentos e cheiros - esses que em algum momento irão ressoar no meu corpo em transcrição.

Quem descreve, deve compreender e praticar o coabitar entre a fala e a escuta, talvez esse seja o ponto fulcral do “como” aqui descrito. Para a práxis de pesquisa de quem caminha e descreve, é importante reconhecer a coexistência entre a fala e a escuta. Uma vez que, para que diferentes vozes sejam de fato ecoadas, visibilizadas e legitimadas, elas precisam também ser ouvidas.

Portanto, quem descreve defende que não há voz sem escuta. Há que haver transmissão: (des)creve-ção.

Descrever é usar os sentidos do corpo para dizer sobre os acontecimentos que nos encontraram durante o processo de caminhografar - cada qual com seu corpo, do seu modo, com seu tom, sua letra e sua palavra.

Descrever é compor em mapa letra, para dizer sobre as ressonâncias no corpo caminhógrafo - seja antes, durante ou depois de “estar em” campo. É colocar o seu corpo em digestão e comunicação.

Aquele que descreve diz para si e para o outro, sobre o que lhe percorre o corpo em estado de caminhografia.

Carolina Corrêa
Rochefort, Rafaela
Barbosa Ribeiro,
Amanda Martins
de Abreu, Maíra
Câmara Neiva e
Luana Reis Silvino

1.

DIENSVEENNHTAARR

2. Falar outra língua;

3. Um modo-maneira de pensar, perceber
e quiçá fazer composição com o entorno e
o interno (intorno);

4. Brincar com as realidades, com o que
são consideradas verdades;

5. Inventar uma ambiência;

6. Inscrever uma ideia no mundo;

7. Dar visualidade ao pensamento.

Imagens 13 e 14 : desinventar. Fonte: Carolina Rochefort, 2024.



Prática de deslocar-se em e a partir de Pelotas e região, no sul do Rio Grande do Sul junto ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC (CNPq/UFPel). Perambular com “cartões de vista mirante”, pelas Tramoeiras, fazendo conexões, pela desorientação, perdendo-se, encontrando-se, marcando vistas, criando esculturas/arquiteturas espontâneas sulinas. Condição de andante, pisante, caminhante, errante, flanante, deambulante, nômade, desviante, selvático, passante. Campereando. Invenções e inventários de territórios e compartilhamentos. Passagem, cruzamento, atravessamento de fronteiras, marco de vista. Olhar de modo atento e crítico. Movimentos corporais e espirituais pelos caminhos concretos e/ou subjetivos de nossos territórios. Caminhos da memória, do devaneio, do pensamento, do sonho, da arte, dos saberes. Deslocamentos por territórios reais e imaginários. Desvio corporal, mental, espiritual, virtual, sensorial, ancestral. Transitar de ônibus, a pé, de carro, bicicleta, skate, linhas, redes, de barco, voos, elevadores, escada rolante, esteiras, tirolesa, metrô, bondinho, trem, vagoneta, patins. Pelas ruas, casas, corpos, malhas urbanas, estradas, correios, periferias, matas, praias, espaços digitais, florestais, sociais, mentais, amorosos, ancestrais, urbanos, campesinos, fronteiriços, concretos, subjetivos, afetivos.

Duda Gonçalves,
Tatiana Duarte,
Adriane Corrêa,
Barbara
Larruscahim,
Fernando Rocha,
Bárbara Calixto,
Bianca De-Zotti,
Olívia Godoy
Collares, Pedro
Elias Parente e
Mariana Silveira

Compartilhamentos de falas, palavras, cartografistas, mapas, fotografias, performances, movimentos, desenhos, cartões postais, filtros de mídias sociais, vídeos, impressos, livros, gestos, narrativas, escrituras, esculturas móveis, marcamentos - desmarcamentos, desamontoamentos - desenterramentos - desenmaranhamentos, fabulações, experimentações, conversações, diálogos, mensurações, transposições, lambe-lambes, cartas de tarô, instalações, bordados, sons, nós, alinhamentos, cartas, adesivos, carimbos, jogos. Sair por aí a esmo, por rotas, pontos de partida e chegada. Deslocar é traçar linhas que conectam diferentes coordenadas geográficas, sociais, políticas, culturais e poéticas.



Imagens 15: deslocar.
Fonte: Grupo DESLOCC,
2024.

Bárbara de
Bárbara Hypolito

Profanar as estruturas e os modelos hegemônicos, individualizantes, normativos e excludentes. Desobedecer, nesse sentido, invoca uma ação do corpo em dar forma a uma própria liberdade, de obedecer a si próprio, à sua própria ética, como “uma declaração de humanidade”¹. Desobedecer a ordem² indica um caminho para a abertura de processos de libertação das formas de sujeição e subjetivação capitalísticas e neoliberais aprisionantes.

A desobediência, no contexto contemporâneo, envolve sair das telas e se defrontar com o mundo, a rua e a cidade; permitir-se à relação imprevista com a diferença, com as multiplicidades do mundo e do outro, com a possibilidade de viver experiências que produzem incômodos por desestabilizar os territórios conformados do sujeito sujeitado; estabelecer novos usos *no e por meio do* território urbano; criar novos modos de se relacionar consigo e com o outro; criar alternativas de enfrentamento contra as forças macro hegemônicas a fim de impulsionar a ação das forças desejantes dos corpos a criações singulares, partindo para a luta coletiva. Por meio da desobediência, forças dessubjetivantes podem ser acionadas possibilitando a produção de novos agenciamentos territoriais, nos corpos e nos territórios, e a criação de novos espaços de liberdade e libertação³ capazes de impulsionar a modos de subjetivação anticapitalísticos⁴

¹ GROS, Frédéric. *Desobedecer*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

² *Ibid.*

³ HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora YIN É, 2018.

⁴ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica – Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

e à constituição de subjetividades mais emancipadoras. Desobedecer, no contexto urbano, indica, ainda, um processo de profanação das estruturas dos modelos hegemônicos e individualizantes, aprendendo “a fazer delas um uso novo, a brincar com elas”⁵. Tal feito pode ocorrer por meio do uso e da ocupação dos espaços ociosos e abandonados da cidade forjando espaços coletivos libertários onde diferentes vidas, práticas de contracultura e de ação política convivem, ativismos e militâncias dialogam e, através de uma rede de encontros e relações de cooperação constitutivas autogeridas, fortes laços de solidariedade e de empoderamento coletivo são construídos. Como uma forma de desobedecer aos tentáculos do regime neoliberal e financeirizado⁶ que tanto produz quanto consome o território urbano. Nesse processo, a cidade passa a ser pensada como um território experimental e, por meio do qual, outros possíveis modos e arranjos de vida coletiva são inventados, frente ao modelo sócio-urbano que tanto rege quanto produz as diferentes formas de marginalização, desigualdade e exclusão social nos territórios das cidades.

Na prática da caminhografia, implica desobedecer aos territórios conformados da cidade, desviando de seus usos prévios, reativando territórios ociosos e profanando a produção de mapas, enunciados e imagens homogeneizadores.

⁵ AGAMBEN, Giorgio. Profanações. Trad. e Apr. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 75.

⁶ ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: notas para uma vida não ca-fetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

desorientar

Desorientar tem origem no latim. Ele deriva do latim *disorientare*, que é formado pela combinação de *dis-* (indicando negação ou afastamento) e *orientare* (orientar). A palavra latina *orientare* por sua vez tem relação com *oriens*, que significa leste ou nascente, a direção onde o sol nasce.

Desorientar é um verbo que se refere ao ato de perder ou confundir a orientação ou a direção. Pode ser utilizado em diferentes contextos, seja físico, emocional ou cognitivo, indicando uma sensação de desequilíbrio ou falta de referência.

Quando caminhográfamos podemos desorientar andando a “zonzo”, numa sensação de tontura, bêbados, drogados, etc. Nos desorientamos “andando a zonzo”, no contexto do arquiteto Francesco Careri¹, que refere-se à prática de caminhar sem um destino predeterminado, seguindo o impulso do momento, permitindo que o caminho seja determinado pela experiência e pela interação com o ambiente. Essa abordagem de caminhar sem rumo fixo está relacionada à ideia de descoberta, exploração e conexão mais íntima com o espaço urbano ou natural. Careri defende a importância de experimentar a cidade ou o ambiente de uma maneira mais aberta e sensorial, em contraste com rotas predefinidas ou itinerários fixos.

Como também “desorientar” ziguezagando, em zigue-zague, geralmente

Eduardo Rocha,
Alissa Xavier Alves,
Aline Nascimento
dos Santos,
Eduardo Silva da
Silva e Gabriela
Droppa Trentin

¹ CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

associados a um caminho sinuoso, não linear ou imprevisível. Quando alguém está desorientado, pode agir ou mover-se de maneira irregular, fazendo ziguezagues, indicando uma dificuldade em manter uma trajetória reta.

No diálogo entre Gilles Deleuze e Claire Parnet², o “Z de Ziguezague” é explorado como uma letra formidável associada a diversos filósofos e conceitos, desde Zen até o trajeto sinuoso da mosca. Deleuze propõe que o “Z” deveria substituir o conceito do Big-Bang na criação do universo, destacando-o como o movimento elementar que preside a formação do mundo. A discussão avança para abordar como o ziguezague relaciona potenciais díspares, introduzindo a ideia do “precursor sombrio” que conecta diferentes possibilidades, resultando em eventos visíveis, como um raio.

Desorientar na prática da caminhografia é um verbo que denota a perda ou confusão da orientação ou direção, seja em contextos físicos, emocionais ou cognitivos, gerando uma sensação de desequilíbrio ou falta de referência.

² DELEUZE, Gilles. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Entrevista com Gilles Deleuze. Editora: Brasil, Ministério de Educação, “TV Escola”, 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.

Desterritorializar, no contexto do conceito de “ritornelo” de Gilles Deleuze e Félix Guattari¹, está ligado à sua teoria da música e à sua aplicação em outros campos, como a filosofia e a psicologia. Para entender isso, é útil primeiro compreender o que é o “ritornelo” em Deleuze.

O ritornelo é um conceito musical que Deleuze e Guattari adaptaram e expandiram de sua aplicação original na música para uma variedade de contextos. Originalmente, um ritornelo é uma linha melódica ou frase que se repete regularmente em uma peça musical, muitas vezes servindo como ponto de retorno ou refrão. O ritornelo é sempre composto por uma sequência que compreende o territorializar, o “desterritorializar” e o re-territorializar, repetitivamente ao infinito.

No entanto, Deleuze e Guattari extrapolaram esse conceito para descrever padrões repetitivos ou estruturas rítmicas que podem ser encontradas em uma variedade de fenômenos, não apenas na música. Em seu livro *Mil Platôs*, eles aplicam o conceito de ritornelo não apenas à música, mas também à linguagem, aos padrões de comportamento, aos espaços geográficos e a muitos outros aspectos da vida.

A desterritorialização, então, ocorre quando esses ritornelos são quebrados ou deslocados de seus contextos habituais.

¹ Deleuze Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 4, 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

Isso pode acontecer de várias maneiras, como quando uma linha melódica é deslocada para uma harmonia diferente na música, ou quando uma palavra ou conceito é retirado de seu uso comum e aplicado de uma maneira nova e diferente na linguagem.

No contexto da música, a desterritorialização pode ser um processo criativo, onde os músicos exploram novas maneiras de organizar o som, quebrando padrões tradicionais e criando algo novo e inovador. Da mesma forma, na filosofia ou na psicologia, a desterritorialização pode envolver questionar as estruturas existentes de pensamento ou comportamento e abrir espaço para novas possibilidades e perspectivas.

No contexto da caminhografia, a desterritorialização refere-se ao processo de romper com os padrões convencionais de movimento e mapeamento, explorando novas formas de experiência e representação do espaço. Essa abordagem está alinhada com as ideias de Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a desterritorialização como uma quebra de limites e a criação de novas linhas de fuga. O caminhógrafo pode transcender as fronteiras estabelecidas, criar novos significados para os lugares e experimentar o espaço de maneiras mais fluidas e dinâmicas.

desumanizar

Édio Raniere
da Silva

Desumanizar é um verbo que se costuma evitar. É como lavar a louça. Sempre que possível empurramos com a barriga, vamos deixando para daqui a pouco. Mas lá pelas tantas a feijoada fica pronta e aquele prato com os restos de cachorro-quente vai se tornando mais incômodo do que o trabalho de esfregar nele água e sabão.

Obviamente existem pessoas que não lavam os seus pratos. Eles sujam, mas não lavam. Aqueles que possuem tais privilégios são conhecidos como humanos. As promessas, os chicotes e a fome, durante muito tempo, nos fizeram acreditar que um dia participaríamos deste clube de exceção. Contudo, para que haja humanos é preciso que alguém capine, plante o aipim, recolha o lixo, entregue o gás, cozinhe, lave a roupa, construa a casa, a estrada e a ponte, escreva o verbete, faça o pão, limpe a casa, venda a carne do boi... e lave a louça. Além de nos separar dos humanos o excepcionalismo é aquilo que nos leva a competir entre nós. Diante aquele que recolhe o lixo das ruas quem escreve o verbete é sempre mais humano. Fomos seduzidos, enganados, colonizados por uma imagem: brancos/cristãos ✕ humanos ✕ gente com alma. Até que se prove o contrário os demais serão considerados desumanos, desalmados, sem alma. Essa dúvida marcou o início da modernidade¹. Mas o mesmo conceito – Humanidade – permite à um europeu

¹ GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas:: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Sociedade e Estado, 31(1), 25–49, 2016.

² MUJICA, José. Europa Quer Impor ao Mundo Agenda Verde. Vídeo (15:32).

³ Sobre Atual e Virtual em Deleuze ver: DELEUZE, Gilles. O Método de Dramatização. In: A ilha deserta e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2004. Consultar também: DELEUZE, Gilles. Bergsonismo. São Paulo, Editora 34, 1999.

⁴ A respeito do conceito de Linha de Fuga em Deleuze e Sauvagnargues ver: RRANIÉRE DA SILVA, Édio. Deleuze e a arte: uma leitura da obra de Anne Sauvagnargues. Paralelo 31, 2(15), 36, 2020.

⁵ STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil. Porto Alegre, L&PM: 2021.

⁶ KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. Os ancestrais animais. In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Ver também: ESBELL, Jaidier. O'MA'KON. Bicharada. Reunião de Bichos. Mo-quém Surari: Arte Indígena Contemporânea. Catálogo da Exposição: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2021.

ou norte americano dos dias de hoje perceber-se exceção diante colombianos, nigerianos, indianos. Sou mais civilizado, mais humano, mais ecológico que essas pessoas². Se esse humano é de esquerda ele se pergunta: o que posso fazer para aperfeiçoar esses subdesenvolvidos? Já os de direita se questionam: como faço para manter esses animais distantes do meu clubinho? Nesse sentido o racismo, a xenofobia, o patriarcado, o machismo são variações constantemente atualizadas de um mesmo virtual³. Desumanizar é encontrar/criar linhas de fuga para tais armadilhas⁴. Desumanizar é afirmar uma nova posição frente as velhas promessas – das esquerdas – e das constantes violências – das direitas. Foi assim que Cunhambebe gargalhou diante o humanismo cristão de Hans Staden: eu não sou humano, sou uma onça⁵. Desumanizar é dar-se conta de que nossos parentes são os bichos, os rios, as montanhas, as árvores⁶. Desumanizar é compreender que isso que nos faz uma exceção da natureza é o mesmo que nos hierarquiza. Os humanos se sustentam na ideia de que o homem foi feito a imagem e semelhança de um Deus que lhe concedeu o direito de subjugar todos os demais⁷. Aceitar que a morte de Deus, anunciada por Nietzsche, dará fim ao homem não basta⁸. A louça não vai se lavar sozinha. Desumanizar é combater o humano em nós. Combater aquele que ocupa, desde o cogito de Descartes, a posição que um dia foi a do olho de Deus e que cada vez mais garante fundamento à expansão colonial⁹. Mas não se assuste. Lavar essa louça nem é tão difícil quanto parece. O caso é que desumanizar é um

verbo-leão. Um dia não precisaremos mais dele. Um dia seremos leves como a criança¹⁰ que mora em Nego Bispo. Nesse dia poderemos simplesmente sorrir e afirmar “(...) eu não sou humano. Os humanos são os eurocristãos monoteístas”¹¹.

⁷ BÍBLIA SAGRADA. Trad. de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Edição Contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 1995, versículos 26-29.

⁸ FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Coleção Tópicos. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁹ GROSGUÉL. Op. Cit.

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹¹ SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu editora/PISEAGRAMA, 2023.

Isabella Khauam
Maricatto

A palavra devir vem do latim *devenire* e quer dizer: tornar-se, chegar a ser, ser esperado no futuro, formada por *de-*: para fora, mais *venire*: vir, a qual se conecta ao grego *baínein*, que significa andar.

Para Deleuze e Guattari, o devir é definido em um campo de multiplicidade, no qual há o desdobramento da diferença: as forças constituidoras de corpos aproximam-se entre si em relações de coexistência constituindo uma zona fronteira. A reciprocidade e/ou mutualidade implicada nessas zonas é estabelecida entre termos envolvidos (pelo menos dois): ora em relação a dois sujeitos - onde se aproximam dois reinos da natureza e a mutação de cada um deles; ora atrelada à sensibilidade e o objeto que desencadeou essa percepção ou afetividade; ora referindo-se a uma faculdade criativa e o seu objeto¹.

Com base na filosofia da diferença, pode-se dizer que o devir traz uma mudança inerente, constitui um processo de desvio de decisão e ação política já pré-definida, e, ao mesmo tempo, traz uma abertura à criação de outros modos de pensar e agir politicamente². Em todo há um ser em devir, não que a mudança seja intrínseca, mas a captura do devir na mudança não designa caracteres identitários estáveis. Nesse sentido, o devir está na estranheza do que ainda não é familiar e assume uma distância do que é identitário.

¹ ZOURABICHVILI, Françoise. O que é um devir para Gilles Deleuze? (Parte 1). Trad. Diogo Corrêa Silva. Revisão: Samantha Sales. 27 mar. 1997. Horlieu (Lyon).

² Devir-caminhógrafa; devir-mulher; devir-cartógrafa; devir-menor; devir-animal; devir-criança; devir-planta; devir-fungo.

No contexto da caminhografia, podemos dizer que não se caminha apenas com passos em direção a alguém e/ou algum lugar. Apesar da repetição motora, a distância e deslocamento impostos pelo ato são estabelecidos no próprio percurso caminhado. Cada encontro é um acontecimento e não há previsão de como serão as modificações e reverberações de cada experiência. Há também uma atualização de tempo imbuída no processo: no deslocamento, na mudança e no espaço do acontecimento. O tempo oferece maior contato, intimidade, experiência e abre-se para tudo o que é devir como não definitivo. Há devir ao repetir o gesto do passo - um atrás do outro. Há devir pois há espaço para o acontecimento, abertura para a diferença. No devir caminhográfico o corpo que caminha se transforma ao caminhar. O tempo da paisagem (walkscape³), da vegetação, da topografia, assumem devires implicados. A pulsão de vida não-humana também coloca perspectivas de tempo relacionadas em devires, por exemplo: devir terceira paisagem⁴.

³ CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

⁴ Ver mais em: MARI-CATTO, Isabella Khauam. Entre Cursos de um Arroio: Cartografia Urbana em Devir Terceira Paisagem. Pelotas, PROGRAU/UFPel, 2022. (dissertação de mestrado).

dialogar

Taís Beltrame
dos Santos

Ato profundo de comunicação que envolve respeito, reciprocidade e construção do conhecimento. Troca de ideias, pensamentos, informações e perspectivas visando a compreensão de algo ou alguém.

Dialogar predispõe o intercâmbio e o entrelaçamento de pensamentos, a partilha de um lugar comum e a pespectiva paralela ou desviante. Contribui para a formação de uma experiência de mundo mais plural e para o desenvolvimento da linguagem, do pensamento abstrato, das corporgrafias e das inteligências trans-relacionais. Dialogar é abordagem para o desenvolvimento da compreensão e do encontro com a alteridade pelo questionamento constante e pela coevolução das perspectivas individuais, visando uma consciência mais profunda do mundo e de si.

O diálogo não se limita à comunicação entre seres humanos, mas se estende a interação com objetos, animais, conceitos e até mesmo com o próprio mundo. Dialogar é estabelecer via de transcendência intelectual e emocional que desafia as barreiras do pensamento isolado, incentivando a interconexão de experiências e a construção conjunta do saber, onde múltiplas vozes e perspectivas podem se entrelaçar, criando um espaço de experimentação e de constante transformação.

Para Gilles Deleuze e Claire Parnet¹,

¹ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

dialogar não se resume a uma mera troca de palavras entre dois ou mais indivíduos. É um processo criativo e experimental que visa romper com as formas tradicionais de comunicação e abrir espaço para novas ideias e possibilidades. O diálogo rompe com as dicotomias e oposições tradicionais, como sujeito e objeto, verdade e erro, razão e emoção. Possibilita o traçado de novas linhas de fugas abrindo caminho para a criação de realidades e formas de pensar dialógicas.

Na caminhografia, dialogar permite explorar diferentes territórios e diferenças, nunca em busca de um consenso absoluto e homogeneizador. O diálogo não quer representar a experiência, mas antes, ser também parte da experiência. É um processo nômade que se move livremente por entre os saberes plurais, históricos, sociais, econômicos, intempestivos, virtuais e dimensionais.

Lorena Maia
Resende

Ato de reconhecer e penetrar no tempo (temporalização) e no espaço (espaçamento) de ser Outro, discernível na dinâmica incapturável da alteridade. Diferenciar não é apenas dizer que uma coisa não é igual a outra, que são distintas. Diferenciar se aproxima da *différance*¹ do filósofo Derrida, que não é nem uma palavra, nem um conceito, mas sim uma relação entre as coisas, uma conjuntura, movimento e acontecimento.

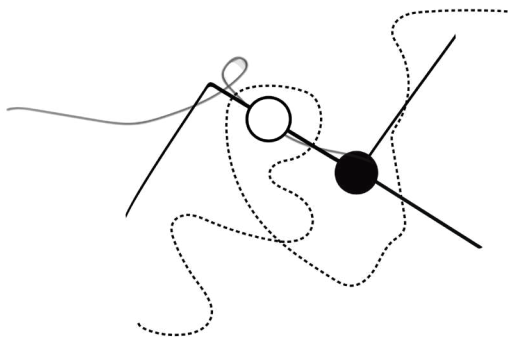
Différance é um recurso de montagem para se aproximar da rede de rastros no intenso jogo de expressão da diferencia-lidade. O neografismo de *différance*, ao substituir a vogal ‘e’ (de *différence*) por ‘a’, é meramente uma mudança gráfica, percebida na escrita ou na leitura, mas não na escuta. Recurso que escapa às polaridades do sensível e inteligível ou do signifi-cante e signo, quer dizer, a mudança gráfica da *différance* indica uma mudança silenciosa e invisível para a escrita. *Différance* não está em nenhum dos pólos, mas sim entre as oposições, ou seja, ela é puro efeito. “A *différance* produz o que proíbe, torna possível aquilo mesmo que torna impossível”². Dessa forma, o intuito da *différance* está em potencializar a acolhida das diferenças, respeitar a sua natureza enquanto diferença em si, dar tempo e espaço para seus efeitos e afetos.

Na caminhografia, o exercício de diferenciar acontece no momento em que

¹ DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Trad. de Joaquim Torres Costa. São Paulo: Editora Papirus, 1991.

² DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. de Miriam Schnaiderman e Renato Janine. São Paulo: Editora perspectiva, 2008, p.176.

o “caminhocartografante” se desloca no tempo (desvio) e no espaço (rasstro) para acolher o Outro, irrestritamente. Identificar como as coisas se posicionam em relação às suas próprias possibilidades, ativas enquanto atualizadas. Diferenciar, em hipótese alguma, é comparar ou questionar ‘o que’ ou ‘quem’ ou ‘por que’ as coisas são diferentes, fato perigoso, pois insere a *différance* em uma posição limitante e subordinada a uma metafísica da presença. No contexto da experimentação urbana, diferenciar também é “trazer a cidade do Outro para si”, como explica Celma Paese³. A partir do momento em que o cartógrafo se permite errar na cidade, está aberto a acolher territórios outros, por vezes, marginalizados e invisibilizados. Atitude que propicia o deslocamento das identidades espaciais até então “validadas”. É comum a sensação de desconforto ou insegurança ao adentrar no universo do Outro, uma vez que esse encontro desconstrói o que até então estava seguro e estável. Mas é a *différance* que nos mostra as possibilidades infinitas de ser e estar no mundo.



³ PAESE, Celma. Contra-mapas de Acolhimento. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2016. (tese de doutorado), p.79.

Imagem 16: diferenciar.
Fonte: Lorena Maia Resende, 2024.

Taís Beltrame
dos Santos

Domesticar vem de *domesticāre*: “tornar doméstico”, derivado de *domus*, que significa “casa”. “A casa guarda o dome, o domínio. O domínio que dociliza¹ os corpos e conforma as cidades com sua ordem disciplinar de limites, ordens, leis, hierarquia, muros, cercas e falos”². É no domínio da casa, junto à ela, que domesticamos os animais e as plantas para que nos sirvam ou para devorá-los. “Somos levados a aprender desde cedo erroneamente que a casa se constitui nessa grande separação do mundo selvagem, ao assinalar a separação do homem com natureza”³. Não basta, aliás, apenas ter casa, é necessário construir uma lista de domos, domínios: igrejas, escolas, templos, hospitais, prisões, manicômios, fábricas, ruas, praças, parques, cinema, bancos, aeroportos, cemitérios. Domesticar é esse alastramento extensivo. É a criação de uma separação dicotômica entre certo e errado, dentro e fora, sagrado e profano, dócil e selvagem. Domesticar é construir cercas, muros, baias, ruas, limites. É fácil entender, então, que a cidade é o canteiro da domesticação humana, e o arquiteto seu grande planejador domesticador.

¹ O latim *docile*, ensinar – daí a docência. A docência dociliza.

² FUÃO, Fernando. Arquitetura e domesticação I. Arqtextos, São Paulo, ano 23, n. 272.00, Vitruvius, jan. 2023.

³ Ibid.

⁴ DELEUZE, Gilles. Post-s-cryptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. Conversações: 1972– 1990. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

A domesticação é o alicerce da escravidão, da catequização, da colonização, da modernidade e sua domesticadora industrialização, ou mesmo da servidão voluntária da sociedade do controle que nos apresenta Deleuze⁴, onde o sujeito é continuamente *desterritorializado*, ou

ainda, da sociedade do rendimento de Byung-Chul Han⁵, onde o sujeito domesticado é autor de sua autoexploração. É ela que estabelece o tempo, o relógio, o turno, para além dos desejos, das intempéries, dos cataclismos. É a domesticação que dociliza, anula as emoções e a revolta. É a docilização que nos faz caminhar em corredores nos mercados, sentar em cadeiras⁶, ou scrollar o celular até o infinito. Domesticação, escravidão, catequização, colonização, industrialização, virtualização, civilização, ou mesmo a servidão voluntária estão interligadas. A domesticação opera por tecnologias.

Na caminhografia urbana, buscamos extrapolar a domesticação, sabendo dos limites de o fazê-lo em cidades. Saímos das casas, das universidades, dos domínios e vamos ao encontro ao indômito, ao indomável, ao não domesticado. Queremos sair das propriedades privadas e atravessar a vida que pulsa para além das docilidades das ruas, extrapolando as regras da cidade planejada e sedentarizada, das leis e da ordem que orquestram nossa vida coletiva em repetições mediadas e controladas. Na caminhografia queremos descontrolar, serelentar, libertar, ir. Habitar o minorizado, o selvático e a diferença.

⁵ HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes. 2015.

⁶ Ver mais em: FUÃO, Fernando. Sobre Cadeiras e Clareiras: uma leitura sobre a domesticação em Regras para o parque humano de Peter Sloterdijk - parte I. Píxo: Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, Pelotas, v.03, n.11, p. 20-51, primavera, 2019.

FUÃO, Fernando. Sobre Cadeiras e Clareiras: uma leitura sobre a domesticação em Regras para o parque humano de Peter Sloterdijk - parte II. Píxo: Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, Pelotas, v.04, n.12, p. 18-37, verão, 2020.

Édio Raniere
da Silva

Dramatizar é um verbo metodológico. No terceiro capítulo de Nietzsche e a Filosofia – A Crítica – Deleuze o apresenta como o método de Nietzsche. Seria mais um filho feito pelas costas? Talvez. Mas vindo ele das bandas de lá ou de cá em que medida o tal método de dramatização pode nos ajudar a pesquisar aquilo que estamos pesquisando? Seria possível acioná-lo em meio as nossas caminhografias urbanas? Trata-se de colocar a seguinte questão: o que quer? O que quer a imagem, o conceito, a cidade, que estou cartografando? Ao invés de se perguntar o que a vontade – do sujeito – quer, o método de dramatização no leva a problematizar aquilo que quer na vontade. Quem quer em mim? Que forças são essas que me levam a pensar desse ou daquele modo? O que essas ruas, essas casas, esses postes e suas gambiarras querem em mim? Numa aliança com o pensamento selvagem¹ seria possível, também, cartografar florestas: o que essas cachoeiras, essas árvores, essas montanhas, esses bichos querem em mim? Quando caminho pelas ruas ou pelas trilhas um conjunto de forças me leva a pensar, experienciar, caminhografar de um determinado modo. Quando dramatizo minha pesquisa percebo que não sou eu propriamente quem diz, pensa ou experiencia. “O que quer quem diz isso, quem pensa ou experimenta aquilo? Trata-se de mostrar que ele não poderia dizê-lo, pensá-lo, ou senti-lo se não tivesse tal vontade, tais forças, tal maneira de

¹KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

ser”². Para dramatizar uma pesquisa partimos de uma orientação cartográfica. Mas é importante não confundir a cartografia com o método. Cartografar não se reduz a acompanhar processos. Preferimos imaginá-la como uma ética e/ou uma política do pesquisar na diferença³. A partir dela a metodologia universalizante, molar e estriada, sempre comemorada pela modernidade, deixa de fazer sentido. Nossos problemas de pesquisa passam a evocar, cada qual a sua maneira, um novo procedimento. Por isso, somos forçados a criar, inventar, constituir para cada investigação novas ferramentas. O método de dramatização, portanto, não é uma metodologia. Ele não atua sozinho. Seu jogo cênico se faz em agenciamento com o pensamento cartográfico e com os mais variados métodos. Quando uma cartografia, por exemplo, seja ela urbana ou selvagem, aciona o método de dramatização torna-se possível mapear os signos que nos levam a caminhar e escrever⁴. O mesmo acontece quando nossa pesquisa sente vontade de brincar, cartografar, conectar, fabular, vagalumar ou mesmo sonhar⁵.

² DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a Filosofia. São Paulo: n-1 edições, 2018, p.102.

³ COSTA, Luciano Bedin da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. Paralelo 31, 2(15), 10. Ver também: TGALLI, Tania; NASCIMENTO; Maria Livia; MARASCHIN, Cleci. Pesquisar na Diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

⁴ “Eu não penduro nas coisas as minhas pequenas significações. O objeto não tem uma significação, ele é sua significação”. DELEUZE, Gilles. Descrição da mulher: por uma filosofia de outrem sexuada. In: Lapoujade, David (org). Gilles Deleuze: cartas e outros textos. São Paulo: n-1 edições, 2012.

⁵ Todos os verbos mencionados são provindos de pesquisas orientadas pelo autor do verbete.

Taís Beltrame
dos Santos e
Eduardo Rocha

No ensaio “Que Emoção! Que Emoção?” Georges Didi-Huberman propõe: “Uma criança chora, dois gestos filosóficos: o espanto [ponto de exclamação] e a pergunta [ponto de interrogação]”¹; é a partir daí que expõe o óbvio: todos nos emocionamos. A emoção nos acomete, chega, normalmente sem nos avisar, e toma conta de nós, como um espanto, que embrulha o estômago, faz as lágrimas escorrerem, a pele arrepiar. A emoção é intensa, certa, ainda que não saibamos explicá-la. O que nos causa tal emoção? Por que sentimos tal emoção?

Emocionar é expor-se. Expor os sentimentos, as dores, as alegrias. É sair dos prumos da racionalidade e da postura da domesticação que nos quer docilizados, controlados. Emocionar-se é perder as palavras, soluçar alto, respirar descompassado. É conectar-se com gestos integrados em nós e em todas as outras espécies animais. É perder o controle, descontrolar. Emocionar-se é integrar-se a uma expressão inteligível coletivamente, manifestar-se para os outros, às vezes por conta de outros, mas principalmente para nós mesmos. Emocionar-se é estar presente, de corpo e mente. É um ato de coragem, de serelência. “É transformar a memória em desejo, o passado em futuro, a tristeza em alegria”². Emocionar-se é transformar-se.

O emocionar-se potencializa o encontro com o outro, com a diferença. Na

¹ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que Emoção! Que Emoção!* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p.4.

² Ibid. p. 44.

caminhografia urbana é comum que as pessoas se emocionem. O corpo vibrátil, aberto e que busca afectar-se é vulnerável às emoções, principalmente nas assembleias de compartilhamento da experiência. Emocionar-se é a linguagem corporal que acompanha o inesperado, o acontecimento. Ela fixa na memória o sentimento, e tudo o que o acompanha, extrapola o corpo e o imediato. Emocionar-se é conectar-se emocionalmente com o território, emocionar-se conjuntamente, expor-se intimamente. É criar alianças, políticas de vida, que passam pela subjetividade, pelo olho no olho, pelo abraço apertado, pela sororidade, antes de chegar na compreensão das palavras.

Em que razão anulamos nossas emoções? Emocionar-se é viver, pulsar. Caminhografar é também emocionar-se.

Na caminhografia, utilize a emoção como bússula: explore a cidade guiada por suas emoções, por vezes intuições, sempre atenta ao acolhimento e à hospitalidade. Crie mapas e registros das emoções, explore os mapas psicogeográficos, os mapas do acolhimento, as narrativas cartográficas. Anote os pensamentos soltos, o estado de corpo emocionado em caminhografia. Conecte-se com o passado e o futuro do território que você está explorando e compartilhe o emocionar-se. Emocione-se com.

encontrar

Vanessa Forneck

Quem encontra, encontra algo ou alguém. Pode ser uma busca pré-estabelecida: quando um encontro é marcado antecipadamente; ou um encontro ao acaso: onde não se está preparado para o que pode acontecer. O encontro não é uno - individual - encontrar com outra pessoa requer uma troca, de corpos, de energias, de vibrações, de almas. O encontro se dá pela abertura, é estar aberto para acessar o outro, inclusive tendo acesso a suas infinitas dimensões. Uma troca demanda uma relação de reciprocidade, enquanto um fala o outro escuta, enquanto um age, o outro reage.

O encontro requer uma dose de coragem e de flexibilidade, uma vez que nunca se sabe o efeito que um encontro pode ocasionar em nós. Pode ser alegria, euforia, decepção, excitação, tristeza, indiferença, nervosismo, ansiedade, constrangimento. O encontro também pode ser entendido como um acontecimento, ou seja, é aquilo que vem ao nosso encontro, a vinda do outro que chega sem aviso prévio, simplesmente acontece e nos invade em todas as direções sem que possamos neutralizar e administrar o que vai acontecer¹.

Encontrar é um desafio que nos permite abrir novas possibilidades, deparar-se com surpresas, pois a presença do outro sempre nos afecta², seja de forma mais intensa ou menos intensa, mas algo acontece, somos atravessados. É possível sentir

¹ DERRIDA, Jacques. Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979 – 2004). Org. Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Ed. da UFSC: 2012.

² DELEUZE, Gilles. L'Abécédaire de Gilles Deleuze. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.

algo em nosso corpo, mesmo que não saibamos expressar em palavras. Em cada encontro sempre deixamos um pouco de nós e levamos um pouco do outro com a gente.

Carla Silva de Ávila

Enegrecer é o “tornar-se negro, tornar-se negra” de Neusa Souza¹. É a realização de um exercício, que possibilita desconstruir uma ideia socialmente alicerçada de negros e negrs inferiorizados. Enegrecer é mudar o foco de perceber-se e ao mesmo tempo perceber o outro de forma distinta, diversa e diferente, sem hierarquia, apenas com distinções socialmente sedimentadas na ideia de ser e não ser. Enegrecer parte desse exercício de olhar para si, com negras referencias, seja você uma pessoa negra, ou branca. Enegrecer as relações sociais, atendo-se ao fato de que os processos sócio-históricos propiciaram distantes formas de ser e perceber-se, em contextos racializados hierarquicamente. Racializar no sentido que a modernidade criou categorias que hierarquiza corpos, tradições, filosofias e visões de mundo que inferiorizou e transformou em “outro” o não branco europeu². Enegrecer é buscar referencias africanas numa diáspora colonizada com uma única forma branca de ser. É perceber que existem diversas formas de existir, habitar e resistir de um grupo étnico-racial marcado pela cor da pele. É entender que hábitos e tradições emergem de outras histórias, de outras formas de ser e perceber a existência. Enegrecer é assumir um existir marcado pela relação com um sistema que tira a humanidade daqueles marcados em seu corpo e mente, a diversidade humana. Enegrecer realizar o exercício de olhar no espelho e não buscar referências

¹ SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

² SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

existências brancas, é olhar no espelho e perceber que existe grandiosidade e diversidade no continente africano que a história oficial não nos conta³. É perceber que a historicidade negra passa pela relação com a natureza, passa pela musicalidade, pela territorialidade, pela ancestralidade, pela orixalidade e pela imensidão de relíquias culturais trazidas, mantidas e ressignificadas pelo encontro de mundos e de culturas. Enegrecer é mudar a forma de perceber as construções inferiorizadas e perceber que não há problema em ser diferente, distinto e diverso.

³ MOORE, Carlos. A África que incomoda sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

Vanessa Forneck

Entrevistar é um diálogo estabelecido entre duas ou mais pessoas, requer uma postura de fala e escuta onde são trocadas informações, principalmente pela parte que é entrevistada. A entrevista se torna um instrumento importante que faz com que sejam acessados processos e atos, de modo que o entrevistador colha e acolha uma experiência¹.

Para ter acesso a uma experiência vivida é preciso que a pessoa entrevistada se sinta confortável com o diálogo. Quem entrevista pode estabelecer um contato mais amigável e intimista, de modo que se crie um laço de confiança entre as partes envolvidas, assim outras questões podem ser acessadas, inclusive pontos mais delicados em uma conversa².

Ao entrevistar alguém, você tem acesso a uma experiência de vida. Isso envolve um conjunto de relações e argumentações de ordem pessoal, onde se deve ter o maior cuidado com essas informações ao serem exibidas. Entrevistar compreende ter acesso a dimensões que podem revelar sonhos, opiniões, preconceitos, desejos, emoções, frustrações, arrependimentos, memórias, planos, intimidades. Entrevistar é fazer ecoar diferentes vozes, compreender posicionamentos e ambições. Entrevistar é se importar com o que o outro tem a nos contar e se colocar como porta-voz de um outro alguém.

¹ PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virginia. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. In: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virginia; TEDESCO, Silvia. *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum* – Volume 2. Porto Alegre: Sulina, 2016.

² BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho, 2005, p. 68-80.

errar

Emanuela Di
Felice

Quando nos referimos à errância, temos primeiramente que entender que nos referimos, antes que tudo, a uma condição cognitiva, um estado pessoal e íntimo de desorientação, um momento em um tempo extraordinário no qual nos damos conta de estarmos perdidos. A errância pode ter várias escalas e dimensões, pode ter a extensão do mar ou do oceano, um plano perfeito exposto ao sol. Quando o navegante exclama: ‘...*nós erramos, vamos à deriva*’ não sabemos onde vamos, perdendo nessa constatação todo o controle e o domínio do tempo e do espaço. Errar na paisagem é esse estado de graça no qual o humano ancestral que nos habita consegue criar relações com o entorno frente à necessidade de reconhecer formas no horizonte. Na busca da verticalidade, de uma referência, terminam se encontrando mais com seu entorno; no infinitamente pequeno. Errar, pode ser também a possibilidade de perder-se em um texto, num conceito, nos levando obrigatoriamente a ir *más allá* de nossos limites cognitivos em busca de informações que nos *ubiquen* novamente.

Quando cometemos um erro, as sinapses são ativadas. Ainda que não nos dando conta do erro, nosso cérebro entra em um estado de alerta e atenção¹.

É a partir desse ponto que o caminhar, como errância, nos permite deixar fluir nossas subjetividades e formas de

¹ MOSER, Joshua S.; SCHRODER, Hans S.; HEETER, Christine; Moran, Timothy P.; LEE, Young Hah. Mind Your Errors: Evidence For A Neural mechanism linking growth mindset to adaptive posterror adjustments. *Psychological Science*, v. 22, n. 12, p. 1484-1489, 2011.

pensar futuros, e também, de criar nossos caminhos cognitivos.

No texto da Rebecca Solnit, *Una guía sobre el arte de perder-se*², há uma pergunta no guia do filósofo pré socrático Menon assim: *Como emprendedoras la búsqueda de aquello cuya naturaleza desconocemos por completo?*

² SOLNIT, Rebecca. Una guía sobre el arte de perderse. 3a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fiordo, 2020.

Grafar, produzir uma inscrição, inaugurar um modo de pensamento. **Legar**, destinar ao tempo alguma coisa que se fixa, que se decanta ante ao que se perde; que marca, como relevo e ranhura; fissura, que é tanto abertura quanto corte. **Insculpir o sulco**, fazer correr a tinta, incitar os sentidos. **Desbastar** o carvão, o grafite, o solado, e produzir um risco, um ruído, o vestígio, uma presença do que já foi, do que devém ou poderia haver sido. **Fazer saltar** a pedra, a argila, a areia, o papel, a tela, o muro, o chão, o palimpsesto, a pele como suportes do que a inscrição é capaz de inaugurar. **Criar um corpo-extensão** que pensa e imagina do chão que se pisa até a extremidade do instrumento que perfaz a marca. **Fazer o garrancho**: cingir o vazio, provocar a imagem, rasurar a ideia. **Convocar às superfícies** o gesto, o traço, o movimento; o lastro do som, do rito; o rastro de outrem. **Buscar o tempo do verbo**, a sutura dos tempos; dobrar-se sobre o próprio tempo, tocar o instante da insurgência; o tempo espesso na ponta da língua. **Reencontrar a oralidade** que emprenha a palavra e desatina o corpo que pelas letras se embrenha. **Recusar, no limite da transmissão, o apagamento, o aniquilamento**; fazer da palavra ou do nome¹ a última arma, o último fôlego, o gesto que haveria de sobreviver. **Desbordar** o limite de uma vida. **Sustentar a existência** do que se vive, do que se sonha, do que se delira, do que é conhecimento ou memória pelo corpo

Ana Cabral
Rodrigues e
Clara Lobo

¹ Em referência às inscrições dos nomes dos judeus na antessala das câmaras de gás dos campos de concentração. LANZMANN, Claude. Shoah, Vozes e Faces do Holocausto. São Paulo: Brasiliense, 1987.

² MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

³ BISPO, Nêgo. Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombo-la. Itaú Cultural, canal youtube.

⁴ CABRAL, Ana; et al.. Oficinas de montagem: construções metodológicas e experimentações estéticas em direito à cidade. In: SIGETTE, E.; ESTEVES, A.; DIAS, R. M. (orgs). Experiências e lutas por direitos humanos no Sul Fluminense. Niterói: UFF, 2021.

⁵ ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, 8(1), 229, 2000.

⁶ FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

⁷ CONCEIÇÃO EVARISTO; Maria da. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: BARROS, N. M. de; SCHENEIDER, L. (orgs). *Mulheres no Mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa. Editora Idéia, 2005, p.202.

⁸ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto De Despejo, Diário De Uma Favelada*. São Paulo: Ed. Ática, 2019.

⁹ SEGATO, Rita. *Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

¹⁰ BRUM, Eliane. O golpe e os golpeados. A barbárie de um país em que as palavras já não dizem, *El País*, 10 de junho de 2016.

que performa², pelo gesto que atualiza, pela letra que (se) transforma. **Recriar o espaço** da interlocução e da confluência para onde sempre se pode voltar e escutar os que vieram antes e os que ainda estão por nascer³. **Atravessar**⁴ o verso; fazer da palavra malabarismo; brincar a rima, inventar a métrica, o ritmo e inventar palavras esquecidas pelo caminho, nas frestas, pequenos tesouros de alguma fabulação; apoiar as letras em pernas-de-pau só pra ver bambejar o sujeito, o senso e a interpretação; rabiscar as folhas, as orelhas, os pés (de página) e as calçadas; perder a linha, tocar o chão e encontrar o fio da história. **Tomar lugar**; despir-se para habitar a própria pele; inventar uma forma de contar, de literar, se endereçar e dizer COM a/o outra/o; operar a alquimia de criar aquilo que a realidade não dá⁵. **Labutar a textura** de uma história inventada, de um caminho encontrado, de um verbete encomendado, de um panfleto inflamado, de uma dor no diário, das sílabas ti-jo-lo. **Fabular mundo** e então apalpar a boniteza da palavra⁶. **Catar os resíduos**, as letras e os rebotalhos pra ferir silêncios⁷, dizer a própria língua e restituir no corpo seu letramento e a humanidade⁸. **Teimar o gesto** de dizer o inenarrável o irrepresentável; perseguir a palavra eficiente⁹, a arte do impossível que possa interrogar a barbárie e interromper a insensatez de um mundo em que a palavra já não diz¹⁰.

Escutar é um verbo sonoro ativo da caminhografia, não se tratando apenas de ouvir os sons, mas de ativar a atenção em um nível mais profundo de envolvimento. Há uma intenção de entender, interpretar ou responder ao que está sendo comunicado. Isso implica um esforço mais ativo.

Emmanuel Levinas (1991)¹, filósofo francês do século XX, destaca a importância da escuta em seu trabalho, especialmente no contexto da ética e da responsabilidade para com o outro. Levinas argumenta que a escuta desempenha um papel fundamental na relação interpessoal e na compreensão ética.

Para Levinas, a escuta não é apenas um ato passivo de receber informações, mas uma atividade ética que implica uma abertura para o outro. Ele enfatiza que o verdadeiro significado da comunicação ocorre quando estamos dispostos a escutar o que o outro tem a dizer de maneira autêntica, demonstrando uma atenção ativa e uma resposta responsiva.

A ideia de escuta em Levinas está profundamente ligada à sua ética da responsabilidade para com o outro. Ele argumenta que somos eticamente responsáveis por responder ao chamado do outro, e a escuta atenta é uma parte essencial dessa resposta. Através da escuta, podemos reconhecer a singularidade e a humanidade do outro, rompendo com a

¹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito: Ensaio sobre a Exterioridade*. Trad. Marco Antônio Casanova. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

indiferença e promovendo uma relação ética e responsiva.

A ética de Emmanuel Levinas, centrada na responsabilidade para com o outro e na relação ética interpessoal, pode ser aplicada de várias maneiras às atividades de caminhografar.

A prática de caminhografar, sob a perspectiva da escuta de Levinas, deve ser guiada por uma ética de abertura para o outro e responsabilidade. Isso inclui: 1) Escuta do Ambiente: ao caminhar, ouça atentamente, compreendendo as histórias presentes, incluindo vozes da natureza e comunidades; 2) Encontro com o Outro: esteja consciente das pessoas encontradas, promovendo interações autênticas e respeitosas, reconhecendo a singularidade de cada indivíduo; 3) Cartografia Sensível: ao mapear, adote uma abordagem que reflita a diversidade e as histórias locais, incluindo as perspectivas regionais e as experiências das pessoas; 4) Responsabilidade Ética: represente lugares com responsabilidade, evitando visões unilaterais e respeitando interpretações locais, considerando o impacto nas comunidades; 5) Diálogo e Interconexão: promova diálogo entre perspectivas diversas, facilitando a troca de histórias e conhecimentos, com a escuta ativa como componente vital para uma compreensão mais rica.

Paula Pedreira
Del Fiol

Caminhografia é criação, se nos esgotamos, a criação se esgota? Para mim é o contrário, quando não há mais nada a criação começa.

Oiticica¹, debate a criação dizendo que ela é um processo sem limites, que é necessário que a mente flua em contextos de livre expressão, onde não se pode ser analítico em demasia. Deleuze² diz que o esgotar versa sobre acabarem as possibilidades de sua própria essência, algo que já não pode mais ser compreendido dentro do que é conhecido, do que está pré-fixado. Por isso, é necessário criar o novo, algo que ainda não é conhecido, para romper a barreira do esgotado, é quando essa barreira é rompida que a criação acontece.

Quando a caminhografia é para a criação ela deve se esgotar, não deve estar apriionada, é um processo que deve passar pelo corpo, de modo a esgotar as opções até que o processo criativo aconteça de forma potente.

Careri³ fala sobre a importância de “perder tempo e ganhar espaço”, para aprendemos a olhar a paisagem de outra forma. Para a caminhografia essa ideia nos leva ao esgotar da caminhada, para poder pensar sobre o caminhar. O caminhar exige o corpo fisicamente, e às vezes o esgotar do corpo nos aponta para diversas descobertas na cidade. Não necessariamente é preciso caminhar para lugares distantes.

¹ OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

² DELEUZE, Gilles. *Sobre o teatro: um manifesto de menos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

³ CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

O esgotar pode acontecer no ir e voltar pelo mesmo lugar até o corpo esgotar as conjunturas e interpretações que interagem na cidade e sua dada complexidade. Esgotar a cena, pensar no novo, ver novas possibilidades para os lugares e paisagens que estamos também criando, mesmo sabendo, que o esgotar está sempre em devir, disputando lado a lado o criar.

Esgotar a mente, o corpo, os arranjos e mapas para caminhar e criar, criar e pensar, como forma de expandir as possibilidades de criar, esgotar, e esgotar outra vez.

No final do séc. XX, Gilles Deleuze e Félix Guattari apresentam uma concepção diferenciada de espaço, presente no platô 14 do livro *Mil platôs*, chamado *O liso e o estriado*¹. Nele, o espaço tem um protagonismo, antes a nível de exemplo de uma multiplicidade que de categoria filosófica. É no espaço que coexistem forças de diferentes naturezas, que atestam uma lógica das multiplicidades. Mas antes de adentrarmos no espaço, retornemos ao verbo “criticar”. Lá, foi exposto que a maioria dos filósofos que trabalharam com a crítica o fizeram a partir de uma perspectiva dialética, que tem como base o pensamento platônico. Deleuze e Guattari buscam romper com essa lógica binária, e consequentemente com a dialética.

A ruptura é realizada junto à Nietzsche que, segundo Deleuze, toma o hegelianismo como seu inimigo. Contra a dialética, afirma-se uma filosofia das forças. Aí, uma multiplicidade de forças entra em embate, mas não em negação de si ou de outras forças. Se na dialética o ser entra em contradição com seu oposto, na teoria das forças “é com outra espécie de vida que a vida entra em luta”². Há a eliminação do conceito de negação e contradição e a afirmação do conceito de diferença, em que uma força apenas não nega, mas “afirma sua própria diferença”³. Na obra *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari irão, como ensina Lapoujade⁴, inventariar esses movimentos aberrantes em que uma força

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

² DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

³ *Ibid.* p.17.

⁴ LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

se afirma, sem negar a si própria ou outra força, e o espaço – como já foi dito – servirá como um exemplo desse inventário, pois dá lugar a uma multiplicidade.

Tratando-se de espaço, Deleuze e Guattari não se referem ao espaço vazio de um cômodo, mas a todo corpo que possui extensão, inclusive uma música que, antes de ser tocada, é espacializada numa folha de partitura. Porém, há dois tipos de espaços: os lisos e os estriados. Ainda que pareçam opostos, são de naturezas diferentes. Os espaços estriados são marcados primeiro por pontos, depois por linhas que os conectam, e são organizados de antemão. Os espaços lisos, por sua vez, são preenchidos primeiro por linhas e os pontos acontecem quando essas linhas se emaranham, juntam-se e fazem nós. Pensemos no exemplo do caminhar: há um caminhar que nos desloca de um ponto ao outro em uma cidade – este é um caminhar sedentário, que conjura na prática um espaço estriado; há também um caminhar errático, que parte à deriva sem um trajeto definido, mas à espreita do acontecimento, que pode se tornar matéria para uma pesquisa, um novo saber sobre o urbanismo, o planejamento, etc. – este caminhar, acreditamos, evoca um espaço liso.

esperar

Isabella Khauam
Maricatto

O verbo esperar vem do latim *sperāre*, e quer dizer aguardar, ter fé, esperar, ter esperança; contar com, ter confiança de que. É derivado de *spes/ei* esperança, expectativa.

No contexto da caminhografia, a espera não é estática, é disruptiva, guarda a potência geradora do acontecimento. Ao esperar a caminhada cartográfica programada, pode-se caminhar fora do plano, cartografar em outros campos de saber, em outros estados físicos, mentais e sociais. A caminhografia, enquanto compromisso metodológico de imersão na cidade, além de passos demanda pausas: o esperar. A espera caminhográfica pode significar o momento anterior à ação de movimento e deslocamento de um corpo, mas não é menos importante: esperar passar a pandemia; esperar voltar; se abrigar ao esperar.

Pode significar o aguardo anterior ao deslocamento físico: esperar o ônibus, esperar o movimento dos carros cessar; e o resguardo do corpo quando forças maiores estão em jogo: esperar o sol baixar, esperar a chuva passar. Pode-se esperar caminhando vagarosamente, com as ações e gestos do corpo envolvidos de presença atenta. Pode-se esperar com pressa, sem presença: espera-se nas nuvens, borboleteando em pensamentos, devaneios, fortes ou fracos. Entretanto, nesse último caso, a espera impaciente

rompe a atenção flutuante inerente à cartografia contemporânea e impossibilita a captura dos fluxos do campo que pedem passagem.

Esperar é um verbo do tempo. Espera-se no sentido de acumular tempo - até que brota/floresce. Pode estar atrelado às paradas, às estações (e com os verbos caminhar, parar, estacionar), referindo-se a pausa no tempo para se perder, para disolver a pressa: esperar sem precipitar-se. Encontrar uma estação para estar, o estar (esperar) demorado entre o ir e o voltar.

A espera está amalgamada de funções de afetos e efeitos. Esperar algo de alguém: espera-se comunicar que não estamos sozinhos no mundo; esperar uma oportunidade para vingar a espécie: esperar da semente virar broto. A espera aponta para a encruzilhada, ponto de flexibilidade para ativar sentidos distintos: ficar em algum lugar até que chegue alguém e/ou alguma coisa que se tem como provável sem definir/limitar o acontecimento futuro.

Sinônimo na caminhografia: demorar-se (perder o tempo e ganhar/sentir o espaço). O verbo esperar operado pela caminhografia está mais próximo do verbo esperarçar. Esperançar-se por aí; aventurar-se por aí (esperando o/um acontecimento).

esperranciar

Taís Beltrame
dos Santos

Errar (no sentido de errância) pela Espera. Esperar na Errância. Desviar em busca de encontro.

Nos diz Fuão: “Esperrância é o nome que entrelaça a espera e a errância. Bordas, limites de uma situação em intermitente deslocamento. Esperança nativa na errância, esperrância, que se dobra na letra ‘R’ prolongando ainda mais a espera. Esperança, ‘esperância’, em português se percebe ainda que essas palavras guardam o encontro da espera com a errância e a esperança; ‘esper(a)nça’ da espera com a andância, a (d)ança da espera e da errância. Esperançar. A ‘esperrância’, também como um modo errante e errado de pensar o mundo, um pensar suspensivo onde o mundo todo poderia ser traduzido através dos locais de espera e dos locais de errância”¹.

Um verbo em derridância, a partir do pensamento Derridiano de acolhimento². Onde a errância não é um erro, mas um caminho possível, um desvio necessário um vir a ser. Esperançar para construir o si junto ao outro, que arrebatada e estabelece a lógica do sentido. A espera do estrangeiro, que precisa vagar. É o acolhimento dos abandonados, dos lentos, dos defasados, daqueles que geram afeto pela *différance* e, nesse porvir, formam laços. A esperrância que habita o inabitado e cria lugar. A esperrância que desconstrói sentidos, paradigmas, hegemonias, que cria

¹ FUÃO, Fernando. Esperrância: o lugar da espera e da errância. Dissertaciones, n.10, enero-junio, 2021, p.7-24.

² DERRIDA, Jacques. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003.

novas chances, novas potências e alianças. Esperranciar é dançar nos limites da intermitência entre a chegada e a partida, a vontade de ficar e a necessidade de continuar erranciando. Para Fuão, uma possibilidade de resgatar o verdadeiro objetivo da arquitetura: o de acolher o ser humano – em suas diversas formas de *modus vivendi* – enquanto pratica sua eterna espera pelo errante que chega. A possibilidade de construir o si no outro e o outro em si, dar lugar ao lugar.

Na caminhografia a esperrância está no acolhimento encontrado por todos aqueles que caminham, e que param e são acolhidos despretensiosamente por quem não lhes esperava. É a espera suspensa pela errância e vice-versa, o jogo que jogam os corpos nos caminhos, pontes, praças, bancos, marquises, calçadas que esperam, se fazem esperranciar³. É o termo que se coloca nos cheiros, gostos, olhares e conversas inesperados, no mundo infindável de provocações de todos aqueles que erram nas ruas esperando que algo ou alguém transforme seu caminhar.

³ SANTOS, Taís Beltrame dos. Seres Lentos e Vida Urbana: Caminhografia pelas ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas. Pelotas: PRO-GRAU/UFPel, 2021. (Dissertação de mestrado)

estar

Shirley Terra Lara
dos Santos

O estar, neste contexto, se aplica enquanto um verbo-ação-expressão, sempre acompanhado do “em”. O estar em, assim, nomeia o estar atento “em movimento”, quando se atinge um estado de corpo que atenta-se ao movimento daquilo que se pesquisa. Com isso, pode ser compreendido também como um “campo de pesquisa”, quando diz sobre uma pesquisa da experiência. Propondo procedimentos baseados em percepção, observação, junt(ação) com a cidade e/ou com “o outro”, como, por exemplo, numa cartografia urbana narrada através do estar em ônibus como experienciado por Santos ¹.

“Havia em mim uma necessidade vital em colocar pra fora do meu corpo as conversas que eram encontradas durante o cotidiano em ônibus, o ponto aqui realmente é o transborde. Transborde do que me era afectado naqueles lugares em movimento”². Diante disso, a cartografia de Santos que deu origem ao conceito do “estar em”, ao experienciar o estar em ônibus como plano de imanência, dialogou com Orlandi³, quando disse sobre o estar em: um estar “atento, com um olhar corpóreo flutuante, submerso em si e nos atravessamentos”. É no encontro das forças de conexão heterogêneas com o corpo cartógrafo, que acontecem os afectos que possibilitam a transgressão de olhar para o outro e para a cidade de modo a produção de subjetividade. Colocando em prática uma filosofia da experiência que pode

¹ SANTOS, Shirley Terra Lara dos. Narrativas urbanas sobre o “estar em ônibus”: experiência cartográfica feminista. Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2020. (Dissertação de mestrado).

² Ibid. p. 88.

³ ORLANDI, Luiz. Um gosto pelos encontros. Site territórios de filosofia, 29 dez, 2014.

ser mapeada por qualquer pessoa, dentro e fora da universidade, numa pesquisa que movimenta o pensamento da cartografia com base filosófica e com a cidade.

Contudo, o foco dos procedimentos sobre o estar em, é relevante dizer, não consiste no mapeamento das repetições e homogeneidades, e, nem, no descrever a materialidade e objetividade que existem nas relações do ônibus, das pessoas no ônibus ou do trajeto feito pelo ônibus. Mas, está concentrado em narrar a experiência do pensamento em ônibus - daquilo que atravessa o corpo em campo e encontra o movimento do pensamento de pesquisa. Está no (in)dizível, na tentativa de narrar o que acontece durante os processos de pesquisa, no campo do psiquismo.

Portanto, é um movimento do pensamento que deve ser adjetivado. Estar em campo. Em ônibus. Em metrô. Em trânsito. Em escuta. Em voz. Em fala. Ou seja, indiferente do “objeto” que nomeia e adjetiva o estar em desejado, a atenção se deve às conexões que atravessam o corpo que caminha naquele lugar, seja na materialidade ou na imanência do campo de pesquisa. Visto que, ambos os campos, são repletos de potencialidades múltiplas e complexas. A adjetivação do estar em caminha em prol da nomeação e identificação do que está sendo realizado como foco/objeto da caminhografia urbana, o “aquilo” que se pesquisa.

Simone Fernandes
Mathias

Etnografar é vivenciar mundos de diversos contextos e complexidades. Compreender a etnografia como método que nasceu na antropologia, e considera Franz Boas e Malinowski como fundadores. O etnografar adentrou outros campos, e sua descrição densa é uma imersão na realidade humana; é descrever a profundidade do campo de pesquisa, que as vezes nos é familiar, outras nos coloca de frente com o diferente, numa interpretação de culturas, vidas, costumes e seus cotidianos. Um lugar que será contato pela nossa presença de visitante, pois chegamos com a bagagem teórica, em primeiro momento, com um olhar distanciado e numa escrita impessoal. Na linguagem do etnografar somos convidados a entender espaços que se abrem não só no físico, na presença de pessoas e na materialidade dos objetos, mas também no invisível, que se abre ao imaginário.

Etnografar é estar dentro de um contexto de realidade, no observar e ser observado, no descrever, participar, vivenciar, escutar, perceber, estar lá, ver e o se permitir a sentir. Tirar nossas vestimentas, preconceitos e ideologias de vida, sair de cima de muros altos e verdes, que nos separam das margens reais e próximas. Ter o olhar em processo de desconstrução, avaliando as realidades que se apresentam. O campo se inicia com um propósito, mas a tendência é se ampliar devido nossa participação e observação

Referências implícitas:

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer cidade. O antropólogo à margem e ao centro. Revista Mana, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, 2015.

EVARISTO, Conceição. Escrivência e seus subtextos: Escrivências: a escrita de nós: Reflexões Sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo. São Paulo: UNESP, 2000.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

dos objetivos. A cidade deve ser compreendida e entendida como um processo de fazeres, pois o fazer cidade é um movimento de construir e de desconstrução contínua. O estar em campo “é o gestar” do etnografar que leva tempo e dedicação de escuta, é o se permite “ver” algo que vai muito além, abrir a cortina dos olhos físicos, é nessa ciranda de escrevivências de vidas, que vou conhecendo o outro e me construindo como ser no mundo.

Etnografar as margens das vidas, vai além do descrever e se transportar para mundos que não deixaremos mais para trás, pois um pouco de nós ou quase tudo ficará e o outro tanto se levará, seja nas pesquisas, estudos, vivências e como aprendizados de trajetórias. As escolhas da vida nos apontam para diferentes direções, mas os propósitos são misteriosos e muito cativantes, o etnografar abre o mundo, desvenda, extravasa, explora, define, mostra, marca, diz e também fecha ciclos. Hoje eu estou no etnografar dos espaços das benzedadeiras, dos mundos que se interligam, participando e vivenciando esse processo ancestral, esses que atravessam aos olhos carnaís, das mulheres sagradas, as sábias, as velhas, as parteiras, aquelas que preparam os caminhos, ao qual eu reconheço nos sonhos, me cuidam e me fortalecem. Pois na fumaça do defumador eu escuto estalar das brasas, essas que se mesclam às ervas. Onde o cheiro da alfazema, guiné, arruda, café, alecrim, salvia e tantas outras, cada uma com suas especificidades, se espalha pelo ambiente, nas palavras sussurradas e as vezes ditas em outro dialeto.



Imagem 17: Canto de reza da benzedeira Vó Maria (Bairro Areal/Pelotas). Fonte: Simone Fernandes Mathias, 2024.

Imagem 18: Congá do Centro de Umbanda Pai Miguel de Aruanda, Benzedeira Tia Maruca. (Bairro Terezinha/Pelotas). Fonte: Simone Fernandes Mathias, 2024.

experienciar

Helene Gomes
Sacco

Verbo transitivo direto ligado à palavra experiência. Significa a ação de vivenciar pessoalmente e verdadeiramente algo. Significa submeter-se à experiência portanto trata-se de se colocar em estado de abertura para sentir, ser afetado por algo ou alguém. Está ligada também a ideia de acaso ou incerteza, como um ensaio que se faz. Está ligado ao desejo e à ação de conhecer, aprender, apreender para além do que é conhecido, para além de limites e fronteiras do já sabido. Se a experiência é algo que nos passa, nos toca, nos acontece¹, experienciar já denota a consciência de um estado de abertura para atravessar uma dada situação. Ainda que se tenha consciência, o sujeito da ação preserva um sentido de curiosidade, e desejo por um saber de experiência. Para experienciar algo se recomenda não ter pressa, não estar preocupado, não estar atarefado em demasia, não estar cansado ou excessivamente informado. O que faz dessa ação algo extremamente raro e urgente atualmente. Fundamental para a produção de conhecimento, está centrada nas formas de conhecer e perceber o mundo lutando para isso contra a pobreza de experiência².

¹ BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPED, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

² BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: Magia e técnica, arte e política. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

explorar

Laís Becker
Ferreira

Explorar refere-se ao ato de investigar, descobrir ou estudar algo novo. Também pode significar abusar, tirar proveito de algo. Podemos explorar tanto um lugar físico, como um conceito abstrato, uma ideia, uma emoção, uma área do conhecimento. É uma atividade que envolve a busca por novas informações, experiências ou perspectivas.

Explorar demanda que nos desloquemos da nossa zona de conforto e de expectativas pré-concebidas. Implica em estar necessariamente aberto e disposto a romper com o familiar e se aventurar em territórios desconhecidos. Requer que se confronte o desconforto, a incerteza, o medo. Assim, a ação de explorar está diretamente ligada à curiosidade, à coragem. Uma disposição que, por mais desafiadora que seja, abre caminhos que possibilitam experimentar o mundo de formas que jamais imaginamos antes.

O ato de caminhar, muitas vezes, é a forma primária de explorar um ambiente desconhecido. Provoca, mais do que simplesmente percorrer distâncias físicas, uma imersão total no ambiente. Caminhar é uma forma de interação íntima com o lugar, absorvendo cada detalhe sensorial, permitindo uma conexão profunda com a paisagem, a cultura e a história do lugar.

Caminhar, cartografar, explorar se conectam a descobrir novos aspectos do

mundo e buscam, conjuntamente, capturar e interpretar as complexidades e nuances das experiências.

extensificar

Adriene Coelho

Extensificar é movimento. Algo que se estende no território, em variadas direções, algo que cresce e crescendo se extensifica. E pode continuar avançando, porque a extensão pode ser uma forma de interação e articulação entre grupos visando a troca de saberes. Paulo Freire¹ em seu livro *Extensão ou Comunicação* propõe que existiriam duas abordagens, uma convencional, ou bancária, predominantemente difusionista no sentido de que trata o outro como recipiente vazio pronto a ser preenchido com os conhecimentos trazidos de fora, e outra, uma abordagem participativa, onde os conhecimentos conviveriam de forma dialógica, se completando e fomentando a emancipação tanto de uns como de outros. Estar em campo nos coloca em contato com as pessoas e seu território e todos vão modificando e sendo modificados pela experiência. Dividindo a palavra em Extensi e Ficar, é possível relacionar ao que Paulo Freire discute, pois ao fazer extensão, somos impactados pelo que encontramos, ficando um pouco lá e trazendo algo que fica marcado em nós. Mesmo que se passem muitos anos, algumas marcas ou lembranças ou relações permanecem, ficam.

Rocha e Santos² ao definir a caminhografia urbana trazem a questão da antropofagia, o “exercício de comer a cidade, aproximar-se, pisar no solo, sentir as paredes, as pessoas e a vida. Comê-la.

¹ FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

² ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. *Arquitextos*. São Paulo: N. 281, ano 24, 2023.

Digerí-la. Regurgitá-la. Transbordar. E por esses fluxos e resistências, criar na e com a cidade”. Como lembra o escritor José Saramago, não nos vemos se não saímos de nós, “é preciso sair da ilha para ver a ilha”³. Extensificar para a Caminhografia pode ser o envolvimento com o entorno de uma maneira comprometida. Muito mais do que registrar ou falar sobre a cidade, é criar nela e com ela, usando os recursos que se apresentam e incluindo as pessoas como parceiras nesta aventura. Isso tem a ver também com desejo, o desejo de sair do meu território e ir até o território do outro. Levar e trazer algo. Ficar. Nesse movimento compreendemos um pouco mais sobre nós e os outros, e também sobre o território e os sistemas culturais, ambientais e políticos que se fazem no cotidiano e que de variadas formas podemos, enquanto extensionistas, questionar, aprender, divulgar e modificar, extensificar. Afinal de contas, apesar de todas as diferenças, nós temos muito em comum.

³ SARAMAGO, José. O conto da ilha desconhecida. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

feirar

Rafaela Barros de
Pinho

Feira das pulgas, feiras de domingo, mercado de flores, feirinha de frutas, seja qual for, as feiras nos convidam a mergulhar em um ambiente dinâmico e pulsante, onde cada barraca, cada produto e cada interação se transformam em pontos de encontro e descoberta e oferecem valiosos insights sobre a vida urbana. A feira se revela como um microcosmo da cidade, refletindo suas complexidades sociais, econômicas e culturais.

Feirar se torna mais do que uma atividade corriqueira; é uma celebração do caminhar e do descobrir, onde os sentidos são despertados por cada detalhe encontrado no trajeto. É como se estivéssemos navegando em um rio urbano, seguindo o fluxo das barracas e das pessoas que nelas transitam. A feira se torna um ponto de convergência, onde as histórias se entrelaçam e os encontros se multiplicam, criando uma nova paisagem urbana a cada passo dado. Feirar é estar parte dessa grande intervenção urbana.

Assim, feirar vai além de uma experiência sensorial nas cores, cheiros, sons e texturas; é uma forma de cartografar a cidade com os pés, explorando seus espaços e criando conexões entre lugares e pessoas. Enriquecendo nossa compreensão dos espaços urbanos, complementando análises tradicionais com uma perspectiva participativa e holística. É uma jornada de descoberta e redescoberta, onde cada feira é

uma porta aberta para um novo capítulo
da cidade a ser explorado.

É o ato de produzir um registro de imagens em sequência, com ou sem o recurso da captação de áudio, “gesto interpretativo”¹, a criação de um registro em movimento que faz um recorte espaço-temporal do ambiente visado.

Filmar a cidade é o gesto de se colocar como observador externo ao ambiente urbano. É visar o ambiente construído a partir das suas qualidades plásticas, a matéria com a qual é construído e o ambiente natural sobre o qual é construído. Filmar enquadra o ambiente como ação, como movimento, como processo de transformação através do tempo. Insere no registro imagético a dimensão da duração. Perceber o espaço como processo, não como dado. Deleuze² definirá o enquadramento como limitação, podendo ser concebido de modo prévio a existência dos corpos e demarcador da essência destes (modo matemático), ou se estendendo até onde alcançar a potência do corpo existente (modo dinâmico). O quadro é um sistema fechado que determina um fora de campo, “uma presença mais inquietante, da qual nem se pode mais dizer que existe, mas antes que ‘insiste’ ou ‘subsiste’”³.

Filmar em caminhografia é evidenciar na forma construída seus processos de transformação. Dirigir a objetiva ao reflexo da ação da mão humana sobre as formas construídas através do tempo. É situar-se

¹ DUBOIS, Philippe. Cinema, vídeo, Godard. Trad. Mateus Araújo Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p.38.

² DELEUZE, Gilles. Cinema 1 - A imagem-movimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

³ Ibid. p.37.

no espaço a partir da identificação das transformações presentes no ambiente. Reconhecer os fluxos da matéria sobre o espaço, reconhecer na forma construída sua duração. Reconhecer no espaço a passagem do tempo. Registrar planos, definidos como imagem-movimento: “translação das partes de um conjunto que se estende no espaço, mudança de um todo que se transforma na duração”⁴. A imagem-movimento, para Dubois, é sempre processo, perdendo o caráter “objetual” da matéria fotográfica, é “uma espécie de ficção que só existe para nossos olhos e nosso cérebro”⁵ aproximando-a da imagem mental e da imagem concreta.

Criar imagem-movimento é localizar-se em um espaço compreendido como em constante transformação. Ver o meio construído não como se apresenta, mas como já foi e como pode vir a ser, a partir do registro dos processos que fazem parte da sua formação.

Tudo que vemos é reflexão.

⁴ Ibid. p.40.

⁵ Dubois. Op. Cit. p.63.

filosofar

Dirce Eleonora
Nigro Solis

Filosofar indica o exercício de uma atividade intelectual possível a todos os seres humanos com características tais como conhecer, compreender a realidade, o vivido e a existência, buscar o sentido. Filosofar é perguntar “pelo que é” e não pelo “para que serve” das coisas e da realidade. No entanto, ao perguntar “o que é isto?”, o ser humano tende a responder pela utilidade da coisa, ou seja, o objeto significa o que se pode fazer com ele. Uma vez descoberta a utilidade, a isto é dado nome e significado. De um primeiro momento de estranhamento (“o que é”), tenta-se fazer de qualquer objeto um familiar, e essa familiaridade garante um certo nível de certezas que o colocam no campo do bem-estar do conhecimento. Temos, então, a banalidade tranquilizadora da certeza. Mas isso ainda não é o filosofar. É apenas a domesticação pelo pensamento de algo desconhecido.

Filosofar é desconfiar das certezas muito imediatas, é se distanciar pelo pensamento das supostas “verdades” tranquilizadoras, é não aceitar que as experiências vividas satisfaçam nossa curiosidade completamente, sem necessidade de serem compreendidas. Um tótem, as pirâmides, as edificações históricas de templos, igrejas, palácios, monumentos, casas (oikós grego), os edifícios modernos ou aqueles da desconstrução, mas também as vielas, os becos, as ruas, os espaços naturais, são em geral, codificados

pelo seu uso, usufruto ou praticidade. Mas o filosofar se pergunta: em que nível de compreensão estão situados cada um destes espaços, naturais ou não, ou cada uma dessas construções? Para o filosofar é preciso voltar ao estranhamento inicial para dizê-los, antes de toda a sua utilidade. “O que é” ou “o que vem a ser” possui essa anterioridade de sentido, questão filosófica primeira.

Filosofar é compreender o humano, sua história, suas produções e o mundo, é fazer o pensamento se voltar sobre o próprio pensamento, construir abstrações e ideias, duvidar das aparências, argumentar sobre os problemas do homem e da cidade, sobre a vida humana e seus incondicionais, tais como, a justiça, a liberdade, a felicidade. Filosofar é poder falar sobre a razão de ser das coisas, o logos; é poder apontar também deslocamentos e desvios do pensamento, é poder ao falar de conceitos, ou de quase-conceitos, inventá-los e criá-los. *

* Sois, Dirce Eleonora Nigro Solis. Cidade e Cidadania. In: Fazer Filosofia. org Leda Miranda Hühne. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1994. 2a ed. p. 171-210.

fotografar

Silvia Helena
Cardoso

Registro da luz (luminosidade); grafia da luz; luz natural e artificial; câmara obscura; *Leonardo Da Vinci*; câmara clara ou lúcida; *Johannes Vermeer*; óptica; química; sais de prata (sensível à luz); hipossulfito de sódio (agente fixador); betume da judeia (sensível à luz); placa de estanho; *Nicéphore Niépce*; daguerreótipo (placa de cobre revestida com prata polida, sensibilizada com vapor de iodo e revelada com vapor de mercúrio); *Louis Jacques Mandé Daguerre*; papel como suporte; processo negativo/positivo; reprodução infinita; *Fox Talbot*; vidro como suporte; *Nadar*; redução do tempo de exposição à luz; fotografia de estúdio; pintores/fotógrafos; portrait (retrato); paisagem; fotojornalismo; fotografia de guerra; processos fotográficos históricos (antotipia, fitotipia, cianotipia, marrom van dyke, goma bicromatada); *Anna Atkins*; câmara de grande formato; fotografia de jardim; filme fotográfico (base de celulósido); *George Eastman*; Kodak; fotografia amadora; álbum de família; câmara de pequeno formato; câmara 35mm; *Henri Cartier-Bresson*; o momento decisivo; fotografia profissional; Leica; fotografias; *Man Ray*; linguagem fotográfica; fotografia analógica; fotografia moderna; *Geraldo de Barros*; cortar, riscar, colar; composição; fotografia de viagem; *Robert Frank*; polaroid (fotografia instantânea); fotografia contemporânea; enquadramento; *Diane Arbus*; fotografia humanista; documentação social; *Sebastião Salgado*;



história e crítica fotográfica; *Susan Sontag*; fotografia de rua; flâneuse; *Vivian Maier*; fotografia publicitária; fotografia digital; pixel; obturador; menor tempo de exposição; corpo da câmera; diafragma; controle da quantidade de luz; lente; 50mm (ângulo do olho humano); grande angular; teleobjetiva; fotometria; dispositivo móvel; iphone; android; redes sociais; perda da aura; *Walter Benjamin*. Fotografar é percorrer o desenvolvimento tecnológico e, simultaneamente, a linguagem fotográfica, onde o fotógrafo escolhe uma área de atuação - retrato, paisagem, rua, objetos, documental, experimental, entre outras. Portanto, cabe em fotografar várias ações - registrar, fixar, memorizar, lembrar, controlar, abrir ou fechar a quantidade de luz, estender ou diminuir o tempo de exposição, expor, pesquisar, enquadrar, refletir, escolher entre o preto e branco, o cinza e a cor, exercitar o olhar, imaginar, compor, documentar, criar sem concluir, Cartier-Bresson¹ ensinou sobre relacionar a razão (cérebro), o ver (olho) e o envolvimento (coração), no

¹ CARTIER-BRESSON, Henri. O imaginário segundo a natureza. Trad. Renato Aguiar. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2004.

Imagem 19: fotografar. Fonte: Silvia Cardoso, 2024.

“congelar” um objeto imagético; à luz de Orhan Pamuk² que pesquisou por fotografos e fotografias para elucidar as ruas nas inúmeras caminhadas vivenciadas em Istambul.

² PAMUK, Orhan. Istambul: memória e cidade; tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

Lorena Maia
Resende

Prática de imergir ou manejar fronteiras, através da materialidade ou do pensamento. Diferentemente de limitar, dividir e separar as diferenças, fronteirar se propõe a expandir, unir e aproximar essas diferenças. Limitar é definir uma linha, um marco que simboliza a separação entre coisas distintas, enquanto fronteirar não tem uma delimitação precisa; pelo contrário, é confusa e nebulosa. No entanto, a sua existência depende do acolhimento e diálogo com o limite ou com o outro - verbo transitivo.

Diferente de ‘frontear’: estar situado em frente, defrontar; o ineditismo de fronteirar se propõe a observar a espessura, a região formada no entorno do limite. E é dentro dessa espessura que acontecem as associações, ou, fazendo referência a Nego Bispo¹, os ‘diálogos de fronteira’ entre os diferentes, uma relação dinâmica, por vezes pacífica e por vezes conflitiva, mas sempre em movimento. Acolher o limite não é sinônimo de definição, mas sim de subversão. Estar perto do limite significa possibilidade de mudança e não aceitação. Fronteirar é tencionar o limite, questioná-lo, é colocar em prática o pensamento fronteiriço, cunhado por Walter Mignolo², substituindo o pensamento excludente, binário e colonial para o pensamento inclusivo, diverso e subalterno. É preciso percorrer as frestas.

Durante o percurso da caminhografia,

¹ SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu editora/PISEAGRAMA, 2023.

² MIGNOLO, Walter. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

encontramos muitos limites, alguns mais fáceis de identificar, outros nem tanto, por exemplo: (a) os limites físicos naturais como os cursos hídricos (rio, lagoa, mar) e topográficos (morros, cerros, declividades); (b) os limites físicos de segurança urbana como muros, cercas, grades; (c) os limites físicos de infraestrutura urbana como grandes avenidas, trilhos das ferrovias, viadutos, pontes; (d) os limites imateriais legais como a delimitação de bairros, do perímetro urbano e rural, da divisão entre estados ou países; (e) os limites imateriais reconhecidos pela tipologia de uso e ocupação do território, como a delimitação entre centro e periferia, público e privado, entre outros. A partir desses limites, é possível mergulhar na dinâmica da fronteira, desvendar como esse território do entre se comunica e interage na diferença, identificar seus agentes temporários e fixos. Ao mesmo tempo, no jogo da caminhografia, é possível manejar fronteiras e provocar outras tensões, como nas micro ou macro intervenções no território caminhante.

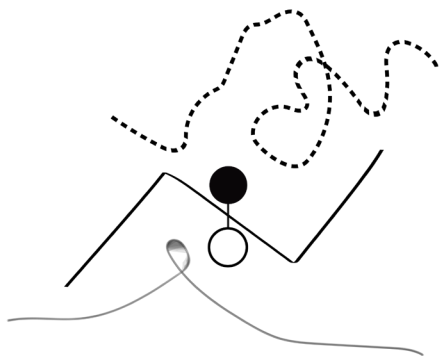


Imagem 20: fronteirar.
Fonte: Lorena Maia Resende, 2024.

Paula Pedreira
Del Fiol

Galerificar é um verbo que cunhei para falar das galerias comerciais, entendendo elas a partir de outro lugar que não só o de passagem, a partir do lugar coletivo de Solá-Morales¹, esse lugar onde não existe o pressuposto de público ou privado, e sim a apropriação desse lugar de maneira coletivizada. Galerificar é a união entre as palavras galeria e ficar, fazendo alusão à permanecer nas galerias, estar por mais tempo, se apropriar, usar de fato.

Em minha dissertação², explico que as galerias em Pelotas são mais que um lugar de passagem, e ademais as galerias estão interligadas à malha urbana da cidade, então porque elas quase não tem lugar apropriados para ficar? Eu proponho que repensemos o lugar de estar em edificações que um dia foram de passagem.

Galerificar, diz respeito a lugares privados de uso público, onde as pessoas realmente se apropriam dos lugares. Criam fluxo, novos usos, interagem entre si, buscam novas alternativas na cidade já saturada de opções. Galerificar quer dizer caminhar por entre esses lugares e perceber que eles estão cheios de gente e de vida, que com um desenho urbano adequado poderia ser contemplado de diferentes formas. Escrevo o galerificar para pensarmos qual seria o lugar da caminhografia em lugares onde somente pedestres podem acessar, onde não tem a disputa com o automóvel. Além disso, para pensarmos através de

¹ SOLÁ-MORALES, Manuel. Espaços públicos e espaços coletivos. In: HUET, B. et al. Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do Século XXI. São Paulo: Terceiro Nome, 2001.

² FIOLE, Paula Pedreira Del. Entre galerias e a rua: caminhografia urbana em Pelotas/RS. Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2023. (dissertação de mestrado).

um lugar consolidado que está arruinado, pela falta de mudanças, pela falta de incentivo, ou até mesmo pela falta de uso, a cidade está em constante mudança, por isso escrevo do abandono das galerias para convidar a usar os lugares de maneiras distintas, reaprender a usar a cidade, e a pensar que estamos lidando com constantes mudanças e para constantes mudanças precisamos estar em constante movimento.

grafitar

Gabriele Vargas

Grafite – Grafitar – Grafite(ar)Graphos –
Grafismo – Grafar – Artegrafar

Arte – Artista – Respiro – Respirar(te)

Sentido – Sentir – Sentimentos
– Sentir(arte)

Efêmero – Efim – Escuta – Escut(arte)

Nas ruas – Nos muros – Na vida – Da vida –
Pra vida – Vidr(arte)

Sou eu – Do eu – Pro eu – Pra nós – Em nós
– Enos(arte)

Entreme(arte) – Na arte – No mundo – Pro
mundo – Pra am(arte)

No caos – Da voz – Da rua – Num(arte) –
Na rua – Nua – Extravaz(arte)

Ser – Estar – Andar – Amar – Pra então
– Inspir(arte)



Imagens 21 e 22: gra-
fitar. Fonte: Gabriele
Vargas, 2024.

habitar

Taís Beltrame
dos Santos

Do latim *habitare*, que significa “viver em, morar”. O verbo latino *habitare* é formado a partir da raiz *hab-*, que significa “ter, possuir”, e do sufixo *-are*, que indica uma ação ou processo. Fluxo de ter. Hábito de fazer. Viver em, viver com. Permanecer. Resguardar. Construir e confiar.

Habitar é criar lugar, poeticamente, demorar-se sensivelmente. Depositar experiência. Respeitar. Deixar-se habitar pelo meio, para a partir dele criar significado. Compreender a possibilidade de construir: criar cultivo, técnica, cuidado, convívio¹. Acolher o céu, cultivar a terra. Ser cidade, ser bioma, ser mata, ser meio. Habitar: ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência². Demorar entre os entes, absorvê-los, guardá-los em si e para si. Apropriar-se do espaço, do local, do corpo. Dar-se conta. Serelentar. Estar em transcendência com o desconhecido.

A caminhografia pode proporcionar diferentes habitares durante seu transcurso. Ao colocar o corpo em contato com o mundo, em primeira pessoa, permite que os diversos sentidos e acontecimentos sejam registrados e o espaço, habitado. Sua proposição ética e política transpassa o habitar a si, o outro, a cidade, para então apropriar-se de si, do outro, da paisagem e dos muitos territórios experienciados. Habitar em caminhografia é

¹ FUÃO, Fernando. Construir, Morar, Pensar: uma releitura de ‘Construir, Habitar, Pensar’ (Bauen, Wohnen, Denken) de Martin Heidegger. Revista Estética e Semiótica, 6(1), 2016.

² HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. [Bauen, Wohnen, Denken] Conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt” (1951), publicada em *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954.

respeitar os que vieram antes e os que vêm depois. É estar atento ao mundo, demorar-se, perder tempo. Habitar é ganhar espaço, sabendo, entretanto, que verdadeiramente nós é que pertencemos a ele, e não a nós.

heterotopisar

Carolina Frasson
Sebalhos

Junção das palavras heterotopia (termo cunhado por Michel Foucault) + pisar.

Heterotopisar é desafiar as leis da física, do poder e da cidade, é pisar aqui e lá ao mesmo tempo. Estar em dois lugares que se opõe e se complementam. Aqui, na cidade planejada, controlada, assistida. Lá, na cidade viva, espontânea, desordenada.

Os lugares heterotópicos também são conhecidos como contraespaços¹: espaços que se sobrepõe aos lugares utópicos. Por sua vez, os lugares utópicos são aqueles que se apresentam de forma irreal, como um aperfeiçoamento ou até a própria perfeição planejada para um espaço. Apesar de exemplos serem limitados, aqui cabem alguns para que possamos melhor entender o que é um contraespaço ou uma heterotopia: as casas de repouso que detém pessoas na fase da vida onde se pode viver ociosamente escapando da regra do lazer por diversão ou; os museus e bibliotecas onde o tempo se empilha sobre si.

Na cidade real, as heterotopias estão em cada canto onde a lógica da utopia se encontra num lugar real, contestado e invertido. Em qualquer esquina do inesperado, do não planejado, do indesejável aos olhos da utopia. Como uma mulher em situação de rua tricotando em um esquina comercial em um dia chuvoso, ou até um evento de rua, onde a rua que foi planejada pra o movimento de carros e pessoas,

¹ FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: Conferência no Círculo de Estudos Arquitetônicos, 14 de março de 1967, Architecture, mouvement, continuité, n°5, outubro de 1984, os. 46-49. Tunísia: 1984.

no evento serve de palco, de lugar de permanência, estático.

Dessa forma, heterotopisar é estar consciente nesse estado duplo de estar. É conhecer o poder da rua enquanto controladora de corpos e mesmo assim enxergar e viver o que nela vive sem ser planejado, controlado e utópico. Heterotopisar pode ser acionado sempre que existe uma programação para dado lugar e espontaneamente (ou não) esse planejamento transborda e vira outro. Outra rua, outro espaço, com outro uso, outras gentes, outro tudo ou outro nada. É o lugar do outro na cidade, na rua, na calçada, na esquina, na lombada, o lugar do outro dentro da urbe e o nosso lugar enquanto pesquisadores conscientes desse espaço heterotópico.

Receber, condicionar, provocar, acolher, rejeitar. A hospitalidade da hostilidade, a hostilidade na hospitalidade. Palavra criada por Jacques Derrida: *hostis* (inimigo) + *pets* (*potis*, *potes*, *potência*)¹, recriada por Dirce Solis², Fernando Fuão³ e Celma Paese⁴. Hostipitalizar é receber o diferente, em si, para então receber a si mesmo no outro; tensionar a hospitalidade pura, causar estranhamento, romper com os limites e ‘regras da casa’. Propor a *différance* como questão. Acolher o estrangeiro. Acolher o hospedeiro. A dualidade como entre. Estar em movimento, de acolher e ser acolhido, entre o convite para ficar e o medo que coloca a correr. É ser recebido no interior do outro, na casa do outro, em si do outro, e ficar à mercê dessa propriedade, mas também recebê-lo. Entregar-se ao outro, e deixar que o outro se entregue para ti. É a alteridade em movimento. A força e o desejo de acolher como potência-poder nem sempre requisitado. É o movimento da vida, dos imbricamentos, das desavenças, mas também do abraço apertado. É hospedar-se na casa do anfitrião, com o temor e a aventura que estar no ninho do outro. Um acolhimento assimétrico, sempre desproporcional, disruptivo, mobilizador, passível de retorno.

Na caminhografia a hostipitalidade é experimentada a todo momento. Hostipitalizar é habitar a rua, usufruí-la, transformá-la, mas antes habitar o outro, que compõe a rua, o lugar e a casa nesse

Taís Beltrame
dos Santos e
Celma Paese

¹ DERRIDA, Jacques. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003.

² SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. Desconstrução e arquitetura, uma abordagem a partir de Jacques Derrida. Rio de Janeiro: Ed. UAPÊ, 2009.

³ FUÃO, Fernando. As Formas do Acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce Eleonora Nigro; FUÃO, Fernando (orgs). Derrida e arquitetura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015, p. 41-113.

⁴ PAESE, Celma. Contramapas de Acolhimento. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2016. (tese de doutorado).

encontro. Receber o outro no território dele, criando um lugar de espera e transformação. Tensionando as propriedades para reconstruí-las. Mas, também, ser recebido em si, no seu próprio território, para deixar-se transformar-se também no outro. Hostipitalizar é tornar o hospedeiro hóspede do hóspede.

Toc, toc

Quem é você?

Por que você quer entrar?

O que você busca?

Você pode **pagar**?

Você **obedecerá** as **minhas leis**?

Quanto você me dá pelo meu **amor**?

Quanto custa seu **amor**?⁵

imaginar

Cláudia Mariza
Mattos Brandão

Ima[ã]: força centrípeta atrativa da criatividade; força resultante de um somatório de trajetórias que tangenciam a substância do ser.

Imagin[em]: representação criativa de quem somos; abstração mental do que se faz distante.

Ima.gi.nar: ser, estar, respirar. Oxigenar a razão. Acionar a subjetividade.

Imaginar resulta do corpo sensível ativo e altivo. Acionada pela curiosidade, essa capacidade humana é reverberação do ser em situação. É atividade vital, (trans) formadora e criadora. É o caminho uno para a invenção transgressora do visto.

Imaginar é também carto/foto/graphar. Caminhar, registrar e escrever visualmente o que desperta a nossa atenção. Inscrever-se no mundo. Identificar um corolário de sentidos latentes ou obscuros na realidade.

Imaginar: dar a ver a Imago em Ação. Produzir significado. Estimular uma decorrência imediata daquilo que nos instiga, incomoda, provoca, sacode, perturba, aquece e ilumina as nossas cavernas interiores.

Imaginar é sonhar com mundos possíveis, amores fraternos, vidas harmônicas, devires coletivos e coloridos como o arco-íris.

Imaginar é olhar para o céu e identificar nele a inscrição de uma visão aérea do rio Tejo.



imunizar

Camila Ferreira
Guimarães e
Manoel Rodrigues
Alves

Processo de elaboração e construção de marcos e procedimentos de seguranças materiais e imateriais, físicas e simbólicas. Observando a diferença entre *gemeinschaft* e *gesellschaft* e considerando que indivíduos se associam e se organizam em grupos e comunidades, de modo a buscar e estabelecer referências que possibilitam a construção de sentidos e significados, imunizar diz respeito à construção de esferas de proteção. Conforme descrito por Peter Sloterdijk¹, os seres humanos buscam construir suas imunidades sejam elas espaciais, físicas ou imateriais e simbólicas, como forma de sobrevivência.

Partindo dessa concepção, ao estarmos e habitar o mundo, ao caminharmos e reconhecermos espaços, ao nos relacionarmos com o outro e descobrirmos formas de compartilhamento e desvelamento do mundo. Ao resistirmos às formas hegemônicas excludentes e ao resgatarmos memórias estamos construindo imunizações que operam, na contemporaneidade, enquanto espumas (não mais bolhas ou globos) de proteção. Entretanto, há sempre a possibilidade de que a exterioridade adentre aos sistemas de imunidade causando-lhe duas consequências: a transformação do estranho em familiar e a ampliação dos limites de segurança; ou o colapso do sistema que se desestabiliza provocando sua crise e recriação no modo perpétuo de imunização.

¹ SLOTERDIJK, P. Esferas I, Burbujas; Esferas II, Globos; Esferas III, Espumas. Ediciones Siruela, Madrid, 2003, 2004 e 2006.



A primeira vez que li e ouvi sobre o “inscrever” foi na voz/texto do arquiteto Fernando Fuão, que utilizou essa expressão em seu blog “Inscritos no Lixo”. Fuão diz lá que “Inscrita: escrita dentro (in), incisão, inserção, escrita em profundidade. Inscritos no Lixo é um blog destinado a divulgar ensaios, artigos, poesias, vídeos, arte, crônicas relacionadas à temática do lixo desde o aspecto existencial dos catadores, recicladores, galpões de reciclagem, carrinheiros, moradores de rua.....”

“Inscrever” pode ter diferentes significados dependendo do contexto em que é utilizado, podendo significar: registrar ou anotar; gravar ou entalhar; associar ou participar e; manifestar ou expressar.

No contexto da caminhografia, “inscrever” pode assumir variações nos mapeamentos e trajetórias: 1) Registrar no espaço: marcando de alguma forma a presença ou a experiência em um espaço físico, envolvendo a criação de marcas, notas ou representações visuais no mapa indicando onde você esteve ou o que encontrou durante o caminhar; 2) Mapear percepções e sentimentos: no campo das subjetividades ou produções de subjetividades associados ao caminhar, implicando não representar apenas aspectos físicos, mas também as experiências emocionais e subjetivas vivenciadas durante o percurso; 3) Deixar uma marca temporária: uma interferência momentânea que

¹ INSCRITOS NO LIXO. Ver mais em: <https://inscritosnolixo.blogspot.com/>

não permanece, podendo ser a criação de desenhos temporários, marcações no solo ou qualquer outra forma de expressão efêmera e; 4) Ato criativo e exploratório: envolvendo não apenas documentar, mas também expressar criativamente a experiência do caminhar no mapa, utilizando diferentes formas de representação como desenhos, palavras ou símbolos.

interseccionalizar

Carla Silva de Ávila

Interseccionalizar é compreender os processos de percepção da realidade social através da construção teórica e analítica do pensamento crítico de mulheres negras em contextos diaspóricos. A Interseccionalidade apresenta-se como uma lente analítica de percepção da realidade social. Uma lente que possibilita ater-se ao real através dos encontros, cruzamentos de distintas ações e historicidades que afetam e constituem o ser social. Realidades distintas de estruturas interseccionais que demarcam as noções de raça, cor, gênero, sexualidade e nacionalidade. Uma lente que permite compreender a complexidade do existir, habitar, sentir e vivenciar o mundo contemporâneo¹. Interseccionalizar é relativizar o sujeito uno e universal contido na noção de humano apresentado pelo iluminismo². É dar-se conta que nossa existência é marcada pela noção de raça, uma vez que a colonização marcou corpos e tradições de forma hierarquizada, levando os descendentes de africanos a uma zona de não ser³. As construções de gênero, sexualidade e nacionalidade, por intermédio do olhar interseccional estão acopladas nas de classe e raça, pois ser mulher, ser negra, ser lésbica, é atravessado por questões estruturais que levam a distantes formas de vivenciar os espaços sociais, simbólicos e territoriais do existir⁴. Interseccionalizar passa pela noção de encontro que permite compreender os processos que formam e sustentam as

¹ COLLINS, Patricia Hill; Bilge, Sirma. Interseccionalidade. Trad. de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

² MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

³ FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

⁴ ÁVILA, Carla Silva de. Os dilemas da categoria "pardo" nas políticas de ações afirmativas de corte racial no sul do RS. Pelotas: UCPel, 2022.

desigualdades sociais. Parte da atenção a questões locais e globais que mantem as múltiplas estratificações dispare do social. Interseccionalizar é escutar as diversas produções das múltiplas intelectualidades produzidas pelo pensamento e movimentos de mulheres negras. Produções que servem como contraponto à imposição filosófica neoliberal que foca no sujeito uno, responsável pelas consequências da própria forma que estrutura a sociedade contemporânea. “É uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas”⁵.

⁵ COLLINS. Op. Cit, p.245.

Há diferentes modos de interpretar e, sobretudo, de praticar intervenções em processos de pesquisa e apreensão urbana. Do latim, *intervir* é se colocar entre, vir entre, intrometer-se ou interromper alguma situação que estava em um determinado curso de ação. E este é sempre um caminho útil para começar a refletir sobre tal conceito, trazendo-o para o método da Caminhada Urbana. Para começar, temos, pelo menos, três elementos na definição em latim: (a) uma situação que seguia seu curso; (b) uma ação que altera tal curso, imprimindo uma nova dinâmica; (c) e uma força exógena que produz tal ação de intervenção.

Começamos por entender a situação (a), buscando defini-la simplesmente como “urbana”, pelo cruzamento de seus diferentes fluxos e camadas, mas também reforçando a sua natureza de movimento. As situações, não somente não são fixas, como também são experimentadas por diferentes pessoas que a constroem. A esta situação em movimento, uma ação não prevista ou exógena ao curso, busca alterá-la (b). Trata-se então de uma intervenção, especialmente quando realizada de modo deliberado. Neste caso, vale a pena buscar explorá-la a partir de, pelo menos, quatro diferentes dimensões, que podem ser complementares em diferentes modos: a dimensão performática da ação de intervenção¹, sua dimensão micro-política², sua dimensão ética³ e sua

¹ CREMASCHI, Marco; FIORETTI, Carlotta; MANNARINI, Terri; SALVATORE, Sergio. *Culture and Policy- Making Pluralism, Performativity, and Semiotic Capital*. Springer Cham, 2021.

² FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

³ COLLINS, Patricia Hill. *Learning From The Outsider Within: The Sociological Significance of Black Feminist Thought* in Harding. London: Routledge, 2004.

dimensão de implicação em pesquisa⁴. Quando navegamos por estas dimensões, podemos performa ética e politicamente a nossa intervenção (d) como uma “situação de arte”⁵ na qual um novo fluxo se soma em termos de significados com um fluxo que já estava dado. Em outras palavras, projetamos e realizamos a intervenção como uma situação que altera uma outra situação. Nos implicamos nesse encontro, pois ambas possuem a natureza de movimento. Ou de trânsito, como diria Dewey⁶, que usa a expressão de transação para ressaltar as possibilidades de que duas situações em movimento se interconectem criativamente e se alterem mutuamente criando uma nova situação. Nesse sentido, intervir pode ser uma maneira de inter-relacionar-se com os praticantes e os transeuntes, possibilitando novos tipos de experiências estéticas, ético-políticas e de convívio urbano, inclusive com indivíduos ou grupos comumente inviabilizados nas práticas mais cotidianas dos territórios marcados pela exclusão social.

⁴ BOULLOSA, Rosana de Freitas. Mirando ao Re-vés as Políticas Públicas: os desenvolvimentos de uma abordagem crítica e reflexiva para o estudo das políticas públicas. Publicações da Escola da AGU, v. 11, p. 89-106, 2019.

⁵ MARZADRO, Flavio. Situação De Arte: Um Método Interpretativista de Apreensão da Cidade (Excludente). Salvador: UFBA, 2023. (tese de doutorado).

⁶ DEWEY, John. Art as experience. New York: Minton, Balch & Company, 1934.

O processo de derivar¹ está intimamente ligado à capacidade de intuir. Caminhar sem “a priori” é um tipo de precipitação que só funciona se você confia em algo que não pode explicar, mas sabe que deve fazer.

Falar da intuição é algo comum. É comum dizer: “Olha, você deve parar de pensar, você deve sentir”. Supostamente, quando sente algo (ainda que não saiba dizer o que é), ali está a resposta verdadeira para o que você desejava fazer ou saber. Mas será que sentir é o mesmo que intuir? Certamente não. Inicialmente, segundo Beck², muitas pessoas quando dizem: “Senti vontade de fazer isso”, na verdade não sentiram, pensaram. Não é possível sentir vontade de fazer algo. Você pensa em fazer e faz, ainda que não perceba. Sentimentos não implicam tomada de decisão, mas somente formas de interpretar as emoções. Em geral, você tem uma emoção e ao interpretá-la, você diz: “Sinto tristeza”, “Estou alegre”. O sentimento é uma constatação e interpretação de um estado emocional. Não é possível parar de pensar para sentir, se sentir é uma forma de raciocinar sobre a emoção.

A Intuição é um súbito saber. Não é mágico. É o acúmulo de experiências. Você já deve ter vivido muitas coisas na vida e mesmo que não tenha consciência disso, registrou suas sensações e pensamentos em sua mente. De acordo com os estudos

¹ DEBORD, Guy. (1956/1958). Teoria da deriva. In: JACQUES, Paola Berenstein (org.). Apologia da deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade/Internacional Situacionista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

² BECK, Judith. Terapia cognitivo-comportamental: Teoria e prática. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

das Neurociências cognitivas, só temos consciência de 2% de tudo que conhecemos. 98% do que somos está em um nível inconsciente. Assim, a intuição é um saber que, em geral, não passa pela consciência. Quando você tem uma ideia, um palpite e diz: “Devo fazer isso, porque sei que é o melhor caminho e não consigo explicar o que é”, pode ser que sua intuição esteja falando com você.

A intuição tem outra característica. Ela é percebida como uma forte reação física. Você percebe o estômago embrulhar, tem vontade de sair do lugar, seus pensamentos ficam acelerados, sem que seja ansiedade. Às vezes, você começa a suar e percebe seu corpo fisiológico ficar diferente. Parece que o corpo sabe antes da sua consciência. Na intuição existe um nível de percepção que te mobiliza, te movimenta.

Conhecer sua intuição e treiná-la pode ser excelente estratégia para derivar. É o que te faz conectar com o ambiente circundante sem o uso de verdades pré-estabelecidas. É uma forma de pensar o presente, de se deixar levar por aquilo que te cativa no ato de deambular.

inventar

1. Acontecer no vento;
2. Aproximar-se ao impensado;
3. Estar no impensado;
4. Fazer desvios ao modo habitual;
5. Pode acontecer com/de um tropeço;
6. Diferente de criar, que vem da ideia de “ponto zero”, inventar vem do agora, ação que salta de um fluxo contínuo;
7. Inventar um problema e inventar uma solução são operações que acontecem juntas;
8. Ação recorrente em pessoas que tem bicho-carpinteiro, pulga atrás da orelha e/ou arruma sarna pra se coçar.

Carolina Corrêa
Rochefort, Rafaela
Barbosa Ribeiro,
Amanda Martins
de Abreu, Maíra
Câmara Neiva e
Luana Reis Silvino

investigar

Laís Dellinghausen
Portela

Investigar é seguir os rastros, as pistas, desvendar, procurar meteticulosamente descobrir, através de um exame e observação minuciosos; pesquisar. No contexto da Caminhografia Urbana, é um convite para experimentar uma análise detalhada e sistemática do comportamento dos ambientes urbanos, através da caminhada como forma de investigação, exposição à pluralidade e produção de paisagens urbanas. Essa prática envolve a coleta, organização e interpretação de informações relevantes sobre como as pessoas se movimentam, interagem e utilizam os espaços públicos, transcendendo os limites da obviedade e da previsibilidade.

jogar

Eduardo Rocha e
Taís Beltrame
dos Santos

O verbo jogar tem sua origem no latim vulgar *iocare*, derivado do latim clássico *iacere*, que significa lançar ou atirar. Esse verbo latino *iacere*, por sua vez, está relacionado ao termo grego ἰάσκειν (*iáskein*), que também significa lançar. Ao longo do tempo, o significado de jogar foi se ampliando para abranger não apenas o ato físico de lançar algo, mas também atividades recreativas e lúdicas, como jogos e esportes, onde objetos são frequentemente lançados ou manipulados de alguma forma. Joga-se a bola, o disco, o objeto. Xadrez, amarelinha, “o chão é lava”. Jogar é explorar o caminho, participar, comunicar, aprender a perder e a ganhar. Passar. Esperar. Sua vez! Jogar é colocar em movimento: o objeto, o pensamento, a cidade.

Jogar no sentido da caminhografia urbana implica engajar-se em atividades lúdicas que simbolizam dinâmicas complexas, como propunham os situacionistas. É quando o jogo extravasa o divertir-se e pode apresentar as diferentes forças e interações da cidade. Segundo Deleuze e Guattari¹, os jogos podem revelar a noma-dologia (nomos) ou o sedentarismo das cidades (polis); seus espaços lisos e estriados, mais ou menos iluminados ou controlados. Jogar reflete a maneira como os indivíduos interagem com o ambiente urbano, navegando entre espaços e tempos, perdendo-se e encontrando-se, em uma dança contínua entre viver, restringir,

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra. In: Obras Completas de Deleuze e Guattari. São Paulo: Editora 34, 1997.

fazer, cobrar, legislar, criar, apropriar, ocupar, medir

No sentido situacionista, como nos aponta Paola Jacques em *Elogio aos Errantes*², jogar é uma prática social profunda, que se enraíza na dinâmica urbana e na construção das complexas identidades. Jogar é criar situações de experiência na cidade. Uma atividade que ocorre à deriva: “O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis. É possível se pensar que as reivindicações revolucionárias de uma época correspondem à ideia que essa época tem da felicidade. A valorização dos lazes não é uma brincadeira. Nós insistimos que é preciso se inventar novos jogos”³. Quando a cidade cala-se para o movimento de divertir-se e engessa-se na aceleração homogeneizadora, a exploração do jogo deve requisitar outra vez o espaço da errância. Jogar é um fenômeno multifacetado que lança luz sobre as interações humanas e as complexidades da vida urbana moderna.

Para jogar na caminhografia urbana: Explore áreas, cumpra desafios, siga pistas ou procure objetos em diferentes territórios da cidade (onde conseguir água? falar com uma pessoa, colar um adesivo, deixar algum objeto, mudar alguma coisa de lugar); Explore os jogos de realidade aumentada, que criam elementos virtuais no espaço urbano real, permitindo interações como resolver quebra-cabeças ou lutar contra inimigos virtuais, encontrar pokemóns. Dramatize, pratique ou crie situações coletivas que tensionem o uso

² JACQUES, Paola Benstein. *Elogio aos errantes*. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

³ “Résumé 1954”, assinado por Debord e Fillon. In: *Ibid*, p.180.

esperado do espaço público: dance, jogue bola, cante, entreviste, beba, durma em diferentes lugares da cidade; Intervenha no espaço com instalações temporárias, performance, grafite.

Na caminhografia urbana, jogar, registrar e criar operam em conjunto. Enquanto nos engajamos em interações lúdicas, explorando e sendo desafiados pelo ambiente, documentamos a cidade em imagens e experiências. Essa interação estimula nossa capacidade criativa, possibilitando constantes reinterpretações e reinvenções da paisagem urbana. Assim, esses elementos se entrelaçam, proporcionando uma experiência integrada e participativa na vida da cidade.

Vera Regina
Tângari e Lorena
Maia Resende

Leitura do que é livre, do que não está preenchido, do espaço disponível e acessível. Liberar, neste verbolário, vai ao encontro do reconhecimento e exploração dos espaços livres, termo cunhado por Miranda Magnoli¹, para expressar e identificar todo o espaço que é livre de edificação ou urbanização, podendo ser público ou privado; definido como espaço urbano, rural ou da natureza²; pavimentado ou arborizado; com nenhuma ou pouca interferência humana.

De uma maneira geral, significa liberar de edificação ou de urbanização, dependendo do contexto em que se estude, percorra, caminhe ou viva. Inclui espaços diversos tais como lajes de favelas; páti- os de igrejas, escolas, estacionamentos; quintais ou jardins residenciais; terreiros de candomblé ou umbanda; largos, mirantes; pesk-pags; cemitérios; dentre outros espaços “liberados” de obstáculos ou barreiras à luz, ao sol, à chuva, ao céu.

Significa molhar com água os pés ou o corpo todo ao entrarmos nos rios, lagos, praias, córregos, barragens, ou nas poças da rua; ou ainda molharmos com a chuva; significa sentir o vento que passa entre edificações, árvores, nos ajudando a respirar a vida; significa também aquecermos ou derretermos ao sol ou ainda podermos ver pedacinhos ou grandes porções de céu azul, cinza, negro, com ou sem estrelas, com ou sem raios e trovões.

¹ MAGNOLI, Miranda M. E. M. Espaços livres e urbanização: Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana. Tese (Livre-docência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

² IBGE, Coordenação de Geografia. Proposta metodológica para classificação dos espaços do rural, do urbano e da natureza no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

O verbo liberar também se aproxima do sentido de reivindicar a criação ou a permanência dos espaços livres nos contextos urbanos, principalmente nas localidades à margem, nas periferias, nas regiões mais vulneráveis e frágeis quanto a fatores socioambientais. Segundo Queiroga³, os benefícios dos espaços livres promovem a melhoria da qualidade de vida, impactando direta e indiretamente em diversas áreas, como na saúde, na mobilidade, no meio ambiente, no microclima, na habitação e na educação. Dessa forma, a leitura dos espaços livres oferece não apenas a caracterização da situação atual, como também revela o potencial transformador desses espaços, na aplicação de políticas e práticas de preservação, adaptação ou ampliação.

Importante destacar como fez Macedo⁴ em suas múltiplas publicações que os sistemas de espaços “liberados” de edificação ou urbanização, incidem e persistem nas cidades e nos campos, mesmo que não tenham sido “projetados como tal”. Incidem pela permanência da vida nas cidades com diferentes atributos, formas, funções e apropriações.

³ QUEIROGA, Eugênio F. Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras. *Resgate*, vol. XIX, nº 21, jan./jun. 2011, p. 25-35, 2011.

⁴ MACEDO, S. S., QUEIROGA, E., CAMPOS A. C., GALLENDER, F. e CUSTÓDIO, V. Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública no Brasil. Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2018.

limitar

Laís Becker
Ferreira

Limitar é demarcar, determinar um limite, conter, circunscrever, fixar, restringir, reter, separar. No âmbito urbano, limitar pode adquirir diferentes significados, de acordo com o contexto.

Podemos limitar no sentido de estabelecer restrições legais ou regulamentações. Definir o que é ou não permitido em uma área urbana, como limitar a altura dos edifícios, a taxa máxima de ocupação ou a densidade populacional.

Podemos ainda limitar no sentido de formar barreiras físicas. Demarcar limites geográficos, como estradas, rodovias ou rios que dividem uma cidade, por exemplo. As fronteiras ou bordas também podem ser estabelecidas de forma intencional para fechar espaços e torná-los exclusivos. Esta prática é representada por elementos arquitetônicos, como os muros dos condomínios fechados, grades e cercas eletrificadas.

Também podemos limitar no sentido de restringir o acesso, o fluxo de pessoas. Controlar quem pode viver, trabalhar ou acessar determinadas áreas urbanas, muitas vezes excluindo determinados grupos sociais com base em critérios discriminatórios. Um exemplo emblemático são os condomínios fechados, onde apenas moradores ou visitantes autorizados têm permissão de acesso. Medidas que refletem uma mentalidade de “fortaleza”, cada vez

mais prevalente em nosso país, caracterizado por tensões e desigualdades sociais tão acentuadas.

Como podemos ver, o ato de “limitar” está relacionado com controle, separação, fronteira. E, no contexto urbano, pode implicar também em práticas que dificultam a coesão social e contribuem para a manutenção de divisões e disparidades dentro das cidades.

Fernanda Fedrizzi

¹ AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 9ª edição. Campinas: Papirus, 2012.

² TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

³ LIPPARD, Lucy. The lure of the local: senses of place in a multicentered society. New York: The New Press, 1997.

⁴ SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. Hucitec, 1996.

⁵ SEAMON, David. Lugarização vivida e a localidade do ser: um retorno à geografia humanística? In: Rev. NUFEN, Belém, v. 9, n. 2, p. 147-168, 2017.

⁶ RELPH, Edward. Place and Placelessness. London: Pion, 1976.

⁷ RELPH, Edward. Placeness and Place: A Brief Introduction to the Website. [S.l.], 2015.

Lugarizar é fazer lugar por meio dos afetos e significados atribuídos a um espaço através da vivência.

Para que algo seja *lugarizado* é necessário que antes tenha sido outra coisa: um local, um sítio, um espaço, um território. Mas o que é um lugar? O conceito de lugar está relacionado à experiência, à heterogeneidade, ao íntimo e sua relação com o todo. O lugar pode ser pensado conceitualmente como geografia e como intimidade, por meio das dobras da complexidade das coisas do cotidiano e dos fenômenos que acontecem na imersão em uma determinada situação. O lugar propicia algo diferente em potência quando é discutido como relacional, identitário e histórico¹, como algo familiar² e visto de dentro³, além de associado às experiências do dia a dia⁴, ou seja, um lugar precisa ser vivido.

O conceito de *lugarização vivida* (*lived emplacement*)⁵ está intimamente ligado à criação de *lugaridade* (*placeness*)⁶, que é entendida como tudo que tem relação com o lugar e o conceito de lugar⁷. Seamon utiliza o termo para descrever o processo pelo qual um espaço físico se torna significativo para as pessoas por meio de suas experiências e interações. Uma *lugarização vivida* “significa que a qualidade da vida humana está intimamente relacionada à qualidade de lugar no qual esta vida se desdobra e vice-versa”⁸, e essa qualidade pode estar

relacionada tanto aos aspectos físicos quanto aos emocionais deste lugar.

A lugaridade é a expressão de uma relação dialógica entre as pessoas e os lugares⁹. Holzer afirma que lugares “só existem a partir do compartilhamento de experiências entre seres humanos”¹⁰, indo ao encontro de Relph: “Os lugares são fusões de ordem humana e natural e são os centros significativos de nossas experiências imediatas do mundo”¹¹. Às vezes, estas relações não são evidentes, o que se traduz na impressão de que elas não existem. A *ausência-de-lugaridade* (*placelessness*)¹² descreve espaços que carecem de um sentido de lugar (*sense of place*), muitas vezes resultantes da homogeneização, e pode ser solucionada quando um espaço é lugarizado.

Ao lugarizar criamos lugares com lugaridade e a lugarização é o processo pelo qual os lugares adquirem tal qualidade. Quando caminhografamos lugarizamos espaços.

⁸ SEAMON, Op. Cit.

⁹ HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. Cidades, v.10, n.17, p. 18-29, 2013.

¹⁰ Ibid.

¹¹ RELPH. 1976, Op. Cit.

¹² Ibid.

Juan Manuel
Diez Tetamanti

Mapear é explorar, inspecionar e transitar. É o movimento que dá forma ao mapa, sendo o corpo do encontro entre a cartografia e o decalque. No mapa, convergem a cópia e a resistência, a fuga e a reprodução. Conexões, vazios, intensidades, omissões e ênfases invisíveis - tornados visíveis - dão vida ao mapa.

O mapa se desenha ao mapear, fundindo o conhecido e o desconhecido simultaneamente. O vazio adquire forma, como algo que foi completado. Assim, o tempo molda o mapa e vice-versa; seus traços registram algumas marcas enquanto escolhem esquecer outras.

Para Deligny¹², mapear implica no registro das interações e comportamentos, singularidade das experiências e da comunicação. Já Deleuze³ considera que mapear não é fazer decalque, mas um processo de exploração e criação que revela as multiplicidade e conexões entre diferentes elementos. Mapear produz um mapa aberto, capaz de ser conectado em todas as suas dimensões, desmontado, alterado, suscetível à constantes modificações.

Brian Harley⁴, geógrafo discípulo de Derrida, dá ênfase ao caráter político do mapear, ele argumenta que mapear implica uma série de decisões conscientes e subjetivas sobre: o que incluir e excluir, o que enfatizar ou minimizar no mapa, todas essas decisões incorporadas modos

* Original em espanhol.
Traduzido por Tais B. Santos.

¹ DELIGNY, Fernand. Permitir, trazer, ver. Barcelona: MACBA, 2008.

² DELIGNY, Fernand. Carte et lignes d'erre/Maps and Wander Lines. Traces du réseau de Fernand Deligny 1969-1979. Paris: Éditions l'Arachnéen, 2013.

³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

⁴ HARLEY, John Brian. La nueva naturaleza de los mapas: ensayos sobre la historia de la cartografía. Madrid: FCE, 2001.

de cartografar. Mapear para Garley é uma ação de caráter ideológico que pode ser usado como instrumento de controle e resistência.

Mapear é sair do lugar, descentralizar e dispersar as coisas no tempo e no espaço. Mapear o abandono é singular.

Os mapas mudos carecem de memória, e ao serem mapeados, são apropriados pela vida, por seus traços que lhe preenchem de cores, experiências, limites, magnitudes e tensões. Mapear é o trabalho que a partir da cartografia explora o invisível, dá voz ao ainda não dito e dá formas ao inexplicável.

Daniele Caron

¹ Em conversa sobre o significado de margem e borda na cultura guarani, Cacique Gildo da Comunidade Mbya Guarani de Para Roke/Rio Grande/Brasil comenta que a noção está mais próxima à ideia de zona do que de linha-contorno (2024).

² Ver “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano”, 2019, onde Grada Kilomba recupera ideias de bell hooks para tensionar a noção de margem como lugar de precariedade e ampliar seu entendimento enquanto condição complexa, capaz de nutrir a capacidade de resistir às opressões, e acolher discursividades alternativas ao paradigma colonialista.

³ Dénètem Touam Bona, em “Cosmopoéticas do Refúgio”, (2020), nos conta que o periférico pode um dia tornar-se central, referindo-se a este espaço-tempo como berço de uma linguagem comum que se faz a partir do encontro de saberes e da tessitura das alianças, nem dentro nem fora, mas “no vórtice caótico dos entremundos”, p. 68-69.

Seria a margem uma definição possível?

Frequentemente associada à ideia de limite ou contorno, a margem também pode ser o espaço/tempo entre duas instâncias marcadas por uma diferença em devir. Por isso, acionar a margem é sustentar sua condição movente, emergente, insurgente. Processos de brote, nos quais há uma força latente que empurra uma transformação, inclusive física. Na cultura guarani essa noção de margem/borda é acolhida na palavra *hembe*, que para além da linha, evoca uma zona de transição¹.

A margem é potência de invenção, de abertura radical, condição de possibilidade para imaginar mundos outros².

A margem é movente, emergente, insurgente. Não aceita definições precisas.

A noção de *margear* poderia, então, ser explorada como ato de implicação com a margem.

Se a margem é territorialidade movente que acolhe desvios e conflitos, *margear* opera por um desmoronamento da norma, do fixo. *Margear* é uma aposta em outras formas de organização capazes “de sabotar a ordem humanitária e policial da assistência controlada”³. Onde podem haver alianças tão improváveis como auspiciosas.

Se a margem é encruzilhada de saberes, margear convoca o contágio com epistemologias outras, capazes de convocar comunidade, e de acionar processos de compreensão urgentes sobre o mundo. Margear é forças em implicação.

Se a margem nos remete a uma diferença em devir, o margear nos empurra para um fluxo, um sombreado inquietante, ondas, amplitude e esgarçamento, inscrevendo um trabalho de co-emergência com/no território. Margear também nos exige atenção ampliada, forrageira, como nos ensina Anna Tsing⁴, para ser capaz de escutar as histórias, estas que precisam tanto serem contadas.

⁴ Em “Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno” (2019), através das histórias dos coletores de cogumelos matsutake em paisagens arruinadas, Anna Tsing nos conta que o forrageamento praticado se assemelha a uma espécie de dança, em que estão implicados diversos programas estéticos e histórias de práticas, além de um entrelaçamento multiespécies (p. 28/29). Uma atenção forrageira seria, então, uma atenção desfocada, aberta, porosa às histórias que constituem a vida.

Manoel
Rodrigues Alves
e Camila Ferreira
Guimarães

Ação que compreende o processo de apreensão e interpretação do mundo e da cidade que habitamos, em particular das diferentes camadas que compõem o espaço, relacionando seus sentidos e significados, seus aspectos materiais, simbólicos e temporalidades. Ação que tem como objetivo desvelar o que se encontra oculto por meio da ativação da memória (enquanto ferramenta de prospecção do futuro) e da história (enquanto ferramenta de compreensão do presente), ao mesmo tempo que permite produzir novas relações e memórias com o território¹. Marcel Proust ², em sua obra “Em busca do tempo perdido” evidencia como a memória pode ser despertada por experiências resgatando um tempo que achávamos que não mais existia em nós, provocando a ressurreição de nossas memórias mais sensíveis³. Nesse sentido, memorizar permite construir um diálogo sensível com o território como forma de construção de laços e identificações. Cumpre observar que o ato de lembrar incluído na memorização se relaciona com o esquecimento, compreendido enquanto um fenômeno de múltiplas dimensões⁴. Há, portanto, na memorização, a manifestação dos aspectos que serão lançados ao esquecimento, produzindo uma imagem filtrada por nossas intenções do passado, definindo o que iremos rememorar e comemorar, sem, contudo, implicar em uma visão retrotópica equivocada.

¹ NORA, Pierre; AUN KHOURY, Yara. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 10, 2012.

² PROUST, Marcel. Em Busca do Tempo Perdido: Volumes 1, 2 e 3. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. E-book.

³ GUIMARÃES, Camila F. Atmosferas Patrimoniais. Espaços públicos patrimonializados em Minas Gerais. São Carlos: IAU/USP, 2023. (tese de doutorado).

⁴ HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela memória. Arquitetura, monumentos, mídia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

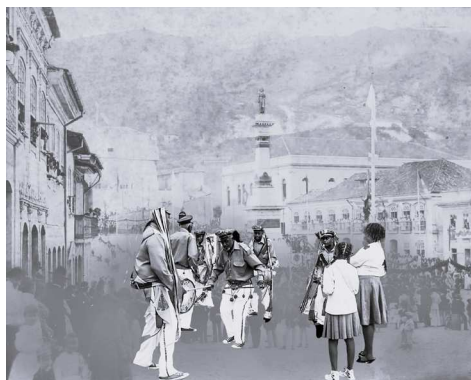


Imagem 25: Colagem cartográfica elaborada por Camila Guimarães, 2024. Fonte: Foto base da Cerimônia de inauguração da estátua de Tiradentes em Ouro Preto (MG). Coleção Nelson Coelho De Senna. Arquivo Público Mineiro. Foto do Congado em Ouro Preto: Camila Guimarães, 2018.

Luana Pavan
Detoni

Minorar, apequenar, amiudar, reduzir são ações estreitamente ligadas à prática da caminhografia. Entre caminhar e cartografar, buscamos encontrar os anônimos, conhecer as micronarrativas e fazer existir a sutileza do plano de fundo ante o extraordinário do primeiro plano. Nesse processo, corroboramos com Lapoujade¹, “fazer existir é sempre fazer existir contra uma ignorância ou um desprezo”. Assim, nos interessamos e defendemos o menor, por meio de rupturas, frestas, ruídos e demais limiares que acolhem existências mínimas. Somos atraídos por quimeras, escolhemos o que pode parecer desimportante, gostamos de correr o risco de nos interessar por algo em vão.

Minorar pode ser entendido como um gesto da caminhografia. Por meio do procedimento de redução, invocado por Souriau², a fim de fazer ver as múltiplas existências. Ressaltamos que os mínimos precisam conquistar sua existência; nesse processo, devem ser minorizados ou reduzidos, experienciados por meio de anáforas, para que então sejam instaurados pelos gestos. Os gestos são importantes não apenas porque instauram novos modos de existência, mas porque são criadores de direito³. Ou seja, o trabalho do caminhógrafo além de combater a dúvida da existência, diz respeito ao exercício de atribuir o direito dela existir.

¹ LAPOUJADE, David. Existências mínimas. São Paulo: n-1 edições, 2017.

² SOURIAU, Étienne. Os diferentes modos de existência. São Paulo: n-1 edições, 2020.

³ LAPOUJADE. Op. Cit.

Minorar também pode ser compreendido como o ato de reconhecer o poder do menor, muitas vezes de uma maioria minorizada, como abordado na pesquisa sobre as cidades pequenas como um território do devir menor⁴. Pensamento construído a partir da noção de literatura menor em Deleuze e Guattari⁵, com base em três características, que podem ser lidas como pistas aos caminhógrafos: a desterritorialização da língua, pela desconstrução identitária; a transformação dos processos individuais em coletivo, reforçando a potência do sujeito-coletivo; e a vinculação do individual ao político, evidenciando a ação que o menor produz frente a uma lógica dominante.

Tensionamos muitas reflexões ao minorar, seja pelo procedimento de reduzir de Souriau e Lapoujade, ou pelo devir menor deleuze-guattariano. Sobretudo, bradamos pelos espaços opacos de Milton Santos⁶, da criatividade e do aproximativo, ausentes das influências de uma modernidade globalizadora, regular, racional e racionalizadora. Desejamos espaços contraditórios aos usos hegemônicos, verdadeiras potências para os diferentes modos de existência.

⁴ DETONI, Luana Pavan. Cidades pequenas: território de um devir menor na contemporaneidade. Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2018. (dissertação de mestrado).

⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Kafka: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

⁶ SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

Carolina
Magalhães Falcão

Morar não se limita a meramente ocupar um espaço físico, mas implica em envolver-se em um receptáculo existencial, o qual assume uma dimensão política e representa uma necessidade intrínseca a todos os seres vivos. Segundo Pallasmaa¹, até mesmo os animais constroem seus próprios abrigos, evidenciando que morar transcende a mera questão de ocupação de um espaço. Morar não é apenas ocupar um lugar, mas também uma experiência carregada de sentimentos e significados, é um ato político.

Morar é verbo que não se encerra na casa, está composto de várias camadas, moradas, que se dilatam ou encolhem. Morar é cidade, casa, rua, todo lugar que nos afeta, nos traz familiaridade.

A casa, Vitor Ramil proclama em sua música “é onde eu quero estar”². Ela transcende a função física e se torna uma cosmologia, um ponto de vista sobre o mundo e um espaço onde afetos e formas de existir se entrelaçam. Enquanto invólucro humano, não é apenas um abrigo físico, mas um espaço onde mitos, devaneios, acontecimentos cotidianos e diversas dimensões da vida que ganham forma por meio de estímulos sensoriais como sons, imagens, cheiros e memórias.

Morar não está carregado apenas de materialidade construída, mas também de práticas e eventos que adquirem uma

¹ PALLASMAA, Juhani. *Animais Arquitetos*. São Paulo: Olhares, 2023.

² RAMIL, Vitor. *Tambong*. 2000. Faixa 1 do disco sonoro (CD) *Tambong*.

dimensão afetiva. Como afirmado por Bachelard³, a casa abriga não apenas corpos, mas também devaneios e sonhos, tornando-se um refúgio para a imaginação e uma fonte de significado para a experiência humana.

No entanto, a representação convencional da arquitetura em revistas muitas vezes negligencia esse aspecto, ao fotografar projetos desabitados ou sem a presença de seus moradores, falhando em capturar a vida pulsante que permeia esses espaços.

Além do abrigo físico, morar implica elementos simbólicos como a porta, que representa a transição entre o público e o privado, a janela que atua como uma conexão visual com a vida exterior.

Ao explorar as representações do morar, é essencial manter a conexão entre memória e imaginação, a fim de capturar toda a riqueza psicológica presente nesse espaço.

³ BACHELARD, Gaston. A Poética do espaço, São Paulo: WMF Martins Fontes, 1993.

No universo das querelas discursivas brasileiras atuais, poucos significantes têm sido tão instrumentalizados e disputados quanto “ocupar”. Há uma razão para isso. No Brasil, afinal, ocupar pode significar não apenas coisas distintas, mas – dependendo de quem pronuncia esse verbo – também antagônicas.

Do ponto de vista do estado e do capital, o verbo é muitas vezes empregado para nomear atos de expropriação, os quais, por força mesmo desse ato discursivo, são vistos como ações legítimas e justificáveis. Quando no entanto ocupar tem como objeto algum bem privado – mesmo estando este desocupado e ocioso¹ – o verbo empregado é outro: é de invadir que supostamente se trata. Não é incidental, nesse contexto, que dentre as ações políticas de resistência e confrontação colocadas em prática no Brasil dos últimos anos, destaquem-se as chamadas “ocupações”. Longe de ser um fenômeno homogêneo, elas vêm ocorrendo em circunstâncias e de modos diversos; seu perfil e propósito declarado podem ser muito distintos também.

O movimento Ocupa Minc, por exemplo, foi uma das ocupações que mais destaque obtiveram durante e após o golpe parlamentar que resultou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Neste caso, o objetivo não era prover moradia para aqueles que ali se alojaram. Tratava-se

¹ Descumprindo o preceito constitucional da função social da propriedade.

antes de ocupar um dos espaços mais icônicos do Brasil Moderno². Ocupa MinC foi também um modo insurgente e festivo de reencenar uma velha partilha: de um lado, desalojados, estavam os usurpadores de turno, do outro, os ocupantes, com seus corpos e práticas desviantes.

Outra modalidade de ocupação que ganhou protagonismo ao longo dos últimos anos são as chamadas “okupas”. Em geral, são ocupações de edifícios vazios³ que, embora tenham como propósito primordial o provimento de moradia para os ocupantes, não se restringem a esse primeiro aspecto. São também espaços onde uma vida comunitária e colaborativa divergente é ensaiada. É nesse sentido também que as okupas são políticas: ali se reivindicam dinâmicas comunitárias e espaciais alternativas, alheias aos modos convencionais de morar, cujo modelo segue sendo a família nuclear pequeno-burguesa e patriarcal, com seus hábitos, hierarquias, divisões e violências espaciais pré-estabelecidas. A política das okupas é também uma política do corpo e dos corpos no espaço – de “corpos em aliança”⁴ que tanto ocupam quanto são ocupados por espaços inusitados e desconcertantes (no melhor sentido dessas palavras).

E é nesse sentido também que as inúmeras modalidades atuais de ocupação e de okupas se aproximam do modo como o verbo “ocupar” é empregado e performatizado no domínio da arte contemporânea.

De fato, se há um verbo que personifica

² O edifício sede do Ministério da Cultura foi projetado nos anos 1930 por Lucio Costa e sua equipe de jovens arquitetos modernistas.

³ Não raro estrategicamente abandonados por seus proprietários legais.

⁴ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Ver também: BUTLER, Judith. *Quadros de guerra. Quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

um dos modos mais desconcertantes de ação artística contemporânea, este verbo é ocupar. Aqui, também, ocupar não se restringe à ocupação física dos espaços. Pois como muit_s artistas perceberam, tanto quanto a ocupação dos espaços físicos (não apenas o museu e a galeria, mas as múltiplas instâncias do espaço público), o espaço a ser ocupado hoje – a ser parasitado, contaminado, inapropriado – é também o discurso. Foi de fato isso o que uma infinidade de artistas fez a partir dos anos de 1960. El_s ocuparam performativamente os espaços discursivos da arte e sua constelação de categorias e conceitos operativos – o espaço discursivo da “pintura”, o espaço discursivo da “escultura” – o espaço da “obra”, da “criação”, do “autor”, da “exposição”, do “museu”, do “site”, da “crítica” e todos os espaços-mundos de ação e de (uma outra) política⁵.

Talvez seja esta a grande lição desse ocupar performativo contemporâneo: num contexto em que, como argumenta Carla Rodrigues⁶, a pergunta política primordial já não é mais “o que fazer?”, mas “como fazer?”, mais do que nunca é hora de explorar as possibilidades e a eficácia políticas de verbos que, investidos de significados alternativos e desviantes, se transformam em instrumentos desconcertantes de luta e de resistência na arena política.

⁵ Ver mais em: LEONIDIO, Otavio. Mundos de ação: arte e arquitetura depois da política. Viso: Cadernos de estética aplicada, v. 14, n° 26 (jan-jun/2020), p. 366-440.

⁶ Ver mais em: RODRIGUES, Carla. Três tempos da performatividade em Butler. In: CATTONI, Marcelo; VIANA, Igor (orgs.). Políticas da performatividade. Conferências. Belo Horizonte: Conhecimento Livraria e Distribuidora, 2019.

oficinar

(de oficinas)

Verbo-passagem que se esquia do substantivo OFICINA para vir tramar com a palavra OFICINAGEM¹. Um procedimento, um proceder, uma língua própria inventada no modo de falar, fazer e pesquisarCOM² o outro. Artesania de ativar um estado ou um ethos de experimentação estética e/ou brincante. Tateante. Deambulante. Infiltrante. Por vezes, pode ser reconhecido num encontro combinado para realização de processos criativos conjuntos; mas nunca se esgota aí ou se confunde com a ideia de evento, tampouco remete a local fixo ou atividade aplicada.

É dispositivo de acionamento entre-corpos, entre-lugares, entre-tempos: opera passagens, montagens, chama às margens³. Oficinar como gesto de desfiar a métrica do tempo dos roteiros, e das rotinas também, enquanto confia no tempo do quintal: onde cabe o cajueiro, o pneu, a rua, o balanço, o pulo do gato, a praça, a poça, o oceano inteiro e até a pedrinha que dá pra brincar de alguma coisa que ainda não se sabe bem o que. Na verdade, não se pode dizer exatamente quando é que começam ou quando terminam as oficinas. E é aí que está a importância e igualmente a desutilidade⁴ de officinar: sua capacidade de infiltrar os dias, as paisagens⁵, as histórias, as memórias, e de fazer saltar artes, gestos e fazeres, por

Ana Cabral
Rodrigues e
Clara Lobo

¹ CABRAL, Ana. Recordar o presente: memória em ensaios renitentes. In: MONTEIRO, Ana Cláudia (org). Processos psicológicos: perspectivas situadas. Niterói: EDUFF, 2020

² MORAES, Márcia; QUADROS, Maria da Conceição de Oliveira Silveira (orgs.). PesquisarCOM: caminhos férteis para a pesquisa em Psicologia. 1. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2022.

³ Ver verbete: Margear.

⁴ BBARROS, Manoel de. Poesia Completa. São Paulo: Ed. Leya, 2010.

⁵ PERSEU, Gabriela Machado; CARON, Daniela. Para operar o urbano por dentro é preciso uma boa dose de paisagem. Pixo - revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, v. 6, p. 95-109, 2022.

onde nos encontramos com o ordinário e
o extraordinário do cotidiano.

O olhar integra a construção da percepção, contribuindo para a elaboração da consciência sensorial, de nós mesmos e do mundo. A percepção visual pode ser influenciada por fatores subjetivos, como experiências passadas, crenças e emoções. Por outro lado, também há uma busca pela objetividade na percepção visual, na direção de uma compreensão mais imparcial do mundo através do olhar. Na caminhografia, o olhar percorre objetividade e subjetividade, podendo se associar tanto à representação quanto à criação ou à representação criativa.

Ao caminhografar, é necessário refletir sobre a ética do olhar. Jean-Paul Sartre¹, através do conceito de “olhar do outro”, argumenta que o nosso olhar pode objetificar o outro, influenciando a percepção de si, sua identidade e comportamento. É preciso pautar a responsabilidade moral associada ao ato de olhar, pois o olhar do outro pode ser invasivo, opressivo ou desumanizante. A ética do olhar nos convoca a refletir sobre o impacto de nosso próprio olhar sobre os outros e a praticar uma forma de olhar que reconheça a dignidade e a autonomia dos indivíduos, evitando, assim, a instrumentalização e a objetificação.

Ao caminhografar, o olhar com intenção é ativo e se dá quando se quer ver, entender, encontrar, relacionar, registrar. Já o olhar passivo, aquele que parece vazio

¹ SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

ou distante, pode ser ainda mais potente, ao converter a imagem em um pano de fundo que dá espaço para o pensamento, a reflexão, a imaginação. A noção de “olhar distante”, em Heidegger², aborda como o olhar pode revelar tanto a presença quanto a ausência do mundo ao nosso redor, examinando o olhar em relação ao ser-no-mundo e à nossa existência cotidiana. O olhar distante está associado à capacidade de se distanciar das preocupações imediatas e contemplar a totalidade do ser.

Na caminhografia, olhar não é sinônimo de ver. Nossas vivências estão subjetivadas em cada olhar. Olhar implica em seleção, escolha. É possível olhar e não conseguir ver. É possível olhar e escolher o que se quer ver, de forma consciente ou não. É possível fugir ou acolher aquilo que se revela no olhar. A caminhografia excita o olhar. Na caminhografia, o olhar transcende o agora, evoca o passado e projeta o futuro. O olhar pode ser ativo ou passivo, e é – sempre – potência. O olhar é escolha. O olhar é ética. O olhar é política.

² HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2012.



Imagem 26: olhar. O que eu vejo? Caminhografia nos confins da América do Sul. Fonte: Fernanda Tomiello, 2024.

Imagem 27: olhar. Meu olhar é ético? Caminhografia nos confins da América do Sul. Fonte: Fernanda Tomiello, 2024.

Taís Beltrame
dos Santos e
Eduardo Rocha

paraformalizar

Para-formalizar deriva do conceito Para-formal, termo criado pelo grupo argentino GPA¹ e posteriormente utilizado pelo Grupo Cidade+Contemporaneidade².

Refere-se a um conceito de fronteira que busca experimentar a fresta ou o interstício entre o formal e o informal. É um lugar de cruzamento entre o formal, no sentido de formado, com forma, sedentarizado, e o informal, no sentido de “em formação”, em potência, em devir. Para-formal, nesse sentido, é algo artificial e provisório, relativo à forma, mas que ao mesmo tempo não se configura apenas como tal porque transcria. Para-formal embaralha os conceitos tradicionais do formal, como o que é amparado pela legislação, pelo planejamento e pela burocracia, e o informal, como o não protegido por leis, à mercê, em constante readequação, para compor-se entre. Como modelo de investigação, o Para-formal explora o campo do meio e as zonas intersticiais da cidade ordinária, entre o previsível e o imprevisível, sempre à procura de acontecimentos.

Para utilizar o verbo para-formalizar na atividade de caminhografar é necessário adotar uma abordagem que tensione e permeie as categorias tradicionais de formal e informal. Ao caminhografar podemos encontrar cenas/experiências/acontecimentos/ organismos urbanos paraformais, lugares que se encontram nesse cruzamento entre o previsível e o

¹ GRIS PUBLICO AMERICANO. Paraformal: ecologias urbanas. Buenos Aires: Bisman Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.

² ALLEMAND, Débora Souto; ROCHA, Eduardo; PINHO, Rafaela Barros. Descobrimos a cidade “para-formal”: contravérsias e mediações no espaço público. VIRUS, São Carlos, n. 10, 2015.

imprevisível.

Explore o conceito de “para-formal” como algo artificial e provisório, relativo à forma, mas que ao mesmo tempo escapa de categorizações fixas. Para identificar os lugares e acontecimentos para-formais, busque aquilo que não se encaixa, que não revela sua origem ou seu destino, que faça parte da compreensão da cidade ainda que não se admita. Busque o que se torna formal pela repetição mais do que pela permanência. O que sempre esteve ali, mas nunca está. Ao se deparar com espaços que habitam a fresta entre o formal e o informal, capture essa ambiguidade e complexidade através do cartografar. Destaque como esses lugares embaralham os conceitos tradicionais do formal, definido pela legislação, e do informal, não protegido por leis, estabelecendo-se sobre o que existe na zona intermediária entre eles. Perceba as tecnologias que acompanham as para-formalidades, bem como suas temporalidades. Utilize a caminhografia como meio para explorar e representar a paraformalidade, contribuindo, assim, para uma compreensão mais ampla e dinâmica da cidade.

parar

Evandro Fiorin

Como dizia Mendes da Rocha: a primeira arquitetura é a geografia. Caminhamos para compreender a cidade, a paisagem e o território. Quando encontramos um lugar especial paramos e registramos. Assim foram erguidos os menires, as pirâmides e as torres. Uma parada se revela, desde a antiguidade, como locus de descanso, refúgio e ou contemplação. Deixemos de lado o passado e, rumo ao futuro, acreditemos na chance de construir um espaço habitado que seja mais humano. Nele, as pedras devem contar histórias e, ao mesmo tempo, servirem de alicerce para inventarmos novos caminhos, ao lado dos outros. As paradas são a oportunidade de condensar tempo-espaço, entre terra, céu e mar. Parar para entender um percurso é, portanto, caminhar sem sair do lugar. Um horizonte sem fim, deserto não-linear, oceano em que navegamos sem cessar. O pensamento nômade que nos elucida Deleuze e Guattari¹.

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

Imagem 28: parar. Catarina ancorado na Fortaleza de Santo Antônio de Ratonés, Santa Catarina, Brasil, dezembro de 2023. Fonte: Evandro Fiorin, 2023.



Quando falamos em pensar, no sentido de potência no contexto da filosofia de Gilles Deleuze, estamos nos referindo à maneira como Deleuze aborda o pensamento e a filosofia. Para Deleuze¹, o ato de pensar está intrinsecamente ligado à ideia de multiplicidade e diferença. Ele propõe uma abordagem afirmativa da filosofia, em que o pensamento não busca uma identidade fixa ou conceitos universais, mas sim as multiplicidades, as variações e as diferenças que constituem o mundo.

A noção de potência em Deleuze refere-se à capacidade de criar, de produzir novos conceitos e de pensar para além das estruturas estabelecidas. Pensar como potência implica em escapar das categorias predefinidas e dos dualismos tradicionais, buscando a criação de conceitos que expressem as singularidades e as intensidades do real.

A filosofia deleuziana, portanto, encoraja a exploração de novos territórios conceituais, a rejeição de dualismos simplificados e a abertura para a multiplicidade. Pensar como potência, para Deleuze, é um convite para romper com as formas convencionais de pensamento e abraçar a complexidade e a diversidade do mundo.

A abordagem deleuziana sobre pensar como potência pode ser aplicada à atividade de caminhografar, destacando a multiplicidade, a diferença e a criação de

¹ DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

novos conceitos. Sugerimos algumas maneiras de aplicar esse pensar:

1) Exploração de Territórios Singulares: Ao caminhar pela cidade, ao invés de seguir rotas convencionais, busque territórios menos explorados, lugares que escapam das categorias tradicionais e que expressam singularidades. Isso envolve uma abordagem mais aberta e atenta às multiplicidades urbanas;

2) Mapeamento de Diferenças e Variações: Durante a atividade de cartografar, destaque as diferenças e variações encontradas nos espaços urbanos. Ao invés de categorizar rigidamente, busque mapear as nuances, as intensidades e as diferentes potências que caracterizam esses locais;

3) Criação de Novos Conceitos Urbanos: Use a atividade de caminhografar como uma oportunidade para criar novos conceitos e categorias que capturem a complexidade da cidade. Isso implica “pensar” para além das dicotomias tradicionais, propondo ideias que expressem a diversidade e a multiplicidade dos lugares visitados;

4) Incorporação de Elementos Efêmeros: Dado que a filosofia deleuziana valoriza o provisório e o efêmero, ao caminhografar, inclua elementos que são temporários, em constante transformação, e que desafiem a ideia de uma cidade estática. Isso pode incluir eventos, movimentos de pessoas ou mudanças sazonais que influenciam a paisagem urbana;

5) Envolvimento Sensível com o Ambiente: Ao caminhar, esteja atento aos aspectos sensoriais do ambiente urbano. Como Deleuze destaca a importância do corpo na experiência do pensamento, leve em consideração os sons, cheiros, texturas e cores presentes na cidade e;

6) Desafio a Dualismos Tradicionais: Evite “pensar” em termos de dualismos simples, como público/privado, formal/informal. Ao invés disso, explore zonas de intersecção e complexidade que desafiem essas categorias, permitindo uma compreensão mais plural da cidade.

perambular

Monique Grechi,
Eduardo Rocha
e Taís Beltrame
dos Santos

Perambular refere-se ao ato de caminhar sem um destino específico, sem pressa ou propósito definido. É uma atividade contemplativa e exploratória, que permite à pessoa se envolver com o ambiente ao seu redor de forma descontraída e sem objetivos pré-estabelecidos.

Embora não seja um conceito específico na filosofia de Bergson, segundo Deleuze¹ em seu livro sobre cinema, pode-se argumentar que o ato de perambular está relacionado com sua ênfase na importância da experiência direta e da intuição. Perambular possibilita uma interação mais profunda com o mundo ao nosso redor, permitindo uma conexão mais íntima com a realidade e uma compreensão mais intuitiva da vida e do tempo, temas centrais na filosofia de Bergson.

Deleuze menciona que “o que substituiu a ação, ou a situação sensório-motora, foi o passeio, a perambulação, a contínua ida e vinda”², destacando a importância do movimento contemplativo e sem destino.

Henri Bergson, em *A Evolução Criativa*³, aborda o conceito da “recusa do tempo”, referindo-se à tendência humana de conceber o tempo de forma estática e fragmentada. Para Bergson, essa percepção limitada do tempo ocorre quando o dividimos em momentos discretos e mensuráveis, ignorando sua natureza contínua e em constante mudança, sua

¹ DELEUZE, Gilles. Cinema 1 - A imagem-movimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

² Ibid. p.46.

³ BERGSON, Henri. A Evolução Criativa. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

perambulação. Essa abordagem estática obscurece a verdadeira essência do tempo como uma realidade fluida e indivisível. Bergson sugere que para compreender adequadamente o tempo, é necessário adotar uma perspectiva mais intuitiva e dinâmica, reconhecendo sua natureza em constante fluxo e a inseparabilidade entre passado, presente e futuro.

Perambular, por aí, pelo tempo e espaço, nessa perspectiva, pode inspirar uma abordagem mais profunda e reflexiva à atividade de caminharografar, que permita outra compreensão do tempo e dos propósitos, nem sempre lineares.

Daniel Mittmann

Percorrer é uma dança pelas galerias da existência, uma fuga incessante na trama do ser. O ato de deslocar-se pelas curvas da realidade, onde cada volta é uma bifurcação, cada passo uma encruzilhada. É desafiar a rigidez do mundo, lançar-se em um salto rumo ao desconhecido, uma ruptura com a previsibilidade. Também pode ser a monotonia cotidiana. Caminhar entorpecido pelas calçadas da rotina. No entanto, há beleza na repetição, na simplicidade do dia a dia, na familiaridade dos lugares conhecidos. É uma harmonia paradoxal entre o novo e o velho, entre a inovação e a tradição. Criar conceitos: moldar ideias na argila do pensamento, traçar novos mapas cognitivos, explorar territórios da mente. É romper com os limites do entendimento estabelecido e dar à luz novas formas de compreensão. Como um viajante nômade, percorrer é um incessante ir e vir, um movimento cíclico entre partida e retorno. É uma jornada sem fim pelo labirinto do complexo, onde cada esquina revela um novo horizonte, um novo encontro ou desencontro. Em sua essência, é abraçar a liberdade do movimento, dançar ao ritmo das circunstâncias, encontrar significado na jornada, não apenas no destino. Ser construtivista na criação e dadaísta na ruptura, navegando sempre entre a ordem e o caos, entre o ser e o devir. Mais caminho, menos destino. Percorrer como metáfora. A pé? carro? bicicleta, barco, skate etc. Como se pode caminhar pela beira de um rio?

Percorrer pode ser representado por diversos meios de locomoção, cada um carregando consigo diferentes nuances e significados. A pé pode simbolizar uma jornada lenta e introspectiva, onde cada passo representa uma reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo ao redor. Carro: uma viagem rápida e direta, simbolizando uma abordagem mais pragmática e eficiente na busca por respostas ou soluções. Bicicleta, evocar uma sensação de liberdade e leveza, sugerindo uma abordagem mais flexível e adaptável às mudanças de direção. Barco: uma exploração dos fluxos emocionais e inconscientes, navegando pelas águas da mente humana em busca de entendimento? Skate? Pode simbolizar uma jornada mais audaciosa e arriscada, onde o equilíbrio precário entre o controle e a incerteza reflete a natureza desafiadora da busca pelo autoconhecimento. Caminhar pela beira de um rio?

Daniela Mendes
Cidade

Romper, cortar, mergulhar, aprofundar, ferir, arruinar. A partir da obra de Gordon Matta-Clark¹, a ação de perfurar é o desejo de transformação em busca de uma reconstrução; o ato de perfurar é o gesto performático do furar com uma intenção marcada por um movimento de separação, de ferida, de marca, de devastação, de ruína, sobretudo a partir de um restabelecimento da continuidade rompida. Perfurar apresenta a mesma bipolaridade presente na ruína: uma angústia da destruição, da morte, seguida por uma possibilidade de reconstrução. Perfurar para acessar a profundidade do corpo - arquitetônico e fotográfico - para provocar fissuras no sentido apresentado por Deleuze: um corpo que carrega a ferida na sua espessura e profundidade. Matta-Clark parte do pressuposto de que o espectador carrega em si um conceito prévio de espaço e de reconhecimento desse espaço, de habitação, de lugar, de interior e exterior. Ao romper a superfície e expor a espessura com a ação de perfurar sem acabamento, tanto no espaço, quanto na fotografia e nas fotomontagens, Matta-Clark provoca uma crítica à estabilidade da arquitetura e ao próprio sentido de espaço habitável. Um novo significado, um silêncio surge nessas justaposições, pelo reconhecimento inverso, pelo buraco, pelo vazio, e, sobretudo, pelo jogo da montagem e desmontagem: processo de criação e de destruição. Perfurar para romper com estruturas duras e

¹ Sobre perfurar e a obra de Gordon Matta-Clark ver: CIDADE, Daniela M. Os cortes de Gordon Matta-Clark: um ritual de destruição e reconstrução da arquitetura. Porto Alegre: PROPAP/UFRGS, 2010. (tese de doutorado).

obscuras pode ser o único meio de avançar no universo de resistências, como método de ataque às estruturas, demolir paredes e retirar tudo o que obstrua a paisagem a fim de se reencontrar o espaço do vazio. Isso sem nenhuma finalidade específica que não seja o desejo de ver o que está por trás, o que está escondido.

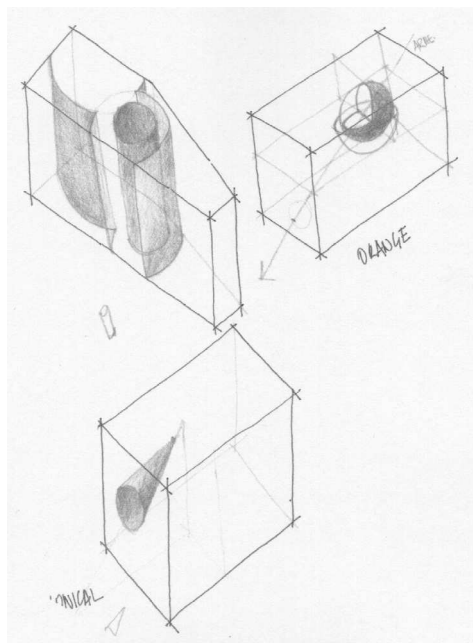


Imagem 29: perfurar. esquemas gráficos de Daniela Cidade a partir dos projetos de Gordon Matta-Clark para Conical Intersect (1975), Office Baroque (1977), e Circus Caribbean-Orange (1978). Fonte: Daniela Cidade, 2010.

Ana Paula
Langone

Pertencer é “experimental a sensação de retorno ao lar, a sensação de estar ligada ao local”¹. Ao fincar suas raízes e incorporar seu pertencer, bell hooks, apresenta o caminhar como uma maneira de demarcar a presença, de reivindicar a terra e criar a sensação de “pertencimento”, através da “cultura do lugar”. O que “traçamos” para nossas vidas, diz a autora: “vem por meio de tudo que lembramos”². O que nos faz entender o quanto o “lugar da memória” é precioso para mantermos os nossos viveres.

Ao caminhar pelos territórios negros da cidade de Pelotas e região, podemos escutar as narrativas das comunidades que, ao compartilharem seus saberes e fazeres, evidenciam outros discursos para além dos hegemônicos. As histórias giram em torno das assertividades, da ancestralidade negra, na construção material e simbólica da cidade, bem como sobre suas lutas por justiça social.

Ao identificar a segregação que aparta os indivíduos negros, de outros espaços da cidade, apontamos o “racismo e o sexismo” como causadores do “não pertencimento”. O que nos leva a compreender “os processos históricos responsáveis pela chegada e permanência” dessas pessoas nas “áreas faveladas”³. Sendo que, os “grupos dominantes que detêm o domínio espacial e ditam as regras de segregação, expulsam, mas não podem

¹ hooks, bell. Pertencimento, uma cultura do lugar. Trad. Renata Albino. 1. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2022, p.22.

² Ibid. p.26.

³ BERTH, Joice. Se a cidade fosse nossa. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

impedir, ao mesmo modo totalitário, que as existências sejam ativas”⁴.

Ao nomear os traumas para curar as feridas; ao reconhecer os “lugares de pertencimento” para reivindicar a “auto-determinação”⁵. as pessoas negras abrem frestas. Essas insurgências brotam do orgulho, como “energia motriz da transformação” que “reivindica o lugar social que lhe é de direito”⁶.

“Cultivar alegria em meio à adversidade, como sugere bell hooks, é “uma estratégia essencial de sobrevivência”⁷. Ao tocar a terra, valorizar a vida, respeitar a diversidade de ecossistemas, as comunidades (como as do Passo dos Negros, em Pelotas) experimentam conexões “entre o mundo material e a liberdade possível advinda daí”. Uma performance circular que gira em retomar as “práticas comunitárias”, reaproximar-se da “natureza” e unir o “corpo e a mente”⁸.

No assentar do verbo pertencer, como um “hábito do coração” e de construção das identidades negras é preciso enfatizar as populações e suas ações. Ao referenciar conhecimentos ancestrais de, ocupação, demarcação e preservação dos territórios, o “pertencer” torna-se o “todo dinâmico” onde, cada “valor reforça e quase contém em si os outros, e a fonte de poder desses valores como uma constelação é a sinergia entre eles”⁹.

⁴ Ibid. p.256.

⁵ hooks. Op. Cit. nota 1.

⁶ Berth. Op. Cit. nota 3.

⁷ hooks. Op. Cit. nota 1, p.257.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid. p.269.

Humberto Levy
de Souza

Pixar transcende o simples ato de vandalismo, revelando-se como uma expressão artística e política intrínseca à paisagem urbana. Esse gesto que resulta em um rastro gráfico é uma forma de dar vida aos muros, fachadas e portas, transformando esses espaços em suportes de manifestação cultural e social. A pixação é marcada por letras e símbolos, sinais que querem ou não comunicar. Pixa-se por amor, por diversão, por revolta, por justiça, por autopromoção.

Quem pixa, faz espontaneamente aproveitando o momento ou planeja meticulosamente suas intervenções, escolhendo com precisão os locais para suas criações. Cada traço, cada gesto, faz parte de uma construção estética que ecoa pelas ruas, provocando reflexões e despertando sentimentos diversos em quem é atingido¹.

A pixação é uma forma legítima de expressão artística e política, apesar de ser rotulada como vandalismo. Sua estética, marcada pela simplicidade das formas e pela brevidade da execução, é um manifesto de liberdade em um ambiente que só permite as palavras impostas pelo capital.

Embora seja uma expressão artística, não podemos deixar de apontar que pixar é considerado um crime em muitas jurisdições, sujeito a penalidades legais, pois o resultado da ação viola as leis de

¹ NASCIMENTO, Luiz Henrique P. Pixação: a Arte em Clima do Muro. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015.

propriedade e ordem pública ao ocupar o espaço privado. Embora seja tratada como um crime ambiental, é relevante destacar que pixar não costuma causar danos físicos, mas sim incômodos estéticos ao alterar a paisagem urbana de maneira não autorizada. Vale ressaltar que se uma pessoa pichar o seu próprio muro, isso não configura crime ambiental, uma vez que não há violação de propriedade alheia. Essa dualidade entre expressão artística e transgressão legal contribui para o debate em torno da pixação e levanta questões sobre os limites entre liberdade de expressão e respeito à propriedade e à ordem pública.

Assim, o pixar emerge não apenas como uma ação transgressora, mas como uma afirmação de identidade e resistência nas paisagens urbanas. É um lembrete de que, mesmo nos espaços mais opressores, a arte e a expressão humana podem encontrar seu caminho para florescer, como a erva daninha que rompe o asfalto.

planejar

Luana Pavan
Detoni

Planejar, do latim *planus*, remete a ação de nivelar, estabelecer um *planum* ou “superfície lisa”, a fim de organizar uma atividade sob determinada lógica. Segundo Souza¹, planejar remete ao futuro, buscando prever a evolução de um fenômeno, simular os desdobramentos de um processo, precaver contra prováveis problemas ou tirar proveito dos possíveis benefícios. Planejar faz parte do nosso cotidiano; portanto, pode ser compreendido como algo banal, resultante da antecipação de processos corriqueiros, com o objetivo de traduzir necessidades e conduzi-las de modo mais adequado. Na prática da caminhografia podemos observar a ação de planejar, desde os preparativos que a antecedem, como os modos de registros, os jogos propostos e os procedimentos de criação fomentados; até o preparo do nosso corpo e dos equipamentos que vamos levar no dia da ação.

Planejar se encontra entre o factível e o utópico. É, sem dúvida, um processo contínuo e eternamente inacabado. Geralmente, abrange as etapas de levantamento e diagnóstico de uma dada realidade, prognóstico dos cenários possíveis, que sustentam a elaboração de propostas, que por sua vez precisam ser implantadas, monitoradas, avaliadas e revisadas periodicamente. No entanto, como exposto por Choay², todo plano está fadado ao fracasso desde a sua origem.

¹ SOUZA, Marcelo Lopes de. *Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos*. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

² CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Limonad e Randolph³, assim como Souza e Choay, destacam diferentes abordagens que permeiam o planejamento urbano. Nesse sentido, o planejar na caminhografia se aproxima da lógica processual, entre as teorias de um urbanismo comunicativo, colaborativo e participativo. A negociação dos diversos atores resulta em uma proposta aberta, instrumento de transformação social, sem restrição espaço-temporal.

O planejar na caminhografia, consciente de suas possíveis falhas, acolhe os imprevistos e acasos que potencializam a caminhada e a cartografia. Guiados por utopias, diante dos imprevistos, revisitamos o plano que guarda os objetivos essenciais da prática. Mesmo que compartilhada, a caminhografia refere-se a um planejar solitário. Entre encontros e desencontros, dos diversos percursos, nos unimos em pontos específicos quando são lançados os planos comuns de registrar, jogar e criar. Ao final nos dispersamos, e além do plano de compartilhar os materiais produzidos, despertam novos planos que dão continuidade ao processo. Não há fechamento para o planejar na caminhografia.

³ LIMONAD, Ester; RANDOLPH, Rainer. Planejamento, um campo em busca de um domínio. In: D'OTTAVIANO, Camilla; MEDEIROS, Sara Raquel Fernandes Queiroz de (orgs.). Planejamento urbano e regional: ensino pesquisa e extensão. Belo Horizonte: ANPUR, 2021, p. 15-43.

potencializar

Lorena Maia
Resende

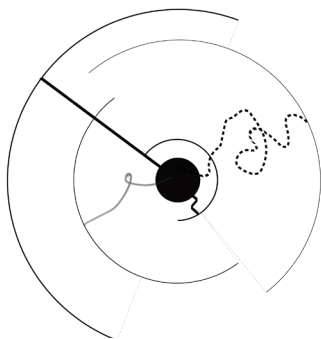
Ação de intensificar, aumentar a potência, neste cenário, a potência de sentir, de pensar e de existir. Segundo Espinosa¹, o ato de potencializar está relacionado à promoção de bons encontros, encontros alegres, que acontecem a partir da consciência de causa. Enquanto a manifestação da potência se dá através do poder de existir, do poder de afetar e ser afetado.

A potência pode ser lida como uma força vital. Essa força, ou energia, permanece por um certo período de tempo, ou seja, é finita, assim como a vida. Potencializar é agir, sendo que agir não significa obedecer, mas ir na direção da liberdade, de criar outros modos, possíveis e impossíveis. Adentrando no campo da possibilidade, potencializar ainda se aproxima do entendimento de potencialidade, ou seja, da capacidade de fazer alguma coisa. Ter o potencial não significa que certamente essa ação será feita, mas indica que ela é viável, que possui as condições necessárias para ocorrer. O potencial é uma capacidade interna, mas que pode ou não ser ativada. Logo, o ato e o desejo de potencializar ativam o potencial, transformando-o em resultado, em efeito, seja ele prático ou no campo das sensações. O potencial está adormecido até que exista uma força para ativá-lo e então transformá-lo em ação. Esta ativação, por sua vez, está relacionada à afetação. Espinosa nos conta que o corpo humano pode ser afetado de inúmeras formas, por

¹ ESPINOSA, Baruch. Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência. Trad. de Marilena de Souza Chauí et al. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

fatores internos e externos, que interferem na sua potência de agir, aumentando (alegria), diminuindo (tristeza), ou nem aumentando ou nem diminuindo (indiferença). A potência de agir é o termômetro que oscila durante as nossas experiências cotidianas. E, quando temos consciência da motivação, da causa do aumento da potência de agir, da alegria, Espinosa o chama de amor.

Na prática da caminhografia, potencializar é estar atento aos afetos, internos e externos, e consciente da sua potencialidade de ativar e ser ativado pelos caminhos e pelas cartografias. Perceber a causa das oscilações da potência de agir do ser caminhocartografante auxilia no processo de inscrição das cartografias, assim como direciona os desvios no caminho. Espinosa nos alerta que “uma coisa qualquer pode ser, por acidente, causa de alegria, de tristeza ou de desejo”², cabe ao corpo identificá-la. Enquanto o corpo tem potência, e busca potencializar seus encontros, ele é um corpo que pode, que existe e re(existe).



²Ibid. Proposição XV, p. 192.

Imagem 30: potencializar. Fonte: Lorena Maia Resende, 2024.

Cíntia Gruppelli
da Silva

Transfigurar-se pelas palavras. Metamorfosar-se com as palavras. “Eu só não queria significar. Porque significar limita a imaginação”¹. Concorro com o poeta. Então, vou fabular com as palavras. “É naquilo que é fabulado que explodem as percepções vividas, a opinião, o senso-comum, os clichês, liberando perceptos – ‘visões paradas no tempo e no espaço’ que excedem o vivido e o vivível”². Assim sendo, invento um verbo que dê conta das experiências nas praças: Pracear.

Larrosa, ao falar sobre experiência, argumenta que as palavras produzem sentido, criam realidades e podem funcionar como potentes mecanismos de subjetivação. Nós pensamos com as palavras e damos sentido ao que somos e ao que nos acontece. “[...] também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso”³. Pensando nisso, como nos relacionamos com as praças, esses espaços tecidos na urbanidade de nosso cotidiano? Que aprendizagens e socialidades são possíveis de serem criadas ao habitar-mos esses pedaços de natureza da cidade, em que convivem humanos e não humanos?

Por esse viés, pracear pode se transformar em muitas coisas: passear na praça; estar na praça; entregar-se à praça; brincar e rir na praça; olhar a praça; experimentar

¹ BARROS, Manoel de. O livro sobre nada. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015, p.97.

² GODOY, Ana. A menor das ecologias. São Paulo: Edusp, 2008.

³ LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p.17.

a praça; espreitar a praça; viver a praça; resistir na praça; movimentar-se na praça; descansar na praça; caminhar na praça; pensar a praça; relacionar-se com a natureza na praça; pertencer à praça; plantar na praça; constituir e se deixar constituir pela praça; fazer arte na praça; limpar a praça; conviver na praça; filosofar na praça; explorar a educação ambiental na praça; socializar na praça; cartografar⁴ na praça e tudo o mais que os bons encontros permitirem.

Essa escrita, além de ser um convite para um mergulho em outras experiências em sentir as praças, pode ser, da mesma forma, uma possibilidade de entregar-se aos afetos e linguagens outras que pedirem passagem. O convite ainda se estende a olhar as praças como um mundo todo vivo⁵; um território possível de interações múltiplas entre humanos e não humanos, capazes de nos levar a outros devires, outros tempos e lugares, outros sentidos e aprendizagens... Pracear!

⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

⁵ DIAS, Susana Oliveira. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte*. Ano 7. N 17. Junho de 2020.

Josimara Wikboldt
Schwartz

Kafka começa suas histórias pelo meio: “Alguém devia ter difamado Josef K., pois, certa manhã, sem que tivesse feito qualquer mal, foi preso”¹. O autor ensina, pela invenção literária de O processo, que a inserção num espaço e tempo (do escrever literatura, no seu caso, ou pesquisa, no nosso caso) exige o entendimento de que uma vida já pulsa naquele território antes mesmo de tudo. É como entrar numa roda gigante em movimento. O processo é mais ou menos lento, gradual. O encontro, neste contexto, entre a/o cartógrafa/o e o campo experimental, entre corpos e pensamento, modifica as velocidades e os fluxos maquinados por aquela experiência.

Surge, então, a necessidade de processar, implicar-se em um processo, podendo realizar, assim, o registro das informações e das impressões que surgem no caminhar pelo campo de pesquisa. Não se trata de um exercício de representação ou decodificação, mas da expressão da ação em uma dada continuidade, considerando as modificações, os estados corporais, os devires e a diferença².

¹ KAFKA, Franz. O processo. Trad. Álvaro Gonçalves. Lisboa: Bertrand Editora, 2017.

² DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. Trad. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Adota-se, assim, um procedimento e uma política deste registro (escrito, fotográfico, fílmico, desenhos...), mesmo que fragmentado, para dar conta de acoplar a multiplicidade de vozes que emergem do que foi visto e vivido, às lembranças e, também, às fabulações do/da escritor/a que transformará os saberes em

conhecimento coletivo. No processar, opera-se por via de um sistema de indecidibilidade radical, ao modo kafkiano, ou seja, uma forma de resistir aquilo que inibe o processo e aos critérios estabelecidos como verdades absolutas.

Paulo Afonso
Rheingantz

Em arquitetura, designação utilizada a partir do Renascimento para o processo de concepção de um plano, esboço ou risco de obra a se realizar no futuro que, a partir do pensamento moderno, enfatiza o entendimento de que um projeto possa antecipar ou prever todas as demandas técnicas e ofícios necessários para sua execução, diminuindo ou até mesmo eliminando a possibilidade de improviso. Apesar dos esforços recentes para racionalizar os procedimentos profissionais utilizando os métodos da ciência – que se baseia no entendimento de princípios, leis, regras ou estruturas necessariamente incorporadas em assuntos existentes – para explorar soluções simultâneas combinando empatia, criatividade e razão, evidencia que os métodos de projeto “não tem qualquer objeto especial além daquilo que um projetista concebe que seja”¹. O projeto se configura como um problema que pensa o singular e focaliza soluções a partir de um objetivo inicial. Mas na atualidade a natureza do processo projetual esbarra na formação estética, social e tecnológica dos arquitetos, que resulta em um entendimento equivocado da tecnologia em termos de coisas, máquinas e seus produtos, esquecendo-se de tratá-la como uma atividade humana. Esse equívoco dificulta a comunicação dos projetistas, que trabalham com a transdisciplinariedade dos conhecimentos teóricos e práticos de outras áreas para propor soluções adequadas para a

¹ BUCHANAN, Richard. Wicked problems in design thinking. Design Issues, 8(2), 1992, p. 16.

qualidade de vida nos assentamentos humanos e para a gestão do meio ambiente e dos recursos naturais. Em *Como Fazer do Corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre ciência*, Bruno Latour² propõe duas palavras que contribuem para um *outro* entendimento de projeto que possibilite coordenar a dinâmica dos movimentos da produção do conhecimento: articulações e proposições. Diferentemente de um sujeito inarticulado (e desinteressante) que sente, faz e diz sempre o mesmo independentemente do que os outros disserem, um sujeito articulado tende a ser afetado pelos outros. Por analogia, um *projetista articulado* se torna interessante quando suas propostas são influenciadas ou postas em movimento por outras entidades cujas diferenças inesperadas são registradas de outras maneiras. Em vez de reforçar a autoridade dos projetistas para falarem sobre suas propostas e afirmações, articulação significa ser afetado pelo que sentimos e fazemos, por diferenças cujos movimentos nunca terminam e facilmente proliferam sem deixarem de registrar diferenças. Por sua vez proposições possibilitam descrever que o que é articulado denota obstinação (posição), não tem uma autoridade definitiva (é apenas uma pro-posição) e pode ela mesma formar uma com-posição sem perder solidez. E a chave para outro entendimento de projeto enquanto atividade ou conhecimento transdisciplinar – articulado, afetado ou influenciado por uma pluralidade de outros conhecimentos além daqueles específicos da arquitetura – pode estar no *ProjetarCOM* – projetar junto *COM* o outro

² LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João arriscado; ROQUE, Ricardo (orgs.) *Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência*. Porto: Edições Afrontamento, p. 39-61, 2008.

e não PARA o outro³- desdobramento do PesquisarCOM⁴, que potencializa as agências dos múltiplos atores humanos e não-humanos, cuja capacidade de articulação dá origem a um processo coletivo que se desloca no sentido contrário ao da crença na individualidade da criação dos projetos de arquitetura. A centralidade do *projetarCOM* passa a ser dos Outros com quem, onde e para quem projeta em um processo que se configura como um corpo sensível à experiência do outro. Em outras palavras, *projetarCOM* implica em um deslocamento do campo da abstração para um contexto real e situado por meio de um processo participativo-colaborativo de projeto como modelo de exploração de articulações e controvérsias.

³ COSTA, Ricardo Nunes. Debaixo do mesmo teto: prática projetual em edifícios de pesquisa e desenvolvimento biotecnológico. Rio de Janeiro: PROARQ, 2019. (tese de doutorado).

⁴ MORAES, Maria José; BERNARDES, Ana Maria Gonçalves. Apresentação. In: BERNARDES, Ana Maria Gonçalves; TAVARES, Ana Cristina R.; MORAES, Maria José (orgs.). Cartas para pensar políticas de pesquisa em psicologia. Vitória: Edufes, 2015.

O autor agradece o apoio do CNPq [Bolsa de Produtividade 1D – processo 309482/2021-6].

pulsar

Na astronomia, pulsar é o termo utilizado para descrever um tipo especial de estrela de nêutrons, altamente magnetizada que emite pulsos regulares de radiação eletromagnética – conhecida por suas propriedades únicas e fascinantes, pode girar em altas velocidades, emitindo feixes de radiação que são como faróis cósmicos que varrem o espaço. Assim como a radiação eletromagnética que varre o espaço, o corpo que pulsa, atravessa e é atravessado pelo encontrar ao mundo e encontrar a si na cidade através da experiência física, estética, ética de estar em contato, movimento, imersão.

Estar dentro e fora, fora e dentro – engendrando caminhos rizomáticos e processuais¹– encontros do eu-cidade com a cidade do eu, do nós, das pulsões intrínsecas aos trajetos e potencializadas no contato aberto entre corpo e a cidade.

Pulsão é aquilo que te move. O que te faz sair de casa e andarilhar em territórios des (conhecidos). A força motriz que nos leva a caminharografar. Pulsão² é estímulo psíquico ao movimento ou inércia humana, responsável por nos levar em direção àquilo que queremos.

Através das emoções, sensações, necessidades e anseios, geramos pulsões – carregadas de energia psíquica que direciona a ação a um fim, onde são descarregadas. É algo dinâmico e influenciado pela

Gabriele Vargas,
Shirley Terra Lara
dos Santos e
Taís Beltrame dos
Santos

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

² BIRMAN, Joel. As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

experiência do sujeito, não genético ou instintivo, que se movimenta por vontade.

Aquilo que se entranha em nossos corpos e nos acompanha do início ao fim. Do primeiro passo até o último ponto final. “O pulso que ainda pulsa” e nos provoca há um “estado de poesia”.

Na experiência urbana do (no) caminhografar, pulsar é aguçar a percepção dos espaços para um olhar mais sensível aos acontecimentos cotidianos. Corpo – espaço – mente abertos aos desdobramentos do caminho. Na potência da emoção, dar sentido e sentir-se pertencendo. Um corpo que se coloca a sentir e inscrever a cidade, corporeidade, corpo-cidade – transforma e é transformado a cada passo no pulsar que movimenta sentidos outros para lugares (re)descobertos.

Pulsar é a fagulha do fazer, do iniciar, do propor - que se mantém durante o caminhografar.

É o ousar lançar-se em caminhografia.

Em substantivo feminino Puls(ação): o que dá ritmia ao corpo que caminhográfica. Como a gênese que puxa o samba enredo, que mantém o ritmo da bateria e que segue ressoando nos corpos depois da apoteose.

registrar

Eduardo Rocha
e Taís Beltrame
dos Santos

O verbo registrar tem sua origem no latim *registrare* que, por sua vez, deriva de *regis*, significando “do rei” ou “relativo ao rei”, e *trahere*, que significa “puxar” ou “arrastar”. Inicialmente, o termo *registrare* era usado para se referir ao ato de anotar ou inscrever algo oficialmente, muitas vezes em um registro oficial mantido por uma autoridade, como um rei ou governante. Com o tempo, o significado da palavra evoluiu para se referir ao ato de fazer uma anotação ou registro de algo em geral, que “valha a pena”.

Jacques Derrida¹, em suas reflexões sobre a escrita como registro, desafia concepções convencionais ao destacar sua natureza complexa e multifacetada. Enquanto a fala é fugaz e efêmera, a escrita é estável e duradoura, permitindo a preservação e a transmissão de informações através do tempo. O registro escrito é de um outro tempo e de uma outra compreensão. No entanto, Derrida também enfatiza a ambiguidade e a multiplicidade de sentidos inerentes à escrita, sugerindo que ela está sujeita a interpretações variadas e muitas vezes conflitantes. Ele argumenta que a escrita cria diferenças entre o significado pretendido pelo autor e a interpretação do leitor, o que gera um espaço de liberdade e possibilidade, mas também de incerteza e instabilidade. Diferente da fala que é dialógica e é acompanhada de uma série de emoções que nos ajudam a interpretar, a escrita como registro é uma

¹ DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

entrega, um devir.

Se Derrida nos oferece uma perspectiva provocativa que convida a repensar as relações entre linguagem, escrita e significado, questionando noções arraigadas sobre o papel da escrita como registro, mas também do registro como fixação (ainda que efêmera) daquilo que pede passagem; Deleuze e Guattari² nos ajudam a compreender que registrar é instaurar a possibilidade de compor mapas, porque o registro reinterpreta e transforma continuamente o pensamento, criando novas significações e possibilidades de agenciamento no presente. O registro escrito é mais que a criação da inscrição, é o pensar que o acompanha.

O mapa é o registro (analisado, agenciado, criado ou não). É possível ter mapa sem análise, ainda que acredita-se que a cartografia seja justamente a análise registrada. Mas nem todo registro é mapa. O registro não precisa ser representativo, ainda que sempre diga sobre um dado momento tempo-espço em que está inserido, e dependa intimamente das tecnologias, objetos, conceitos disponíveis e operantes para se fazer elaborar enquanto produtor de compreensão. O ato de registrar e os meios e dispositivos que são ativados com esse registro, o configuram: desenho, fotografia, escrita, dança, coreografia, música, silêncio. Cada dispositivo tensiona de forma diferente à atenção, e possibilita um jogar caminográfico mais ou menos intenso, que tensione mais ou menos os limites dados. Um registro não revela, necessariamente, tudo o que o

² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

produz. Ainda assim, pode explicitar uma miríade de relações que foram estabelecidas para que ele se efetivasse, sejam elas climáticas, de duração, de construção, políticas, emocionais, sociais.

Segundo Henri Bergson³, o conceito de “registro como construção de memória” desafia a visão convencional da memória como um simples armazenamento de informações passadas. Em suas obras, Bergson argumenta que lembrar não é apenas recuperar dados estáticos do passado, mas um processo ativo de reconstrução e reinterpretação contínua. Na mesma esteira Gilles Deleuze⁴, em seus escritos sobre cinema, propõe que registro pode ser uma construção dinâmica, o próprio movimento do movimento.

Os registros da caminhografia podem criar novas formas de experiência e conhecimento. São variadas e infinitas as formas de registro na caminhografia, destacamos:

Anotar e diários de campo: Documentar observações, pensamentos e interações, proporcionando reflexão sobre a experiência na cidade e orientando pesquisas ou projetos futuros; Fotografar: Registrar o espaço urbano, capturando imagens estáticas de paisagens, edifícios, pessoas e eventos, documentando a aparência física da cidade e momentos específicos; Filmar: Capturar movimento e ação na vida urbana, registrando caminhadas, interações sociais, eventos culturais e aspectos dinâmicos, sendo especialmente útil para documentar a atmosfera e a

³ BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. Martins Fontes, 1990.

⁴ DELEUZE, Gilles. *Cinema 1 - A imagem-movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

experiência imersiva do ambiente urbano enquanto ele ocorre. A imagem movimento é também duração. Escutar: capturar sons urbanos, como tráfego, vozes e música, complementando o registro visual com uma perspectiva sensorial única. Mapear e desenhar: anotar, rabiscar, inscrever mapas diversos ou croquis interpretativos que mostram as coisas em suas conexões com o território físico e subjetivo. Entrevistar: registrar histórias, percepções e experiências urbanas por meio de narrativas, seja por meio de entrevistas, conversas informais ou depoimentos escritos, transcritos.

Na caminhografia urbana, registrar, jogar e criar coexistem. Enquanto capturamos a cidade em imagens e experiências, nos envolvemos em um jogo de interações, desafiando e sendo desafiados pelo ambiente. Essa dinâmica estimula a criação, permitindo-nos reinterpretar e reimaginar constantemente a paisagem urbana e a nós mesmas. Assim, esses elementos se entrelaçam, formando uma experiência complexa na vida da cidade.

Ação baseada em proteger, restaurar, reintegrar e recuperar ecossistemas urbanos degradados melhorando as condições ecológicas no interior das cidades. Busca promover o retorno da natureza a um espaço urbano seguindo os preceitos do urbanismo ecológico¹. Pode ocorrer em diferentes escalas através de pequenas ou grandes intervenções, estas relacionadas à renaturalização de bacias hidrográficas urbanas² que envolvem planejamento urbano-ambiental onde se destacam projetos de infraestrutura que guardam relação com as águas urbanas. Grandes intervenções incluem o trabalho de equipes multidisciplinares formadas por especialistas em diferentes áreas como hidrologia, geologia, botânica, ecologia, morfologia fluvial, saneamento ambiental, planejamento urbano, arqueologia, administração pública, sociologia, antropologia. Medidas em menor escala colaboram para recuperar e preservar a fauna e flora, além de melhorar a qualidade de vida dos moradores através de intervenções pontuais que não demandam estudos ou planejamento específico. Sendo em menor ou maior escala a renaturalização contribui para alcançar um sistema socioecológico³ em ambientes urbanos, caracterizando a natureza como centro do metabolismo urbano. São ações de renaturalização o semear, plantar, revegetar, regar, desconcretar caminhar, conectar, florestar, transplantar.

¹ MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth (org). *Urbanismo Ecológico*. São Paulo: Gustavo Gilli, 2009.

² SCHUELER, Tom. *An Integrated Framework to Restore Small Urban Watersheds*. Washington DC: USEPA, 2005.

³ FERRÃO, João. *An-tropoceno, cidades e geografia*. In: CRAVIDÃO, Fernanda; CUNHA, Luís; SANTANA, Paulo; SANTOS, Nuno (org.). *Espaços e tempos em geografia: homenagem a António Gama*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015.

Renaturalizar canteiros e calçadas

Renaturalizar as vias

Renaturalizar áreas urbanas degradadas

Renaturalizar praças e parques

Renaturalizar rios urbanos canalizados

Renaturalizar o olhar

Renaturalizar a si

representar

David Moreno
Sperling

Representar (é) um mundo.

Muito já se disse da representação como (re)apresentação. De algo que se re-apresenta. E que, ao longo desse ato que não é neutro, algo novo se incorpora ao e no mundo. Pressupõe ou pelo menos acaba por se realizar como algum tipo de transformação. Ato não transparente, imbuído de algum sentido de projeto, consciente ou inconsciente.

Mas uma representação ocupa sempre um lugar ubíquo entre não ser, ser e poder ser. Tal ubiquidade é a complexidade do ato de representar que não substitui, isola, fixa, reduz. Daquilo que está em trânsito, mediando, movendo(-se), articulando(-se), e que nunca se completa.

Semioticamente, diz-se que a representação é um segundo que diz de um primeiro (objeto) e gera um terceiro (representante).

Filosoficamente, se considerarmos por exemplo os diagramas, toda representação é vir-a-ser.

Já matematicamente, penso que o curto-circuito que se instala entre a representação e o mundo pode ser grafado da seguinte forma:

$$R - x(A) \boxtimes A - x(R)$$

sendo:

$R \rightarrow$ representação

$x(A) \rightarrow$ variável composta da apresentação

$A \rightarrow$ apresentação

$x(R) \rightarrow$ variável composta da representação

De todas as possibilidades de curto-circuitos, a que mais me encanta é a que ressoa uma conversa que tive com meu filho menor anos atrás, enquanto ele, uma criança pequena, desenhava freneticamente. De posse de um lápis marrom, estava completamente dedicado à fatura de traços rápidos que ziguezagueavam por todo o papel. Instado por mim a responder o que estava representando, não titubeou:

“Estou desenhando o azul.”

Há uma irredutibilidade nesse azul enquanto emaranhado de coisas que se formam livremente no mundo. E nesse momento me lembro de Tim Ingold¹. Algo dessa condição de ser “coisa” parece escapar a qualquer definição. E essa condição só posso experimentar diante daquele azul feito daquilo que alguém quis que fosse feito.

Que o representar ao longo do caminhar seja feito de um pouquinho desse azul.

Representar (é) um mundo.

¹ INGOLD, Tim. Trazen-do as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2022.

resistir

Simone Fernandes
Mathias

Pelo convite cheguei à Caminhografia
urbana
Saio de casa com uns pingos de chuva nos
cabelos
Na sala maior nos reunimos
Eram muitos
Alguns eu não conheço

A proposta é circular as margens do São
Gonçalo
Deixando nossas pegadas
Abrindo nossos olhares
Impressões que ficam
Em nossas corpas e corpos

A chuva cai mansa
Refrescando o dia
No reflexo da poça d'água
Vi muitas pegadas
Passei por muros coloridos
Janelas abertas
Gente no portão
Encontrei arte

O propósito desse caminhar
Talvez seja o desacelerar
Para se permitir
Entender todo o contexto

Conectei-me para sentir
Amizades fiz pelo caminho
Fizemos registros de nós mesmos
As sensações, texturas, cheiros e pisadas

Sáímos com o propósito de ver
Sentir, escrever, entender e perceber

Outras realidades, outros nomes
Outras formas de viver no mundo

Essas acompanhadas dos vários cães
Que seguiam o trajeto
Parecíamos formigas
As pessoas olham desconfiadas
O adentrar os seus mundos
Esses que ficam às margens

Descobri outras comunidades
Outros nomes
Como o de Benedito
Lembrei-me do Preto velho
Falei isso para ele no olhar
Creio que compreendeu
Acenou a cabeça
Quando terminei de tirar a foto
Fez questão de frisar
É Benedito moça

A caminhada segue firme
Alguns sentados nas beiras das calçadas
Outros não perdendo um ângulo
Os registros ficaram lindos
Se não fosse a realidade

Cruzei os trilhos
Ali parei
Para saudar Ogum
O cavalheiro que me defende
Das demandas
Abri os braços
E saudei o povo dos trilhos
Das encruzilhadas

Seu Zé estava no cruzamento
Vi amuletos de proteção
Nas casas ao redor
As oferendas são constantes

Nossos guias continuam cuidando nossos
passos

A ponte do Rio Grande ou Pelotas
Dúvida de muitos
Não fui mais além
Resolvi voltar devagar
Olhando muitos detalhes
Que não tinha percebido
Uma casa onde as heras tomaram conta
Sendo sua própria selva particular

Enquanto caminhamos cruzamos
Com a gruta de Ogum guerreiro
Perto do porto
Pelo caminho fitas verdes e vermelhas
Algum pedido foi atendido

Gosto do Anglo
Ele também é território negro
Vou tirando fotos
Gosto de pés, pegadas.

O canal São Gonçalo tem muitas historias
Algumas eu nunca saberei
Nas águas turvas eu me conecto
As figueiras são nossos baobas

Seguimos a balsa
No caminho um velho mercado de
escravos
Pelas fachadas reconhecemos os pontos
de mercadorias
Pouca coisa mudou
Mas continuamos resilientes

A gruta da Mãe das águas
Foi para tomar um fôlego
Nessa tarde o sol arde
Mas não é o mesmo de 100 anos atrás

O meu coração bate forte
Estamos adentrando o território sagrado
Fecho os olhos
Escuto sussurros
São os meus
Minha companheira de caminhada Ana
sentiu o mesmo
Conversamos-nos com o olhar
Foi dolorido ver os escombros da remo-
ção
Muita coisa ficou para trás
Sonhos, perdas, promessas

O poder deixa marcas
Tiram o telhado, portas e janelas
Quebram os banheiros
A dignidade do ser humano
Estratégias de higienização
Às vezes perdemos as forças
Mas deixei na cartografia

O barro daquele grande passo
O Casarão ainda se acende
Creio que o negrinho do engenho
Anda correndo pelas bandas de lá

As figueiras da noiva e da ponte
têm tanto a dizer
A ponte dos dois arcos de 1854
Continua sendo passagem
Nossas tecnologias ancestrais
Estão por toda princesa do sul

O Engenho Pedro Osório já foi referência
Muito arroz se produziu
Hoje só ficam lembranças

Ainda ouço essas narrativas tão vivas e
pulsantes

Bem perto eu avisto torres
Mostrando que o progresso chegou

O Direito a cidade não é para todos
Um grande mural mostra o futuro
Esse que esmaga e silêncio
Apaga pertencimentos
Patrimônios material e imaterial
Narrativas de quem só queria ficar
Eles nos descobriram
E não para nos ajudar
É para nos tirar do nosso lugar
O território do Passo dos Negros é
ancestral

Resistir e viver
Resistir ao lado de quem cuida as nossas
encruzilhadas
Resistir ao toque do sopapo
Resistimos ...

Laroyê Mojubá



Imagem 31: resistir.
Fonte: Simone Fernandes Mathias, 2024.

Eduardo Rocha

Caminhografiar para revolucionar o molecular, a partir do conceito de *revolução molecular* em Gilles Deleuze e Félix Guattari. A revolução molecular é central em sua obra conjunta *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*¹. A expressão revolução molecular refere-se às transformações sociais e políticas que ocorrem em níveis microscópicos, fragmentados e individuais, em oposição às tradicionais revoluções macropolíticas que visam grandes estruturas sociais.

A revolução molecular está vinculada à ideia de micropolítica, que se concentra nas relações de poder no nível individual, nas práticas cotidianas e nas microrrelações sociais. Deleuze e Guattari propõem que a resistência ao sistema capitalista e outras formas de poder não devem se limitar a grandes movimentos revolucionários, mas infiltrar-se nos detalhes da vida diária.

Em um contexto mais amplo, essa abordagem destaca a importância da multiplicidade, da singularidade e do desejo na resistência aos sistemas opressivos. Ao invés de buscar uma revolução que visa derrubar estruturas sociais inteiras de uma vez, a revolução molecular procura transformar as relações de poder no nível mais elementar, buscando criar novas formas de subjetividade e novos modos de vida.

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2019.

A ideia de revolução molecular está relacionada à perspectiva de Deleuze e Guattari sobre a esquizofrenia como uma força produtiva, capaz de desafiar estruturas rígidas e gerar novas possibilidades. Essa abordagem micropolítica e molecular influenciou muitos movimentos sociais contemporâneos, especialmente aqueles que buscam mudanças sociais através da experimentação, resistência e criação de práticas alternativas no nível local e individual.

Revolucionar na caminhografia, nessa perspectiva, pode envolver uma abordagem micropolítica que busca transformações em níveis mais locais e individuais. A ênfase está na transformação incremental e na atenção aos detalhes. Essa abordagem micropolítica permite que as práticas do caminhografar se tornem meios de resistência, experimentação e criação de novas possibilidades no nível mais local e individual.

sentar

Vanessa Forneck

Sentar é flexionar as pernas e apoiar o peso do corpo sob os ísquios. Ao sentar, o corpo fica em estado de relaxamento, a coluna se curva e encolhe como uma sanfona comprimida, tirando todo o espaço existente nesse entre (seja falando do corpo ou do instrumento). O corpo sentado exige menos esforço físico. Nesse momento você é um ponto fixo em um determinado espaço e o mundo segue em movimento ao seu redor. Sentar-se no banco, na cadeira, no colchão, na calçada, na grama, no chão. Aterrar-se.

Foco, presença e concentração. O ato de sentar permite que o corpo abra espaço para outros tipos de movimento: maior abertura do campo de visão do que está ao seu redor; maior alcance auditivo dos sons que te rodeiam; maior apreciação gustativa dos alimentos ingeridos, pois o foco está na mastigação; maior atenção para os cheiros que te envolvem; maior sensibilidade ao toque, às texturas e às superfícies de contato.

Sentar-se para observar e experienciar o mundo girando ao seu redor a partir de outra perspectiva. Sentar-se para também sentir o mundo que gira dentro de você. Permita-se sentar.

1. Sentir

2. no princípio era apenas a luz, o espaço-tempo, a gravidade e a causalidade; é neste momento que começa a entropia e a incerteza fez-se a regra; era o todo sentindo a si mesmo.

a. época de sentir o trovão depois do raio, a fúria do mar contra o rochedo, a tormenta que precede o dilúvio, e a perigosa nuvem que passa lá longe.

3. em outro tempo surge um ser que sente; foi quando a pequena parte pôde sentir o todo.

e. tempo de febre, do riso da hiena faminta, do cheiro acre da erva daninha, do gosto amargo do veneno, da visão assustadora da imensidão e do espinho no pé que interrompe a caminhada.

5. ulteriormente construímos cidades e ditamos o verbo.

i. momento de caminhar na cidade que nos rodeia implacavelmente com seus veículos velozes e construções que desafiam a gravidade; hora de andar a esmo enquanto o desconhecido que passa ao nosso lado logo cai no esquecimento; quando o andarilho permanece perdido em meio a edifícios em ruínas e esquinas que não informam o nome da rua.

7. contemporaneamente não sentimos as coisas do mesmo jeito.

o. tempo de caminhar sem rumo e alerta a tudo aquilo que poderia passar despercebido; de ficar atento aos cantos, aos becos e a alteridade das ruas mal iluminadas; de andar vigilante ao encontro do outro ou ao possível desencontro com si mesmo.

11. porvir temos a certeza do fim.

u. neste instante, quando a noite deixa de iluminar o emaranhado labirinto edificado, é quando o caminhante sente os pés cansados e luta contra o sono inexorável; é quando finalmente o andarilho chega na borda da cidade desconhecida, olha perplexo para o horizonte sem limite, e sente que a vontade perdeu sua força; é quando a experiência da caminhada chega ao fim.

13. todo fim precede um novo princípio.

Taís Beltrame
dos Santos

Tornar-se lenta; alentar-se; demorar-se; causar transtorno à velocidade. Perder tempo ou fazer volta. Serelentar é uma ação tática de desaceleração dos monopólios radicais¹, uma prática astuta de rearticulação da lógica de poder² aceleracionista. Uma convicção contra os tempos rápidos proclamados por Milton Santos³ e pela crise das dimensões apresentada por Paul Virilio⁴. Uma possibilidade de uso e investigação não produtivista do espaço, da tecnologia, e das pessoas. Uma crítica à romantização da metropolização, do asfalto, do concreto, da indústria de massa, da agricultura extensiva, da domesticação do espaço e da perda de sentido no tempo histórico, cronológico, geológico, ambiental, em detrimento da instantaneidade.

Serelentar é criar uma possibilidade de vida mais leve, territorializada e compromissada com o meio complexo e com o habitar da paisagem. É impulsionar o decrescimento sereno, “uma proposta necessária para que se volte a abrir espaço da inventividade e da criatividade do imaginário bloqueado pelo totalitarismo economista, desenvolvimentista e progressista”⁵. É habitar a si, o outro, o mundo, com o corpo e todos os seus sentidos. É provocar a experiência como política, e a lentidão como cumplicidade. Serelentar é poder errar, derivar, dialogar, perambular. É poder e querer aprender e ensinar.

¹ ILLICH, Ivan. *Equidad y energía*. México: Siglo XXI Editores, 1974.

² CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

³ SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo*. São Paulo: EDUSP, 1997.

⁴ VIRILIO, Paul. *O Espaço Crítico*. São Paulo: Editora 34, 2005.

⁵ LATOUCHE, Serge. *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Quando serelenteio, sou serelenta. Habito o espaço com atenção e paciência. Diminuo o ritmo, respito fundo, ouço os pássaros, sinto o vento, olho a lua, respeito a chuva, me banho do mar. Ajo com a naturalidade inquieta de quem não compactua com a velocidade da guerra, mas da vida. Caminho, paro, anoto, escuto, converso. Passo pelos mesmos lugares, não tenho pressa de chegar. Perco a hora, volto atrás. Olho para o menor e me demoro. Permito emocionar-me, encantar-me, apaixonar-me. Encontro a mim mesma, no meu próprio ritmo. Compreendo o percurso. Respiro fundo, consciente. Me sinto viva. Caminhografo com pulsão de vida, e não com derrota iminente do cansaço de quem sempre está atrasado e quer tudo para ontem. De quem é obrigado a ser empreendedor de si⁶.

Caminhografia é serelência. É olhar atento, jogo criativo e experiência demorada.

Serelentar é uma descoberta que surge a partir dos desdobramentos de “Seres Lentos e Vida Urbana: Caminhografia pelas ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas”⁷.

Serelentar nem sempre é possível. Mas é sempre necessário.

⁶ HAN, Byung-Chul. A sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes. 2015.

⁷ SANTOS, Taís Beltrame dos. Seres Lentos e Vida Urbana: Caminhografia pelas ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas. Pelotas: PRO-GRAU/UFPel, 2021. (Dissertação de mestrado).

sociocartografar

Sociocartografar é o ato de criar ou elaborar um sociocartograma¹, considerando o processo de produção cartográfica de duas ou mais pessoas, a partir de uma entrevista cartográfica² centrada nas interações sociais, movimentos territoriais e experiências de vida. Sociocartografar nasce do encontro entre a cartografia social³ e a entrevista cartográfica. Ao sociocartografar desenhamos mapas que conversam entre si. Se somos duas pessoas sociocartografando estaremos conversando sobre a vida cotidiana, por exemplo, e mapeando nossos trajetos cotidianos, cada um em seu mapa, ao mesmo tempo⁴. Podemos desenhar em nosso mapa os diversos aspectos de nossa vida: lazer ao ar livre, trabalho, descanso, diversão. Cada aspecto deve ser desenhado em uma cor diferente. Compartilhamos nosso mapa em plena produção com a pessoa com a qual sociocartografamos, para que cada mapa, alimente o outro e vice-versa. Projetamos um plano comum de temas para que as palavras, as coisas e a criação fluam horizontalmente. No sociocartograma não existe uma pessoa que pergunta e outra que responde, mas sim, duas que conversam sobre os mesmos aspectos. Conversar é converter, reverter de modo que ao compartilhar os mapas, um influencie no outro, o enriquecendo tanto por cópia como por diferenciação. Podemos sociocartografar o mesmo encontro sobre lugares diferentes, porque

Juan Manuel
Diez Tetamanti

* Original em espanhol.
Traduzido por Taís B.
Santos.

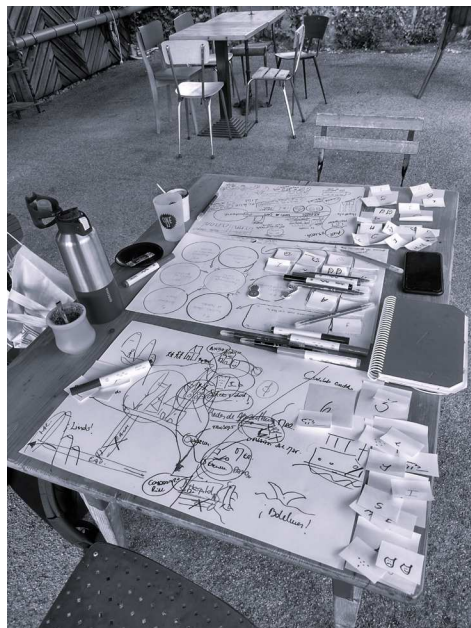
¹ TETAMANTI, Juan Manuel Diez. Sociocartogramas en la entrevista: Instrumento para el abordaje en pequeñas localidades. *Pixo: revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade*, 5(19), 35-47, 2021.

² TEDESCO, S. H.; SADE, C.; y CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: A experiência no dizer. *Fractal, Revista de Psicología*, 25(2), 299- 322, 2013.

³ TETAMANTI, Juan Manuel Diez. Cartografía social: teoría y método. Estrategias para una eficaz transformación comunitaria. Buenos Aires,: Ed. Biblos, 2018.

⁴ RAGUILEO, A.; GALER, A. Aprendizajes socio-organizativos a partir de las tecnologías de acceso al agua junto a la comunidad El Puntudo en la Meseta Central de Chubut. In: XX Jornadas Nacionales de extensión rural. UNR - Zavalla, 2022.

o lugar não é o território, apenas a chave
para encontrarmos as coisas⁵.



⁵ DELEUZE, Gilles. L'Abécédaire de Gilles Deleuze. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.

Imagem 32: sociocartografar. Fonte: Juan M. Diez Tetamanti, 2024.

sonhar

Renata Azevedo
Peres e Édio
Raniere da Silva

Sonhar é passar pela imagem e habitar um tempo. Quando caminhamos somos, do mesmo modo, invadidos por imagens de um tempo real que só se pode escrever ficcionando. Desse modo, se nossas caminhografias se fazem com a mesma matéria dos sonhos, uma questão parece se impor: de onde vêm as imagens que sonham em nossos corpos adormecidos? Sim, é verdade, houve um momento em que sonhar era estar fora de si, nessa época muitos confundiam o si mesmo com uma espécie de ego consciente. De nada valia o sonho, portanto, a não ser que você estivesse refugiado em alguma linha de fuga, furtivo ao cogito ergo sum e ao do versículo IV do Gênesis. Depois, veio um tempo em que o sonho se transformou em propriedade privada do inconsciente. Alguns ficaram aborrecidos, porque gostavam de imaginar que eram os únicos senhores em sua morada. Descartes perde o trono. O cogito cede lugar a um novo déspota. Mas, cuidado, nesse golpe da psicanálise há uma armadilha que mantém o sonho acoplado ao primado do sujeito. Freud expulsa um colonizador pela porta principal e chama outro pela porta dos fundos. O sonho passa a ser considerado uma linguagem através da qual nos comunicamos com quem realmente manda em nós: o inconsciente. Davi Kopenawa expõe esse legado colonial: “Os brancos não sonham tão longe quanto nós. Dormem muito, mas só sonham consigo mesmos”¹. Quais são as

¹ KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. Os ancestrais animais. In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

imagens que fazem sonhar uma comunidade que trocou a luz das estrelas pela luminosidade narcísica das telas? “Quando dormem, só veem no sonho o que os cerca durante o dia”². O sonho branco emerge da criação de imagens egóicas de um povo eurocristão monoteísta³. Será que existem refúgios onde o sonho não esteja completamente colonizado? Haveria, em algum lugar, um quilombo onírico que pudesse acolher nossos corpos cansados? Como chegar até lá? Em que medida nossas caminhografias podem ajudar a construir esse mapa? Talvez o primeiro passo nessa caminhada seja perceber que os sonhos são imagens e que as imagens sempre precedem os sujeitos que sonham. Para os Yanomamis sonhar é possível porque Omama criou a árvore dos sonhos - Mari Hi. “Desde então, assim que as flores de seus galhos desabrocham, elas nos enviam o sonho”⁴. A imagem é em si. Ela não depende do sonhador para aparecer em seus sonhos. É a imagem que produz o sujeito e não o contrário. Sonhamos com as flores de Mari Hi porque é disso que somos constituídos: imagens. Somos nada mais que imagens⁵.

² Ibid.

³ SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu editora/PISEAGRAMA, 2023.

⁴ KOPENAWA. Op. Cit.

⁵ RANIERE DA SILVA, Édio; HACK, Lillian. Somos nada mais que imagens: Entrevista com Anne Sauvagnargues. *Revista Polis e Psique*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 6–29, 2020.

subjetivar

Carolina
Magalhães Falcão
e Eduardo Rocha

De acordo com o dicionário de Filosofia¹, a subjetividade é uma característica individual que pertence aos sujeitos, isto é, aquilo que é inacessível a outra pessoa. Assim, subjetivar é esse ato de compreender as coisas ao nosso redor sem que isso seja uma verdade absoluta. Sempre dependerá de um ponto de vista impregnado de bagagens memoriais. A característica que define a subjetividade é o sentimento que permeia as imagens que experimentamos.

Subjetivar é a capacidade de olhar através da concretude do que se vê, perceber o que se coloca além do visível, é deixar-se tocar pelos outros sentidos e, através da propriocepção, vivenciar uma experiência multissensorial de sentir-se tocado pelos aromas, pelos sons ou pelos silêncios, pelas texturas, pela temperatura, luminosidade ou sombras, pelos encontros com outros corpos. Trata-se da capacidade sensível de cada sujeito, que não tem uma resposta única, mas sim a individualidade de cada um em sentir. Esse processo só ocorre durante a imersão no campo de pesquisa ou trabalho. Se não há contato com o espaço, sabe-se apenas o que o outro traz consigo.

É o desvendar do óbvio, olhar além do que se apresenta. Quando o corpo encontra ressonância no espaço. Não trata apenas do espaço físico, mas sim de tudo o que se apresenta além do visível. Juhani

¹ JAPIASSÚ, Hilton. Dicionário Básico de filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Pallasmaa² afirma que nossos corpos têm a capacidade de lembrar e imaginar lugares; nossa percepção, memória e imaginação estão sempre interligadas em nossa mente, nessa vasta cidade povoada por recordações, esquecimentos e evocações que é o nosso cérebro.

Félix Guattari³, em suas reflexões sobre a subjetividade e a produção de subjetividade, destaca a fluidez e complexidade desse fenômeno. Ele argumenta que a subjetividade não é estática, mas sim dinâmica e em constante processo de transformação, influenciada por uma multiplicidade de fatores sociais, culturais, políticos e psicológicos. Deleuze e Guattari⁴ introduzem o conceito de “máquina desejante”, que se refere às estruturas sociais, culturais e psicológicas que moldam a formação da subjetividade. Essas “máquinas” não são entidades fixas, mas sim processos dinâmicos que operam em vários níveis, desde o pessoal até o coletivo. Nesse contexto, Deleuze e Guattari também estão interessados na relação entre subjetividade e política. Ele argumenta que as formas de subjetividade estão intrinsecamente ligadas às estruturas de poder e dominação presentes em uma sociedade. Assim, a transformação da subjetividade também requer uma transformação das relações sociais e políticas, evidenciando a interseção entre processos individuais e coletivos na produção de identidades e na configuração do poder social.

² PALLASMAA, Juhani. *Os Olhos Da Pele: a arquitetura dos sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

³ GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2019.

subverter

Jordana da Silva
Berchon

Subverter significa causar a subversão, ou seja, provocar uma mudança radical, uma alteração nas normas, ordem estabelecida, ou valores sociais. Pode envolver a tentativa de derrubar ou reverter uma autoridade, sistema ou estrutura de poder. Subverter também pode significar distorcer ou desvirtuar algo, muitas vezes com o objetivo de minar sua integridade ou propósito original. Em resumo, a ação de subverter está intrinsecamente ligada a provocar mudanças significativas ou a desafiar as normas estabelecidas.

A filósofa italiana Silvia Federici¹ argumenta que a subversão é inerente à natureza feminina, moldando, criando e edificando mulheres. Estudiosos, como Rebecca Solnit, em seu livro *A história do caminhar*², têm explorado essa temática, reconhecendo as dificuldades que as mulheres enfrentam ao acessar e apropriar-se dos espaços urbanos. O caminhar urbano feminino refere-se ao deslocamento a pé das mulheres pela cidade, por necessidade funcional ou por prazer, mas essas experiências não são vivenciadas de forma igualitária ou segura devido a questões de gênero, normas sociais e violências específicas dirigidas às mulheres, que criam barreiras à sua liberdade de movimento e bem-estar nas cidades. A subversão, portanto, é tanto uma demonstração de poder e rebelião quanto uma necessidade.

¹ FEDERICI, Silvia. *Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais*. São Paulo: Elefante, 2017.

² SOLNIT, Rebecca. *A história do caminhar*. 1a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

O caminhar feminino nas cidades tem sido frequentemente objeto de inspiração poética, sugerindo que caminhamos para serem vistas, não para ver e acessar a cidade. Como disse o poeta: “... o seu balançado é mais que um poema, é a coisa mais linda que eu já vi passar”. O verso mostra a visão estereotipada, onde a mulher é retratada mais como um objeto de contemplação do que como um sujeito ativo e autônomo. Essa narrativa perpetua a ideia de que o valor da mulher reside principalmente em sua aparência física e movimento grácil, ao invés de reconhecer sua agência e propósito no caminhar pelas ruas. Neste tocante, o verbo subverter no caminhar da mulher ultrapassa a ação poética, transformando-se em um ato político.

Criar e produzir experiência ao sul do sul. Compartilhar imaginários sulinos e fronteiriços por meio de diversos dispositivos da arte e da vida. Dar a ver por meio das artes visuais os elementos constitutivos materiais e imateriais dos territórios do sul, a partir de Pelotas e região, para cá e para o mundo. Um modo de ser artista e estar em condição de artes no sul do Brasil. Sentir e ser a Estética do Frio de Vitor Ramil¹. Inverter a referência, como fez Joaquim Torres Garcia em 1943: *“ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo. La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro norte”*². Descobrir-se artista latina americana. Caminhar pela paisagem pampeana. Constituir território textual-imagético-poético ao sul do sul³. Rumar o Sul ao encontrá-lo como destino. Fazer do Sul um caminho que revela o que somos. Descer em busca de onde a terra começa e então, mirar mais ainda o Sul ao descobrir os fins e os começos e renovar a direção do olhar, no sentido de “se encaminhar pelo sul”.



Duda Gonçalves,
Helene Gomes
Sacco, Raquel
Ferreira, Ana
Zeferina Ferreira
Maio e Tais
Beltrame dos
Santos

¹ RAMIL, Vitor. A Estética do Frio: conferencia de Genebra. Porto Alegre: Satolep, 2004.

² GARCÍA, Joaquín Torres. La escuela del Sur. In: Revista Continente Sul Sur. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997.

³ (...) que pode ser percorrido nas escrituras do Dossiê AO SUL DO SUL: Artes, arquitetura e cidades de uma outra centralidade, em Píxo: revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, v. 6, n.21, 2022.

Imagem 33: sulear.
Fonte: Duda Gonçalves,
2024.

territorializar

Gustavo de
Oliveira Nunes

Territorializar é, antes de tudo, criar um território. E o que é um território? Deleuze nos explica que um território é um modo de vida, um espaço subjetivo que é afetado por um número limitado de signos. Para exemplificar isso, tem-se o exemplo do carrapato, pois alguns animais produzem território, assim como algumas pessoas – não todos, não todas. O carrapato constitui um território ao ser afetado por três tipos de signos: ele sobe para o alto de uma árvore em busca de luz; ele se deixa cair no momento que sente o cheiro de um animal passando e, por meio do tato, ele crava suas patas e suga o sangue da sua presa.



Imagem 34: territorializar. O território do carrapato. Fonte: Gustavo de Oliveira Nunes, 2024.

Porém, um “território só vale em relação a um movimento através do qual se sai dele”¹. Por esse motivo, um território está em relação com um movimento de desterritorialização e um esforço para se reterritorializar em outro lugar. Assim, tem-se um triplo movimento: de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Essa tríade conceitual Deleuze chamará de Ritornelo. Uma caminhada que se propõe a investigar a cidade de maneira errática pode ser outro exemplo: sair para caminhar é uma tentativa de sair do seu território, “e sair do território é se aventurar” (Idem). Nessa aventura, há a possibilidade do encontro com signos – signos da cidade, signos emitidos por outras pessoas, animais, acontecimentos – que acionem os sentidos e que coloquem aquele que caminha num movimento de desterritorialização.

Desterritorializado, o caminhante se esforça em criar formas de expressão e conteúdo que traduzam seus encontros com os signos desterritorializantes, num movimento de reterritorialização. O que daí surge é um novo território – que pode ser uma história, um novo saber sobre a cidade, um conto, uma narrativa... por isso, Deleuze afirma que “constituir um território, para mim, é quase o nascimento da arte”.

¹ DELEUZE, Gilles. L'Abécédaire de Gilles Deleuze. Entrevista com Gilles Deleuze. Edição: Brasil, Ministério de Educação, “TV Escola”, 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.

Josimara Wikboldt
Schwartz

Ato ou efeito de traduzir (algo; um texto) no atravessamento das formas e das forças que o compõe e que nos seduz. Em pesquisa, também se configura como movimento criador proporcionado pelo instante analítico e pela necessidade de exibir uma forma textual para dar concretude à investigação. Termo translocado em verbo a partir das provocações de Sandra Corazza¹ para pensar o fazer poético e pedagógico em Educação, implicada nos estudos e leituras realizadas em Roland Barthes e Haroldo de Campos. Transcrição é um neologismo inventado por Campos² ao designar o exercício de tradução da poesia. Para o poeta-tradutor, mais do que uma atividade do campo da semiótica, a tarefa tradutória faz reabrir outra dimensão da língua, que se acopla à língua estranha daquele que o traduz. Nesta condição, traduzir é reinventar palavras; re-criar; deformar; mapear as variações e encontrar a relação ínfima e íntima entre as línguas. Para tal, a transcrição transforma-se na capacidade de operar sobre o intraduzível, pois reconfigura uma estrutura anterior e ficcionaliza em texto, possibilitando a abertura à novos horizontes de sentidos. Nessa perspectiva, todo/a transcriador/a é ficcionista. Transcriar passa a ser uma maneira de coreografar o mundo a partir das experiências intensivas vividas para além do que ele dá a ver e entender enquanto parte de um campo extensivo ou discursivo. É um mergulho no mais íntimo da palavra, retirando dela

¹ CORAZZA, Sandra Mara. O que se transcria em educação? Porto Alegre: UFRGS/Doisa, 2013.

² CAMPOS, Haroldo de. Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2011.

não apenas o que tem a comunicar, mas a diferença sem semelhança que ela produz na conjugação daquele/a que a traduz. Trata-se de uma libertação da forma, pela escritura. Mas como transcriar? Por se tratar de uma arte e não de uma ciência, não há um procedimento nem ordenações a seguir, a potencialidade da ação efetiva-se a partir da experimentação, então: Leia-Escreva-Leia-Conjuguem-Releia-Descansem-Ensaie [pois sem ensaio não há método] -Escreva-Transgrida-Esqueça-Retorne-Apague-Componha-Imagine-Reescreva-Inventa... experimente outra vez!

transformar

Rodrigo da Silva
Vital

Transformar é acontecimento, intervenção, fazeres, práticas, incluindo a ação de sentir e/ou (re)significar (a transformação de como sentimos e/ou significamos algo sem que, necessariamente, o objeto observado mude em sua concretude). A ‘transformação’ só pode ser compreendida com e pela ação ou processos (arranjo de ações) que mudam a forma em relação com o tempo - ‘transformar’, portanto, é a interseção do passado (o que já foi) com o presente (o que é) e futuro (o que pode ser), além do futuro-passado (o que podia ter sido).

Quando consultamos um dicionário, encontramos o significado convencional da palavra transformar: é dar nova forma, alterar o estado de, converter, mudar, transfigurar. Nesse sentido, transformar é associado à causa ou ao produto de uma ‘transformação’, àquilo que era e/ou que se tornou e/ou que pode ser em um tempo (passado, presente e futuro). Contudo, quando compreendemos um verbo (a ação) pela definição e descrição (o seu nome e significado) sem a ação, isso restringe o entendimento do ‘devir’ envolvido àquilo que é ou que parece ser (o substantivo).

Nessa lógica, transformar seria confundido com a representação semântica da ação, apagando os mecanismos/meios que definem, verbalmente, a ‘transformação’. Por outro lado, considerando o

proposto por Deleuze e Guattari¹, o transformar é o próprio 'devir' e, portanto, surge da potência (de tudo que algo ou alguém pode ser), acontecendo quando esse algo ou alguém sai ou rompe com o(s) agenciamento(s) de poder, ou seja, a desconexão ou ruptura com "aquilo" que fazia algo ou alguém ser o que era, que mantinha o estado no qual se encontrava antes de mudar.

Nesse sentido, transformar é um processo de desterritorialização e (re)territorialização, é mudar a forma de ser, perceber, fazer, pensar, sentir e etc. pela e com a desconexão ou ruptura com/num território de ser/fazer para e com a (re)construção/(re)conexão com novo(s) território(s) ou formas de.

Nesse sentido, transformar ocorre no plano da potência, do através, do entre o que foi e o que se tornou ou pode ser. Transformar é ação, é movimento, é processo, é acontecimento que conecta espaço e tempo com e pela mudança da(s) forma(s).

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

transgredir

Emanuela Di
Felice

A palavra transgredir, no campo do caminhar, no meu juízo de educadora caminhanhante, é de fundamental importância. Expressarei ela a partir do meu relato pessoal, em 19 anos de caminhada.

Minhas experiências de transgredir começaram bem cedo. Sempre fui muito rebelde. Aos 24 anos, levei isso à forma de pensar a cidade junto ao meu amigo Piccio, o qual nos convidava a pensar em atravessar a cidade sem considerar a propriedade privada. Na primeira vez, pensei que ele estava louco, mas decidi segui-lo, adentrando em várias propriedades privadas. Esse foi o início do meu compromisso com tudo aquilo que encontrávamos: terrenos baldios¹, lugares, pessoas, comunidades. Encontramos a Pidgin City².

Quando transgredimos, assumimos a responsabilidade por tudo que pode acontecer. Nos comprometemos. bell hooks, em seu livro *Ensinar a Transgredir*³, sobre educação como prática da liberdade, descreve a aula como o momento em que se produzem de maneira completa a transformação das relações sociais e onde desaparece a falsa dicotomia entre o mundo externo e a Universidade.

¹ CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

² CARERI, Francesco. Caminhar e parar. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

³ hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

transitar

Taís Beltrame dos
Santos e Eduardo
Rocha

Ir e vir. Movimentar-se. Transpassar os sítios. Do latim, *transitus*, ir além ou através, atravessar. O prefixo ‘trans’, originário do latim, significa “além de”, “para além de”, “o outro lado” ou “o lado oposto”. ‘Sitar’, pode vir de “sito”, “sítio”, assim, transitar como ‘para além do lugar’. A ideia de ‘trans’ é por si uma porta, uma fresta, um rasgo que marca o aqui e o lá, o fora e o dentro, e toda a permeabilidade que pode transcender desse entre, que ressoa para compreendermos os corpos, as fronteiras e os limites impostos, a fim de transpô-los.

Transitar é mover o pensamento e a presença, deslocar-se, de um ponto a outro, ainda que sem objetivo. Ação do transeunte, daquelx que faz transição ou está em trânsito. Estado que pressupõe atenção flutuante; transitar na intenção de pousar e habitar, para então estabelecer-se ou seguir. Transitar para abrir portas, para ser portas, para fazer lugar de passagem. Passar para ser arrebatado ou para arrebatá-lo, enquanto vai de um ponto a outro, mesmo que o outro ponto seja desconhecido, mesmo que o ponto seja ponte. Ou até mesmo, transitar para transitar, em uma transação infinita de errância, ainda que se saiba, que o errante também espera¹.

Para Ivan Illich², transitar é deslocar-se a partir da energia do corpo. Ser dono do seu próprio ato. Mover-se sem motores.

¹ DERRIDA, Jacques. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003.

² ILLICH, Ivan. Equidad y energia. México: Siglo XXI Editores, 1974.

Caminhar sem rumo, mas com objetivo, a transformação de si, do outro, de nós. A transformação do próprio corpo, que ao ativar-se, transforma-se.

Para caminhografia: caminhar à espreita de algo que peça passagem. Estar em trânsito, à mercê. Transitar pela borda, pelas margens, pelas fronteiras, pelos entres, para deixar-se transpassar pelas linhas imaginárias e transitórias. Transitar para atravessar a si. Transitar para sair do lugar. Caminhar, sem necessariamente ter objetivo. Sem a provocação do jogo, da caminhografia. Apenas caminhar. E deixar que o próprio caminho, em trânsito, sugira comoções. Caminhar pelo processo, pelo transtorno, pela transitividade e pela transcriação.

trocar

Rafaela Barros de
Pinho

Verbo que dança entre os passos das caminhografias urbanas¹, tecendo redes de conexões entre pessoas e lugares. Trocar é mais do que uma simples transação de bens materiais; é um intercâmbio cultural e social, de histórias, saberes e afetos que enriquecem os trajetos pelas ruas da cidade. É um gesto que estabelece conexões entre indivíduos e comunidades, promovendo um sentido de pertencimento e solidariedade dentro do tecido urbano. Nas esquinas e nos encontros inesperados, trocar é abrir portas para novas perspectivas, onde cada troca é um convite para mergulhar na diversidade e na riqueza cultural da urbe. É como se cada gesto de troca fosse um pequeno ato com o poder de transformar o cotidiano em uma celebração de partilha. O ato de trocar, nesse sentido, enriquece não apenas nossas caminhadas, mas também a própria cidade, transformando-a em um espaço de interação, descoberta e colaboração constante.

¹ ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. Arquitectos. São Paulo: N. 281, ano 24, 2023.

tropeçar

Carolina Corrêa
Rochefort, Rafaela
Barbosa Ribeiro,
Amanda Martins
de Abreu, Maíra
Câmara Neiva e
Luana Reis Silvino

1. Suspende o ar.
2. Aragem na barriga ou vasoconstrição.
3. Aproxima-se do inesperado, do impensado.
4. Quando inventar toma o maior grau de suspensão. Por exemplo: Você vem caminhando e o caminhar hesita, um susto, e você inventa um quase-desvio.
5. Quando o entorno pede a atenção do corpo.
6. Prática para desenvolver ziriguidum.

urbanicizar

A cidade contemporânea não mais responde a tríade cidade-trabalho-política, mas sim a uma outra chave: cidade-gerencimento-negócio. Nesse contexto, a importância de Urbanicizar, de refletir, trabalhar e resgatar a urbanicidade, tendo como referência as noções de urbano, urbanidade e cidade. Urbanicizar, um exercício epistemológico sobre a observação da cidade como uma realidade e ideiação em constante transformação, questionando seus processos de conformação, de como a habitamos e por ela somos habitados, de como nos relacionamos com o outro e estamos no mundo, de que cidades partilhamos e (re)produzimos em nossas práticas. Brenner¹ ressalta esse aspecto ao conceituar o urbano como relações socioespaciais frente às perspectivas multiescalares. Nesse viés, fortalecemos a noção de Urbanicizar enquanto a conformação de relações entre os seres e seus espaços como construção de formas de habitar e experienciar territórios.



Manoel
Rodrigues Alves
e Camila Ferreira
Guimarães

¹ BRENNER, Neil. Espaços da urbanização: o urbano a partir da teoria crítica. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital/ Observatório das Metrópoles, 2018.

Imagem 35: Paraíso-polis, suas fronteiras e seus limites. Fonte: Coleção Highrise Project, Acervo Narrativas Urbanas, 2022.

vagabundear

Ricardo Luis Silva

O escritor francês Georges Perec (1936-1982), entre um projeto e outro na OuLiPo, se dedicava intensamente em vagabundear pela cidade de Paris e pelas palavras, criando listas, esquemas cata-lográficos, tentativas de esgotamentos, pequenos jogos urbanos, caça-palavras... Aqui homenagem Perec e também esse Verbolário. Perca tempo buscando no caça-palavras 33 verbos desdobrados do CAMINHAR.

ANDAR	ERRAR	PEREGRINAR
ANDARILHAR	FLANAR	RUMAR
ANDEJAR	JORNADEAR	SALTITAR
CALCORREAR	MARCHAR	SERPENTEAR
CAMBALEAR	MEANDREAR	TRANSITAR
CAMINHAR	MIGRAR	TRANSLOCAR-SE
CIRCULAR	PALMILHAR	TRILHAR
DERIVAR	PASSEAR	VAGABUNDEAR
DESLOCAR-SE	PERAMBULAR	VAGAR
DESVIAR	PERCORRER	ZANZAR
ENGATINHAR	PERDER-SE	ZIGUEZAGUEAR

U E N G A T I N H A R S N L Z I H C S V A L
T G M I G R A R E P C T C C I R C U L A R F
A P E E A U A F E S A R A S I S A T D R O L
S A L T I T A R T E M H M A A L N A E O L C
D L O S G H E O T H I P B N R E D A S I C I
E M C P E G R R U I N A A V A G A R L D I T
R I E A R R I N R P H S L N E L R E O I F R
I L I I M L P U U A A S E N F R V D C D P A
V H N A H O M E S T R E A S F R H S A E F N
A A V A G A B U N D E A R P E R D E R S E S
R R R M R R G E L T R R N L Z I H C S V A L
E Q C A J O R N A D E A R K T A O E E I F O
G P E R A M B U L A R A B R A R N H N A L C
A N N C A L C O R R E A R G R R O Z R R A A
O H L H Z I G U E Z A G U E A R E L A E N R
E M E A N D R E A R H T R A N S I T A R A S
U T L R H P F E I A N D E J A R I N B L R E
A N D A R I L H A R P G X V O F P D A E H L

Imagem 36: vagabun-
dear. Caça-palavras.
Fonte: Ricardo Luis
Silva, 2024.

Vagalumear é um verbo esvoaçante. Caminhografar com ele nos leva à um lusco-fusco. Por vezes, quando conseguimos habitar a errância, a incerteza, a escuridão de nossas pesquisas, somos sobrevoados por lucciole: a pequena luz das valas infernais que Didi-Huberman¹ contrapõe a grande luz paradisíaca, luce. Os holofotes que iluminam boa parte do pensamento ocidental não raramente são os mesmos que iluminam nossas cidades. Pelas esquinas, praças e apartamentos é luce quem nos faz ver de modo claro, objetivo, racional. É a relação de luce com nossas cidades que nos permite enxergar, com tanta nitidez, conceitos como o de cidadania. Atualmente, contudo, em algumas florestas, bem como em áreas rurais agroecológicas, onde a incidência de luz branca durante a noite é menor, já se pode perceber uma florestania pedindo passagem². Talvez a cidadania esteja para a grande luz do paraíso cristão como a florestania está para pequena e frágil luz dos vagalumes. Se o futuro é ancestral, como sugere Ailton Krenak, talvez os grandes holofotes sejam aos poucos esquecidos e os vagalumes passem a ser vistos onde agora o excesso de luz impede sua apresentação. Nesse futuro vagaluminoso possivelmente teremos condições de ouvir e narrar fabulações especulativas sobre o fim do excepcionalismo humano³ e sobre cidades planejadas por um pensamento selvagem. Nesse momento as três caóides – arte, ciência, filosofia – irão criar afectos, funções e conceitos⁴ diante a seguinte

Édio Raniere
da Silva e
Débora Curti

¹ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos Vagalumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

² KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

³ HARAWAY, Donna. *Ficar com o Problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: n-1 edições, 2023.

questão: nossas cidades e nossos pensamentos necessitavam mesmo de tanta luz? À medida que caminhografamos com os vagalumes, à medida que abandonamos a luz vamos nos aproximando da bela noção de Ursula Le Guin – Floresta é o nome do Mundo⁵ – e sonhando cada vez mais longe, como ensina o xamã Davi Kopenawa⁶. Vagalumear é se colocar à disposição da noite. Deixar-se ir; flunar, continuar à deriva. Dançar entre as zonas de passagem, apagar e acender, escurecer e produzir lampejos. Aparecer, desaparecer, vagar, andar sem rumo certo. Vagalumear: estado da perdição.



⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia? São Paulo: Editora 34, 1992.

⁵ LE GUIN, Ursula. Floresta é o nome do Mundo. São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.

⁶ KOPENAWA, Davi. Sonhar Longe. In: ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. O Espírito da Floresta: a luta pelo nosso futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

Imagens 37 e 38: vagalumear. Fonte: Débora Curti, 2024.

viajar

Taís Beltrame
dos Santos

Abrir uma lacuna no tempo e no espaço. Entrar em estado de corpo de entrega, presença e pensamento fluido. Colocar-se à frente do inesperado, em um território desconhecido. Sair de casa à procura de aventura, de acontecimento. Estar corajosa, curiosa, perspicaz, disposta aos descaminhos, às rotas alternativas e à perda de orientação. Esgotar a abertura, constantemente, e abrir-se outra vez. Reorientar-se em tempo de elaboração dos mapas moventes, em um processo de territorialização-desterritorialização-re-territozialização¹.

Como pedagogia, viajar possibilita a imersão em um território desconhecido por um tempo pré-determinado. Propondo a característica de viajante à pesquisadora, a “pedagogia da viagem” tira-a da sua zona de conforto para colocá-la em movimento em um território outro. Viajar é descobrir novos percursos para pensar², no aqui e agora. A viagem despe a viajante de qualquer tipo de saber acadêmico para depará-la com a cidade real, onde o saber corpóreo, relacionado à ginga, é muito mais requisitado. Viajar não é ser turista: é capaz de realizar feitos incríveis para alcançar um destino audaz³.

A experiência da pedagogia da viagem pode ser dividida em três momentos (como um ritornelo): os momentos que antecedem ir, a viagem propriamente dita, e o voltar para casa. “Temos a

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

² ROCHA, Eduardo. Et Al. Cross-Cult: Desenho Urbano/Urban Design – Pelotas/RS e Oxford/UK. 1. ed. Pelotas: UFPel, 2016, p.94.

³ FIGUEIREDO, Silvio Lima. Viagens e Viajantes. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2010, p.232.

⁴ ROCHA. Et. Al. Op. Cit. p.94.

bagagem antes da viagem, preparamos as malas com as intenções da viagem; viajamos e nos abrimos ao novo, carregamos coisas pelo caminho e deixamos outras e; por fim chegamos, desfazemos as malas, com todas as coisas coletadas junto com as que levamos, é preciso organizá-las, pensá-las, saber o que guardar, o que dar, o que presentear, o que devolver e o que esquecer (resistências)”⁴. O antes começa com o planejamento da viagem, com o traçado dos objetivos, a leitura de experiências pregressas no mesmo local e pode incluir preocupações do que levar, onde ficar, etc. A viagem em si é a consumação do ato. É o momento de se aventurar e desvendar as possibilidades, encontrar a própria ginga e subverter o roteiro. É o convite a reorientação dos territórios, objetivos e concepções. A terceira etapa dessa pedagogia é a volta pra casa e todos os momentos que dela fazem parte. É quando se desfazem as malas e se percebe o que foi e o que ficou, se reflete sobre o que foi extraviado, adquirido e ressignificado. Uma viajante não tende a voltar pra casa com a mesma bagagem que de lá saiu. É na volta que se percebe o que mudou nesse entretempo. A volta requer organização, registro e às vezes esquecimento. Requer um agenciamento e a análise de seus mapas.

Podemos caminhografar em nossas viagens, que podem ocorrer por horas, dias ou anos. Podemos viajar em nossas caminhografias. Basta “estar em viagem”. É preciso pulsar!

O verbo vem do latim *vivere* e significa viver, estar em vida. Viver ultrapassa qualquer definição e só é possível encontrá-lo no interstício de um pensamento não conceitual, em traços e restos que geram a diferença como estratégia política. O discurso do viver na filosofia da diferença é sempre modificado, produz multiplicidades em relação ao sentido original do termo pois rompe com a identidade e a estagnação ao reconhecer os afectos do sentir. Nas obras de Deleuze e Guattari¹, a potência de viver se aproxima da arte, entendida como um modo de compreensão dos objetos estéticos cujos impactos incitam novas formas de subjetividade constituidoras de linhas de fuga³. Gestos e vozes compõem variações de linhas de fuga, impulsionam a percepção do viver como uma afectação que envolve a ruptura da própria vida em desejos revolucionários de vida.

A ruptura à própria existência e às condições de possibilidade de existência é revolucionária por nos permitir compreender a nossa vida como uma obra de arte. A arte é entendida enquanto procedimento no qual o sujeito se relaciona com a intensidade dos afectos, colocada em jogo pela arte de viver, ou de caminhografar.

O verbo viver, tanto na vida como na caminhografia, se abre para as precisões e imprecisões de atos. Os gestos se convergem em uma variação conceitual, de

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é a Filosofia? São Paulo: Editora 34, 1992.

² DELEUZE, Gilles. Sobre o teatro: um manifesto de menos, Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

³ VIVAR, Rodrigo Diaz de; KAWAHALA, Soler e Edelu. A Potência de Viver: Deleuze e a Arte. Psicol. Soc. 29. 2017.

expressão que vai desde a linguagem falada, que institui ou ensaia os próprios conceitos, ao gesto manifesto, que faz sentir a pulsação do próprio corpo vivo. A potência de viver, na caminhografia, é incitada pela experiência estética de caminhar e intervir, de se inscrever na cidade. Todo ato se aproxima do viver pelo gesto de alcançar um outro corpo e tocar a sensibilidade de quem está em vida.

A vida é variação contínua, rompimento de identidades, de modos de fazer caminhografia, estratégias e linhas de confluência, linhas de fuga, aquilo que escapa da morte para ser pulsão de vida. Viver é o meio, o caminho entre a vida e a morte. Viver é o estado de devir revolucionário, uma força que passa a ser o presente e se distancia do passado e futuro. O ato de subverter o tempo, potencializar o estado e a presença, articula um devir vida, um viver escapando da morte de cada dia ou se entregando a ela em cada acontecimento, esvaziando-se. Viver é caminhografar o cotidiano com atenção em meio às singelezas da vida; desloca os efeitos do campo experienciado para o território da variação sempre contínua. Viver é cíclico em sua impermanência.



somos do sul

Eduardo Rocha
Taís Beltrame
dos Santos

Os verbos do “Verbolário” foram moldados e inspirados pelas reflexões e experiências dos pesquisadores-caminhógrafos associados ao Grupo de Pesquisa Cidade+Contemporaneidade¹, situado em Pelotas, no pampa do Rio Grande do Sul. Esse grupo é conhecido por sua abordagem sensível e transdisciplinar no estudo das dinâmicas urbanas contemporâneas, agregando uma diversidade de conceitos, perspectivas e experiências aos cartografares do sul do sul.

Ao contribuir com o pensar de corpo inteiro, em múltiplas vivências fronteiriças, perambulantes, heterotóricas, renaturalizantes, lentas, menores, crianças, dançantes... o grupo promove uma compreensão demorada na relação entre cartografias e caminhografias, arte, arquitetura, urbanismo, filosofia e a cidade, querendo sempre expandir as possibilidades de desenhar, planejar e ocupar os espaços e durações. Além disso, dialoga com outros pensares da universidade e sociedade e circulando em atravessamento com outros grupos de pesquisa, ensino e extensão que habitam territórios tangentes.

Os verbos do nosso verbolário não são apenas palavras aleatórias, mas expressões vivas e territorializadas, que nos ajudam a comunicar a pluralidade de experiências e pensamentos que podem surgir a partir da caminhografia urbana

¹ Para conhecer mais sobre o grupo acesse: <https://wp.ufpel.edu.br/cmaisc/>.

advindas da academia e das múltiplas relações outras que tecemos em nosso caminharografar e praticar a cidade.

Compreendemos que a criação do “Verbolário da Caminhografia Urbana” é de extrema relevância e impacto porque considera as experiências e necessidades de um território nos confins, ao Sul do Sul Global. Ao desenvolver um conjunto de verbos adaptados às particularidades das regiões em desenvolvimento, é possível promover uma abordagem mais inclusiva e sensível às questões enfrentadas por essas comunidades.

Os verbos de um Verbolário do Sul Global têm o potencial de refletir não apenas as atividades cotidianas e as interações com a cidade, mas também abordar conceitos, linguajares e produções que versam sobre a multiplicidade de saberes, ocupares e estares que transbordam e desobedecem a representação de cidade alicerçada em conceitos aceleradores e capitalizantes. A abordagem contextualizada permite uma compreensão mais profunda das práticas urbanas e das experiências vividas pelas pessoas nessas regiões, contribuindo para o desenvolvimento de soluções relevantes e potentes para o nosso território.

O livro *Verbolário da Caminhografia Urbana* é fruto do projeto *Caminhografia Urbana*² e espera ser uma pista que reúne contribuições práticas e teóricas, para todas as pesquisadoras que quiserem utilizar a caminhografia urbana em suas pesquisas e modos de vida. A pesquisa foi apoiada pela Fundação de Amparo à

²wp.ufpel.edu.br/
caminhografiaurbana

Pesquisa do Estado Rio Grande do Sul (FAPERGS), entre os anos de 2021 e 2025, através do Edital Pesquisador Gaúcho 2021.

verbolário do sul

Eduardo Rocha

Alguns verbos conjugados no Sul do Sul da América do Sul (na confluência do Brasil, Uruguay e Argentina) quando praticamos caminhografia urbana:

aboletar

referências utilizadas:

FISCHER, Luís Augusto. Dicionário de Porto-Alegre. Porto Alegre: L & PM Pocket, 2007.

FISCHER, Luís Augusto; ABREU, Iuire. Dicionário Gaudério. Porto Alegre: Belas Letras, 2011.

FRANK, Paulo Ricardo Ost. Um Dicionário Gaúcho: Palavras, Fatos e Personagens. Nova Petrópolis: Ruta, 2019.

NUNES, Rui Cardoso; NUNES, Zeno Cardoso. Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 1984.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal. Dicionário Gaúcho. Termos, Expressões, Adágios, Ditados e Outras Barbaridades. Porto Alegre: AGE, 2002.

Aboletar - se é estabelecer-se ou instalar-se em um local. O termo também pode denotar a ocupação indevida ou inadequada de um espaço específico, sugerindo uma presença que não é apropriada ou autorizada naquele lugar. O ato de “aboletar-se” implica, portanto, não apenas em ocupar um espaço, mas muitas vezes em fazê-lo de maneira inadequada ou indevida.

abrir

Abrir fora é usado para indicar sair de um local ou abandonar uma situação, comum ao sugerir a partida, como em “Vamo abrir?”. Menos frequentemente, pode significar fugir. “Abrir o tarro” é uma expressão que denota chorar, berrar ou reclamar. Já “abrir a goela” ou “os peitos” refere-se a cantar. Quando alguém “abre o jogo”, está revelando informações de maneira clara, desvendando implícitos; nesse caso, a expressão também pode ser

simplificada para “abrir”. Essa utilização difere de “se abrir” (verbo).

andar (variações)

Caminhar faminto e magro, desnutrido, é equivalente a “andar com a barriga no espinhaço”. Já “andar com a cincha na virilha” expressa a urgência por dinheiro, sinalizando uma significativa carência financeira. Quando alguém está resabiado, desconfiado, ou agindo como se tivesse algo a esconder, é descrito como “andar como cachorro que roubou toucinho”, uma expressão também equivalente a “andar como cachorro que lambeu graxa”. “Andar como pau de enchente” retrata o movimento constante de um lado para outro, influenciado pelos eventos que ocorrem. Por fim, “andar cortando arame com os dentes” significa estar sem dinheiro, enfrentando dificuldades financeiras.

andarenguar

É derivado de “andarengo” e significa viajar constantemente ou comportar-se como alguém que não permanece muito tempo em um mesmo lugar. Quando alguém “andarengua”, está envolvido em uma prática contínua de viagem ou possui um comportamento nômade, caracterizado pela falta de permanência em um local específico por longos períodos.

aquerenciar

Refere-se a um animal ou pessoa que está habituado a viver em um lugar específico ou em convívio com outros animais ou pessoas. O termo descreve a adaptação e a familiaridade com um determinado ambiente, indicando a capacidade do indivíduo de se estabelecer e integrar harmoniosamente ao local ou grupo em questão.

assolear

Refere-se a um animal que está cansado devido a ter caminhado muito sob o sol. A condição de estar “assoleado” implica em um estado de fadiga causado pela exposição prolongada ao calor solar. Pode também denotar um certa acovardamento ou cansaço, caracterizado por uma postura meio abatida e sonolenta. O termo sugere uma condição de desconforto e exaustão causada pelas condições climáticas adversas, especialmente pelo calor intenso.

assuntar

Engajar-se em atividades que envolvem pensamento, reflexão, pesquisa e descoberta. O ato de “assuntar” abrange desde ponderar e matutar sobre determinado tema até empreender esforços na investigação, buscando conhecimento ou informações específicas. Além disso, o

termo pode ser associado a conversas e tentativas de negócios, indicando uma ação multifacetada que envolve explorar, compreender e interagir em diversas esferas de atividade intelectual e prática.

atalhar (caminho)

Optar por seguir a rota mais curta ou direta. A expressão “atalhar o caminho” refere-se à escolha de um percurso que reduz a distância ou o tempo necessário para alcançar um destino específico. Ao utilizar essa expressão, indica-se a intenção de tomar um caminho mais rápido e eficiente, muitas vezes evitando trajetos mais longos ou complicados. Essa ação é caracterizada pela busca da via mais direta para atingir um ponto desejado.

atorar

Realizar cortes ou toras, referindo-se ao ato de cortar ou desbastar. Além disso, o termo também pode ser empregado no sentido de utilizar atalhos para encurtar caminhos, indicando a prática de escolher trajetos mais curtos ou diretos para chegar a um destino. O verbo “atorar” envolve, assim, a ação de realizar cortes ou utilizar atalhos, dependendo do contexto em que é empregado.

atucanar

Vai além de simplesmente aborrecer; a palavra carrega o peso de irritar e preocupar alguém. Uma pessoa atucanada é aquela que se encontra estressada, constantemente preocupada com diversos assuntos. A etimologia curiosa da palavra está associada ao tucano, o animal. Assim, quando alguém está muito atucanado, a sugestão é tomar um chimarrão para espalhar e aliviar o estresse.

bandear (dar uma banda)

Implica em realizar um passeio sem destino certo, uma caminhada descompromissada, equivalente a dar uma “pernada”. O termo “bandear” raramente é utilizado nesse contexto. A expressão “bandas” é empregada para referir-se a um local de maneira imprecisa, como em “Lá pra aquelas bandas”, indicando uma região aproximada. Ao falar de transição política, “passar de uma banda para outra” significa mudar de lado, trocar de perspectiva ou transitar geograficamente. No uso cotidiano, algo está “de banda” quando está ocioso ou sem o proprietário por perto, podendo se estender a pessoas, como em “Cheguei na festa e a minitava de banda”, indicando disponibilidade. Possivelmente de origem gauchesca, pode também referir-se a algo ao lado do local em questão como estando “de banda”. Similar a “de bobeira”, utiliza-se “dar uma banda” para descrever passeios ao acaso. Também pode significar:

atravessar, varar, passar para outro lado.

bombear

Realizar ações de espionagem, espreitar ou explorar, indicando o ato de vigiar ou observar atentamente. O termo abrange a prática de perscrutar e espiar, envolvendo a ação de observar de maneira cautelosa. Utilizado em contextos de monitoramento ou espionagem, “bombar” refere-se à atividade de observar minuciosamente, seja para obter informações ou para manter vigilância sobre algo ou alguém.

borboletear

É um termo do palavrado gauchesco, comumente usado no Rio Grande do Sul. Inspirado pelo vôo gracioso de uma borboleta, o verbo sugere movimentos leves e indecisos, exemplificados quando alguém permanece próximo de outras pessoas, mesmo já estando comprometido. Além disso, pode descrever ações mais inocentes, como vaguear sem destino em ambientes movimentados, como um shopping, apreciando o entorno e as vitrines. “Borboleteio” é um termo relacionado que expressa essa mesma ideia.

campear

Refere-se à ação de procurar ativamente algo ou alguém em um ambiente amplo e aberto, como se estivesse explorando uma área vasta em busca de determinado objeto ou pessoa. Por exemplo, alguém que está campeando pode estar procurando por informações, soluções ou mesmo por algo perdido. É um termo que sugere uma busca ativa e minuciosa.

dar uma volta (rolê)

Dar um passeio despretenso, dar uma banda. No contexto brasileiro, a palavra “rolê” é frequentemente utilizada como gíria para se referir a atividades sociais, especialmente aquelas relacionadas a sair com amigos, participar de festas, passeios ou eventos descontraídos. Nesse sentido, quando alguém menciona “um rolê” no Brasil e no Rio Grande do Sul, geralmente está se referindo a uma atividade de lazer, socialização ou entretenimento.

deitar o cabelo

A expressão “deitar o cabelo” possui uma conotação visual descritiva que se refere à ação de sair correndo, resultando no cabelo metaforicamente deitando sobre a cabeça. Essencialmente, a expressão significa sair apressadamente, afastar-se rapidamente de um lugar ou situação.

empacar

Entrar em estado de emperramento, caracterizado por deter-se, parar ou obstinar-se em não prosseguir. Refere-se ao ato de emperrar, indicando uma interrupção ou resistência a continuar avançando. Pode ser usado figuradamente para descrever situações em que algo ou alguém se recusa a progredir ou seguir adiante, demonstrando uma obstinação em não prosseguir.

esgualepar

Caracteriza algo ou alguém sem movimento, cansado e exausto. Descreve condições precárias, indicando que a pessoa, animal ou objeto está desgastado, mal cuidado ou danificado. É um termo que pode ser associado a sinônimos como arrebitado, esfarrapado e esgotado. Por exemplo, alguém que se sente esgualeparado pode expressar alívio ao perceber que é sexta-feira.

espraiar

Refere-se à ação de se jogar ou se espalhar de maneira relaxada e descompromissada. Pode ser utilizado para descrever alguém que se estende confortavelmente em um lugar, seja sentado ou deitado, ocupando mais espaço de forma descontraída. Além disso, o termo

também pode ser aplicado a objetos ou substâncias que se dispersam de maneira ampla, como água que se espalha por uma superfície. É um verbo que evoca uma sensação de expansão e liberdade.

estropiar

“Estropiado” é utilizado para descrever um animal cujos cascos estão danificados, causando dificuldade de locomoção devido a caminhadas em estradas pedregosas. A palavra também é empregada para indicar um estado de grande cansaço e exaustão, inicialmente associado, principalmente, a cavalos, mas atualmente utilizado de forma mais abrangente, inclusive para referir-se a seres humanos. O uso do verbo “estropiar-se” é menos comum, sendo o particípio “estropiado” mais frequentemente utilizado para transmitir a condição de alguém ou algo que está desgastado e fatigado.

florear

Consiste no ato de executar uma atividade ou tarefa de maneira excepcional, adicionando detalhes habilidosos e refinados que enriquecem e embelezam o resultado final. Essa ação vai além do simples cumprimento da tarefa, envolvendo um toque de destreza e talento, destacando-se pela maestria e pela capacidade de aprimorar o que está sendo realizado. Florear pode

ser aplicado em diversas áreas, desde habilidades manuais até expressões artísticas, representando uma forma de elevar a qualidade e o encanto do processo ou produto.

gatear

Deslocar-se de maneira cautelosa, realizando movimentos furtivos e astutos, semelhantes ao andar de gatinhas. O termo envolve a utilização de artimanhas, astúcia e manhas para se aproximar de algo, geralmente associado à caça, com o objetivo de capturar ou alcançar determinado alvo. Refere-se a uma movimentação sorrateira e estratégica, caracterizada por gestos que lembram o modo de locomoção dos gatos.

gauderiar

É um termo associado à cultura e tradição gaúcha, especialmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. O verbo é derivado de “gauderia” e é usado para descrever atividades que envolvem a apreciação e celebração da cultura gaúcha. Pode incluir a participação em eventos tradicionais, como rodeios, festas típicas, churrascos, danças folclóricas e outras manifestações culturais características da região. O ato de “gauderiar” reflete o envolvimento e o apreço pelas tradições e valores da cultura gaúcha. Atualmente,

com a consolidação do termo “gaúcho” como um adjetivo gentílico de uso praticamente unânime, parece que a palavra “gaudério” assumiu a responsabilidade de designar aquilo que é considerado mais autêntico e tradicional, representando de maneira ímpar certos padrões de vestimenta, linguagem e entonação.

haraganejar

Refere-se ao comportamento de um animal que vagueia livremente por longos períodos, sem realizar qualquer trabalho, tornando-se arisco. No contexto humano, o termo é aplicado figuradamente para descrever a ação de vagabundear, gauderiar ou passear sem rumo, sem buscar ocupação ou serviço. Indica uma atitude de vadiagem, em que a pessoa se move de um lado para outro de maneira descompromissada, sem estar engajada em atividades produtivas.

lagartear

Vai além da ação de deitar ou sentar; no Sul, especialmente, esse verbo é carregado de um significado específico. Lagartear é dedicar-se a desfrutar da preguiça sob os raios de sol, especialmente nos dias de inverno. A expressão encontra seu momento ideal após o almoço, tornando-se uma escolha agradável para relaxar. Se houver uma bergamota por perto, a

experiência se torna ainda mais agradável. É comum lagartear comendo bergamotas ou tomando chimarrão.

manguear

Refere-se à ação de conduzir o gado durante a travessia de um rio, utilizando meios como cavalgadas ou canoas para orientar os animais. Também descreve a prática de guiar o gado, andando ao lado deles, na direção de locais como a mangueira, o rodeio, uma aguada ou o grosso da tropa. O termo está relacionado ao manejo eficiente do gado, indicando a habilidade em orientar e controlar os animais durante diferentes situações. Utilizado de forma figurada para descrever a ação de conduzir ou guiar seres humanos de maneira hábil e estratégica, assemelhando-se ao cuidado e orientação na travessia de um rio. Pode também representar a habilidade em liderar pessoas, seja direcionando-as a determinados locais ou situando-as em contextos específicos, como a organização de eventos ou reuniões. O termo reflete a destreza em conduzir grupos de forma eficaz e coordenada.

mosquear

Refere-se àqueles que são considerados moscóes, conforme indicado por uma expressão antiga. A gíria sugere uma

implicação de ingenuidade, associando o termo a pessoas bobas ou tontas, possivelmente em analogia com moscas que circulam sem rumo. Dessa forma, o ato de “mosquear” implica em ser enganado, perder oportunidades valiosas ou agir de maneira ingênua, assumindo o papel de pateta.

olhar de revesgueio

Indica a ação de lançar um olhar de soslaio, de lado para alguém, denotando uma expressão desconfiada ou desconfiança em relação à pessoa observada.

pelear

Engajar-se em conflito ou briga. A peleia é o ato de participar de uma disputa, briga ou conflito, podendo envolver confrontos físicos ou verbais. Esse termo é frequentemente usado para descrever situações de confronto, rivalidade ou contenda entre indivíduos ou grupos.

pernear

É utilizado para descrever uma caminhada e geralmente é mencionado com um tom de queixa. Por exemplo, expressões como “Bah, tivemos que pernear bastante para chegar lá” ou “Daqui até lá é uma

bela pernada” são comuns. Também pode ser utilizado na forma verbal “per-nar”, indicando o ato de caminhar, o que resulta em uma pernada, conforme mencionado anteriormente.

pontear

Desempenhar a função de guia à frente de uma tropa, regulando a sua marcha e indicando o caminho a ser seguido. Quem ponteia atua como líder, dirigindo e orientando o grupo de forma a manter a ordem e a direção desejada. Essa ação é frequentemente associada a contextos campeiros e de pastoreio, onde o guia assume a responsabilidade de conduzir o conjunto de animais de maneira eficiente e segura pelo trajeto determinado.

rumear

Tomar um caminho específico ou direção, orientando-se para uma determinada rota ou destino. Rumear implica escolher conscientemente uma trajetória, seja em sentido geográfico ou figurado, buscando seguir uma rota predeterminada ou alcançar um objetivo específico. Essa ação pode se referir tanto a movimentos físicos quanto a decisões e escolhas na vida cotidiana, destacando a ideia de direcionamento e propósito na tomada de caminhos.

tropear

Desempenhar a atividade de tropeiro, envolvendo-se na condução e no manejo de tropas de animais. Tropear implica realizar caminhadas com a tropa, conduzindo-a por diferentes percursos, e está associado à prática específica de trabalhar com animais, garantindo seu deslocamento e bem-estar durante o trajeto. A ação de tropejar envolve habilidades na orientação dos animais e na escolha de rotas adequadas para a movimentação do grupo, destacando a expertise necessária para a condução eficiente de tropas.

trotear

Praticar o trote, caracterizado por um movimento de passadas mais rápidas do que o passo convencional, geralmente realizado por equinos. Trotear implica uma forma de deslocamento mais ágil e energética, sendo associado a jornadas ou caminhadas a trote, conhecidas como “troteadas”. A ação de trotear, além de denotar um ritmo acelerado, remete a uma atividade de viajar ou percorrer distâncias, destacando-se como uma forma específica de deslocamento que se difere do simples caminhar.

trovar

Prática de contar histórias, muitas vezes exageradas ou fictícias, caracterizando um contador de casos que pode ser chamado de “trova” ou “trovador”. Essa expressão está associada a narrativas folclóricas e à habilidade de criar narrativas envolventes, podendo incluir um tom de exagero ou ficção. O termo “mentiroso” pode ser aplicado a alguém que se envolve nesse tipo de prática.

voltear

Realizar uma volteada consiste em percorrer o campo com o objetivo de reunir ou trazer animais para a mangueira ou rodeio. Essa prática envolve conduzir uma ponta de gado de surpresa, surpreendendo-os para o direcionamento desejado. Além disso, “voltear” pode referir-se a passear ou dar um giro, indicando movimento e deslocamento. No contexto de derrubar ou atirar no chão, a ação de voltear assume uma conotação mais ampla, abrangendo diferentes possibilidades de movimentação e manejo do gado.

xeretar

Envolve um conjunto de ações que vão desde a adulação e a bajulação até a bisbilhotice e a importunação. Este verbo pode ser associado ao ato de buscar

informações alheias de maneira indiscreta, alimentando intrigas ou, em alguns casos, promovendo uma abordagem excessivamente amigável e exagerada. Xeretear, portanto, abrange comportamentos que variam de adulação à intromissão, caracterizando uma atitude que muitas vezes ultrapassa limites de privacidade e respeito.

referências

- desobedecer AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. e Apr. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- etnografar AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer cidade. O antropólogo à margem e ao centro. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, 2015. etnografar
- paraformalizar ALLEMAND, Débora Souto; ROCHA, Eduardo; PINHO, Rafaela Barros. Descobrimos a cidade “para-formal”: controvérsias e mediações no espaço público. *VIRUS*, São Carlos, n. 10, 2015. Disponível em: <<http://143.107.236.240/virus/virus10/?sec=4&item=1&lang=pt>>.
- brincar ALYS, Francis. *Children's Games (1999-ongoing)*. Eye Filmmuseum, Amsterdam, Netherlands, 2020. Vídeo.
- escrever ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, 8(1), 229, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>>.
- brincar ARANTES, Paulo Eduardo. “Entre o nome e a frase”. In: *Ressentimento da Dialética – Dialética e Experiência Intelectual em Hegel* (Antigos Estudos sobre o ABC da Miséria Alemã). São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- lugarizar AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 9ª edição. Campinas: Papirus, 2012.
- interseccionalizar ÁVILA, Carla Silva de. *Os dilemas da categoria “pardo” nas políticas de ações afirmativas de corte racial no sul do RS*. Pelotas: UCPel, 2022.
- morar BACHELARD, Gaston. *A Poética do espaço*, São Paulo: WMF Martins Fontes, 1993.

BARRETTO, Margarita. <i>Cultura e turismo: Discussões contemporâneas</i> . 2ª ed. Campinas: Papirus, 2012.	derivar
BARRIENDOS, Joaquín. A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interepistêmico. <i>Epistemologias do Sul</i> , v. 3, n. 1, p. 38-56, 2019. Disponível em: < https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2434 >.	de(s)colonizar
BARROS, Manoel de. <i>O livro sobre nada</i> . 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.	pracear
BARROS, Manoel de. <i>Poesia Completa</i> . São Paulo: Ed. Leya, 2010.	oficinar
BASHÔ. <i>O Estreito Sentimento do Profundo Norte</i> . São Paulo: Editora Hedra, 2014.	caminhar
BAUDELAIRE, Charles. <i>Paraísos Artificiais</i> . Lisboa: Editorial Estampa, 1971.	coletar
BECK, Judith. <i>Terapia cognitivo-comportamental: Teoria e prática</i> . 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.	intuir
BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In: <i>Obras Escolhidas</i> vol. 2, Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 1987.	coleccionar
BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. <i>Magia e técnica, arte e política</i> . 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.	experienciar
BENJAMIN, Walter. O flâneur. In: BENJAMIN, Walter. <i>Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo</i> . São Paulo: Brasiliense, 1994.	bordar
BENJAMIN, Walter. <i>Passagens</i> . Belo Horizonte, Editora UFMG, 2018.	caminhecar
BERGSON, Henri. <i>Matéria e Memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito</i> . Trad. Paulo Neves. Martins Fontes, 1990.	registrar

- perambular BERGSON, Henri. *A Evolução Criativa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ancestralizar BERTH, Joice. *Se a cidade fosse nossa*. São Paulo: Paz e Terra, 2023.
- pertencer
- caminhar BÍBLIA SAGRADA. Trad. de João Ferreira de Almeida. *Revista e Atualizada no Brasil*. Edição Contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 1995.
- desumanizar
- pulsar BIRMAN, Joel. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.
- escrever BISPO, Nêgo. *Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola*. Itaú Cultural, canal youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw>>.
- comunicar BLUTEAU, Rafael. Vocabulario Portuguez e Latino. Vol.5. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1761.
- margear BONA, Dénètèn Touam. *Cosmopoéticas do refúgio*. Trad. Milena P. Duchiadé. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020. BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>>
- entrevistar BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho, 2005, p. 68-80. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>.

BOULLOSA, Rosana de Freitas. Mirando ao Revés as Políticas Públicas: os desenvolvimentos de uma abordagem crítica e reflexiva para o estudo das políticas públicas. <i>Publicações da Escola da AGU</i> , v. 11, p. 89-106, 2019. Disponível em: < https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/17572 >.	intervir
BRENNER, Neil. <i>Espaços da urbanização: o urbano a partir da teoria crítica</i> . 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital/Observatório das Metrópoles, 2018.	urbanicizar
BRUM, Eliane. O golpe e os golpeados. A barbárie de um país em que as palavras já não dizem, <i>El País</i> , 10 de junho de 2016. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html >.	escrever
BUCHANAN, Richard. Wicked problems in design thinking. <i>Design Issues</i> , 8(2), 1992. Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/1511637?origin=JSTOR-pdf >.	projetar
BUTLER, Judith. <i>Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia</i> . Trad. Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.	ocupar
BUTLER, Judith. Quadros de guerra. Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.	ocupar
CABRAL, Ana; et al.. Oficinas de montagem: construções metodológicas e experimentações estéticas em direito à cidade. In: SIGETTE, E.; ESTEVES, A.; DIAS, R. M. (orgs). <i>Experiências e lutas por direitos humanos no Sul Fluminense</i> . Niterói: UFF, 2021.	escrever
CABRAL, Ana. Recordar o presente: memória em ensaios renitentes. In: MONTEIRO, Ana Cláudia (org). <i>Processos psicológicos: perspectivas situadas</i> . Niterói: EDUFF, 2020.	oficinar

- verbolário CAMINHOGRAFIA URBANA. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- transcriar CAMPOS, Haroldo de. *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2011.
- conversar CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- transgredir
- artegravar CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- caminhografar
- compor
- desorientar
- devir
- esgotar
- transgredir
- fotografar CARTIER-BRESSON, Henri. *O imaginário segundo a natureza*. Trad. Renato Aguiar. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2004.
- serelestar CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3. e.d. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- planejar CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- andança CIDADE, Daniela M. Entre a ética e a poética, o ato fotográfico. In: *Pixo* - revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, v. 2, n. 5, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/1533>>.
- perfurar CIDADE, Daniela M. *Os cortes de Gordon Matta-Clark: um ritual de destruição e reconstrução da arquitetura*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2010. (tese de doutorado). Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27864>>.
- verbolário CIDADE+CONTEMPORANEIDADE. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/cmasc/>>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- caminhografar

CLAUDE PANACCIO. <i>Le discours intérieur</i> . De Platon à Guillaume d'Ockam. Seuil, 1999.	conceituar
COLLINS, Patricia Hill. Learning From The Outsider Within: The Sociological Significance of Black Feminist Thought” in Harding. London: Routledge, 2004.	intervir
COLLINS, Patricia Hill; Bilge, Sirma. <i>Interseccionalidade</i> . Trad. de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.	interseccionalizar
CORAZZA, Sandra Mara. <i>Construtivismo: evolução ou modismo?</i> Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 215-232, jul./dez. 1996. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71628 >.	construir
CORAZZA, Sandra Mara. <i>O que se transcria em educação?</i> Porto Alegre: UFRGS/Doisa, 2013.	transcriar
COSTA, Luciano Bedin da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. <i>Paralelo 31</i> , 2(15), 10. Disponível em: < https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/20997 >.	dramatizar
COSTA, Luis A.; CIDADE, Daniela M.; PAULON, Simone M.; ROMANINI, Moises; SILVA JÚNIOR, Diogo V. da; RUSCHEL, Guido N. B. <i>A intimidade das ruas: fotografia e fronteiras do trauma urbano</i> . Porto Arte: Revista de Artes Visuais. v.26 n.45, 2021. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/108824 >.	andança
COSTA, Ricardo Nunes. <i>Debaixo do mesmo teto: prática projetual em edifícios de pesquisa e desenvolvimento biotecnológico</i> . Rio de Janeiro: PROARQ, 2019. (tese de doutorado).	projetar
CREMASCHI, Marco; FIORETTI, Carlotta; MANNARINI, Terri; SALVATORE, Sergio. <i>Culture and Policy- Making Pluralism, Performativity, and Semiotic Capital</i> . Springer Cham, 2021.	intervir

- analisar CUPANI, Alberto Oscar. *Filosofia da ciência*. Florianópolis: FILOSOFIA/EAD/UFSC, 2009.
- corpografar DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- derivar DEBORD, Guy. (1956/1958). Teoria da deriva. In: JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Apologia da deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade/ Internacional Situacionista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- intuir
- desumanizar DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo, Editora 34, 1999.
- filmar DELEUZE, Gilles. *Cinema 1 - A imagem-movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- perambular
- registrar
- cartografar DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- dramatizar DELEUZE, Gilles. Descrição da mulher: por uma filosofia de outrem sexuada. In: Lapoujade, David (org). *Gilles Deleuze: cartas e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2012.
- criar DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- pensar
- processar
- afectar DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. Trad. do GT Deleuze. Coord. de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2017.
- corporificar DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- agenciar DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. de José Carlos Rodrigues. Lisboa: Vega, 1998.
- artografar DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: Lógica da Sensação*. Lisboa: Orfeu Negro, 2011.

DELEUZE, Gilles. <i>L' Abécédaire de Gilles Deleuze</i> . Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.	agenciar desorientar encontrar territorializar
DELEUZE, Gilles. <i>Nietzsche e a Filosofia</i> . São Paulo: n-1 edições, 2018.	dramatizar espacializar
DELEUZE, Gilles. <i>O ato de criação</i> . Trad. José Marcos Macedo. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais.	construir criar
DELEUZE, Gilles. O Método de Dramatização. In: <i>A ilha deserta e outros textos</i> . São Paulo: Iluminuras, 2004.	desumanizar
DELEUZE, Gilles. Posts-criptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. <i>Conversações: 1972-1990</i> . Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.	domesticar
DELEUZE, Gilles. <i>Sobre o teatro: um manifesto de menos</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 2010.	esgotar viver
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. <i>Kafka: por uma literatura menor</i> . Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.	minorar
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. <i>Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia</i> . Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.	artefrafar biocartografar caminhografar compor mapear pulsar registrar pracear
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. <i>Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia</i> . Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.	transformar
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. <i>Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia</i> . Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.	corpografar desterritorializar viajar

- criar
espacializar
parar
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- analisar
criar
revolucionar
subjetivar
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2019.
- vagalumear
viver
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a Filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992.
- jogar
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra*. In: *Obras Completas de Deleuze e Guattari*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- cartografar
dialogar
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- biocartografar
mapear
- DELIGNY, Fernand. *Carte et lignes d'erre/Maps and Wander Lines. Traces du réseau de Fernand Deligny 1969-1979*. Paris: Éditions l'Arachnéen, 2013.
- biocartografar
mapear
- DELIGNY, Fernand. *Permitir, trazar, ver*. Barcelona: MACBA, 2008.
- esperranciar
hospitalizar
transitar
- DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- registrar
- DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- diferenciar
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. de Miriam Schnaiderman e Renato Janine. São Paulo: Editora perspectiva, 2008.
- diferenciar
- DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Trad. de Joaquim Torres Costa. São Paulo: Editora Papirus, 1991.
- caminhecer
- DERRIDA, Jacques. *Mémoires d'aveugle, L'autoportrait et autres ruines*. Réunion des musées nationaux, collection Parti Pris, 1990.

DERRIDA, Jacques. <i>Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979 – 2004)</i> . Org. Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Ed. da UFSC: 2012.	encontrar
DES..LOC.C. Disponível em: < https://wp.ufpel.edu.br/desloc/ >. Acesso em: 27 mar. 2023.	cartografistar
DETONI, Luana Pavan. <i>Cidades pequenas: território de um devir menor na contemporaneidade</i> . Pelotas: PROGRAU/UFPeL, 2018. (dissertação de mestrado). Disponível em: < https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5360 >.	minorar
DETONI, Luana Pavan; RESENDE, Lorena Maia. Encontros e desencontros cartográficos : caminhos entre pistas e controvérsias. <i>Libro Experiencias Cartográficas</i> . [no prelo 2024].	analisar
DEWEY, John. Art as experience. New York: Minton, Balch & Company, 1934.	intervir
DIAS, Susana Oliveira. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. <i>ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte</i> . Ano 7. N 17. Junho de 2020. Disponível em: < https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/ >.	pracear
DIDI-HUBERMAN, Georges. <i>Que Emoção! Que Emoção!</i> Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.	emocionar
DIDI-HUBERMAN, Georges. <i>Sobrevivência dos Vagalumes</i> . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.	vagalumear
DUBOIS, Philippe. <i>Cinema, vídeo, Godard</i> . Trad. Mateus Araújo Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2004.	filmar
ELKIN, Lauren . <i>Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres</i> . Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.	bordar

- desumanizar ESBELL, Jaider. O'MA'KON. Bicharada. Reunião de Bichos. Moquéem Surari: Arte Indígena Contemporânea. *Catálogo da Exposição: Museu de Arte Moderna de São Paulo*, 2021.
- potencializar ESPINOSA, Baruch. *Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência*. Trad. de Marilena de Souza Chauí et al. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- escrever EVARISTO; Maria da Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: BARROS, N. M. de; SCHENEIDER, L. (orgs). *Mulheres no Mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa. Editora Idéia, 2005.
- etnografar EVARISTO, Conceição. Escrivivência e seus subtextos. *Escrivivências: a escrita de nós: Reflexões Sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- interseccionalizar FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- subverter FEDERICI, Silvia. *Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais*. São Paulo: Elefante, 2017.
- renaturalizar FERRÃO, João. Antropoceno, cidades e geografia. In: CRAVIDÃO, Fernanda; CUNHA, Luís; SANTANA, Paulo; SANTOS, Nuno (org.). *Espaços e tempos em geografia: homenagem a António Gama*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015.
- viajar FIGUEIREDO, Silvio Lima. *Viagens e Viajantes*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2010.
- galerificar FIOL, Paula Pedreira Del. *Entre galerias e a rua: caminhografia urbana em Pelotas/RS*. Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2023. (dissertação de mestrado).Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/prograufaurb/2-cidade-e-sociedade-2/>>.
- verbolário do sul FISCHER, Luís Augusto. *Dicionário de Porto-Alegres*. Porto Alegre: L & PM Pocket, 2007.

FISCHER, Luís Augusto; ABREU, Iuire. <i>Dicionário Gaudério</i> . Porto Alegre: Belas Letras, 2011.	verbolário do sul
FOUCAULT, Michel. <i>A ordem do discurso</i> . São Paulo: Loyola, 1996.	intervir
FOUCAULT, Michel. <i>As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas</i> . Coleção Tópicos. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.	descontrolar desumanizar
FOUCAULT, Michel. <i>Em defesa da sociedade: Cursos no Collège de France (1975-1976)</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2005.	derivar
FOUCAULT, Michel. <i>Outros Espaços</i> . In: Conferência no Círculo de Estudos Arquitetônicos, 14 de março de 1967, Architecture, mouvement, continuité, nº5, outubro de 1984, os. 46-49. Tunísia: 1984.	heterotopisar
FOUCAULT, Michel. <i>História Da Sexualidade I: vontade de saber</i> . Coleção Biblioteca de Filosofia. Trad. Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Guerra e Paz, 2018.	descontrolar
FOUCAULT, Michel. <i>Isto não é um cachimbo</i> . São Paulo. Paz e Terra, 2014.	artegrafar
FRANK, Paulo Ricardo Ost. <i>Um Dicionário Gaúcho: Palavras, Fatos e Personagens</i> . Nova Petrópolis: Ruta, 2019.	verbolário do sul
FREIRE, Paulo. <i>A importância do ato de ler. em três artigos que se completam</i> . São Paulo: Cortez, 1989.	escrever
FREIRE, Paulo. <i>Extensão ou comunicação?</i> 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.	extensificar
FREIRE, Paulo. <i>Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa</i> . 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.	aprender-e-ensinar

- capitalizar FUÃO, Fernando. @ *Capital*. Píxo: Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, Pelotas, v.06, n.20, p. 20-51, verão, 2022. Disponível em: <<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2917>>.
- collar FUÃO, Fernando. *A Collage como trajetória amorosa*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- domesticar FUÃO, Fernando. Arquitetura e domesticação I. *Arquitextos*, São Paulo, ano 23, n. 272.00, *Vitruvius*, jan. 2023. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.272/8703>>.
- domesticar FUÃO, Fernando. Sobre Cadeiras e Clareiras: uma leitura sobre a domesticação em Regras para o parque humano de Peter Sloterdijk - parte I. Píxo: Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, Pelotas, v.03, n.11, p. 20-51, primavera, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2660>>.
- domesticar FUÃO, Fernando. Sobre Cadeiras e Clareiras: uma leitura sobre a domesticação em Regras para o parque humano de Peter Sloterdijk - parte II. Píxo: Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, Pelotas, v.04, n.12, p. 18-37, verão, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2695>>.
- hospitalizar FUÃO, Fernando. As Formas do Acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce Eleonora Nigro; FUÃO, Fernando (orgs). *Derrida e arquitetura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015, p. 41-113.
- habitar FUÃO, Fernando. Construir, Morar, Pensar: uma releitura de ‘Construir, Habitar, Pensar’ (Bauen, Wohnen, Denken) de Martin Heidegger. *Revista Estética e Semiótica*, 6(1), 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/view/12052>>.

FUÃO, Fernando. Esperrancia: o lugar da espera e da errância. <i>Dissertaciones</i> , n.10, enero-junio, 2021, p.7-24. Disponível em: < https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8134965.pdf >.	esperranciar
GALLI, Tania; NASCIMENTO; Maria Livia; MARASCHIN, Cleci. <i>Pesquisar na Diferença: um abecedário</i> . Porto Alegre: Sulina, 2012.	dramatizar
GANDHI, Mahatma. <i>Autobiografia: Minha Vida e Minhas Experiências com a Verdade</i> . São Paulo: Palas Athena, 2021.	caminhar
GARCÍA, Joaquín Torres. La escuela del Sur. In: <i>Revista Continente Sul Sur</i> . Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997.	sulear
GODOY, Ana. <i>A menor das ecologias</i> . São Paulo: Edusp, 2008.	pracear
GONÇALVES, Eduarda. <i>Cartogravista de céus: proposições para compartilhamentos</i> . Porto Alegre: UFRGS, 2011. (tese de doutorado). Disponível em: < https://lume.ufrgs.br/handle/10183/31432 >.	cartogravistar
GRIS PUBLICO AMERICANO. <i>Paraformal: ecologias urbanas</i> . Buenos Aires: Bismán Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.	paraformalizar
GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. <i>Sociedade e Estado</i> , 31(1), 25-49, 2016. Disponível em: < https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078 >.	desumanizar
GROSFOGUEL, Ramón; MIGNOLO, Walter. Intervenciones descoloniales: una breve introducción. <i>Tabula Rasa</i> , Bogotá – Colômbia, n. 9, p. 29-37, jul./dez., 2008. Disponível em: < https://www.revistatabularasa.org/numero09/intervenciones-decoloniales-una-breve-introduccion/ >.	de(s)colonizar

- desobedecer GROS, Frédéric. *Desobedecer*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- subjetivar GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- afectar
desobedecer GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica – Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- abandonar GUEX, Germaine. *O síndrome de abandono*. Trad. Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1973. [Edição Revista de “la nevrose d’abandon”. 2ª ed. Presses Universitaires de France].
- memorizar GUIMARÃES, Camila F. *Atmosferas Patrimoniais. Espaços públicos patrimonializados em Minas Gerais*. São Carlos: IAU/USP, 2023. (tese de doutorado). Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/T.102.2023.tde-23062023-121242>>.
- desobedecer HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora YIN É, 2018. desobedecer
- domesticar
serelentar HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes. 2015. domesticar, serelentar
- vagalumear HARAWAY, Donna. *Ficar com o Problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- aprender-e-ensinar HARAWAY, Donna. In: GANE & HARAWAY. Interview with Donna Haraway 157. August 29, 2009. Disponível em: <<http://tcs.sagepub.com>>.
- mapear HARLEY, John Brian. *La nueva naturaleza de los mapas: ensayos sobre la historia de la cartografía*. Madrid: FCE, 2001.
- habitar HEIDEGGER, Martin. *Construir, Habitar, Pensar*. [Bauen, Wohnen, Denken] Conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt” (1951), publicada em Vorträge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen, 1954.

HEIDEGGER, Martin. <i>Ser e Tempo</i> . Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2012.	olhar brincar
HEGEL, George. <i>Ciência da lógica: 1. A doutrina do Ser</i> . Petrópolis: Editora Vozes, 2016.	brincar
HOLZER, Werther. <i>Sobre territórios e localidades</i> . Cidades, v.10, n.17, p. 18-29, 2013.	lugarizar
HOMERO. <i>Odisseia</i> . Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.	caminhar
hooks, bell. <i>Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade</i> . São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.	transgredir
hooks, bell. <i>Pertencimento, uma cultura do lugar</i> . Trad. Renata Albino. 1. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2022.]	ancestralizar pertencer
HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. <i>Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.	abandonar
HUYSEN, Andreas. <i>Seduzidos pela memória. Arquitetura, monumentos, mídia</i> . 2ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.	memorizar
IBGE. Coordenação de Geografia. <i>Proposta metodológica para classificação dos espaços do rural, do urbano e da natureza no Brasil</i> . Rio de Janeiro: IBGE, 2023.	libertar
ILLICH, Ivan. <i>Equidad y energía</i> . México: Siglo XXI Editores, 1974.	serelentar transitar
INGOLD, Tim. <i>Linhas: uma breve história</i> . Trad. Lucas Bernardes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.	bordar
INGOLD, Tim. <i>Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais</i> . Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2022. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmozv4Cm9m9fTbLSBMs/ >.	representar

- inscrever INSCRITOS NO LIXO. Disponível em: <<https://inscritosnolixo.blogspot.com/>>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- corpografar JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo: ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>.
- derivar JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2014.
- jogar
- afectar JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra. Corpografias urbanas: relações entre o corpo e a cidade. In: LIMA, Evelyn F. Werneck (org.). *Espaço E Teatro: do Edifício teatral à cidade como palco*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.
- subjeter JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário Básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- escrever JESUS, Carolina Maria de. Quarto De Despejo, *Diário De Uma Favelada*. São Paulo: Ed. Ática, 2019.
- processar KAFKA, Franz. *O processo*. Trad. Álvaro Gonçalves. Lisboa: Bertrand Editora, 2017.
- atentar KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- margear KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.
- caminhecer KOENIG, Gaspard. *Notre Vagabonde Liberté: À Cheval sur les Traces de Montaigne*. Pocket, 2023.
- desumanizar KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. Os ancestrais animais. In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- sonhar

KOPENAWA, Davi. Sonhar Longe. In: ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. <i>O Espírito da Floresta: a luta pelo nosso futuro</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2023.	vagalumear
KRENAK, Ailton. <i>Futuro Ancestral</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2022.	dramatizar vagalumear
KUSCH, Rodolfo. Indios, porteños y dioses. <i>En Obras Completas, II</i> . Rosario, Argentina: Fundación Ross, 2007. (Original publicado en 1966).	biocartografar
LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João arriscado; ROQUE, Ricardo (orgs.) <i>Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência</i> . Porto: Edições Afrontamento, p. 39-61, 2008.	aprender-e-ensinar projetar
LANZMANN, Claude. <i>Shoah, Vozes e Faces do Holocausto</i> . São Paulo: Brasiliense, 1987.	escrever
LAPOUJADE, David. <i>Deleuze, os movimentos aberrantes</i> . São Paulo: n-1 edições, 2015.	espacializar
LAPOUJADE, David. <i>Existências mínimas</i> . São Paulo: n-1 edições, 2017.	minorar
LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.	pracear
LATOUCHE, Serge. <i>Pequeno Tratado do Descrescimento Sereno</i> . Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2009.	serelestar
LATOUR, Bruno. Como Falar Do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (orgs.). <i>Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência</i> . Porto: Edições Afrontamento, 2008.	projetar
LE GUIN, Ursula. <i>Floresta é o nome do Mundo</i> . São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.	vagalumear
LEONÍDIO, Otavio. Mundos de ação: arte e arquitetura depois da política. Viso: Cadernos de estética aplicada, v. 14, n° 26 (jan-jun/2020), p. 366-440.	ocupar

- coreografar LEPECKI, André. Planos de Composição. In: GREINER, Christine; ESPÍRITO SANTO, Cristina; SOBRAL, Sônia (orgs.). *Cartografia Rumos Itaú Cultural Dança: criações e conexões*. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.
- escutar LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito: Ensaio sobre a Exterioridade*. Trad. Marco Antônio Casanova. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- colar LIMA, Sérgio. *Collage em nova superfície*. São Paulo: Editora Parma, 1984.
- planejar LIMONAD, Ester; RANDOLPH, Rainer. Planejamento, um campo em busca de um domínio. In: D'OTTAVIANO, Camila; MEDEIROS, Sara Raquel Fernandes Queiroz de (orgs.). *Planejamento urbano e regional: ensino pesquisa e extensão*. Belo Horizonte: ANPUR, 2021, p. 15-43. Disponível em: <<https://anpur.org.br/planejamento-urbano-e-regional-ensino-pesquisa-e-extensao/>>.
- lugarizar LIPPARD, Lucy. *The lure of the local: senses of place in a multicentered society*. New York: The New Press, 1997.
- libertar MACEDO, S. S.; QUEIROGA, E.; CAMPOS A. C.; GALLENDER, F; CUSTÓDIO, V. *Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- libertar MAGNOLI, Miranda M. E. M. *Espaços livres e urbanização: Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana*. São Paulo: FAUUSP, 1982. (tese de livre docência). Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/000716857>>.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (editores). <i>El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global</i> . Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-167.	de(s)colonizar
MANDELA, Nelson. <i>Longa Caminhada até a Liberdade: Volume 1</i> . Rio de Janeiro: Alta Life, 2020.	caminhar
MARICATTO, Isabella Khauam. <i>Entre Cursos de um Arroio: Cartografia Urbana em Devir Terceira Paisagem</i> . Pelotas, PROGRAU/UFPel, 2022. (dissertação de mestrado).	devir
MARTINS, Leda Maria. <i>Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.	escrever
MARZADRO, Flavio. <i>Situação De Arte: Um Método Interpretativista de Apreensão da Cidade (Excludente)</i> . Salvador: UFBA, 2023. (tese de doutorado). Disponível em: < https://repositorio.ufba.br/handle/ri/38638 >.	intervir
MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. <i>A árvore do conhecimento</i> . Campinas: Editorial Psy, 1995.	aprender-e-ensinar
MBEMBE, Achille. <i>Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte</i> . Trad. de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.	interseccionizar
MIGNOLO, Walter. <i>Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar</i> . Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.	fronteirar
MOHAMMED. <i>Alcorão</i> . Trad. Samir El Hayek. São Paulo: Editora Globo, 2008.	caminhar

- enegrecer MOORE, Carlos. *A África que incomoda sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- comunicar MORAES, Márcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: NAU, 2010.
- oficinar MORAES, Márcia; QUADROS, Maria da Conceição de Oliveira Silveira (orgs.). *PesquisarCOM: caminhos férteis para a pesquisa em Psicologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2022.
- projetar MORAES, Maria José; BERNARDES, Ana Maria Gonçalves. Apresentação. In: BERNARDES, Ana Maria Gonçalves; TAVARES, Ana Cristina R.; MORAES, Maria José (orgs.). *Cartas para pensar políticas de pesquisa em psicologia*. Vitória: Edufes, 2015.
- errar MOSER, Joshua S.; SCHRODER, Hans S.; HEETER, Christine; Moran, Timothy P.; LEE, Young Hah. Mind Your Errors: Evidence For A Neural mechanism linking growth mindset to adaptive posterror adjustments. *Psychological Science*, v. 22, n. 12, p. 1484-1489, 2011. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22042726/>>.
- renaturalizar MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth (org). *Urbanismo Ecológico*. São Paulo: Gustavo Gilli, 2009.
- desumanizar MUJICA, José. *Europa Quer Impor ao Mundo Agenda Verde*. Vídeo (15:32). Publicado em 1 de março de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8YfoHtpQ04>>.
- pixar NASCIMENTO, Luiz Henrique P. *Pixação: a Arte em Cima do Muro*. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015.
- desumanizar NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NOBRE, Marcos. <i>A Teoria Crítica</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.	criticar
NOGUERA, Renato; Alves, Luciana Pires. <i>Infâncias Diante do Racismo: teses para um bom combate</i> . Educação & Realidade, 44(2), 2019.	brincar
NORA, Pierre; AUN KHOURY, Yara. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 10, 2012. Disponível em: < https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101 >.	memorizar
NUNES, Gustavo Oliveira; RODRIGUES, Carla Gonçalves. (2017) Modos de pensar a formação de um arquiteto e urbanista errante. In: TETAMANTI, Juan Manuel Diez; CANALI, J. C.; VILA, V. <i>Experiencias cartográficas: exploraciones ey derivas</i> . Buenos Aires: Ed. Margen, 2017.	biocartografar
NUNES, Rui Cardoso; NUNES, Zeno Cardoso. <i>Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul</i> . 2. ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 1984.	verbolário do sul
OITICICA, Hélio. <i>Aspiro ao grande labirinto</i> . Rio de Janeiro: Rocco, 1986.	esgotar
OLIVEIRA, Alberto Juvenal. <i>Dicionário Gaúcho. Termos, Expressões, Adágios, Ditados e Outras Barbaridades</i> . Porto Alegre: AGE, 2002.	verbolário do sul
OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. <i>O trabalho do antropólogo</i> . São Paulo: UNESP, 2000. etnografar	etnografar
ORLANDI, Luiz. <i>Um gosto pelos encontros</i> . Site territórios de filosofia, 29 dez, 2014. Disponível em: < https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/m-gosto-pelos-encontros-luiz-orlandi/ >.	estar
PAESE, Celma. <i>Contramapas de Acolhimento</i> . Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2016. (tese de doutorado). Disponível em: < https://lume.ufrgs.br/handle/10183/151123 >.	diferenciar hospitalizar

- subjetivar PALLASMAA, Juhani. *Os Olhos Da Pele: a arquitetura dos sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- morar PALLASMAA, Juhani. *Animais Arquitetos*. São Paulo: Olhares, 2023.
- fotografar PAMUK, Orhan. *Istambul: memória e cidade*. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.
- entrevistar PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. In: In: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum – Volume 2*. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- atentar
conversar PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do Método da cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- collar PAULA, Nelson d! *Collage: um testemunho fenomenológico*. São Paulo: Edição a cargo do autor, s/ data.
- etnografar PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- oficinar PERSEU, Gabriela Machado; CARON, Daniela. Para operar o urbano por dentro é preciso uma boa dose de paisagem. *Pixo* - revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, v. 6, p. 95-109, 2022. Disponível em: <<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2565>>.
- verbolário
analisar PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- construir PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Trad. Maria Alice D'Amorim e Paulo Sérgio Silva. 25ª. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2016.

PIAGET, Jean. La psychologie de l'enfant (2e ed.). Paris: PUF, 1971.	brincar
PIÑEIRO, Concepción; DÍAZ, María José. <i>Perdiéndonos en la ciudad: El consumo responsable como mensaje, la ciudad de Madrid como ecosistema comunicativo</i> . Athenea Digital, 12(1), 2012, p. 67-88. Disponível em: < https://atheneadigital.net/article/view/v12-n1-pineiro-diaz >.	derivar
PROUST, Marcel. <i>Em Busca do Tempo Perdido: Volumes 1, 2 e 3</i> . 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. E-book.	memorizar
QUEIROGA, Eugênio F. Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras. <i>Resgate</i> , vol. XIX, nº 21, jan./jun. 2011. Disponível em: < https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645703/13003 >.	libertar
QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar (org.). <i>A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais</i> . Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires – Argentina, set. 2005. p. 117-142.	de(s)colonizar
RAGUILEO, A.; GALER, A. Aprendizajes socio-organizativos a partir de las tecnologías de acceso al agua junto a la comunidad El Puntudo en la Meseta Central de Chubut. In: <i>XX Jornadas Nacionales de extensión rural</i> . UNR – Zavalla, 2022.	sociocartografar
RAMIL, Vitor. <i>A Estética do Frio: conferência de Genebra</i> . Porto Alegre: Satolep, 2004.	sulear
RAMIL, Vitor. Tambong. 2000. Faixa 1 do disco sonoro (CD) Tambong.	morar
RANIERE DA SILVA, Édio. Deleuze e a arte: uma leitura da obra de Anne Sauvagnargues. <i>Paralelo 31</i> , 2(15), 36, 2020. Disponível em: < https://doi.org/10.15210/p31.v2i15.20998 >.	desumanizar

- sonhar RANIERE DA SILVA, Édio; HACK, Lilian. Somos nada mais que imagens: Entrevista com Anne Sauvagnargues. *Revista Polis e Psique*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 6–29, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/2238-152X.97503>>.
- lugarizar RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion, 1976.
- lugarizar RELPH, Edward. *Placeness and Place: A Brief Introduction to the Website*. [S.l.], 2015. Disponível em: <<https://www.placeness.com>>.
- artefratar RINK, Anita. *Graffiti: Intervenção e Arte Urbana*. Curitiba: Appris, 2013.
- verbolário ROCHA, Eduardo. TRANScidade: a caminhografia urbana no centro de Pelotas/RS. *urbe - Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v.16, e20230084, 2024. [no prelo 2024].
- verbolário ROCHA, Eduardo; DEL FIOL, Paula Pedreira; SANTOS, Tais Beltrame dos. Registrar, Jogar e Criar: a caminhografia nos processos de transcrição da cidade. *Revista GEARTE*. Porto Alegre: V. 11, 2024. [no prelo 2024].
- viajar ROCHA, Eduardo. Et Al. *Cross-Cult: Desenho Urbano/ Urban Design – Pelotas/RS e Oxford/ UK*. 1. ed. Pelotas: UFPel, 2016.
- verbolário
bordar
conversar
extensificar
trocar ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. *Arquitextos*. São Paulo: N. 281, ano 24, 2023. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923>>.
- ocupar RODRIGUES, Carla, Três tempos da performatividade em Butler. In: CATTONI, Marcelo; VIANA, Igor (orgs.). *Políticas da performatividade. Conferências*. Belo Horizonte: Conhecimento Livraria e Distribuidora, 2019.

ROLNIK, Suely. <i>Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada</i> . São Paulo: n-1 edições, 2018.	desobedecer
SAID, Edward W. <i>Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2007.	enegrecer
SANTOS, Antônio Bispo dos. <i>A terra dá, a terra quer</i> . São Paulo: Ubu editora/PISEAGRAMA, 2023.	desumanizar fronteirar sonhar
SANTOS, Milton. <i>A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção</i> . 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.	minorar
SANTOS, Milton. <i>Técnica, Espaço, Tempo</i> . São Paulo: EDUSP, 1997.	acelerar serelestar
SANTOS, Shirley Terra Lara dos. <i>Narrativas urbanas sobre o “estar em ônibus”: experiência cartográfica feminista</i> . Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2020. (Dissertação de mestrado).	estar
SANTOS, Taís Beltrame dos. <i>Seres Lentos e Vida Urbana: Caminhografia pelas ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas</i> . Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2021. (Dissertação de mestrado).	serelestar esperranciar
SANTOS, Taís Beltrame dos; SACCO, Helene Gomes; GONÇALVES, Eduarda Gonçalves (ed.). <i>Ao Sul do Sul. Pixo: revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade</i> , v. 6, n.21, 2022. Disponível em: < https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/issue/view/247 >.	sulear
SARAMAGO, José. <i>O conto da ilha desconhecida</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1998.	extensificar
SARTRE, Jean-Paul. <i>O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenologia</i> . 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.	olhar
SAWAIA, Camila. <i>Plano urbano do brincar: por uma cidade brincante</i> . São Paulo: FAU/USP, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação).	brincar

- lugarizar SEAMON, David. Lugarização vivida e a localidade do ser: um retorno à geografia humanística? In: *Rev. NUFEN*, Belém, v. 9, n. 2, p. 147-168, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200012>.
- renaturalizar SCHUELER, Tom. *An Integrated Framework to Restore Small Urban Watersheds*. Washington DC: USEPA, 2005.
- escrever SEGATO, Rita. *Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- aprender-e-ensinar SERRES, Michel. *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. São Paulo: Unimarco Editora, 1999.
- comunicar SERRES, Michel. *Os cinco sentidos*. Filosofia dos corpos misturados – I. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- derivar SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. *Mana*. 11 (2), 205, p.577-591, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/WfkbJzPmYndfNWxpyKpcwWj/?lang=pt>>.
- imunizar SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I, Burbujas, Esferas II, Globos, Esferas III, Espumas*. Ediciones Siruela, Madrid, 2003, 2004 e 2006.
- ancestralizar SOBUNFU, Somé. *O espírito da intimidade*. 1. ed. São Paula: Editora Odysseus, 2023.
- ancestralizar SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- galerificar SOLÁ-MORALES, Manuel. Espaços públicos e espaços coletivos. In: HUET, B. et al. *Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do Século XXI*. São Paulo: Terceiro Nome, 2001.
- abandonar SOLÁ-MORALES. Ignasi. *Terrain Vague*. In. MARIANI, Manuela; BARRON, Patrick (ed). *Terrain vague: interstices at the edge of the pale*. Routledge, 2013.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. Cidade e Cidadania. In: HÜHNE, Leda Miranda (org.). <i>Fazer Filosofia</i> . Rio de Janeiro: Ed. UAPÊ, 1994. democratizar, filosofar	democratizar filosofar
SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. <i>Desconstrução e arquitetura, uma abordagem a partir de Jacques Derrida</i> . Rio de Janeiro: Ed. UAPÊ, 2009.	hostipitalizar
SOLIS, Dirce Eleonora Nigro; FUÃO, Fernando Freitas (orgs.). <i>Derrida e Arquitetura</i> . Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.	acolher
SOLNIT, Rebecca. <i>A história do caminhar</i> . 1a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.	subverter
SOLNIT, Rebecca. <i>Una guía sobre el arte de perderse</i> . 3a ed. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Fiordo, 2020.	errar
SOSA, B.; TETAMANTI, Juan Manuel Diez. <i>Geografías del compartir. Tres métodos para cartografiar territorios, experiencias y cuerpos</i> . La Plata, 2024. [no prelo 2024].	biocartografar
SOURIAU, Étienne. <i>Os diferentes modos de existência</i> . São Paulo: n-1 edições, 2020.	minorar
SOUZA, Marcelo Lopes de. <i>Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos</i> . 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.	planejar
SOUZA, Neusa Santos. <i>Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 2021.	enegrecer
SPINOZA, Benedictus de. <i>Ética</i> . Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.	afectar
STADEN, Hans. <i>Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil</i> . Porto Alegre, L&PM: 2021.	desumanizar
TEDESCO, S. H.; SADE, C.; y CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: A experiência no dizer. <i>Fractal, Revista de Psicologia</i> , 25(2), 299- 322, 2013. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/fractal/a/ZHyYWDpHHdhFg4RK9ggfPpD/ >.	sociocartografar

- sociocartografar TETAMANTI, Juan Manuel Diez. *Cartografía social: teoría y método. Estrategias para una eficaz transformación comunitaria*. Buenos Aires,: Ed. Biblos, 2018.
- sociocartografar TETAMANTI, Juan Manuel Diez. Sociocartogramas en la entrevista: Instrumento para el abordaje en pequeñas localidades. *Pixo: revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade*, 5(19), 35-47, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/21700>>.
- coletar TRAPEIRO. Disponível em: <www.issuu.com/trapeirocontemporaneo/>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- margear TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. 284 p.
- lugarizar TUAN, YI-FU. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Edel, 2013.
- caminhar VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Martin Claret, 2015. caminhar
- acelerar
serelestar VIRILIO, Paul. *O Espaço Crítico*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- viver VIVAR, Rodrigo Diaz de; KAWAHALA, Soler e Edelu. A Potência de Viver: Deleuze e a Arte. *Psicol. Soc.* 29. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29157570>>.
- brincar VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Child psychology. In The collected works of L. S. Vygotsky (Vol. 5). New York: Kluwer Academic, 1998.
- devir ZOURABICHVILI, François. *O que é um devir para Gilles Deleuze? (Parte 1)*. Trad. Diogo Corrêa Silva. Revisão: Samantha Sales. 27 mar. 1997. Horlieu (Lyon). Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/2019/12/09/o-que-e-um-devir-para-gilles-deleuze-parte-1-por-francois-zourabichvili/>>.

Lista de Imagens

Imagem 1: andançar. Levante de Rafael. Montagem com seis fotografias, de Fabiano Ávila. Praça da Matriz, Porto Alegre, 2018. Fonte: Daniela Cidade, 2024.	andançar
Imagem 2: andar. Fonte: Celma Paese, 2024.	andar
Imagem 3: atravessar. Fonte: Lorena M. Resende, 2024.	atravessar
Imagem 4 e 5: biocartografar. Fonte: Juan M. Diez Tetamanti, 2024.	biocartografar
Imagem 6: bordar. Bordado livre com ponto corrido, ponto atrás e ponto pipoca sobre tecido de algodão preso em suporte de tear de pregos, 24 x 25 cm. Fonte: Adriene Coelho, 2024.	bordar
Imagem 7: bordar. Extensificar. Bordado livre com ponto corrido, ponto atrás e ponto pipoca sobre tecido de algodão preso em suporte de tear de pregos, 24 x 25 cm. Fonte: Adriene Coelho, 2024.	bordar
Imagem 8: brincar. Fonte: Carolina M. Clasen, 2024.	brincar
Imagem 9: cartogravistar. Fonte: Eduarda Gonçalves, 2024.	cartogravistar
Imagem 10: Relicário de Santa Maria. Fonte: Anelis Rolão Flôres, 2024.	collar
Imagem 11: comunicar. Fonte: Lorena M. Resende, 2024.	comunicar
Imagem 12: dançar. Fonte: Débora Allemand, 2024.	dançar
Imagem 13 e 14: desinventar. Fonte: Carolina Rochefort, 2024.	desinventar
Imagens 15: desloccar. Fonte: Grupo DESLOCC, 2024.	deslocar
Imagem 16: diferenciar. Fonte: Lorena Maia, 2024.	diferenciar

etnografar	Imagem 17: Canto de reza da benzedeira Vó Maria (Bairro Areal/ Pelotas). Fonte: Simone Fernandes Mathias, 2024.
etnografar	Imagem 18: Congá do Centro de Umbanda Pai Miguel de Aruanda. Benzedeira Tia Maruca (Bairro Te-rezinha/ Pelotas). Fonte: Simone Fernandes Mathias, 2024.
fotografar	Imagem 19: fotografar. Fonte: Silvia Cardoso, 2024.
fronteirar	Imagem 20: fronteirar. Fonte: Lorena M. Resende, 2024.
grafitar	Imagens 21 e 22: grafitar. Fonte: Gabriele Vargas, 2024.
imaginar	Imagem 23: imaginar. Fonte: Cláudia Brandão, 2024.
imunizar	Imagem 24: imunizar. Fonte: Camila Guimarães, 2024.
memorizar	Imagem 25: Colagem cartográfica elaborada por Camila Guimarães, 2024. Fonte: Foto base da Cerimônia de inauguração da estátua de Tiradentes em Ouro Preto (MG). Coleção Nelson Coelho De Senna. Arquivo Público Mineiro. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=30036 . Foto do Congado em Ouro Preto: Camila Guimarães, 2018.
olhar	Imagem 26: olhar. O que eu vejo? Caminhografia nos confins da América do Sul. Fonte: Fernanda Tomiello, 2024.
olhar	Imagem 27: olhar. Meu olhar é ético? Caminhografia nos confins da América do Sul. Fonte: Fernanda Tomiello, 2024.
parar	Imagem 28: parar. Catamarã ancorado na Fortaleza de Santo Antônio de Ratones, Santa Catarina, Brasil, dezembro de 2023. Fonte: Evandro Fiorin, 2023.

Imagem 29: perfurar. esquemas gráficos de Daniela Cidade a partir dos projetos de Gordon Matta-Clark para Conical Intersect (1975), Office Baroque (1977), e Circus Caribbean-Orange (1978). Fonte: Daniela Cidade, 2010.	perfurar
Imagem 30: potencializar. Fonte: Lorena M. Resende, 2024.	potencializar
Imagem 31: resistir. Fonte: Simone Fernandes Mathias, 2024.	resistir
Imagem 32: sociocartografar. Fonte: Juan M. Diez Tetamanti, 2024.	sociocartografar
Imagem 33: sulear. Fonte: Duda Gonçalves, 2024.	sulear
Imagem 34: territorializar. O território do carrapato. Fonte: Gustavo Nunes, 2024.	territorializar
Imagem 35: Paraisópolis, suas fronteiras e seus limites. Fonte: Coleção Highrise Project, Acervo Narrativas Urbanas, 2022.	urbanicizar
Imagem 36: vagabundear. Caça-palavras. Fonte: Ricardo Luis Silva, 2024.	vagabundear
Imagens 37 e 38: vagalumear. Fonte: Débora Curti, 2024.	vagalumear

sobre as autoras

deslocar

Adriane Corrêa

Artista Visual. Mestrado em Artes Visuais (UFPel).
Doutoranda em Educação (PPGEdu - IFSul). Docente
de Arte no (IFSul-campus Santana do Livramento).
Vive em Pelotas.

bordar
extensificar

Adriene Coelho

Pedagoga (DPE-UFV). Mestra em Extensão Rural
(UFV). Doutoranda no Programa de Pós Graduação
em Educação (UFPel). Artista visual. Vive em Pelotas.

desorientar

Aline Nascimento dos Santos

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo (UFPel).
Vive em Pelotas.

desorientar

Alissa Xavier Alves

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo (UFPel).
Vive em Pelotas.

desenhar
inventar
tropeçar

Amanda Martins de Abreu

Graduada em Artes Visuais (UFPel). Artista. Vive em
Pelotas.

de(s)colonizar

Amanda Reis

Arquiteta e urbanista (FAU-UFJF). Mestranda em
Integração Contemporânea da América Latina
(UNILA). Vive em Santos Dumont e Foz do Iguaçu.

Ana Cabral Rodrigues

escrever
oficinar

Psicóloga (UFF). Mestra em Psicologia (UFF).
Doutorado em Planejamento Urbano e Regional
(UFRJ). Vive no Rio de Janeiro.

Ana Paula Langone

ancestralizar
pertencer

Artista visual com habilitação em design (UFPeL).
Mestra em Antropologia (UFPeL). Graduada em an-
tropologia com ênfase em arqueologia (UFPeL). Vive
em Pelotas.

Ana Zeferina Ferreira Maio

sulear

Mestra em História, Teoria e Crítica da Arte (PPGAV/
UFRGS). Pós-doutora em Poéticas Visuais (PPGAV/
UFRGS). Pós-doutora em Estudos Artísticos
Contemporâneos na Universidade de Coimbra.
Professora Titular dos cursos de Artes Visuais
Licenciatura e Bacharelado da Universidade Federal
do Rio Grande. Vive no Cassino-Rio Grande.

Andréia Moassab

de(s)colonizar

Arquiteta e Urbanista (UNIP). Mestra e doutora em
Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Professora
da Universidade Federal da Integração Latino-
Americana (UNILA). Vive em Foz do Iguaçu.

Anelis Rolão Flôres

collar

Arquiteta e Urbanista (UniRITTER). Mestra e Doutora
em Arquitetura (PROPAR-UFRGS). Professora e
pesquisadora do curso de Arquitetura e Urbanismo
(UFN). Collagista amadora. Vive em Santa Maria.

desloccar

Bárbara Calixto

Graduanda em Artes Visuais (UFPel). Vive em Pelotas.

afectar
desobedecer

Bárbara de Bárbara Hypolito

Arquiteta e Urbanista (FAURB-UFPEL). Mestra em Urbanismo Contemporâneo (PROGRAU-UFPEL). Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS). Vive em Pelotas.

desloccar

Bárbara Larruscahim

Graduada em Licenciatura em Artes Visuais (UNINTER). Mestra em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFPel). Artista visual, arte educadora e produtora cultural. Vive em Santana do Livramento.

desloccar

Bianca De-Zotti

Graduada em Letras (FURG). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes (UFPel). Vive em Pelotas.

imunizar
memorizar
urbanicizar

Camila Ferreira Guimarães

Arquiteta e Urbanista (Unibe). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP). Doutora em Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP). Pós-Doutoranda (IAU-USP). Professora (Unibe). Vive em Uberaba.

agenciar
cartografar

Carla Gonçalves Rogrigues

Psicóloga psicanalista. Pós-doutora em Educação. Professora aposentada da Faculdade de Educação (UFPel). Vive em Pelotas.

Carla Silva de Ávila

enegrecer
interseccionalizar

Cientista Social (UFPel). Metra em Ciências Sociais (UFPel). Doutora em Política Social e Direitos Humanos (UCPel). Professora de Sociologia (UCPel). Professora Pesquisadora no Curso de Licenciatura em Filosofia EAD (UFPel). Professora da Rede Estadual de Ensino. Vive em Pelotas.

Carmen Anita Hoffmann

dançar

Graduada em Arquitetura e Urbanismo (UNISINOS). Mestra e Doutora em História (PUC/RS). Professora da Licenciatura em Dança e do PPGARTES (UFPel) e coordenadora de festivais de dança no Brasil e exterior. Vive em Pelotas.

Carolina Corrêa Rochefort

desenhar
inventar
tropeçar

Graduada em Artes Visuais bacharelado em Gravura (UFPel). Mestra em Artes Visuais (UFRGS). Doutoranda em Educação (UFPel). Professora Adjunta nas disciplinas de Desenho da Figura Humana e Mediação Artística do Centro de Artes (UFPel). Vive em Pelotas.

Carolina Frasson Sebalhos

descontrolar
heterotopisar

Urbanista e Arquiteta (UFN). Mestre em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPel). Vive em Canela.

Carolina Mesquita Clasen

brincar

Licenciada em Artes Visuais (UFPel). Graduanda em Arquitetura e Urbanismo (UNICID). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPel). Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo (USP). Vive em São Paulo.

subjetivar
morar

Carolina Magalhães Falcão

Arquiteta e Urbanista (UCPel). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UCPel). Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (UCPel). Especialista em Neurociência aplicada à Arquitetura. Professora Substituta no curso de Arquitetura e Urbanismo (IFRS – Campus Rio Grande). Vive em Pelotas.

andar
deambular
hospitalizar

Celma Paese

Arquiteta e Urbanista (UNIRITTER). Mestra e doutora em Arquitetura (PROPAR-UFRGS). Professora Adjunta (UFRGS). Pintora. Vive em Porto Alegre.

pracear

Cintia Gruppelli da Silva

Graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (UCPel). Mestra em Educação Profissional e Tecnologia (IFSul). Doutora em Educação Ambiental (FURG). Vive em Pelotas.

imaginar

Cláudia Mariza Mattos Brandão

Graduada em Engenharia Civil (FURG). Graduada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas (FURG). Mestra em Educação Ambiental (FURG). Doutora em Educação (UCPel). Professora do Centro de Artes, no curso Artes Visuais – Licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Artes (UCPel). Artista e pesquisadora. Vive em Rio Grande.

percorrer

Daniel Mittmann

Graduação em Filosofia (UNISINOS). Mestre em Educação (UNESP). Mestre em História, Cultura e Identidade (UEPG). Vive em São Leopoldo.

Daniela Mendes Cidade

andanças
perfurar

Graduada em Artes Visuais (IA-UFRGS). Arquiteta e Urbanista (UNIRITTER). Mestre e Doutora em Arquitetura (PROPAR-UFRGS). Extensionista, pesquisadora e professora na Faculdade de Arquitetura (UFRGS). Professora colaboradora (PROPAR-UFRGS). Vive em Porto Alegre.

Daniele Caron

margear

Arquiteta e Urbanista (UFRGS). Mestra e Doutora em Urbanismo (UPC/Barcelona). Professora adjunta e pesquisadora (PROPUR-UFRGS). Vive em Porto Alegre.

David Moreno Sperling

representar

Arquiteto e Urbanista (USP). Mestre em Arquitetura e Urbanismo (USP). Doutor em Arquitetura e Urbanismo (USP). Professor Associado - Livre-Docente da Área de Representação e Linguagem (IAU-USP). Vive em São Carlos.

Débora Curti

vagalumear

Graduada em Artes Visuais (UEM). Mestranda em Artes Visuais (UFPeL). Pesquisadora e artista. Vive em Pelotas.

Débora Souto Allemand

coreografar
dançar

Arquiteta e Urbanista (UFPeL). Licenciada em Dança (UFPeL). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPeL). Doutora em Artes Cênicas (PPGAC-UFRGS). Professora de Dança do Colégio de Aplicação (UFRGS). Artista da dança. Vive em Porto Alegre.

acolher
democratizar
filosofar

Dirce Eleonora Nigro Solis

Graduada em Filosofia (USU). Mestra em Filosofia (PUC-RJ). Doutora em Filosofia (UERJ). Procientista (UERJ). Professora titular (UERJ). Vive no Rio de Janeiro.

cartografar
deslocar
sulear

Duda Gonçalves

Graduada em Pintura (UFPel). Mestra em Artes Visuais e Doutora em Poéticas Visuais (PPGAVI/IA/UFRGS). Professora Associada do Centro de Artes (UFPel). Vive em Pelotas.

desumanizar
dramatizar
sonhar
vagalume

Édio Raniere da Silva

Graduado em Psicologia (FURB). Mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP). Doutor em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Professor Permanente (PPGArtes) e professor Adjunto do Curso de Psicologia (UFPel). Vive em Pelotas.

desorientar

Eduardo Silva da Silva

Graduando em Arquitetura e Urbanismo (UFPel). Vive em Pelotas.

abandonar
criar
corporificar
desorientar
desterritorializar
escutar
emocionar
inscrever
paraformalizar
pensar
perambular
jogar
registrar
revolucionar
subjetivar
transitar

Eduardo Rocha (org.)

Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel). Mestre em Educação (FaE/UFPel). Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Professor associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPel). Vive em Pelotas.

Emanuele di Felice

errar
transgredir

Graduação em Progettazione Architettonica (UNIROMA). Doutora em Culture e trasformazioni della città e del territorio (UNIROMA3). Professora associada na Escuela de Arquitectura y Diseño da Pontificia Universidade Católica de Valparaíso (PUVC). Vive em Valparaíso (Chile).

Evandro Fiorin

parar

Arquiteto e Urbanista (UNESP). Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo (USP). Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo e Pós-Arq (UFSC). Vive em Florianópolis.

Fabrizio Sanz Encarnação

sentir

Arquiteto e Urbanista (UFES). Especialista em Gestão de Cidades (UNIVES). Mestre em Urbanismo Contemporâneo (UFPel). Arquiteto e Urbanista (Prefeitura Municipal de Vitória). Vive em Vitória.

Fernanda Fedrizzi

anotar
lugarizar

Arquiteta e Urbanista (Unisinos). Mestra em Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano (PPGArtes/UFPel). Doutoranda em Poéticas Visuais (PPGAV/UFRGS). Artista Visual, pesquisadora e editora independente. Vive em Porto Alegre.

Fernanda Tomiello

olhar

Arquiteta e Urbanista (UFPel). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPel). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel). Professora no Curso de Arquitetura e Urbanismo (UCPel). Vive em Pelotas.

deslocar

Fernando Rocha

Graduação em Artes Visuais (FURG). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFPel). Vive em Pelotas.

intervir

Flávio Marzadro

Graduação em Sociologia (UniTrento). Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Vive em Brasília.

caminhar

Francesco Careri

Arquiteto e professor do Departamento de Arquitetura (UNIROMA3). Fundador do Laboratorio de Arte Urbano Stalker/Observatorio Nômade. atua no Mestrado e Doutorado em Arte, Arquitetura e Cidade (UNIROMA3). Entre suas publicações estão: Constant. New Babylon, una città nômade (2001); Walkscapes – O caminhar como prática estética (2002); Caminhar e parar (2016). Vive em Roma (Itália).

desorientar

Gabriela Droppa Trentin

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo (UFPel). Vive em Pelotas.

artefazer
grafitar
pulsar

Gabriele Vargas

Arquiteta e Urbanista (UCPel). Pós graduanda em psicologia e psicanálise (Faculdade Metropolitana - SP). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPel). Vive em Pelotas.

Gustavo de Oliveira Nunes

Arquiteto e urbanista (UFPeI). Mestre em Educação (PPGE/UFPeI). Doutorando em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS). Vive em Porto Alegre.

criticar
espacializar
territorializar

Helene Gomes Sacco

Graduada em Artes Visuais (UFPeI). Mestra em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS). Doutora em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS). Artista, pesquisadora e professora (CEART-UFPeI). Vive em Pelotas.

coleccionar
experieciar
sulear

Humberto Levy de Souza

Licenciado em Artes Visuais (UFPeI). Professor da rede municipal de ensino e artista. Vive em Pelotas.

pixar

Igor Guatelli

Arquiteto e Urbanista (FAU-USP). Mestre em Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP). Doutor em Língua e Literatura Francesa (FFLCH-USP). Pós-Doutor pelo GERPHAU ENSA - Paris La Villette onde é pesquisador associado. Professor Pesquisador Adjunto da Graduação e Professor Permanente (PPGAU-Mackenzie). Vive em São Paulo

conceituar
caminheer

Isabella Khauam Maricatto

Arquiteta e Urbanista (UEL). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPeI). Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR-UFRGS). Vive em Porto Alegre.

devir
esperar
viver

subverter

Jordana da Silva Berchon

Arquiteta e Urbanista (UNIRITTER). Mestranda em Arquitetura e Urbanismo (UFPel). Vive em Porto Alegre.

construir
processar
transcriar

Josimara Wikboldt Schwantz

Pedagoga, Mestra e Doutora em Educação (PPGE/UFPel). Professora da Faculdade de Educação (UFPel). Vive em Pelotas.

biocartografar
mapear
sociocartografar

Juan Manuel Diez Tetamanti

Licenciado em Geografia (UNMDP-Argentina). Doutor em Geografia (UNS- Argentina). Professor na Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco. Diretor do Instituto de Investigaciones Geográficas de la Patagonia. Vive em Comodoro Rivadavia (Argentina).

dançar

Karen Domingues Rodrigues

Graduada em Dança (UFPel). Artista, coreógrafa e pesquisadora. Vive em Pelotas.

explorar
limitar

Laís Becker Ferreira

Arquiteta e Urbanista (UFPel). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPel). Vive em Pelotas.

investigar

Laís Dellinghausen Portela

Arquiteta e Urbanista (UFPel). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPel). Cursando MBA em Gestão de Projetos e Metodologias Ágeis (PUCRS). Vive em Pelotas.

Lorena Maia Resende

Arquiteta e Urbanista (UFPeI). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPeI). Doutoranda em Arquitetura (PROARQ/UFRJ). Vive em Belo Horizonte.

atravessar
comunicar
diferenciar
froteirizar
liberar
potencializar

Luana Pavan Detoni

Arquiteta e Urbanista (UFPeI). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPeI). Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR-UFRGS). Vive em Porto Alegre.

analisar
minorar
planejar

Luana Reis Silvino

Licenciada em Artes Visuais (UFPeI). Graduanda em Bacharelado em Artes Visuais (UFPeI). Vive em Pelotas.

desenhar
inventar
tropeçar

Maíra C. Neiva

Graduande em Licenciatura em Artes Visuais (UFPeI). Vive em Pelotas.

desenhar
inventar
tropeçar

Manoel Rodrigues Alves

Arquiteto e Urbanista (FAU-Mackenzie). Mestre em Science in Architecture Studies (Massachusetts Institute of Technology). Doutor em Arquitetura e Urbanismo (USP). Professor (IAU-USP). Vive em São Paulo.

imunizar
memorizar
urbanicizar

derivar
intuir

Marcela Montalvão Teti

Graduada em Psicologia Licenciatura (UFS).
Graduada em Psicologia (UFS). Graduada em
Pedagogia (UNINTER). Especialista em Psicologia
Clínica: Terapias Cognitivo-comportamentais e
Neurociência e Física da Consciência pelo Centro
Universitário Internacional (UNINTER). Mestre em
Psicologia (UFSC). Doutora em Psicologia (UFRJ).
Vive em Belém.

deslocar

Mariana Silveira

Graduanda em Artes Visuais (UFPeL). Vive em
Pelotas.

dançar

Miriam Brockmann Guimarães

Graduada em Dança (UFPeL). Mestra em Artes
Visuais (UFPeL). Professora e pesquisadora. Vive em
Florianópolis.

perambular

Monique Grechi

Arquiteta e Urbanista (UFPeL). Mestra em Urban
Heritage and Global Tourism (Universidade de IUAV-
Veneza). Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
(UFPeL). Vive em Pelotas.

deslocar

Olívia Godoy Collares

Graduada em Artes Visuais (FURG). Mestranda no
Programa de Pós-Graduação em Artes (UFPeL). Vive
em Pelotas.

Otávio Gigante Viana

filmar

Arquiteto e Urbanista (UFPel). Graduando em Artes Visuais (UFPel). Mestrando em Arquitetura e Urbanismo (UFPel). Vive em Pelotas.

Otávio Leonídio

ocupar

Arquiteto e Urbanista (USU). Doutor em História (PUC-RIO). Professor Associado do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós Graduação em Arquitetura (PUC-Rio). Vive no Rio de Janeiro.

Paula Pedreira Del Fiol

cansar
conversar
galerificar

Arquiteta e Urbanista (UFPEL). Mestre em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPEL). Urbanista e Pesquisadora. Vive em Montevideo (Uruguai).

Paulo Afonso Rheingantz

aprender-e-ensinar
projetar

Arquiteto e Urbanista (IMB). Mestre em Arquitetura (UFRJ). Doutor em Engenharia da Produção (UFRJ). Pesquisador do Programa de Pós-graduação em arquitetura (UFRJ). Vive no Rio de Janeiro.

Pedro Elias Parente

deslocar

Graduação em Artes Visuais (UFPel). Mestre em Artes Visuais (PPGArt- UFPel). Vive em Pelotas.

desenhar
inventar
tropeçar

Rafaela Barbosa Ribeiro

Graduada em Artes Visuais (UFPel). Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais (UFPel). Vive em Pelotas.

feirar
trocar

Rafaela Barros de Pinho

Arquiteta e Urbanista (UFPel). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPel). Doutoranda em Arquitetura (FAUP - UPorto - Portugal). Vive em Porto (Portugal).

sulear

Raquel Ferreira

Graduada em Artes Visuais com ênfase em Pintura (UFPel). Mestra em Educação (UFPel). Doutora em Artes Visuais (PPGAV-UFRGS). Professora (IFSul-Rio Grande). Vive em Pelotas.

sonhar

Renata Azevedo Peres

Psicóloga (UFPel). Pesquisadora. Vive em Pelotas.

compor

Renata Braga Zschornack

Arquiteta e Urbanista (UCPEL). Mestranda em Arquitetura e Urbanismo (UFPel). Vive em Pelotas.

coletar
vagabundear

Ricardo Luis Silva

Arquiteto e Urbanista (UFSC). Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo (Mackenzie). Professor no Centro Universitário SENAC e co-fundador do Estudio Ceda el paso. Vive em São Paulo.

Rodrigo da Silva Vital

transformar

Terapeuta ocupacional (UFMG). Mestre em Educação e Tecnologia (IFSul). Doutor em Educação em Ciências (FURG). Docente adjunto da Faculdade de Educação (UFPel). Vive em Pelotas.

Shirley Terra Lara dos Santos

descrever
estar
pulsar

Arquiteta-Urbanista (UFPel). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPel). Psicanalista em formação. Professora Universitária e Poeta. Vive em São Paulo.

Silvia Helena Cardoso

fotografar

Graduada em Ciências Sociais/Antropologia (FFLCH-USP). Mestra em Multimeios (IA-UNICAMP). Doutora em Artes (IA-UNICAMP). Professora Universitária no curso de Licenciatura em Artes Visuais (UNIFESSPA). Vive em Marabá.

Simone Fernandes Mathias

etnografar
resistir

Antropóloga (UFPel). Mestra em Antropologia Social e Cultural (UFPel), Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPel). Pesquisadora negra, palestrante, curadora e poeta. Vive em Pelotas.

acelerar
capitalizar
compor
corpografar
dialogar
domesticar
emocionar
esperranciar
habitar
jogar
paraformalizar
perambular
pulsar
registrar
serelentar
sulear
transitar
viajar

Taís Beltrame dos Santos (org.)

Arquiteta e Urbanista (UFPe), Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPe), Doutoranda em Arquitetura (PROPAR-UFRGS). Graduada em Artes Visuais (CeArt-UFPe). Pesquisadora, professora e ceramista. Vive em Pelotas.

deslocar

Tatiana Duarte

Licenciada em Teatro (UFPe). Mestra em Artes Visuais (UFPe). Doutoranda em Artes Visuais (UnB). Vive em Brasília.

renaturalizar

Valentina Machado

Arquiteta e Urbanista (UFPe). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPe). Doutoranda em Antropologia (UFPe). Vive em Pelotas.

abandonar
atentar
encontrar
entrevistar
sentar

Vanessa Forneck

Arquiteta e Urbanista (UFPe). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPe). Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP). Vive em São Carlos.

Vera Regina Tângari

liberar

Arquiteta e Urbanista (IMB). Mestra em Urban Planning (UOFM). Doutora em Arquitetura e Urbanismo (USP). Professora Associada (Proarq-UFRJ). Vive no Rio de Janeiro.

<https://editoracaseira.com/verbolario/>
<https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>



